

**Fonte: Ludwig Binswanger. *Schizophrenie*. Tübingen: Neske, 1957, p. 57-188.
Tradução do alemão de Monica Niemeyer**

O caso Ellen West

A. Relatório

I. A origem

A estrangeira Ellen West é a única filha de um judeu - um pai amado e venerado acima de tudo por ela. Ellen tem um irmão quatro anos mais velho, de cabelos escuros, que se parece com o pai e um irmão mais novo, de cabelos loiros. Enquanto o mais velho “não sabe o que são nervos”, é muito equilibrado e bem humorado, o mais novo é “uma pilha de nervos” e um esteta frágil e afeminado; aos 17 anos, esteve internado em uma clínica por conta de uma doença psíquica com ideação suicida, permanecendo um tanto irritadiço mesmo após a sua recuperação. Depois disso, ele se casou.

O velho *pai*, de 66 anos de idade, é descrito como sendo um homem de ação e de vontade firme, um tanto tenso e formal, bastante fechado e contido no trato com os outros, sensível em seu íntimo, porém facilmente irritável; padece de depressões noturnas e de ataques acompanhados de auto-recriminações, ocasiões em que se sente “como se uma onda de angústia rebentasse sobre sua cabeça”. Ele dorme mal e com frequência ainda se encontra oprimido pela angústia na manhã seguinte. Uma *irmã do pai* adoeceu psiquicamente no dia de seu casamento. Dos *5 irmãos do pai*, um se matou com um tiro na cabeça entre os 20 e os 30 anos (faltam dados mais precisos); outro suicidou-se durante uma crise de melancolia; um terceiro, é *rigorosamente asceta*, levanta-se muito cedo e “não almoça, porque isto deixa as pessoas preguiçosas.” Dois irmãos faleceram, respectivamente, de demência arteriosclerótica e de derrame. O *pai do pai* parece ter sido um autocrata muito severo; a *mãe do pai*, pelo contrário, foi uma

pessoa muito delicada, de natureza sempre conciliadora, que tinha as suas “semanas de silêncio” durante as quais não dizia uma única palavra e ficava sentada, imóvel. Tudo isso piorou com a idade. A mãe dessa senhora, ou seja, uma *bisavó da paciente pelo lado paterno*, teria sido severamente maníaco-depressiva. Ela descende de uma família que produziu vários homens muito competentes, mas que apresenta também vários casos de psicose, dos quais eu mesmo cuidei de um. (Trata-se de um importante erudito, em estado maníaco-depressivo misto durante 5 anos, cujo desfecho foi a cura completa; ele fora encaminhado a mim como portador de transtorno de demência pré-senil, permanecendo por longo tempo comigo como suspeito de esquizofrenia e, com toda razão, diagnosticado por *Kraepelin* como maníaco-depressivo misto).

A mãe de Ellen West, também de origem judaica, é tida como uma mulher muito delicada, amável, sugestionável e nervosa que, durante o período de noivado, sofreu por 3 anos consecutivos de uma depressão. O *pai da mãe* morreu cedo. A *mãe da mãe*, especialmente vigorosa, saudável e alegre, faleceu aos 84 anos com demência senil. Os *5 irmãos da mãe* eram um tanto nervosos, de baixa estatura e de corpo frágil, mas longevos, tendo um deles falecido de tuberculose na laringe.

II. Histórico de vida e da doença

Parto normal. Aos 9 meses de idade, Ellen recusou o leite e foi, por isso, criada com caldo de carne. Mesmo nos anos que se seguiram, ela nunca tolerou o leite. Por outro lado, gostava bastante de carne, menos de verduras e nada de alimentos doces; se a forçavam a comê-los, manifestava uma resistência fortíssima. (Mais tarde, Ellen comentou que na infância adorava os doces; não se tratava propriamente de uma aversão, portanto, mas possivelmente de um ato de recusa. Infelizmente paira uma escuridão total sobre sua primeira infância, apesar de dois experimentos psicanalíticos

realizados mais tarde; ela hoje pouco sabe de seus primeiros dez anos de vida. De acordo com alguns dados fornecidos por ela mesma e outros fornecidos por seus pais, Ellen foi uma criança bastante vivaz, porém *teimosa e irascível*. Com frequência, *resistia* durante horas a uma ordem dos pais e, ainda assim, não a cumpria. Certa vez mostraram-lhe um ninho de pássaro; com assertividade, declarou que *não se tratava de um ninho de pássaro* e de modo algum foi possível dissuadi-la disso. Já *como criança*, havia dias em que *tudo lhe parecia vazio*; sofria com uma *pressão* que ela própria não conseguia compreender. Dos 8 aos 10 anos, estudou em uma escola no lugar em que nasceu, depois de freqüentar o jardim de infância. Aos 10 anos, mudou-se com seus pais para a Europa onde, com exceção de algumas viagens cruzando o oceano, permaneceu até a sua morte. Em sua segunda terra natal, freqüentou uma escola para moças. Era boa aluna, gostava de ir à escola; era *muito ambiciosa*, podia chorar durante horas quando não tirava o primeiro lugar nas matérias de que mais gostava e não queria faltar às aulas nem por ordem médica, receosa de não acompanhar a classe ou de perder alguma coisa importante. Suas matérias prediletas eram alemão e história; o cálculo não lhe agrava tanto. Mesmo atualmente, apresentava um temperamento vivaz, mas continuava teimosa. Sua frase predileta, nos tempos de escola, era: *aut Caesar, aut nihil!* (ou *César, ou nada!*). Seu modo de brincar, até os 16 anos de idade, era o de um *rapaz*. Sentia-se muito bem usando calças compridas. Desde pequena, Ellen gostava de *chupar o dedo*; aos 16 anos *repentinamente* abandonou esse hábito, ao mesmo tempo em que abandonou o seu modo de brincar masculino, pois entrou em um período de enamoramento que teve a duração de dois anos. No entanto, em um poema que data de seu *17º ano de vida*, ela revela que gostaria ardentemente de ser *um rapaz*, porque então seria um soldado, não temeria nenhum inimigo e morreria feliz empunhando a espada.

Outros poemas dessa mesma época já revelam uma pronunciada labilidade emocional: uma hora o coração dispara de alegria, logo em seguida o céu escurece e os ventos sopram lúgubres, o navio de sua vida está à deriva, sem saber para onde deve dirigir a quilha. Em um poema do ano seguinte, o vento sopra-lhe em torno das orelhas para esfriar sua fronte ardente; quando corre contra o vento de olhos fechados, deixando de lado costumes e moral, é como se saísse de uma cova estreita, como se voasse pelos ares num impulso irrefreável de liberdade, como se devesse criar algo importante, imponente; seu olhar, então, volta-se para o mundo e ocorre-lhe a frase: “Ó ser humano, cria para ti um mundo em escala menor”; ela clama a sua alma que continua sua luta e crê-se predestinada a cumprir algo grandioso; lê bastante, ocupa-se intensamente com questões sociais, percebe em profundidade o contraste entre sua própria classe social e aquela “da massa” e traça planos para a melhoria das condições desta última. Apesar da educação atéia (por decisão do pai), Ellen sempre foi profundamente religiosa; contudo, depois de ouvir uma preleção de Niels Lyhne, aos *dezessete anos de idade*, ela se transforma em uma atéia completa. A opinião dos outros não a preocupa de forma alguma.

Temos ainda à disposição alguns poemas desse *17º ano de vida*; em um deles, intitulado “Beije-me até morrer”, o sol se põe no mar como uma bola de fogo, uma névoa úmida deposita-se sobre mar e praia, uma dor se apossa dela: “Não há mais salvação?”. Ela invoca o rei dos mares, frio e sinistro, chamando-o para que a aperte em seus braços com cálida cobiça amorosa, beijando-a até morrer. Em outro poema, intitulado “Eu te odeio”, ela louva um jovem, o mais belo; mas, por seu sorriso vitorioso, ela agora o odeia - tão intensamente quanto antes o amava. Em um terceiro poema (“Cansada”), cinzentas névoas úmidas a envolvem, estendendo seus braços, procurando tocar seu gélido coração, há muito morto; as árvores balançam suas sombrias copas desoladas,

cantando uma triste e antiga canção; nenhum pássaro emite um último trinado, nenhuma luz alumia o céu; a cabeça está vazia, o coração teme.

Aos 18 anos, Ellen elogia a bênção do trabalho em anotações feitas em seu diário: “O que seríamos sem o trabalho, o que seria de nós? Seria preciso ampliar os pátios das igrejas para enterrar aqueles que buscam a morte voluntária. O trabalho é ópio para o sofrimento e a aflição”. – “Quando todas as juntas do mundo ameaçarem estraçalhar-nos, quando a luz de nossa sorte deixar de brilhar e nossa vontade de viver estiver murchando, uma única coisa nos poderá salvar da loucura: o trabalho. Atiramo-nos, então, num mar de obrigações - como se nos atirássemos no *Letes*, o rumor das ondas se sobrepondo ao badalar dos sinos da morte em nossos corações”. “Quando acaba o dia com sua pressa e agitação e estamos sentados à janela, enquanto cai a penumbra o livro nos cai das mãos; miramos o sol que se põe ao longe e velhas imagens voltam diante de nossos olhos. Velhos planos e aspirações que nunca se concretizaram, o ilimitado vazio do mundo e nossa pequenez sem fim desfilam diante de nossa alma cansada. Torna então aos lábios a velha pergunta: por que e para que tudo isso? Por que vivemos e desejamos – só para depois de curto tempo apodrecermos esquecidos na fria terra?” – “Num momento desses, levanta-te depressa e - sorte tua se te chamam - trabalha com as duas mãos até que os fantasmas noturnos desapareçam. Ó trabalho, sem dúvida tu és a bênção de nossas vidas!” Ellen quer ganhar fama, fama grandiosa e imortal, para que séculos depois seu nome ainda soe na boca da humanidade. Ela, então, não teria vivido em vão! E Ellen diz a si mesma: “Oh, sufoque as vozes murmurantes no trabalho! Preencha tua vida com obrigações. Eu não quero pensar demais; meu último endereço não deverá ser o manicômio! Mas, trabalhando e atuando - o que teremos realizado? Entre nós - e ao nosso redor - só existe a miséria sem fim! Dança-se no salão fortemente iluminado e, diante da porta, morre de fome uma pobre mulher. De fome! Da mesa da

fartura, nem uma fatia de pão ela recebe. Você notou como o Senhor Conde, enquanto fala lentamente, amassa entre os dedos o seu fino pão? E lá fora, no frio, uma mulher clama por uma fatia seca! E de que me adianta ficar remoendo? Eu faço igual!...”

No mesmo ano (18º), Ellen louva entusiasticamente em seu diário tudo aquilo que vivenciou durante uma viagem a Paris com os seus pais. Surgem novas histórias de amor, curtas e sentimentais. Ao mesmo tempo desperta nela o *desejo de ser suave e etérea como o são as amigas* que ela escolhe. Também seus poemas revelam alternâncias em seus estados de humor. Um deles louva o raio de sol e a primavera sorridente, o céu azul e brilhante sobre os campos abertos, louva o desejo e a serenidade; outro expressa o desejo de acompanhar o verdejar e o florir do mundo primaveril, o sussurrar e o ramalhar das florestas são a canção que a embalará no táfulo; em um terceiro, seus olhos só anseiam pela escuridão, “onde o sol da vida não brilha tão penetrante”. “Se acaso ainda reinas acima das nuvens, ó Pai, eu te imploro: leva-me de volta para junto de ti!”

Contudo, por entre as nuvens e a escuridão, a luminosidade da vida sempre volta a se manifestar. Uma viagem cruzando o oceano, realizada com os pais no seu 19º ano de vida, ficou em sua memória como “o tempo mais feliz e mais cândido de minha vida”. Em um poema daquele ano, “mãos douradas” e ondas de luz se depositam sobre campos de trigo, aldeias e vales; só as montanhas encontram-se na escuridão. No entanto, nesta viagem, Ellen *não consegue ficar sozinha, longe de seus pais*; embora ela se divirta bastante em uma visita a amigos, pede aos pais que a chamem de volta. Voltando para a Europa, aprende a *cavalgar* e em curto tempo leva esta habilidade à excelência: nenhum cavalo lhe parece perigoso; em campeonatos de salto, compete com saltadores experientes. E, como em tudo o que faz, Ellen também “exagera ao máximo” no cavalgar - como se essa fosse sua única tarefa na vida.

O *20º ano de vida* é cheio de alegrias, saudades e esperanças. De seus poemas emana uma luminosa alegria de viver, um júbilo transbordante; o sol está a pino e tempestades de verão “sopram pelo mundo”; não há como estar hesitante, trancar-se na solidão da própria casa. O sangue “se apressa” em suas veias, o clamor da juventude explode em seu peito; ele se espreguiça em seu corpo jovem e forte. O fresco horizonte da vida *não deve enferrujar* e a ânsia calorosa por uma felicidade selvagem *não deve secar*, “atrofiar-se pouco a pouco”. “A Terra está muito quieta e insípida, sinto falta do uivar de uma tempestade”. “Ó, se ‘Ele’ viesse agora, agora que cada fibra em mim estremece” - de modo a quase não conseguir ficar sentada para escrever, agora que “está tão curada de corpo e alma”, agora que “nenhum sacrifício lhe seria grande demais”: “Ele teria que ser grande e forte e ter uma alma tão impecável quanto a luz da manhã. A vida, não deveria passar brincando, nem sonhando, mas *vivendo-a* em toda a sua seriedade e com todo o seu empenho. Teria que saber *alegrar-se*, comigo e com meus filhos, com o raio de sol e com o trabalho; e eu, então, lhe daria todo o meu amor e toda a minha energia”. No mesmo ano ela faz uma segunda viagem para o outro Continente, para cuidar de seu irmão mais velho, que estava bastante enfermo. Ela se alimenta com prazer – mas este é o *último período de sua vida em que consegue se alimentar normalmente*. Ela fica *noiva* de um romântico americano, mas *rompe o noivado a pedido do pai*. Na viagem de volta, permanece por um tempo na Sicília, ocupa-se em escrever um artigo intitulado “Sobre a profissão da mulher”, ama a vida apaixonadamente (de acordo com seu diário), os pulsos martelam até a ponta dos dedos, o mundo lhe pertence porque ela tem o sol, o vento e a beleza só para si. Seu Deus é o Deus da vida e da alegria, da força e da esperança, ela está tomada pela sede de aprender; ela pensa que já conseguiu vislumbrar uma pequena parcela do “Segredo do Universo”. As primeiras semanas na Sicília são as últimas semanas em que a alegria de viver ainda a acompanha. No seu diário

manifestam-se novamente as sombras da dúvida e do medo; Ellen sente-se apequenada e completamente esquecida em um mundo que ela não consegue compreender. Ela sente-se feliz “por estar longe das influências limitantes da casa paterna”, as asas de sua alma crescem, mas esse crescimento não ocorre sem dores, nem contrações; em meio aos seus mais belos e inebriantes momentos, manifestam-se o medo e o temor. Cheia de compaixão, ela baixa o olhar contemplando todas as suas belas idéias e planos, fechando o seu diário com o ardente desejo de que, algum dia, estes se transformem em atos no lugar de palavras inúteis.

Paralelamente, no entanto, surge algo novo: um medo específico, o *medo de engordar*. No início de sua estada na Sicília, Ellen tinha desenvolvido um apetite gigantesco. Ficou tão gorda, que suas amigas começaram a troçar dela. Imediatamente começa a se mortificar, passando fome e fazendo exageradas caminhadas. A coisa vai tão longe que, quando suas acompanhantes param em algum lugar bonito, ela continua a *caminhar em círculos*. Ela deixa de comer doce - e tudo o mais que engorda - eliminando totalmente o jantar. Ao voltar para casa, na primavera, todos ficam estarecidos diante de sua aparência ruim.

Ellen conta agora com *21 anos*. No verão, após o retorno da Sicília, seu humor apresenta-se claramente “depressivo”. Ellen é constantemente torturada pela idéia de que está muito gorda e, por isso, faz longas caminhadas. Ela retoma o seu diário, queixa-se de que não se sente em casa em lugar algum, nem mesmo em sua própria casa e queixa-se de não conseguir encontrar aquela atividade que procura; queixa-se de não ter paz, de sentir-se torturada quando precisa *ficar quieta*, de que todos os seus nervos estejam tremendo e de que seu corpo, de um modo geral, padeça das mesmas inquietações de sua alma: “Meu eu interior está tão estreitamente ligado ao meu corpo - que ambos formam uma só unidade e constituem o meu eu - sem lógica, nervoso e

individualista.” Ellen sente-se absolutamente sem valor e sem utilidade e tem medo de tudo – da escuridão e do sol, do silêncio e do ruído. Ela sente estar no degrau mais baixo da escada que conduz à luz, reduzida a uma criatura covarde e miserável: “*Eu me desprezo!*” Em um poema, a miséria cinzenta e pálida está sentada ao seu túmulo com o olhar perdido, sem vacilar, sem se mexer; os pássaros silenciam e voam dali, as flores murcham sob seu hálito gelado. A *morte* agora não lhe parece mais tão terrível, ela não é uma criatura com uma foice, mas “uma linda mulher com brancas flores em seus escuros cabelos, com grandes olhos cinzentos, profundos como os sonhos.” A única coisa que ainda a atrai é a morte: “Um benfazejo espreguiçar-se e entregar-se. E tudo estará acabado. Nada de levantar outra vez, nada de trabalhar e planejar tediosamente. Atrás de cada palavra, na verdade, esconde-se um bocejo.” (Isto - e o que se segue - foi extraído de uma carta a um amigo daquela época). “A cada dia eu fico um pouco *mais gorda, mais velha e mais feia.*” - “Se ela ainda me deixar esperando por muito tempo, *a grande amiga, a Morte*, eu partirei em sua busca.” Ela não está *depressiva, apenas apática*: “Tudo me é tão insípido, tão indiferente; não sinto alegria, nem medo.” – “A morte é a maior dádiva da vida, senão a única. Sem a esperança de um fim, a existência seria insuportável. Apenas a certeza de que cedo ou tarde o fim virá me consola um pouco.” Ela não deseja ter filhos: “O que deveriam fazer no mundo?”

No outono do mesmo ano, Ellen lentamente sai da depressão. Ela começa a ocupar-se da instalação de salas de leitura para crianças, segundo o modelo americano. Mas, paralelamente à euforia e à compulsão por criar, o medo paralisante e o desespero continuam presentes. De seu diário: “Há muito não escrevo no meu diário, mas hoje preciso recorrer a ele, pois dentro de mim sinto revolver e fermentar tanto, que necessito abrir uma válvula de escape para não irromper em uma euforia selvagem. Na verdade, é uma pena que eu tenha que traduzir toda a força e toda a vontade de criar em palavras

inaudíveis, ao invés de fortes atos. É uma lástima pela minha jovem vida, um pecado por meu saudável sentido. Para que a natureza me presenteou com saúde e ambição? Com certeza não foi para asfixiá-la e mantê-la subjugada, deixando-a morrer de sede nas garras do cotidiano, mas para ser útil à humanidade miserável. Os grilhões empedernidos do cotidiano, os grilhões da convenção, da posse e da comodidade, os grilhões da gratidão e da consideração e, mais fortes que todos esses: os grilhões do amor. Sim, são eles que me seguram e que me protegem do viver selvagem, do entregar-me completamente ao mundo da luta e dos sacrifícios, pelo qual anseia todo o meu ser. Ó Deus, o medo me enlouquece! O medo que é quase uma certeza! A consciência de que, no final, perderei tudo: coragem, indignação e necessidade de realizar algo; de que eles me tornarão – a mim e ao meu pequeno mundo – domesticada; domesticada e miserável, como eles próprios.” – “Viver? Não, vegetar! Fazer concessões, vocês pregam? Eu *não desejo* fazer concessões! Vocês admitem que a ordem vigente na sociedade é podre, podre até a raiz, suja e vil; mas vocês nada fazem para derrubá-la. Mas não temos o direito de fechar os nossos ouvidos aos gritos da miséria, de passar diante das vítimas de nosso sistema com os olhos vendados! Tenho 21 anos e devo calar-me e sorrir como uma boneca. Não sou uma boneca. Sou um ser humano com sangue vermelho e sou uma mulher de coração palpitante. Não consigo respirar nessa atmosfera de falsidade e covardia; *desejo* fazer algo grandioso e *necessito* aproximar-me um pouco mais de meu ideal – do meu orgulhoso ideal. O que posso fazer, onde posso começar? Isso cozinha e palpita dentro de mim, querendo rasgar o invólucro! Liberdade! Revolução!” – “Não, não, eu não construo frases simplesmente.” “Não penso na libertação da alma: refiro-me à liberdade real e palpável do povo diante dos grilhões daqueles que o dominam. Preciso esclarecer mais? Eu desejo a revolução, um grande levante que se alastre pelo mundo inteiro e que derrube completamente a

ordem estabelecida pela sociedade. Como uma russa nihilista, desejo abandonar a pátria e a casa paterna, viver entre os mais pobres e fazer propaganda para a Grande Obra. Mas não por querer aventura! Não, não! Se quiserem, podem chamar de vontade de agir insatisfeita, de ambição desmedida. O que importa o nome à coisa? O ferver do meu sangue parece-me algo muito mais valioso. Ó, eu me asfixio nessa mesquinha vida cotidiana. Auto-satisfação empanturrada ou ganância egoísta, submissão sem alegria ou crua indiferença: estas são as plantas que crescem ao sol do dia-a-dia. Elas crescem e tomam conta e - como ervas daninhas - sufocam a flor da saudade que nasce entre elas. – Tudo em mim treme de medo, de medo das víboras de meu cotidiano, que querem me envolver com seus corpos gelados, espremendo de dentro de mim a coragem de lutar. Minha pujante força, no entanto, se defende. Eu as sacudo, eu *preciso* sacudi-las de mim. A manhã *precisa* chegar, depois desta noite de pesadelos”.

Durante todo o inverno, Ellen ocupa-se energeticamente e com bastante sucesso da instalação das salas de leitura para crianças, com o amparo de uma instituição voltada para o bem comum. Mas já na primavera seguinte, isto não mais a satisfaz. Ela aspira pelo amor e por grandes feitos. Em um poema intitulado “Maus pensamentos”, enxerga atrás de cada árvore os “maus espíritos” que, vindo de todos os lados, a “aprisionam” e a agarram ferozes, arrancam seu coração e tomam a palavra:

*“Já fomos o teu pensamento,
Tua esperança ativa e pura!
Onde estão agora teus planos
E todos os teus sonhos?
Soterrados, todos eles,
Banidos pelo vento e tempestade.
Tu mesma te tornaste nada,
Um pobre verme trêmulo.
Precisamos então fugir
Para longe na noite escura.*

*A maldição que te atingiu
 Tornou-nos assim tão negros.
 Se buscas paz e tranqüilidade
 Então surgiremos nós,
 Querendo nos vingar
 Com nosso grito de escárnio!
 Se buscas sorte e alegrias,
 Entramos nós em cena
 Acusando-te, fazendo troça e
 Contigo sempre estaremos.”*

Em seu diário, ela continua a dar vazão ao seu ódio contra o luxo e a vida farta que a rodeia, lamentando sua própria fraqueza e covardia por não conseguir “passar por cima das circunstâncias”, por concordar com o “deixar-se apodrecer, tão jovem, pela feiúra e pelo ar sufocante da rotina diária. Ainda sinto o ultraje de minha prisão. Que cheiro a mofo tem este buraco de porão. O perfume das flores não consegue mascarar o cheiro da podridão. Pudera, com essas feias almas amarelas que vocês têm; vocês, que cresceram respirando este ar. Vocês já nem percebem como é difícil respirar este ar. Suas almas adquiriram pulmões de anões. Tudo em vocês é atrofiado como nos anões: os pensamentos, os sentimentos – e os sonhos. Vocês olham torto para mim, porque me enjojo diante das circunstâncias nas quais vocês se sentem bem. Vocês querem que eu baixe a cabeça ... Quero sumir, sumir - sumir daqui. Tenho medo de vocês! Bato com os punhos contra os muros, até sucumbir, sem forças. Aí vocês saem de suas tocas como os ratos e os seus olhinhos me seguem como num pesadelo.” Um mês depois, Ellen escreve um poema sobre cavaleiros, cheio de paixão; ela dá esporas ao cavalo, mas ele é seguido de perto pelos “maus pensamentos, fantasmas da noite” cavalgando sobre “égua cadavérica, pálida, de olhos vazados”; finalmente, as “pálidas sombras” ficam para trás do sibilante galope de seu cavalo “e a vida venceu, mais uma vez”. Passado outro mês, ela volta a se queixar sobre “a solidão de sua alma”: ela se encontra “só,

como se estivesse sobre picos gelados”, só os ventos compreendem sua esperança e seus medos.

No outono do mesmo ano, Ellen começa com os preparativos para o seu exame de admissão à universidade, com a intenção de estudar Economia da Nação. Ela se levanta às cinco da manhã, cavalga durante três horas, depois tem aulas particulares e trabalha a tarde inteira e a noite, até de madrugada, com o auxílio de café e banhos de fricção gelados.

A primavera seguinte (Ellen está com *vinte e dois anos*) deixa-a depressiva, ela não consegue se alegrar com o despertar da natureza, sentindo apenas “o quanto ela decaiu”, não apenas se distanciando de seu antigo ideal, mas daquilo que ela realmente era no passado. Antigamente, o mundo “se descortinava” para ela, tentando “conquistá-la”, seus sentimentos e percepções eram “fortes e vigorosos”, ela amava e odiava “com a alma plena”. Hoje, ela faz concessões; ela teria rido de qualquer um que lhe houvesse profetizado isto; a cada ano, ela “perdeu mais um pouco de sua antiga força”.

No outono do mesmo ano – Ellen fez *vinte e três anos* no final de julho – *ela sucumbe*. Nessa mesma época, ela tem uma decepção amorosa com um professor de equitação. Ao mesmo tempo, cuida constantemente de seu peso corporal e passa a limitar a ingestão de alimentos assim que ameaça ganhar algum peso. Paralelamente ao medo de engordar surge uma *ânsia elevada por comida, principalmente por doces*, que se torna mais forte a cada vez que ela *fica nervosa e cansada por ter estado junto de outras pessoas*. Na *presença de outras pessoas, a comida não a satisfaz*, mas apenas quando *pode comer sozinha*. Exatamente como no início do medo de engordar, ela agora também sofre com o *dilema entre o medo de engordar e o desejo de comer sem maiores implicações*. Sua antiga babá já percebe, nesta altura, que este conflito é a “sombra de sua vida”. Especialmente nas férias, ela se encontra em uma “inquietação depressiva”,

que cede apenas quando o trabalho metódico e a programação da rotina diária são retomados. O plano de prestar o exame de admissão à universidade é mais uma vez postergado. Ao invés disso, poucas semanas depois ela presta um exame para tornar-se professora, para poder inscrever-se como ouvinte na universidade. Durante o semestre de verão desse vigésimo terceiro ano e o início de seu *vigésimo quarto ano de idade*, ela frequenta a universidade em X. Este período pertence à época mais feliz de sua vida! No verão, inicia-se um *caso amoroso com um estudante*. O diário dela respira volúpia e vontade de viver. Após o término do semestre de inverno, ela escreve em um poema intitulado “Impressões primaveris”:

*“Quero morrer como morre um pássaro
Cujá goela explode em pleno júbilo;
Não quero viver como o verme na terra,
Ficando velho, feio, estúpido e burro!
Não, quero poder sentir como as forças se acendem
E se consomem, selvagens, em sua própria chama.”*

Ellen está entusiasmada com o estudo e a vida de estudante. Participa de grandes excursões pelas montanhas, mas mesmo nesse período de vida *não consegue ficar sozinha*; sua antiga babá está sempre junto dela. Ela também não consegue libertar-se de sua “idéia fixa”. Evita alimentos que possam engordar e, por sentir que mesmo assim estaria engordando, no outono submete-se a um tratamento com orientação médica para perder gorduras.

Na mesma época, seu relacionamento com o estudante evolui para um noivado. Os pais exigem uma separação temporária. Na primavera, Ellen vai a uma estação de águas e aí surge uma “*depressão*” bastante forte (*aos 24 anos e meio*). Ela faz de tudo para ficar tão magra quanto possível, faz longas marchas e ingere diariamente de 36 a 48 pílulas de tireoidina! Consumida pela saudade, ela pede permissão aos pais para voltar para casa. Ela chega totalmente emagrecida, com tremores nas pernas, continua a torturar seu

corpo durante todo o verão, mas sente-se apaziguada emocionalmente por estar magra. Ela tem a impressão de haver encontrado a chave para o seu bem-estar. O noivado continua.

No outono, no início de seu *25º ano de vida*, Ellen faz sua terceira viagem para o outro lado do oceano. Lá, um médico constata o “*Mal de Basedow*” e lhe recomenda repouso absoluto. Ela permanece acamada por 6 semanas voltando a recuperar peso rapidamente. Ao retornar para casa, na primavera seguinte, pesa 75 kg. Pouco depois, *o noivado é rompido*. Em maio, ela se encontra em um sanatório (aberto); no verão, em uma escola de jardinagem, com humor depressivo, mas de aparência corporal totalmente saudável. Uma vez que a jardinagem logo deixa de interessá-la, ela interrompe o curso. Novamente tenta reduzir seu peso por meio de muito exercício físico e pouco alimento. No outono, um primo com o qual mantinha amizade há muitos anos, aproxima-se bastante dela. Até a primavera seguinte, fazem longas caminhadas, muitas vezes de 30 a 40 km por dia. Além disso, ela faz ginástica com muito empenho, dedica-se – mesmo que sem alegria – a um trabalho em um lar de crianças próximo e passa a desejar uma profissão de verdade. Embora o rompimento do noivado com o estudante ainda permaneça uma “ferida aberta”, desenvolve-se um *caso de amor com o primo*. A “idéia fixa” não desapareceu, mas não a domina mais como antes.

Neste período surge um poema, aparentemente dirigido ao ex-noivo, no qual ela se pergunta se ele realmente a amara, se seu corpo não fora “suficientemente belo” para parir-lhe filhos:

*“Ai de mim, ai de mim!
A terra produz o grão,
Mas eu sou infértil,
Sou casca atirada fora,
Partida, inútil,
Invólucro sem valor.*

*Ó criador, ó criador,
Leva-me de volta!
E cria-me uma segunda vez,
Porém, melhor!”*

Aos 26 anos de idade, desperta em Ellen o amor pela música. Ela e seu primo planejam casar-se, mas durante dois anos ela oscila entre o estudante, com quem retomou a relação, e o primo. Somente aos 28 anos de idade, depois de um novo encontro com o estudante, rompe definitivamente com o mesmo e *casa-se com o primo*. Antes disso, ela ainda freqüentou vários cursos de *Mensendieck* (* N.T. - *Sistema Mensendieck* de ginástica destinada a mulheres, criado pela americana *Bess Mensendieck* e adotado na Alemanha a partir de 1905), viajou bastante e, a pedido dos pais e do primo, consultou diversos médicos de nervos famosos voltando a tomar tireoidina temporariamente; fazia longos passeios e ficava triste *ao mirar-se no espelho, odiava seu corpo* e, muitas vezes, batia-se com os punhos. *Amigas* que, como ela, tinham o desejo de ser magras, eram para Ellen uma má influência. Ela continua a sentir-se deprimida quando está em companhia de pessoas magras ou com aquelas que comem pouco.

Depois do casamento com o primo, ela tem a esperança de livrar-se de sua “idéia fixa”, mas isto não acontece. Ao casar-se, ela pesa 75 kg, mas já durante a lua-de-mel começa a emagrecer, em função de sua “dieta”.

No verão que se segue ao casamento ocorrido na primavera, sua menstruação não ocorre. O conflito entre “o desejo de poder comer tranquilamente” e o medo de engordar continua a torturá-la. No outono, por volta de seu 29º aniversário, ocorre um forte sangramento pélvico durante uma caminhada com o marido, da qual ela ainda necessita andar durante horas até chegar em casa. O médico faz uma curetagem e constata *um aborto*; ele recomenda uma *boa alimentação como condição* para a possibilidade *de uma nova gravidez*.

No decorrer do ano seguinte inteiro (*29º ano de vida*), Ellen debate-se entre o *desejo* de ter um *filho* e o *medo* de engordar (por alimentar-se corretamente). “O medo vence”. A *menstruação*, antes regulada, *deixa de ocorrer*. De um modo geral, Ellen encontra-se novamente mais estável, porém sempre oprimida a cada nova decepção diante da esperança de engravidar. Ela trabalha dedicadamente e com grande senso de dever em projetos sociais, vai muito ao teatro e lê bastante. Mas quando descobre que engordou dois kg em uma semana, rompe em lágrimas e não encontra paz por longo tempo. E quando um outro médico de senhoras lhe diz que uma boa alimentação *não é* um pressuposto para uma gravidez, ela imediatamente retoma o hábito de ingerir fortes laxantes.

Em seu *30º ano de vida*, Ellen está ainda mais ativa socialmente. Ela apresenta o mais caloroso interesse humano por aqueles protegidos que lhe lhes foram confiados, com os quais as relações pessoais perduraram durante vários anos. Ao mesmo tempo, ela piora sua alimentação de forma *intencional* e, aos poucos, torna-se *vegetariana*. Depois de uma gripe leve, ela não se cuida. Uma cura em Bad Pyrmont, recomendada por um terceiro médico de senhoras, não tem sucesso, uma vez que lá ela aumenta o abuso de laxantes de tal maneira que passa a vomitar todas as noites. Quando percebe que seu peso diminui outra vez, dá-se por satisfeita.

O inverno de seu *31º ano de vida* traz consigo uma *rápida deterioração de suas forças*. Ela continua a trabalhar no mesmo ritmo, mas nada consegue fazer, além disso. Mesmo as duas caminhadas diárias, em companhia do marido, deixam de ser feitas. Contrariando seus antigos hábitos, ela passa a *dormir* por até 12 horas. A ingestão de laxantes é aumentada, a alimentação piora. Apesar de uma febre alta – que ela esconde – Ellen sai para a rua, na esperança de contrair uma pneumonia. A expressão de seu rosto

se altera. Ellen parece envelhecida e decrépita. Mas, pensando haver encontrado nos laxantes um meio eficaz contra o aumento de peso, ela não está depressiva.

Na primavera daquele ano, durante uma caminhada pelas montanhas com o marido, Ellen repentinamente confessa que somente continua a viver na condição de que consiga permanecer magra, que ordena cada uma de suas ações a esta ótica e que esse pensamento conseguiu subjugar-la totalmente. Ela acredita conseguir dopar-se por meio do trabalho, troca seu trabalho voluntário de muitos anos por um trabalho remunerado de sete horas diárias em um escritório e, algumas semanas depois, no mês de junho, simplesmente *sucumbe*. Durante este tempo, sua alimentação piorou, o peso baixou para 47 kg. Paralelamente, ocupa-se intensamente com tabelas de calorias, receitas de pratos diversos etc. A cada minuto livre, ela anota receitas de pratos saborosos, pudins, sobremesas etc. em seu livro de receitas. Ela exige daqueles que a cercam que se alimentem muito bem, enquanto que, a si própria, nega qualquer alimento. Ela desenvolve uma grande habilidade em disfarçar o fato de que não come quase nada, enchendo o seu prato como o de todos os outros, enquanto a maior parte da refeição desaparece dentro de sua bolsa. Alimentos que ela pensa que *não engordam* são consumidos com *grande voracidade e apetite*. Muitas vezes, ela come coisas que comprou para suprir a despensa já no caminho de volta para casa – e *censura-se* por isso. A cada refeição, transpira fortemente. Em companhia do marido, procura um sanatório para trocas metabólicas por algumas semanas, submetendo-se inicialmente às ordens médicas de modo que seu peso sobe de 40 para 50 kg, mas, depois da partida do marido, engana o médico, fazendo desaparecer os alimentos em sua bolsa e escondendo pesos em suas roupas no momento de pesar-se.

No início de seu *32º ano de vida*, seu estado físico se deteriora ainda mais. O uso de laxantes é exagerado ao extremo. Todas as noites ela ingere de 60 a 70 pílulas de

Laxativum-Vegetabile – e o resultado é o de que durante a noite ela vomita de maneira atroz e, na manhã seguinte, instala-se uma diarreia violenta, freqüentemente acompanhada de fraqueza cardíaca. Ela também deixa de comer peixe, está magra como um esqueleto e pesa apenas 42 kg. Ellen torna-se cada vez mais incapacitada, já de tarde volta a se deitar e se tortura tremendamente, afirmando que “suas pulsões são mais fortes que seu juízo” e que “*todo o desenvolvimento interior, tudo o que é verdadeiramente vida, acabou*”; reconhece que “há muito está completamente dominada por essa idéia reconhecidamente absurda”. Seu estado emocional, no entanto, é *alegre* e lhe traz satisfação o fato de que os amigos se preocupem com ela.

Aos 32 anos e 6 meses, ela se submete pela primeira vez a uma *psicanálise* com um psicanalista jovem, muito refinado, não alinhado com Freud. Ellen recupera suas esperanças, volta a freqüentar palestras, teatro e concertos, faz excursões - mas ainda está muito inquieta e exagera em tudo aquilo que faz. Nos períodos em que o marido não está com ela, a antiga babá precisa estar. Em curto tempo, ela passa a encarar a *psicanálise* como inútil.

Nas cartas ao marido, ressurge aqui e ali o seu “ardoroso amor pela vida”; mas este é apenas um estado de espírito. O medo de engordar continua inalterado e no centro de seus pensamentos e ações: “Meus pensamentos se ocupam literalmente de meu corpo, minha alimentação, minhas pílulas laxantes” – “E o fato de ver ressurgir de tempos em tempos no horizonte aquele doce país a que chamo vida - o oásis no deserto que eu mesma criei para mim - só torna as coisas piores. Pois de que me vale? Continua sendo uma *Fata Morgana*, que logo desaparece. Antes, quando tudo era cinza à minha volta, era mais fácil. Quando eu não queria nada outro a não ser estar doente, de cama. Agora eu desejaria voltar a ter saúde – mas não quero ter que pagar o preço. Muitas vezes, sinto-me totalmente arrasada por este conflito que nunca termina e quando volto do ...

(o analista) para casa, tenho apenas uma certeza: ele pode dar-me a compreensão, mas não a cura.”

Ellen acredita que o ponto de vista do analista - de que seu objetivo principal seria “o de subjugar todas as pessoas a sua volta” - seja “fantasticamente correto e assustadoramente verdadeiro”. Mas ela afirma ter uma espécie de diapasão interno; bastaria, por exemplo, perguntar a si mesma: “Ellen, você consegue comer um bom prato de ervilhas ou uma panqueca e, depois disso, nada ingerir?” (referindo-se aos laxantes). O pânico toma conta dela logo em seguida; só de pensar, um calor e um frio percorrem seu corpo. “Todos os bons propósitos, toda a alegria de vida se desmancham diante desta parede que eu não consigo ultrapassar.” – “Eu continuo não querendo engordar; em linguagem psicanalítica: eu continuo a não querer abrir mão de meu ‘ideal’.” Mas agora ela não desejava mais morrer, ela voltara a amar a vida, ansiava pela saúde, pelo marido; contudo, “não estava disposta a pagar o preço”. Era muito triste não conhecer um caminho que “a ajudasse a sair deste pântano”.

Ao longo da análise de Ellen, a alimentação torna-se cada vez mais restrita, os sentimentos de pavor cada vez mais freqüentes e surge agora *a desagradável compulsão por pensar em comida a todo o momento*. Ela descreve estes sentimentos de pavor como “os fantasmas que constantemente atacam minha garganta”. Horas agradáveis parecem-lhe uma “maré enchente”, mas, logo em seguida, já ocorre a “maré vazante”.

Em uma carta ao marido, Ellen agora compara o *ideal* que o primeiro noivo, o *estudante*, representou para ela com o *ideal de ser magra*: “Naquele tempo, você (o marido) representou para mim a vida que eu estava disposta a abraçar, abrindo mão de meu ideal (o estudante). Mas esta foi uma decisão tomada artificialmente, com brutalidade e não uma decisão amadurecida de dentro para fora. Por isso não funcionou. Por isso eu voltei a enviar pacotes a ele e a estar contra ti, em total oposição. E só muito

depois, quando eu estava interiormente preparada, quando fiquei frente a frente com o meu ideal, eu precisei reconhecer: eu errei, esse ideal era uma ficção, só aí é que eu consegui dizer *sim* a você com serenidade. E é assim que agora eu preciso primeiro olhar para o meu ideal, esse ideal de ser magra, de não ter um corpo e reconhecer: “Ele é uma ficção”. Aí poderei dizer *sim* à vida. Tudo o que aconteceu antes foi um engano, como naquela vez em X (o nome da cidade universitária). Mas é mais fácil sentar-se em um trem e rumar para Y (onde ocorreu o rompimento com o estudante) do que trazer para a luz do dia tudo aquilo que jaz escondido e enterrado em mim. Aquilo que diz respeito à comparação entre você e a vida - e entre S. (o estudante) e o ideal é, naturalmente, incorreto; a analogia é apenas externa. O meu dizer sim (ao marido, depois de visitar o estudante em Y.) também ainda não foi o certo. Eu escolhi você, mas depois não me tornei para você uma mulher de verdade. O pensamento em meu ideal secreto - não me refiro aqui a S. (o estudante), mas ao meu ideal de vida: o de ser magra – continuou a tomar espaço dentro de mim, muito mais que todo o restante. Só me tornarei mulher de verdade quando tiver aberto mão, definitivamente, de meu ideal de vida (de ser magra). E isso é tão difícil, que hoje continuo tão desesperada quanto estava há algumas semanas. Pobre ... sempre volto a decepcioná-lo! Não voltei a ingerir laxantes, mas, em compensação, ausculto com frequência o meu próprio ventre e alimento-me com muito medo e desconforto”.

Em outra ocasião, Ellen escreve ao marido: “A única melhora verdadeira - que deve vir de dentro - ainda não se instalou: o nirwana no sentido figurado, ‘a extinção do desejo, do ódio e do deslumbramento’, ainda não foram alcançados. Você sabe o que quero dizer? O desejo de tornar realidade o meu ideal; o ódio contra o meio que me cerca - que torna isso impossível; o deslumbramento, que reside em enxergar nesse ideal algo que vale a pena.” Segue-se, então, aquela afirmativa muito sintomática: “*O pensar em*

panquecas ainda é o que há de mais terrível, para mim.” Além disso, o asco que sentia por carne e por gordura era tal, que o simples imaginar a deixava mareada. De resto, agora (durante a análise) ela tinha a *vontade* de engordar, mas não o *desejo*. Tratava-se de uma batalha entre dever e inclinação, no sentido *kantiano*. Enquanto isto permanecesse assim, ela não estaria “liberta”, pois este imperativo categórico, este ‘você deve’ também vinha de fora e nada podia contra a força da pulsão patológica que a dominava. Ao mesmo tempo, ela sentia este estado atual das coisas, justamente por estar se esforçando para não tomar laxantes, como “o mais torturante que já vivi até hoje. Sinto que estou engordando, tremo de medo pensando que isto possa ocorrer, vivo em estado de pânico.” – “Assim que percebo uma pressão em minha cintura – quer dizer, uma pressão do cóis de minha saia – meu humor se altera e eu entro em depressão severa, como se fosse sabe lá que tragédia.” Se, ao contrário, ela tiver tido uma “boa digestão”, então há “uma espécie de calma” dentro dela e ela sente-se confortável. Apesar disso, “o tempo todo e a cada minuto”, ela percebe como sua vida é dominada pela “idéia patológica”.

Desde que Ellen sabe que o marido informou os pais dela sobre tudo o que ocorre com ela, do que se trata, afinal, ela sente muitas saudades dos pais, especialmente de sua *mãe*; ela deseja encostar a cabeça no peito da mãe e chorar tudo o que tem para chorar. Mas este é um sentimento que logo passa. No fundo, ela não tem nenhuma vontade de estar em casa, na verdade ela tem medo do “jeito sério e pesado” do *pai*.

Em agosto, logo depois do *33º aniversário* de Ellen, a análise iniciada em fevereiro termina, por conta de circunstâncias externas a sua vontade. Ao voltar para casa, o marido a encontra em um severo estado de angústia e de agitação. A alimentação torna-se totalmente irregular, Ellen passa a saltar refeições inteiras, para depois atirar-se com

uma voracidade ainda maior sobre qualquer alimento que encontre pela frente. Em apenas um dia, ela come alguns kg de tomate e 20 laranjas.

Uma visita de três semanas aos pais transcorre melhor do que se esperava. Ellen se alegra por estar longe do clima de hotel, por poder passar as noites junto à família e por poder se abrir com a *mãe*. No entanto, depois da segunda semana, o quadro se reverte outra vez. Durante vários dias, Ellen não consegue sair do choro, da angústia e da agitação, caminha chorando pelas ruas de sua cidade natal, padece de fome como nunca, mesmo que em casa precisa sentar-se à mesa, na qual os demais se alimentam normalmente. Ela se desespera totalmente em relação às chances de cura de sua doença e fica quase impossível conseguir tranquilizá-la. Um exame de sangue, realizado por um médico, tem como resultado “anormalidades na composição sangüínea”. O médico recomenda uma consulta com um clínico geral na Universidade de X., na qual ela havia estudado e para a qual ela se dirige com o marido e a antiga babá. O clínico geral lhe recomenda um tratamento clínico, mas Ellen não consegue decidir-se. Em vez disso, submete-se *pela segunda vez a um tratamento psicanalítico*. O segundo psicanalista é mais alinhado com a psicanálise ortodoxa do que o primeiro.

Ellen encontra-se no início de seu *33º ano de vida*. No dia 6 de outubro, o marido a deixa sozinha, a pedido do médico, mas contra a vontade dele. Ellen já havia manifestado idéias suicidas antes e, no dia 8 de outubro, *tenta o suicídio* ingerindo 56 cápsulas de Somnacetin - que, no entanto, ela vomita em grande parte durante a noite. O psicanalista não dá importância a esta tentativa e prossegue com a análise. De resto, Ellen está totalmente por sua própria conta e caminha chorando e sem destino pelas ruas. Esta semana e as seguintes, até a metade de novembro, são – conforme ela própria afirma – “as piores de sua vida inteira”. Mesmo nos sonhos, ela se ocupa sem parar com

a *comida*. De 16 a 24 de outubro, o marido fica temporariamente com ela e de 6 de novembro em diante, ele passa a ficar constantemente ao seu lado.

No dia 7 de novembro ocorre a *segunda tentativa de suicídio*, por meio da ingestão de 20 cápsulas de Somnacetin. No dia seguinte, ela se encontra em um estado que o psicanalista classifica como um “estado de entorpecimento histérico”. Ela chora e geme o dia todo, recusa a ingestão de qualquer tipo de alimento e avisa que, em algum momento de descuido daqueles que a vigiam, ainda vai acabar por se matar. No dia 9 de novembro, volta a comer com voracidade. No dia 10, ela tenta várias vezes *jogar-se debaixo de um carro*; no dia 11, ela quer *se jogar da janela* de seu psicanalista e, no dia 12, é transferida para a *Clínica* do médico clínico geral já mencionado acima.

De suas anotações referentes ao mês de outubro, retomadas a conselho do analista, os seguintes trechos são de interesse:

19 de outubro – “Creio que a verdadeira neurose compulsiva não é propriamente o medo de engordar, mas *a constante demanda por comida* (sublinhado por ela mesma). A voracidade deve ter vindo em primeiro lugar. O medo de engordar veio depois, como um freio. Desde que eu entendo a voracidade como sendo a verdadeira neurose compulsiva, ela me ataca como um animal. Estou submissa a ela, totalmente sem defesa. Ela me persegue sempre e me leva ao desespero.”

21 de outubro – “O dia começa como todos os outros: já o vejo diante de mim, preenchido pelo clamor constante por comida e pelo medo de comer. Meu coração está repleto de desesperança. Será que alguma vez poderei sentir alegria novamente? O sol está brilhando, mas dentro de mim há um vazio. Os sonhos noturnos estão confusos. Dormi sem prazer.”

“O que significa esse terrível sentimento de vazio, essa chocante sensação de insatisfação que se instala depois de cada refeição? O coração me cai, sinto-o fisicamente e este é um sentimento miserável e indescritível.”

“Nos dias em que não sou torturada pela fome, o medo de engordar volta ao centro das preocupações. Duas coisas na verdade me torturam: em primeiro lugar, a fome; em segundo, o medo de engordar. Não consigo sair deste labirinto... É uma terrível sensação de vazio. Um terrível medo deste sentimento. *Nada* tenho que possa anestesiá-la essa sensação.”

“O quadro na verdade mudou. Há um ano atrás, eu me alegrava com a fome e, então, comia com apetite. Os laxantes que tomava diariamente cuidavam para que gordura nenhuma se assentasse. Eu escolhia meus pratos de acordo, evitando tudo aquilo que engordasse, mas comia com vontade e com prazer tudo aquilo que era permitido. Agora, apesar de minha fome, cada refeição é para mim uma tortura; sempre acompanhada das sensações de medo. Estas sensações não me abandonarão nunca mais. Eu as sinto como se fosse algo corporal: uma dor no coração.”

“Quando acordo de manhã já tenho medo da fome que eu sei que logo vai se instalar. A fome me faz deixar a cama. Tomo o café da manhã e, uma hora depois, estou com fome novamente. A fome ou o medo da fome perseguem-me durante toda a manhã. O medo da fome é algo *terrível*. Ele expulsa todos os outros pensamentos de minha cabeça. Mesmo quando eu me sinto satisfeita, tenho medo da hora seguinte em que a fome voltará a se manifestar. Quando estou com fome, não enxergo mais nada com clareza, não consigo analisar.”

“Quero rapidamente descrever uma de minhas manhãs. Estou sentada à escrivaninha, trabalhando. Tenho muitas coisas a fazer; muitas coisas que aguardo com alegria. No entanto, uma inquietação torturante não me deixa em paz. Levanto-me com um salto,

caminho para cá e para lá, sempre parando diante do armário em que se encontra o meu pão. Como um pouco do mesmo; 10 minutos mais tarde, levanto-me outra vez com um sobressalto e volto a comer um pedaço. Policio-me para não comer mais nada, de agora em diante. É claro que consigo juntar forças suficientes para realmente não comer mais nada. Mas não consigo reprimir o *desejo* pela comida. O dia inteirinho não consigo tirar de minha cabeça o pensamento daquele pão! Ele preenche de tal maneira o meu cérebro, que não há lugar para outros pensamentos: não consigo concentrar-me nem no trabalho, nem na leitura. Em geral, termina assim: eu saio para a rua. *Caminho para distanciar-me do pão em meu armário* (sublinhado por ela mesma), vagueando por aí. Ou, então, tomo um laxante. Como se pode analisar isto? De onde vem essa inquietação indomável? Porque imagino que conseguirei domá-la somente através da comida? E porque o comer me faz tão infeliz? Alguém poderia dizer: “Ora, coma todo o pão, aí você terá sossego”. Mas não, se eu o comer, logo fico infeliz. Aí fico sentada e vejo sempre aquele *pão comido* diante de mim, apalpo o meu estômago e fico pensando e pensando: Agora você vai engordar tanto! Quando tento analisar tudo isso, nada resulta além de uma *teoria*. *Algo pensado*. *Sentir*, eu sinto apenas inquietação e medo. – (Segue-se uma tentativa de análise). Mas isto são apenas quadros fantásticos; preciso esforçar o meu cérebro para poder pensá-los. Seria fácil analisar uma outra pessoa desta maneira. Eu mesma, porém, continuo a caminhar em torno de meu medo mortal e preciso atravessar mil horas difíceis. Cada dia parece-me ter mil horas e freqüentemente estou tão cansada deste pensar opressor, que nada mais quero além da morte. Depois de cada refeição, sinto-me sempre da pior maneira possível. Melhor seria nem comer, para não passar por estas sensações terríveis depois de cada refeição. Passo o dia inteiro com medo desta sensação. Como posso descrevê-la? É uma sensação de vazio, de peso no coração, uma sensação de medo e de desamparo. Às vezes o coração bate tão forte, que

eu fico tonta. Na análise, explicamos assim: ao comer, busco saciar duas coisas: a fome e o amor. A fome é saciada, o amor, não! Fica aquele buraco imenso, sem preenchimento. Pela manhã, ao acordar, já começo a temer aquele “medo-pós-refeição”; e este medo me acompanha o dia inteiro. Tenho até medo de entrar em uma loja de alimentos. A visão dos produtos alimentícios evoca em mim ânsias que eles (os alimentos) jamais poderão saciar. É como se uma pessoa buscasse saciar sua sede com tinta.”

“Talvez eu conseguisse encontrar a liberdade se pudesse resolver este enigma: como a comida se atrela com esta ânsia. A relação anal-erótica é puramente teórica. Nem consigo entendê-la. Aliás, eu não entendo nem a mim mesma. É terrível, não compreender a si própria. *Fico diante de mim como diante de um estranho* (sublinhado por mim): tenho medo de mim mesma, tenho medo dos sentimentos aos quais estou exposta a cada minuto, sem defesas. Isto é que é *terrível* em minha vida: ela é repleta de *medo*. Medo de comer, medo da fome, medo do medo. Só a morte pode me libertar do medo. Cada dia é como um marchar sobre um cume vertiginoso, um eterno balançar sobre um recife. Não adianta ficar analisando para mim que o que eu *quero* é justamente este medo, esta tensão. Soa inteligente, mas em nada ajuda o meu coração ferido: quem quer esta tensão, quem, o quê? Eu não enxergo mais nada, tudo parece borrado, todos os fios se embaralham.”

“Eu apenas faço trabalhos *mentais*. No fundo, nada muda, a tortura permanece a mesma. É fácil dizer: tudo está transparente. Anseio por violação – e *na verdade violo a mim mesma a cada hora* (sublinhado por mim). Consegui, portanto, alcançar minha meta.

Mas, onde se encontra o erro de cálculo? Pois eu me sinto absolutamente miserável e parece-me tolo dizer: É justamente isto que eu desejo: sentir-me miserável. São apenas

palavras, palavras, palavras ... e enquanto isso eu soffro, como não se deixaria soffrer um animal.”

Conforme já mencionado, na *Clínica* na qual Ellen foi internada no dia 12 de novembro, acompanhada do marido, dá-se início a um período de relaxamento e a uma guinada total em sua alimentação. Desde o primeiro dia, ela come tudo o que lhe é apresentado, entre outros alimentos que há anos não tocava, tais como sopas, batatas, carnes, sobremesas, chocolates. O peso, que inicialmente se situava em 46,5 kg, em dois meses não vai além de 52 kg. Da clínica, Ellen sai para assistir aulas na universidade, de manhã e de tarde; no intervalo, comparece à análise, das 15:00 às 16:00 horas diariamente, e à noite muitas vezes ainda sai para passear ou para ir ao teatro. Nas aulas, toma notas com grande concentração. Ao marido, parece que finalmente se instala uma melhora efetiva. Suas anotações e seus poemas mostram uma nova esperança e um novo alento. Ela mais uma vez deseja ser “uma pessoa entre pessoas”; “silenciosamente chega um novo tempo carregado de sol”; “e assim eu renasci e o mundo me tem de volta”; “profunda gratidão estremece meu coração por ter sobrevivido a esta noite”. Mas ela ainda não acredita totalmente na vitória:

*“Vejo como dançam as douradas estrelas;
É noite ainda, um caos como nunca.
Será que o brilho claro da manhã
Trará a paz e a harmonia?”*

Todos estes poemas (reproduzidos aqui apenas em parte) surgiram na noite de 18 para 19 de novembro. Ela escreve: “Assim que fecho os olhos me vêm poemas, poemas, poemas. Se eu quisesse anotá-los todos, precisaria encher páginas e páginas. – Poemas de hospital ... fracos e repletos de bloqueios internos. Eles batem asas apenas timidamente; mas algo *está se mexendo*. Permita Deus que cresça!”

Da mesma noite ainda provêm as seguintes anotações: “Há duas horas estou acordada; é bom estar desperta. Já foi assim no verão, mas então tudo desmoronou. Desta vez, no entanto, creio que não desmoronará. Sinto algo doce em meu peito, algo que deseja crescer e ser. Meu coração bate. O amor estará retornando à minha vida? Mais sério e mais quieto que antes; mas também mais santificado e esclarecido. Querida vida, quero amadurecer em tua direção. Estendo os braços e respiro profundamente, entre medrosa e feliz.”

“Estou relendo o Fausto (de Goethe). Agora é que começo a *compreendê-lo*. *Eu começo*; muito ainda precisará acontecer; muitas coisas difíceis, em minha vida, antes que eu possa dizer: Eu o compreendo. Sim, agora eu o compreendo. Mas não tenho medo daquilo que está por vir. É doce temer e sofrer, crescer e tornar-se alguém.”

Mas já na manhã seguinte (19 de novembro) “o lindo clima noturno se desfez. Estou cansada e triste.” Ellen continua a freqüentar aulas, a escrever e a ler, mas o pensar em comida jamais a abandona. Ela encontra uma comparação muito característica para o poder de atração deste pensamento recorrente: “O assassino deve sentir-se mais ou menos assim, vendo constantemente a figura do assassinado diante de seu olho espiritual. Ele pode trabalhar de manhã até à noite, trabalhar arduamente, pode sair, pode falar, pode tentar se distrair: tudo em vão. Sempre e sempre ele voltará a ver a figura do assassinado diante de si. Ela o puxa poderosa para a cena do crime. Ele sabe que com isto se torna suspeito; pior ainda: *ele tem horror* à cena do crime, mas precisa ir até lá. É algo que é mais forte que seu juízo e sua vontade, é algo que o domina e transforma sua vida em um terrível sítio de devastação. O assassino pode encontrar a salvação. Ele vai à polícia e denuncia a si próprio. Na condenação, ele expurga seu crime. Já eu, não consigo encontrar a salvação – a não ser na morte.”

Ellen percebe dolorosamente que, “pela terrível doença, ela se afasta cada vez mais das pessoas”. “Sinto-me excluída de toda a vida real. Estou totalmente isolada. Encontro-me dentro de uma bola de vidro. Vejo as pessoas através de uma parede de vidro, suas vozes soam-me como que abafadas. Anseio demais por conseguir chegar até elas. Grito, mas elas não me ouvem. Estendo meus braços para elas; mas minhas mãos tocam apenas as paredes de minha bola de vidro.”

Nesta época, Ellen começa a escrever “A história de uma neurose”. Citamos dela: “Uma vez que tudo o que eu fazia era somente considerando se que aquilo me engordaria ou emagreceria, todas as coisas rapidamente perdiam o seu sentido próprio - ou o seu próprio sentido. Também o trabalho. Eu o procurava, com o intuito de me distrair: distrair-me de minha fome ou de minha gulodice. (Se eu trabalho das 9 até 1 e das 2 até as 6, eu não caía em tentação, neste período, de comer alguma coisa que me fizesse engordar.) Durante certo tempo, o trabalho preencheu sua função. Também me dava alegria. Quando tudo desmoronou dentro de mim, também isto se quebrou: o trabalho não mais me distraía, nem me dava prazer. Mas isto só aconteceu mais tarde.”

“No outono de 19.. (no início de meu 32º ano de vida) senti medo pela primeira vez. Um medo apenas indistinto e silencioso; na verdade apenas uma intuição de que eu havia sucumbido a uma força sinistra, que ameaçava destruir minha vida. Eu percebia que todo o desenvolvimento interior estancara e que tudo o que crescia e viria a ser sufocara porque uma única idéia preenchia minha alma totalmente - e essa idéia era algo completamente ridículo. Meu juízo revoltava-se contra essa idéia e eu tentava, através da vontade, expulsá-la de dentro de mim. Em vão. Tarde demais. Eu mesma não conseguia mais me libertar e ansiava por libertação, por redenção, que viria a mim através de qualquer método de cura. Foi assim que cheguei à psicanálise.”

“Eu queria ficar conhecendo as pulsões desconhecidas, que eram mais fortes que o meu juízo e que me obrigavam a moldar minha vida segundo uma única diretriz. E a meta dessa diretriz era: ser magra. A análise foi uma decepção. Eu analisava com o bom senso - e tudo continuava teoria. O desejo de permanecer magra continuava imutável no centro de meu pensamento.”

“Os meses que se seguiram foram os mais terríveis que eu já vivi, e ainda não foram superados. Agora não se trata mais daquela idéia fixa que amargava minha vida, mas de algo bem pior que se acrescentou a ela: a compulsão a estar sempre pensando em comida. Esta compulsão tornou-se uma maldição, que me persegue dia e noite e está presente em tudo o que eu faço, como se fosse um espírito maligno - e eu não consigo escapar dela. Ela me persegue como as *Eríneas* perseguem o assassino, ela transforma o mundo em uma caricatura e minha vida, em inferno. Eu imagino que conseguiria suportar melhor qualquer outro tipo de dor; se minha existência fosse obscurecida por um desgosto verdadeiramente profundo, eu certamente teria forças para suportá-lo. Mas a tortura a cada dia renovada de ter que lutar contra o moinho de vento, contra um emaranhado de pensamentos ridículos, baixos, desprezíveis – essa tortura acaba com a minha vida.”

“Quando abro os olhos, pela manhã, minha grande desgraça já está postada diante de mim. Ainda antes de acordar direito, eu já penso em comer. Cada refeição é acompanhada de medo e de alvoroço, cada hora entre as refeições é preenchida com o pensamento: *quando terei fome outra vez? Será que eu quero comer alguma coisa agora? E o que? ...* e assim por diante: mil formas diferentes, mas sempre o mesmo conteúdo. Não me admira que eu não possa mais me alegrar. Eu só sei do medo, do luto, da apatia e da falta de ânimo.”

Uma vez que desde o final de novembro a curva torna a baixar significativamente, no início de dezembro *Kraepelin* é consultado – e ele diagnostica uma *melancolia*. O psicanalista não concorda com este diagnóstico e prossegue com a análise. Na primeira metade de dezembro, o quadro começa a melhorar novamente: Ellen frequenta as aulas novamente, lê o Fausto II, mas acaba ficando confusa com as diferentes interpretações dos médicos acerca de sua doença e de seu tratamento. O clínico geral, que é quem mais corretamente avalia o quadro, é de opinião que o tratamento hospitalar seja prolongado, o psicanalista aconselha o abandono do hospital e o “retorno à vida”. Este conselho desconcerta-a completamente em relação ao analista. Em seu diário, ela anota – entre outros – no dia 19 de dezembro: “Eu continuo viva só por um senso de dever diante de meus parentes. A vida nada mais tem de atraente para mim. Para onde eu olhe, não vejo *nada* que me dê alento. Tudo parece cinzento e sem prazer. Desde que me enterrei em mim mesma e não consigo mais amar, o fato de estar viva é uma tortura. Cada hora é uma tortura. Aquilo que antes me dava alegria, agora é um dever, uma coisa sem-sentido que está aí para ajudar o tempo a passar. Aquilo que antes me parecia ser um objetivo de vida, todo o estudo, todo o esforço, toda a ação parecem-me agora ser um pesadelo, do qual tenho medo.” Para descrever seu estado, mesmo nestas alturas ela ainda encontra exemplos adequados:

Karl (seu marido) afirma que ela ainda encontra prazer em algumas coisas; mas ele “deveria perguntar a um prisioneiro de guerra se este gostaria de continuar na prisão, ou voltar para sua terra natal. No campo de prisioneiros, ele fala línguas estrangeiras, ocupa-se disto ou daquilo - mas claro que só para conseguir sobreviver aos longos dias difíceis. Será que o trabalho realmente lhe causa prazer? Será que, pelo prazer, ele ficaria no campo de prisioneiros por um minuto mais que o necessário? Certamente não – e ninguém chegaria a um pensamento grotesco desses. Mas de mim, é exigido. A vida,

para mim, transformou-se em um campo de prisioneiros e eu desejo a morte tão ardentemente quanto o pobre soldado na Sibéria deseja voltar para casa.”

“A comparação com o aprisionamento não é um mero jogo de palavras. Eu estou presa: presa em uma rede, da qual não consigo libertar-me. Sou prisioneira de mim mesma; enredo-me cada vez mais – e cada dia é uma nova batalha inútil: as malhas da rede estreitam-se cada vez mais. Estou na Sibéria; meu coração congelou, ao meu redor tudo é frio, tudo é solidão. Os melhores dias são uma tentativa ridícula e triste de esconder-me a verdadeira situação. Não é digno continuar a viver dessa maneira. Karl, se você me ama, deixe-me morrer.”

Um outro pensamento: “Estou cercada de inimigos. Para onde quer que eu me vire, há um homem empunhando uma espada. Como num palco: o infeliz encontra a saída; pare! Um homem armado vai ao seu encontro. Ele busca uma segunda, uma terceira saída. Tudo em vão. Ele está cercado, não conseguirá mais sair. Desesperado, ele desanima.”

“Assim acontece comigo: estou presa e não consigo me libertar. De nada adianta o psicanalista me dizer que eu mesma coloco os homens armados à minha frente, são apenas figurantes na peça teatral, não são reais. *A mim me parecem bastante reais* (sublinhado por ela).”

Ellen queixa-se de que há meses “não tem uma hora de verdadeira liberdade”. O cenário, porém, muda a cada dia: em determinada semana, as horas matutinas são as piores; na outra, as horas noturnas, na terceira; na terceira, o horário do almoço ou as horas no final da tarde, mas em nenhuma delas ela está “verdadeiramente livre”. O que lhe é negado constantemente é a inocência. Ela “sabe” de tudo o que ocorre a sua volta, tem “consciência” de tudo, não consegue simplesmente estar aí e viver. E no entremeio, quando ela “se apegua à crença” de que sua vida ainda tenha um sentido, surge o medo e “sufoca a fraca centelha de vida novamente”. Fica cada vez mais claro que ela não

poderá continuar vivendo se não conseguir “interromper o circuito” e conseguir sair desse “aprisionamento do eu”. A “confusão emocional” durante e após as refeições parece-lhe terrível. Cada bocado que ela engole, é com consciência e tristeza que o faz. “*A própria imagem do mundo está distorcida em minha cabeça* (sublinhado por mim). Como se eu estivesse enfeitiçada. Um espírito do mal me acompanha e amarga todo o meu prazer. Ele torce tudo o que há de bonito, de natural, de simples e transforma-o em uma pantomima. Ele transforma a própria vida em uma caricatura.”

“Algo dentro de mim revolta-se contra o fato de eu engordar. Revolta-se também contra o voltar a ter saúde outra vez; de eu me transformar em uma mulher saudável, de bochechas redondas e coradas – o que corresponderia à minha verdadeira natureza ... Leva-me à loucura o fato de eu não conseguir progredir de modo algum. Luto contra forças sinistras, que são muito mais fortes do que eu mesma. Não consigo agarrá-las, nem dominá-las ...”

No início do ano novo, no dia 3 de janeiro, o médico clínico geral intervém energicamente, proíbe a continuidade da análise – com o que a paciente concorda – e sugere a transferência para a Clínica Bellevue em Kreuzlingen. No dia 7 de janeiro, ela escreve ao seu irmão mais novo, pedindo-lhe que a perdoe por escrever a ele com tanta franqueza, mas ela não poderia continuar mentindo e queria dizer-lhe que está com muito medo, mas nem sabe direito de quê: “A vida pesa sobre mim como uma nuvem.” Durante os preparativos para a viagem, surge uma forte depressão e um estado de excitação. A viagem, que dura de 13 a 14 de janeiro, ocorre sob fortes estados de angústia, sensações de fome e depressões.

III. A permanência na Clínica Bellevue, de 14 de janeiro a 30 de março de 19..

O relatório do médico clínico geral, realizado por ocasião da transferência para a Clínica Bellevue, informa que a menstruação deixou de ocorrer há anos e que as glândulas salivares se encontram ligeiramente espessadas – o que seria um indício da presença de transtornos endócrinos. A neuropatia manifesta-se há anos, com ideação obsessiva, principalmente em torno do medo de tornar-se gorda, para, em seguida, ingerir compulsivamente e sem critério uma enorme quantidade de alimento. A paciente, excepcionalmente inteligente e versátil, pende entre estas duas sensações. Além disso, em julho do ano anterior teriam se aliado a esse quadro uma depressão ciclotímica bastante severa, acompanhada de forte medo e de idéias suicidas temporárias. Nos períodos de depressão severa, os pensamentos obsessivos ficariam mais nos bastidores. Na clínica, seu estado geral teria melhorado consideravelmente com a presença constante – e de boa influência junto à paciente - do marido. O peso corporal teria aumentado consideravelmente com a ingestão inicial de 70 calorias por kg de peso e, atualmente, mantinha-se com 50 calorias por kg de peso, em 52 kg. A última oscilação depressiva teria dado ensejo a que o repouso absoluto, explicitamente recomendado por *Kraepelin*, fosse feito em nossa instituição (Clínica Bellevue). A internação no setor de isolamento não parecia ser necessária.

O (segundo) psicanalista, em seu relatório minucioso, pronuncia-se no sentido de que se trata de uma severa neurose obsessiva, combinada com oscilações maníaco-depressivas. Ele está convicto de que a paciente se encontra a caminho da recuperação! A favor disso também falaria a profunda alteração em sua fisionomia, pois no último verão ela tinha um aspecto muito feio e, desde lá, vinha se tornando cada vez mais feminina e, podia-se dizer, até bonita. O relatório, de uma maneira geral, confirma a anamnese acima, mas contém ainda algumas informações e pontos de vista adicionais muito importantes. Ele considera a tendência à depressão como “tendenciosamente acentuada”. A paciente

mencionou certa vez que seu pai não compreenderia suas representações obsessivas, mas, para com a depressão, ele teria toda a compreensão. Ela temia desagradar ao seu primeiro noivo (o estudante) caso ficasse gorda e, de um modo geral, para ela o ser magra significava ser um tipo mais intelectualizado, enquanto o fato de ser gorda significava ser judia - e burguesa. Depois do término de seu noivado, a primeira coisa que teria feito foi atirar-se sobre a sua cesta de mantimentos, com um suspiro de alívio! “Quando, porém, ela ficou sabendo pela afirmação de seu médico de senhoras que, mesmo desistindo de uma maior intelectualidade, tampouco haveria chances de sucesso na linha feminino-maternal (em seu casamento, ela se ocupava ostensivamente com a administração do lar, copiando receitas – principalmente na presença da mulher de seu segundo irmão, que também faz o gênero ‘loira e magra’, interessa-se pela arte, tem filhos etc.), Ellen então resolveu, sem inibições, ‘viver de acordo com suas idéias’ e começou a ingerir diariamente doses enormes de laxantes.”

Já que ela via no próprio analista o tipo loiro superior, este último reporta que, já na primeira consulta, conseguiu acalmá-la (o que o marido também confirma). Ellen também teria exibido claramente traços *histéricos* dirigidos ao marido. O *erotismo anal* também teria estado há tempos no centro do tratamento. A paciente teria reconhecido a correspondência entre chocolate e *erotismo anal*, bem como a relação entre comer = ser fecundada = engravidar. A *transferência* então se tornou tão clara que certo dia ela sentou-se, sem rodeios, no colo do analista e lhe deu um beijo, o que - apesar da amizade já anteriormente existente - era totalmente incomum. Em outra ocasião, ela teria chegado à consulta manifestando o desejo de encostar a cabeça no ombro dele, enquanto ele a chamaria de “Ellen-Kind” (* N.T. – “Ellen-Kind” equivaleria, em português, a “Ellen, minha criança” ou “Ellen, filhinha”). Desde o início de dezembro, a análise se encaminhava cada vez mais ao estancamento e, por sinal, a partir de uma

sessão em que o tema foi *o complexo paterno*, que foi possível abordar apenas periféricamente. Ela teria passado a compreender que a sua “idéia obsessiva” significava a sua *renegação*, o seu voltar as costas ao modo (judaico) de ser paterno. Para o desejo de incesto também não foi possível encontrar um ponto de apoio a partir dos sonhos. A amnésia infantil infelizmente não foi aclarada por nenhuma das duas análises.

No *encontro* de 14 de janeiro, a paciente irrompe em um choro lastimoso logo depois de dizer algumas palavras, demorando muito a se consolar e trazendo em intervalos alguns fragmentos do histórico de sua doença. Sem mais, dirige-se com o marido para o quarto dela, feliz por ter a oportunidade de, logo em seguida, falar sobre sua doença. Conta então minuciosamente o desenrolar de seus sofrimentos, desde o seu início, aos 13 anos de idade até os últimos acontecimentos na cidade universitária. *Kraepelin* teria descartado a neurose obsessiva suposta pelo analista, diagnosticando uma melancolia pura e teria explicado a ela que os pensamentos obsessivos desapareceriam, com a melancolia; o que ocorreria depois com a idéia fixa - esperaríamos para ver. Ela passa então a perceber a diferença entre a representação compulsiva de sempre ter que *pensar* em comida, e a “idéia fixa”, o “objetivo único”, de não engordar. Nas últimas semanas, ela teria sentido uma ligeira melhora, mas nunca se sentiu feliz ou alegre realmente. Ela teria vindo à Clínica Bellevue com mil bons propósitos, mas já no caminho teria ficado totalmente sem esperanças. Qualquer coisinha agora lhe parecia uma montanha intransponível. Ela tinha a impressão de que quando um de seus sintomas melhorava, o outro piorava na mesma proporção. “Eu preciso recuperar a inocência ao alimentar-me, cada refeição é um *teatro interior*. Sempre tenho a sensação de que se alguém me amasse realmente, não permitiria que eu continuasse vivendo.” Na Clínica ela acabou por ficar com medo de todos, porque sempre esperava que alguém lhe dissesse que

estava de bom aspecto. “Tudo me irrita, *cada excitação é por mim sentida como fome*, mesmo que eu tenha acabado de comer.” Então ela ficou com a sensação de que *toda vida interior cessara*, tudo parecia *irreal, sem sentido*. Ela também fala sem nenhum pudor sobre as suas tentativas de suicídio. Mesmo agora, ela afirma que não há nada que ela deseje mais do que adormecer, para nunca mais acordar; pois não acredita que poderá melhorar algum dia. Depois da segunda tentativa, ela só pensaria ainda: tomara que meu marido chegue logo, senão eu me atiro debaixo de um carro – ela afirma sempre ter sentido a falta dele, quando estava ausente. Contra a psicanálise, ela se volta energicamente. Seu marido, ao contrário, revela que ela gostava bastante de ser analisada e que ainda não tinha se separado do (segundo) analista. Outros excertos do histórico da doença:

16 de janeiro. Depois de uma conversa sobre a agenda diária no que diz respeito ao descanso, aos passeios etc. e à questão da comida, a primeira noite transcorreu tranquilamente, com a ajuda de um leve sedativo. A paciente pode alimentar-se no quarto, porém – sem mais – se apresenta com o marido no horário do lanche da tarde em comum com os demais pacientes, sendo que anteriormente ela havia se revoltado contra o fato de ter que fazê-lo, com a justificativa de que ela na verdade não comia, mas *devorava como um animal selvagem* – o que ela imitava de modo bem teatral.

No que diz respeito ao *exame corporal*, nada havia nela que chamasse a atenção. Trata-se de uma mulher de porte médio, estado nutricional satisfatório e de tipo pícnico, cuja compleição física é descrita no HD (histórico da doença) como a *de um rapaz adolescente*; mas não há sinais de uma *estigmatização expressamente masculina*. O crânio é descrito no HD como relativamente grande e massivo, porém não estão presentes outros sinais de uma *estigmatização acromegalóide*. A forma do rosto é oval e os traços, harmoniosos. Glândula salivar auricular bastante aumentada. Tireóide não

palpável. Um exame ginecológico anterior teria evidenciado “genitais infantis”. Calosidade na clavícula, resultante de fratura antiga ao cavalgar. Órgãos internos, sem comentários. Pulso regular, suave, mas fraco em relação ao tempo. Menstruação deixou de ocorrer há vários anos. O status dos nervos não apresenta distúrbios, nem tremores de espécie alguma - apesar de um PSR (com ASR de intensidade média) muito *fraco*, disparado somente por meio do método Jendrassik.

21 de janeiro. A mímica varia muito, de acordo com as freqüentes oscilações de um estado afetivo para outro, mas, no todo, um tanto rígido e vazio, o olhar por vezes vazio, por vezes “repleto de emoções”. A postura corporal é um tanto rígida também. O caminhar é ereto e muito rápido. O comportamento é bastante amável, buscando contato, mas sem um erotismo evidente. O humor de base é desesperado. Já naquela época eu anotara: “Parece-nos que ela não esteja em um estado depressivo autêntico, mas que se sinta emocionalmente vazia e morta, totalmente oca – e que ela sofra justamente porque não consegue trazer à tona qualquer expressão de afeto verdadeira. Uma forte sensação de estar doente, no sentido de que suas energias a estão abandonando. Anseia ardentemente pela morte. Em primeiro plano, desgosto e tortura por causa da obsessão de estar sempre pensando em comida. Sente-se diminuída por isto. Chama nossa atenção a objetividade com a qual ela relata sobre assuntos, dos quais, na verdade, se esperaria que provocassem fortes afetos. Curso de pensamento não apresenta fuga de idéias, nem é desconexo; mas ela consegue concentrar-se apenas com muita dificuldade, uma vez que seus pensamentos sempre giram em torno de seu “complexo”. Mas não permite que seu marido leia em voz alta para ela. No entanto, compreensão, capacidade de evocar, memória, estão intactos. O teste de Rohrschach, que seria de enorme interesse para conhecermos a visão de mundo da paciente naquela época, infelizmente ainda não existia naqueles tempos”.

22 de janeiro. Noites razoavelmente dormidas, com o auxílio de sedativos leves. Na segunda noite, no entanto, tão agitada – que o marido precisou chamar a enfermeira-chefe. O humor oscila a cada dia e, por vezes, a cada hora. No geral, bastante mais calma; apresentando leves ataques de pânico, que se iniciam com um “bater de asas” na região do coração, “como se lá houvesse morcegos”. Come praticamente de tudo que lhe é oferecido, às vezes cria alguma dificuldade com as sobremesas. Na semana passada, perdeu 500 g, desde então, está se alimentando melhor. Durante os passeios, consegue se distrair facilmente de seu desespero. Quando criança, não dependia da opinião de terceiros, mas hoje é totalmente dependente do que os outros pensam a respeito de sua aparência e de seu engordar.

Como agora era fundamental conseguir fechar um diagnóstico definitivo, solicitei à paciente e seu marido que fizessem uma anamnese completa – trabalho que acalmou a paciente visivelmente.

8 de fevereiro. Ela sofre muito com os impulsos obsessivos de *precisar se atirar sobre a comida, de precisar engoli-la como se fosse um animal* (o que a observação comprova). Certa noite, ela engoliu 7 laranjas, uma após a outra. Em contrapartida, durante as refeições surgem impulsos ascéticos de *precisar negar-se* isto ou aquilo, especialmente as sobremesas. Durante os passeios, libera-se um pouco mais, mas entre os demais pacientes comporta-se de maneira totalmente ordeira, não conseguindo sair de si mesma e apresentando sempre “*a sensação de ser um cadáver entre as outras pessoas*”.

15 de fevereiro. Aquilo que já está anotado no relatório do clínico geral também se mostra aqui de forma bem clara: sensações de fome, voracidade e “pensamentos obsessivos” relacionados à alimentação são substituídos por um humor severamente depressivo, um desespero. Acessos suicidas, auto-recriminações de que ela estaria

começando a *mentir* novamente, até a isto ela teria chegado atualmente. Nos últimos tempos, ela tinha tomado 6 cápsulas de laxante ao dia, mentindo deslavadamente para o médico quando este a questionou, dizendo a ele que nada tomava.

26 de fevereiro. A excitação desapareceu rapidamente. Afeiçãoou-se a uma outra paciente, *muito magra* e elegante. “Forte componente homo-erótico salta aos olhos”. *Sonha* intensamente e sempre com comida ou com a morte: enxerga diante de si as coisas mais apetitosas, sente uma fome torturante, porém ao mesmo tempo a pressão de não poder comer. Os sonhos com a morte têm o seguinte conteúdo:

Sonho 1: “Sonhei algo maravilhoso: a guerra havia irrompido, e eu precisava partir para a luta. Despeço-me de todos com a feliz expectativa de que, em breve, estarei morta. Estou feliz porque, no fim, ainda posso comer de tudo, comi um enorme pedaço de torta de café.”

Sonho 2: Em uma espécie de estado entre o onírico e a vigília, ela sonha que “é a mulher de um pintor que não consegue vender os seus quadros. Ela mesma precisa trabalhar, costurando, ou algo assim, mas não o consegue porque sente-se doente, ambos passam fome. Ela lhe pede que busque um revólver, para que ambos se matem. “Você é covarde para nos matar, os outros dois pintores também se mataram”.

Sonho 3: Ela sonha que, durante uma viagem trans-oceânica, ela pulou ao mar através de uma escotilha do navio. O primeiro amante (o estudante) e o marido atual tentaram ressuscitá-la. Ela comeu diversos bombons e fez suas malas.

Sonho 4: Ela encomenda *goulasch* para si mesma e diz que está muito faminta, mas deseja comer apenas uma pequena porção. Queixa-se com a sua antiga babá de que a estão torturando demais. No bosque, quer atear fogo em si mesma. Uma análise dos sonhos, por razões psicoterapêuticas, não ocorreu.

Em um estado semi-vigil bastante excitado, pela manhã, ela fala naqueles que morreram, afirmando que eles tinham encontrado a paz eterna, enquanto ela ainda era torturada; fala de seu próprio enterro. Não quer comer uma laranja, porque senão o marido avisaria o médico. Oferece 50 mil francos a um camponês, para que ele a mate depressa com um tiro. Fala em seu irmão mais novo, que partiu do outro continente de volta para a Europa, porque dia e noite era torturado pelo zunir de uma mosca; ela mesma, que estava se encontrava na mesma situação torturante, não podia “partir do outro continente”, mas era obrigada a continuar a viver. Se ela conhecesse uma outra forma de morrer, ela atearia fogo em si mesma, ou correria com a cabeça contra uma vidraça. Acusou-nos a todos de sádicos, por estarmos felizes em torturá-la, inclusive o médico.

Para o marido, é muito fácil entrar em ‘rapport’ com ela, no estado de sono profundo e não apenas no estado semi-vigil.

9 de março. Depois de 14 dias relativamente bons, uma seqüência de 5 dias agitados, que ontem alcançou o seu auge. No primeiro plano, uma “voracidade colossal”, à qual ela, no entanto, não sucumbiu. Ela não podia esperar até que sua “melancolia” estivesse curada. Era terrível que o marido tivesse uma influência tão “ruim” sobre ela, uma vez que, com a presença dele, tornava impossível que ela cometesse o suicídio. Ela deseja ver o setor de isolamento, para eventualmente passar para lá.

“Sinto-me totalmente *passiva, como uma arena*, na qual duas potências inimigas se degladiam.” Ela tinha a sensação de que nada poderia fazer e que teria *que ficar assistindo totalmente sem defesas*.

11 de março. A visita ao setor de isolamento aparentemente teve uma repercussão ruim. “Eu imediatamente quebraria as janelas blindadas”. Sente-se voraz novamente, “como se um animal selvagem estivesse se atirando sobre a comida”. Cheia de auto-

recriminações por haver comido demais. Deseja ouvir do médico que ela não poderia se matar. Tenta convencer o médico e o marido de que esta seqüência de pensamentos está correta, recusa-se a aceitar qualquer contra-argumento.

Já como adolescente, ela *não conseguia ficar quieta em casa*, mas queria estar sempre batendo pernas – o que chamava a atenção daqueles que a cercavam já naquela época. Aos 18 anos, escreveu a uma amiga: “A melancolia paira sobre minha vida *como um pássaro preto, que está à espreita* em algum lugar nos bastidores até chegar o tempo em que *ele avançará sobre mim, para matar-me.*” Também hoje ela tem a sensação de que em tudo aquilo que ela faz, existe um *fantasma* a rondá-la, para acabar com ela – ou então ela apenas espera o momento em que “a loucura chegará e, sacudindo os seus cachos negros, me agarrará e me atirá no abismo bocejante.” A menstruação desapareceu há 4 anos e meio, o relacionamento sexual deixou de ocorrer há 3 anos, no início, era normal.

21 de março. Ameaças de suicídio tornam-se mais sérias. Esperará somente pela próxima consulta (veja dia 24 de março). “Se existisse um medicamento que contivesse alimentos em forma concentrada, se eu o tomasse e ao mesmo tempo pudesse continuar magra, então eu gostaria muito de continuar vivendo”. – “Quero emagrecer, mais e mais, mas não quero precisar cuidar sempre e não quero abrir mão de nada; é esse dilema constante entre querer ser magra e não abrir mão de nada na alimentação que me desgasta”. – “Em todos os outros aspectos, sou clara e razoável, mas neste ponto, sou louca; estou me acabando nessa luta contra minha própria natureza. O destino me quis gorda e forte, mas eu quero ser magra e delicada”. A capacidade de aproveitar a primavera cresce cada vez mais, mas da mesma forma cresce a tortura na hora de comer.

2. *Aditamento à anamnese*: Já antes do aparecimento da idéia principal no 21º ano de vida, ela afirma ter apresentado humor depressivo. Em seu diário, alguns meses *antes* do surgimento daquela idéia, ela já expressa sua estranheza sobre o fato de que repentinamente como que se forma uma nuvem sobre o seu prazer, de modo que ela quer chorar. Será que ela é sensível demais para a grande batalha da vida? “Quantas vezes inicio a manhã contente, meu coração repleto de raios de sol e esperança e, antes que eu possa conseguir entender, por que estou tão feliz, algo vem e derruba o meu ânimo. Qualquer coisa sem importância, um tom gélido na voz de uma pessoa que eu amo ou quaisquer outros pequenos sinais, com os quais uma pessoa me decepciona. Eu percebo como o mundo escurece diante de meu olho marejado”.

A um pedido meu, o marido da paciente produz o seguinte acerca do tema *suicídio*: o desejo de morrer perpassa a vida dela inteira. Já como criança ela achava “interessante” morrer de acidente, como, por exemplo, abrir um buraco no gelo ao patinar e desaparecer. Nos tempos em que cavalgava (aos 19, 20, 21 anos de idade), ela faz manobras arriscadas, quebra a clavícula por causa de um tombo e acha uma pena que não tenha se acidentado fatalmente; no dia seguinte, senta-se de novo no cavalo e repete tudo igual. Quando ela ficava doente, já adolescente, ela ficava decepcionada a cada vez que a febre cedia e a doença sumia. Quando ela estava se preparando para o exame Abitur (aos 22 anos), ela quer ouvir do professor sempre a mesma frase: Aquele que é amado pelos deuses morre cedo. O professor se aborrece e no fim se recusa a estar repetindo sempre a mesma coisa. Se ela fica sabendo da morte de alguma amiga, ela a inveja e *seus olhos brilham ao receber uma notícia de morte*. Quando ela atuava no lar das crianças, apesar do aviso da diretora ela visitava crianças com escarlatina, beijando-as na esperança de também pegar escarlatina. Ela também tentava pegar alguma doença indo nua ao terraço depois de um banho quente, colocando os pés em água gelada,

postando-se com 39 graus de febre na rua em frente à casa, com o vento oeste soprando. O primeiro analista, na primeira consulta no final de dezembro de 19.. nomeia o comportamento dela como uma “tentativa lenta de suicídio”.

22 de março. Ontem, durante o passeio da manhã, estava muito bem disposta; na hora do almoço, sentou-se tranqüila para comer, mas, de repente, como todas as vezes, parece que se transforma. Pensa imediatamente em superar a si mesma, deixando alguma sobra sobre o prato. Vai ficando cada vez mais alvoroçada, à medida que transcorre a refeição. “Estou tremendo em todo o corpo, a vontade de comer tudo trava uma luta feroz dentro de mim com a intenção de não comer tudo, até que finalmente eu me levanto e mando levar embora aquilo que deixei no prato, para não cair em tentação de acabar comendo tudo”. Sente-se, então, completamente arrasada, totalmente esgotada, coberta de suor em todo o corpo; seus membros doem, como se ela tivesse sido surrada; ela pensa, então, em dar-se um tiro na cabeça. Só depois de longo tempo (1-2 horas), este pavor acaba cedendo.

24 de março. *Junta Médica* com Prof. *E. Bleuler* e um psiquiatra estrangeiro.

Os *antecedentes* desta junta médica são os seguintes: diante do crescente risco de suicídio, a permanência da paciente no setor aberto da clínica não poderia mais ser defendida. Tive que confrontar o marido com a alternativa de concordar com a transferência da esposa para o setor restrito, ou, então, a de ambos abandonarem a clínica juntos. O marido, muito cordato, reconheceu perfeitamente essa necessidade, mas explicou que só poderia dar a sua anuência se lhe pudessem prometer uma cura ou ao menos uma melhora significativa para sua esposa. Uma vez que, baseado na anamnese e nas minhas próprias observações, eu precisei fazer um diagnóstico de *psicose esquizofrênica* (esquizofrenia simples), pude dar ao marido poucas esperanças. (Se naquele tempo a terapia de choque já existisse, ela teria representado uma saída

temporária de seu dilema e oferecido certa proteção, mas, no final, mesmo ela de nada teria adiantado). Uma vez que estava claro que a saída da clínica teria como resultado certo o suicídio, eu tinha que aconselhar o marido – no que diz respeito à responsabilidade dele – a não se fiar apenas em meu julgamento, embora eu estivesse muito convicto do mesmo, mas de convocar uma discussão a três, reunindo, de um lado, o Prof. *Bleuler* e, de outro, um psiquiatra estrangeiro que estivesse mais distante dos ensinamentos de *Kraepelin* e *Bleuler*. A anamnese detalhada reproduzida no parágrafo II e o nosso histórico da doença foram entregues aos médicos participantes da junta.

Resultado da discussão: Ambos os senhores concordam plenamente com o meu prognóstico e descartam a utilidade terapêutica de uma internação ainda mais radicalmente do que eu. Para *Bleuler*, a presença de uma esquizofrenia era indubitável. O segundo psiquiatra declara diagnosticar uma esquizofrenia somente no caso de estar presente um déficit intelectual. No presente caso, ele preferiria falar em uma *constituição psicopatológica com progresso ininterrupto*. A “idéia” de querer tornar-se magra, com razão, ele não classifica como delirante (uma vez que falta a motivação lógica) e, com menos razão, como uma idéia sobrevalorizada (voltaremos a isso mais adiante). Todos eles concordam que não se trata de uma *neurose obsessiva*, nem de um transtorno *maníaco-depressivo* e que não existe um tratamento eficaz, nem seguro. Chegamos, portanto, à decisão de ceder ao desejo da paciente pela liberação.

30 de março. A paciente ficou visivelmente aliviada com o resultado da consulta, explicando que agora desejava tomar as rédeas de sua própria vida, mas ficou bastante estarecida quando viu que, apesar dos melhores propósitos, ela não conseguia tornar-se senhora de seu dilema em relação à alimentação. Ela se controla exteriormente com muito empenho, mantém a calma e a compostura, mas interiormente ela está tensa e alvoroçada. Ela pensa e torna a pensar o que fará agora, e finalmente decide viajar com

o marido para casa *hoje mesmo*. Ela continua com o seu modo de vida, exatamente igual, até o fim, uma vez que qualquer mudança a “confundia e tirava do prumo”. Ela continua a ser profundamente torturada por sua “idéia”, até o último momento. Seu peso, na saída, é mais ou menos o mesmo de quando entrou, ou seja, em torno de 47 kg.

IV. A morte

Durante a viagem de retorno para casa, Ellen mostra-se corajosa. A razão pela qual ela a empreende dá-lhe forças, mas o olhar para a vida, que a viagem lhe oferece, produz muita dor. Ela se sente incapacitada para a vida – ainda mais do que na clínica. Os dias que se seguem são mais torturantes que todas as semanas precedentes. Ela não consegue relaxar; ao contrário, todos os sintomas reaparecem fortalecidos. A falta de ritmo no seu modo de vida derruba-a completamente e o fato de rever os parentes coloca a doença diante de seus olhos com uma nitidez ainda maior. No seu terceiro dia em casa, ela mostra-se totalmente diferente: no café da manhã, usa manteiga e açúcar e, na hora do almoço, come tanto que – pela primeira vez em 13 anos! – sente-se *satisfeita com a ingestão do alimento* e sente-se *verdadeiramente saciada*. No café da tarde, come bombons e ovos de Páscoa. Depois, faz um passeio a pé com o marido, lê poemas de Rilke, Storm, Goethe, Tennyson; diverte-se com o primeiro capítulo de “Christian Science” de Mark Twain, encontra-se em um *estado de ânimo festivo* - e todo o peso parece ter saído de cima dela. Ela escreve cartas, a *última* delas à paciente de nossa clínica com a qual fizera grande amizade. À noite, ingere uma dose letal de veneno e, na manhã seguinte, é encontrada morta. “Seu semblante estava como nunca havia estado em vida: feliz, sereno e em paz”.

B. Daseins-análise

Introdução

No presente *relatório*, resumimos tudo o que *sabemos* a respeito do ser humano ao qual demos o nome de Ellen West, tomando como base documentos e testemunhos autobiográficos e biográficos dignos de crédito. Este saber é de natureza puramente histórica e, por essa razão, designamos *histórico de vida* (interior e exterior) dessa pessoa a totalidade dos *fatos* ou dos *dados* que estão em sua base. Em função do *histórico de vida*, o nome próprio sai de sua função de simples *denominação* de uma pessoa - como individualidade única, limitada pelo tempo e pelo espaço - e ganha o significado de reputação (fama). O nome Ellen West transforma-se, assim, na representação de uma figura histórica ou icônica e, nesse contexto, torna-se totalmente irrelevante se o nome é verdadeiro, ou fictício. No entanto, mesmo que as informações contidas no histórico de vida sejam seguras e precisas, a avaliação dessa pessoa continuará incerta, oscilante e incompleta. No dia-a-dia, é comum afirmamos que é possível formar um “conceito” aproximado ou uma “imagem” mais ou menos clara de uma pessoa a partir de um relatório ou de uma história que nos é contada; no entanto, esse conceito ou essa imagem sabidamente depende do *ponto de vista* ou da *opinião* daquela pessoa ou daquele grupo que a forma. Apenas o amor e a *imaginação* que dele brota podem elevar-se acima desse ponto de vista *em perspectiva*; o julgamento - mesmo o julgamento científico, na condição de *algo-que-se-tira* - continuará, forçosamente, *em perspectiva*. É tarefa da *epistemologia* da História estudar os julgamentos pessoais, compará-los, conduzi-los de volta às suas perspectivas básicas e elevá-los ao patamar de uma *perspectiva* cientificamente segura. No entanto, diante da constatação de que também a perspectiva científica recebe suas diretivas do presente, “a História”, conforme *Ranke* já afirmava, “é sempre reescrita”.

Também a *Daseins-análise* de um indivíduo prende-se a dados históricos. Se, no entanto, ela está preocupada apenas em analisar a existência em suas contingências atuais, talvez possa basear-se em um único ponto - ou em alguns poucos pontos - desses dados. Assim, foi-nos possível interpretar, sob a ótica da *Daseins-análise*, um “dissabor” maníaco de uma paciente, partindo de dois relatos escritos relativamente ordenados, de uma queixa repleta de acusações e de um cuidadoso pedido de interpretação segundo a *Daseins-análise* (“Sobre a fuga de idéias”. Primeiro e segundo estudos). Mas, se o “dissabor” se aprofundasse e o encadeamento de linguagem se tornasse tão frouxo que nos obrigasse a pensar em uma fuga de idéias desordenada ou incoerente (“Terceiro estudo”), passaríamos então a depender de um conhecimento que se relaciona a grande parte do *histórico de vida* da paciente em questão. Se nos vemos forçados a analisar um indivíduo - como no caso Ellen West - não só no que tange a sua disposição, mas no que diz respeito à *totalidade* de sua inserção no mundo, então todo o histórico de vida desse indivíduo deve estar disposto diante de nós, de forma tão detalhada quanto possível. No entanto, em *oposição* ao ato de destacar a imagem-fama (Rufgestalt) de um indivíduo em uma perspectiva histórico-científica, deixamos agora de lado – e, sempre, na medida do possível - todos os julgamentos *acerca* do indivíduo em questão, independentemente desses julgamentos resultarem de pontos de vista morais, estéticos, sociais, médicos ou quaisquer outros e, principalmente, de nossos próprios julgamentos – para, não obstante, passarmos a dirigir um olhar sobre as formas-de-ser-no-mundo (Daseinsformen) nas quais o indivíduo em questão *está* no mundo (uma vez que o indivíduo *é* aquilo que o seu mundo, *como mundo seu*, *é!*). No lugar da Gestalt histórica, construída a partir da impressão e do julgamento, entra a Daseinsgestalt, interpretada e analisada fenomenologicamente. Uma vez que essa Gestalt não permanece a mesma ao longo da vida, mas passa por transformações, a

Daseins-análise não pode proceder de forma puramente sistemática e, como veremos a seguir, precisa ater-se rigorosamente aos dados extraídos do histórico de vida do indivíduo.

Já que estamos falando em formas-de-ser-no-mundo, falemos então também das formas de ser-no-mundo (In-der-Welt-Sein) e de ser-para-além-do-mundo (Über-die-Welt-Sein), da maneira como já as tínhamos visto nos estudos sobre a fuga de idéias, e trabalhado sistematicamente no texto sobre formas primitivas e reconhecimento da existência humana. Essas formas dizem respeito às formas do *ser-em* (In-*Sein*) nesse mesmo mundo, em uma unidade imagética de mundo articulável apenas fenomenologicamente, “na” qual “habita” uma presença (Dasein) fático (efetivo) do “*si-mesmo*” como tal, correspondente a esse ser-em, bem como ao “nós” (Wirheit) pleno de amor, existente para-além-do-mundo finito, aconchegado na *pátria* e na *eternidade*. Por razões didáticas, levantaremos o problema das *formas-de-ser-no-mundo* no caso Ellen West a partir das formas do mundo em que ela “vive”. Uma vez que *mundo* (*Welt*) nem sempre significa apenas o *que* (*Was*) no qual um *ser* está inserido, mas, ao mesmo tempo, o *como* (*Wie*) e o *quem* (*Wer*) de sua existência, ocorrem formas de *como* e *quem*, do ser-em e do ser-si-mesmo a partir da caracterização dos respectivos mundos “totalmente por si mesmos”. Convém ainda comentar de antemão que o termo *mundo* (*Welt*) refere-se ao mesmo tempo ao mundo circundante, ao mundo compartilhado e ao mundo próprio (*Umwelt, Mitwelt und Eigenwelt*), mas de modo algum é o resumo desses três mundos em um só, senão uma expressão para os modos universais pelos quais, em geral, o mundo se revela nesses âmbitos.

A *Daseins-análise* não deve ser confundida com a *Daseinsanalytik* no sentido de Heidegger; a primeira é uma hermenêutica fenomenológica ôntico-antropológica, realizada a partir da existência (Dasein) humana fática (efetiva); a última é uma

hermenêutica fenomenológica ontológica, orientada para o ser (Sein) entendido como o ser-aí (Dasein). A semelhança da expressão se justifica pelo fato de que a Daseins-análise ou análise antropológica se apóia sempre na estrutura da existência (Dasein) como ser-aí-no-mundo (in-der-Welt-sein), apontada pela primeira vez pela Daseinsanalytik. Ou seja: no que diz respeito a sua estrutura científica e ao seu método, utiliza seriamente a seu favor os “novos impulsos” que emergem da problemática *ontológica*¹.

I. Mundo

O primeiro dado que o relatório sobre Ellen West nos traz é o fato de que, aos 9 meses de idade ela *recusou o leite*, de modo que precisou ser alimentada com caldo de carne. É possível, portanto, remontar à fase de lactância a peculiaridade e a singularidade no que se refere à *ingestão de alimento*, fase essa que se estendeu por todo o histórico de vida de Ellen. Trata-se de uma idiosincrasia na “comunicação sensorial” e, na verdade, não no sentido de um “reflexo”, mas na forma de uma “atitude em relação ao mundo”. Também na comunicação sensorial vivemos ‘unidos com’ o mundo circundante, ou, então, ‘separados’ dele². Já na recusa do leite, revela-se um “traço divisor” entre o mundo próprio corporal de Ellen e o mundo circundante - uma “ruptura” na união com esse último, no sentido de um *descolamento* que produz uma separação entre esses dois mundos. Nessa oposição ao mundo *circundante* já pode ter se manifestado uma resistência ao mundo *compartilhado*, uma resistência contra aquelas pessoas que tentavam ir contra sua singularidade. De qualquer modo, Ellen West já se encontrava em franca oposição ao mundo *compartilhado* no primeiro *exemplo verbal* que nos é transmitido: “Este ninho de pássaro não é um ninho de pássaro” (p. 74). O juízo negativo com o qual ela derruba um fato real e reconhecido por todos mostra que

também a comunhão com o mundo *compartilhado* sofreu um severo golpe, ou, em termos antropológicos, a construção de seu mundo próprio dá-se precocemente e em franca oposição ao mundo *compartilhado*. As opiniões das pessoas que com ela convivem também dão prova disso: amuada, teimosa, ambiciosa, irascível.

E, por falar em oposição aos mundos circundante e compartilhado, ambos possuem o sentido de um *limite*, de uma ‘resistência’ ou ‘pressão contra’. No caso de Ellen, o mundo próprio não faz a passagem ao mundo circundante ou compartilhado com confiança, para deixar-se embalar, alimentar e preencher por eles, mas, ao contrário, recusa-os bruscamente. Por isso, não é de estranhar que desde criança Ellen tenha sofrido uma *pressão* “que ela própria não conseguia compreender”. Essa pressão também já vinha acompanhada de um sentimento de que “*tudo parecia vazio*”. O vivenciar dos mundos circundante e compartilhado como mundos em oposição, contrapondo rigidamente o seu mundo próprio aos dois primeiros, pode passar uma impressão de auto-suficiência. Mas, na realidade, ocorre exatamente o oposto: a gama de possibilidades de atuação no mundo é *estreitada, esvaziando-se* até chegar a um limitado recorte de atitudes possíveis. Aquilo que denominamos amuo e teimosia já é sempre uma expressão de que o ser não capta uma situação dada de maneira “aberta” - ou seja, em seu sentido próprio³ - mas em um sentido sempre rígido (“idiossincrático”), *fechado* e em confronto com os mundos circundante e compartilhado. Ao invés de “dominar” uma situação - i.e., ao invés de captá-la em todos os seus significados e implicações e, a partir daí, atuar - é a situação que se torna “dominante” e o ser acaba ficando subtraído em sua capacidade de decisão; pois, no “outro-que-os-outros” e “domo-como-eu-querer”, característicos do amuo, a *superioridade* “negativa” do mundo compartilhado se impõe diante da decisão própria. (A *superioridade* “positiva”, o mundo compartilhado revela no ser-si-mesmo). O si-mesmo do ser-no-mundo, na forma

de amuo e teimosia, portanto, não é propriamente um si-mesmo autêntico e livre, mas um si-mesmo que, sendo negativo, é determinado a partir do mundo compartilhado; é subalterno, não é verdadeiro e não é livre. Em resumo: é um ser-si-mesmo *amuado e irascível*.

O ser (Dasein) de Ellen West, no entanto, não é estreitado, pressionado e “esvaziado” apenas pelo mundo compartilhado; o seu ser é “esvaziado” também a partir de si mesmo, ou seja, a partir de sua efetiva derrota no papel de mulher. Mas, no lugar do amuo e da rebeldia escancarada, aparece a teimosa tentativa de trocar esse papel que lhe foi imposto pelo destino por um papel assumido por ela mesma: até o 16º ano de vida, Ellen West interessa-se apenas por brincadeiras de meninos, prefere usar calças (e isso em uma época em que usar calças não era tão usual para mocinhas quanto o é atualmente) e, aos 17 anos, ainda deseja ser um menino para poder morrer como soldado, empunhando uma espada nas mãos. Ficamos sabendo de uma revolta explícita contra seu destino de mulher somente por meio do *ódio* que manifesta contra um amigo daquela época, motivado por seu sorriso vitorioso (p. 75). Já não se trata mais de uma ruptura entre os mundos compartilhado e próprio, mas de uma brecha - mesmo que artificialmente superada - entre o mundo próprio e o “mundo do destino”. Seu ser vivencia então mais um cerceamento, uma limitação ainda mais “empobrecedora” de suas próprias possibilidades, pois, ao invés de *assumir* o papel no qual foi atirada, Ellen West busca enganar a si mesma e ao mundo compartilhado. No lugar do *ser* entra o *parecer* (*an Stelle von Sein tritt Schein*) (* N.T. - No alemão, o substantivo “Schein” tanto pode significar “aparência”, quanto “brilho”. Ou seja: Ellen, ao invés de “ser”, prefere “brilhar”). O ser, então, se ufana de seu próprio valor ou, como dizemos na linguagem popular, “facilita as coisas para si mesmo”. Junto com a “separação” idiossincrática entre o mundo próprio, de um lado e, de outro, os mundos circundante,

compartilhado e do destino, o ser ostenta a auto-suficiência, a agressividade e a expansividade características do mundo próprio. O fato de chupar o dedo até o seu 16º ano de vida é um testemunho dessa auto-suficiência - e o “ambicioso” princípio do tudo-ou-nada, (*aut Caesar, aut nihil*)⁴ nos fala de sua agressividade.

Ainda assim, este ser não se encontra desesperadamente só. A crença religiosa profunda, da qual temos notícia e por meio da qual Ellen se coloca em oposição direta ao pai, sabidamente anti-religioso, deve ter propiciado a Ellen uma sensação de acolhimento até o seu 17º ano de vida. Até onde essa crença lhe foi transmitida pela babá - que, supomos, era cristã - nós não sabemos. Do comovente apego a essa pessoa, que durou a vida toda, e da permanente sensação de acolhimento em sua presença, podemos deduzir que desde os primeiros tempos a babá teve uma forte influência sobre Ellen.

No período tão importante para Ellen - compreendido entre o 16º e o 17º ano de vida e durante o qual ela abriu mão das brincadeiras de menino e de chupar o dedo após apaixonar-se pela primeira vez - sua crença religiosa desmorona para sempre como um castelo de cartas, influenciada pela leitura de *Niels Lyhne*. O próprio Niels Lyhne fala de sua “visão de mundo opressiva e sem metáforas”. “Ele não tinha um norte. Ele não sabia o que fazer, nem consigo mesmo, nem com seus talentos”. Para a raça humana, Lyhne deseja força e independência “se, através da crença em si mesma, procurar viver sua vida em consonância com aquilo que o indivíduo, em seus melhores momentos, coloca no lugar o mais elevado possível e de acordo com o que nele habita – ao invés de deslocá-la para uma divindade controladora, fora de si mesmo”. Mas Niels Lyhne, por fim, não consegue mais suportar “a indiferença do ser, que é desamparado de todos os lados e sempre largado por sua própria conta”. Para Lyhne, “não há nenhum lar no mundo, nenhum deus nos céus, nenhuma meta no futuro”. Ele gostaria de ter tido um lar

próprio - e até encontra este lar, mas a jovem e amada esposa morre cedo e, por sinal, acreditando em Deus – e Lyhne é obrigado a experimentar “a grande tristeza de uma alma que está sempre só”. “Toda crença na fusão entre uma alma e outra, foi uma mentira: não foi a mãe que nos levou no colo, não foi o amigo, não foi a esposa que se recostou em nosso coração ...”. Lyhne, então, decide partir para a guerra e é ferido de morte.

O rigoroso individualismo estético e o nihilismo religioso, tão característicos do final do Século XIX e do início do Século XX, que perpassam esse livro que a tantas almas jovens fascinou, na verdade deveriam fortalecer em sua crença uma pessoa verdadeiramente crente. Em Ellen West, no entanto, fizeram soar outras cordas: ela repentinamente descarta crença religiosa cultivada em oposição ao pai e sente-se afirmada - e até mesmo fortalecida - em seu individualismo. Sem crença nem obrigação para com qualquer divindade e continuando “totalmente despreocupada” com o julgamento do mundo compartilhado, Ellen encontra-se agora totalmente por sua própria conta, diretrizes e metas de seu fazer orientadas apenas por aquilo que ela, parafraseando Niels Lyhne, coloca como “único”, “no lugar mais elevado possível e de acordo com o que nela habitava”. Com o *melhor* momento e com aquilo que há de *mais elevado*, idéia e existência são por ela alçadas ao superlativo. No entanto, esse superlativo exige como contrapartida uma medida superlativa em “força e auto-suficiência” - e dessa medida Ellen West se julga capaz, depois da leitura de Niels Lyhne.

Do ponto de vista do ser, isto é, sempre a partir do ser-no-mundo-ser-para-além-do-mundo, isto significa que o mundo no qual o ser-aqui prepondera continua a ser o mundo próprio, o “*idios cosmos*” (*isolamento cego*) de Heráclito. Ao mesmo tempo, no entanto, isto significa que o si-mesmo (das Selbst) fica restrito ao ser-si-mesmo (das

Selbstsein) passionalmente desejante e sonhador, ao si-mesmo dos afetos, desejos e sonhos passionais⁵. O fato de Ellen agora escrever poemas e manter um diário - nos quais se reflete primordialmente seu estado de espírito e nos quais suas metas são traçadas com maior nitidez - mostra que o horizonte do mundo próprio se ampliou de um modo característico à fase da puberdade, e que esta ampliação caminha junto com uma tentativa mais séria de uma exegese mais aprofundada de si mesma. Os fios condutores dessa auto-interpretação são buscados no superlativo acima mencionado, com toda a clareza que se possa desejar. O melhor momento é aquele em que o olhar se dirige para o mais elevado; este ‘mais elevado’, porém, é - novamente nas palavras de Niels Lyhne, “a força e a auto-suficiência da raça humana na crença em si mesma”. A relação meramente negativa e pautada pelo amuo e pela teimosia com o mundo compartilhado é agora superada por meio de um traço positivo (“comprometedor”) no qual, porém, amuo e teimosia não desaparecem, mas se dissolvem, transformando-se em *ambição* por *melhorias* sociais e, mesmo, por revoluções sociais.

Se apenas o amor, o modo dual do ser, consegue *transformar* verdadeiramente o amuo e a teimosia determinados pela situação, se apenas o amor consegue presentear o ser com o lar e a eternidade, então a *ambição* nascida do amuo e da teimosia, o ambicioso ‘querer saber melhor que os outros’ e o ‘querer melhorar as coisas’ significa, justamente, o ‘não se sentir bem em lugar nenhum’ e a ‘inquietação perene do ser’. Ao invés da genuína relação ‘eu-tu’, do ‘estarmos-juntos’, do aconchego no eterno momento do amor, encontramos apenas o mundano *estar-com* os demais – e, além do mais, na forma do inquieto *tomar-pelo-ponto-fraco*, do inquieto querer dominar e guiar os outros. O ponto fraco “dos outros”, do mundo compartilhado, é encontrado no fio condutor do amuo contra aquele mundo compartilhado, no qual o ser (de Ellen West) preferencialmente se movimentou até então – e também contra a própria família. O

ponto fraco desta última é a abundância, em contradição com as privações e os sofrimentos da “massa”. É claro que aqui nos confrontamos também com um traço de “amor generalizado pela humanidade”. No entanto, as formas que esse traço assume denunciam que esse amor pela humanidade – aqui como em diversas outras ocasiões – não nasceu do amor puro, nem prima pela dedicação amorosa desinteressada, mas é dirigido pela ambição e é colocado, ambiciosamente, a serviço da “imortalidade do nome”. Mas não esqueçamos do apego vitalício de Ellen a tantos “outros” que participaram dos cuidados para com ela e de seu sofrimento real diante das “injustiças sociais”. Ambos não seriam possíveis sem a presença do germe do amor verdadeiro. Que esse germe tenha sido tão obscurecido e até mesmo sufocado, é uma das principais fontes de sofrimento e de tortura desse ser. Sem a ânsia (inalcançável) por um lar e pela eternidade no sentido do amor, sem o saber secreto acerca da possibilidade do ser-para-além-do-mundo, esse ser não teria padecido de seu vazio e de sua pobreza da maneira como ele realmente a vivenciou: o existir, nesse caso, certamente não teria se transformado em inferno. Para a pessoa totalmente vazia de amor, a vida pode tornar-se um peso, mas nunca um inferno.

Creio que isto seja tudo o que temos a dizer sobre a “obsessão” de Ellen West pelo trabalho *social*, que perdurou até o fim de sua vida. Nessa obsessão abre-se para ela, em primeira linha, o mundo da ação ou da práxis, o mundo prático. Quando afirmamos de uma pessoa que *ela tem os dois pés firmemente fincados na terra*, estamos nos referindo ao seu modo de *estar-nesse-mundo*. É a práxis que coloca o ser *sobre o mundo*, que ensina a *estar* e a *caminhar* sobre ele. Ou melhor: na práxis, no cotidiano, no ‘previamente à profissão’ e no ‘fora da profissão’ (no âmbito familiar, entre colegas, na brincadeira, no esporte) e no ‘agir profissional’, o ser se orienta *sobre o mundo*, consegue para si um “espaço vital”, suas possibilidades de orientação e, junto com isso,

o seu “ser-prático”. Pois apenas através do lado prático da vida tornamo-nos convictos de nossa própria existência – é o que lemos nas “Confissões de uma bela alma”. Quem está com os dois pés bem firmes no mundo sabe *onde está pisando*, sabe *para onde caminha* e sabe *quem* ele é (“na vida prática”). A esse tipo de pisar, de caminhar e de saber nós chamamos de *avançar*, pois implica em um “peregrinar de um lugar para outro”, convicto de si mesmo, de seus pontos de vista e de suas metas. Denominamos e analisamos esse *avançar* como sendo *a forma primitiva discursiva* da existência – para empregar um antigo termo filosófico⁶.

Na vida de Ellen West, essa *forma primitiva* passa por importantes variações. O ser, aqui, *não tem “os dois pés fincados firmemente na terra”*, ou seja: nem a sua autonomia, nem as suas possibilidades de orientação têm o poder de fincar raízes na práxis. O ser, nesse caso, movimenta-se com muita dificuldade, diríamos até que de modo forçado *sobre* o mundo; o estar-sobre-o-mundo lhe é constantemente recusado por um *pairar e um voar nos ares* e um *estar preso na terra e abaixo dela*. Essas duas possibilidades de orientação ou direções da existência, bem como os mundos nelas explorados, ficam bastante evidentes nos poemas de Ellen, nas anotações em seu diário, cartas e afirmações verbais.

Os mundos nos quais esse ser tem o seu *aí* são, portanto, *o mundo sobre a terra*, *o mundo dos ares* e *o mundo na e debaixo da terra*. O movimento do ser-aí sobre a terra é o *avançar*, o movimento do ser nos ares é o *voar*, o movimento do ser na e debaixo da terra é o *engatinhar*. Cada um desses movimentos corresponde a uma determinada forma de temporalidade e espacialidade, cada um deles tem uma consistência material específica, uma iluminação e uma coloração particulares – e cada um deles representa uma totalidade de condições especial. Se o primeiro dos mundos representasse uma totalidade no sentido da práxis, o segundo representaria o mundo dos desejos “alados” e

dos “ideais mais elevados” e o terceiro representaria a “cobiça”, que “puxa para baixo” (Wallenstein), que “oprime”, que constitui um peso e que, em resumo, dificulta aquele mundo constituído pelas exigências do “existir naturalmente”. Já nesse momento constatamos que o mundo no qual o ser é limitado a cada vez menos possibilidades, aprisionado, encarcerado, para, finalmente, ser subjugado e destruído, é o mundo da cobiça, ou seja, um determinado recorte do mundo próprio.

Mas, voltemos a proceder historicamente. Já nos primeiros poemas de Ellen West - que nos lembram muito os de Niels Lyhne - deparamo-nos com o contraste entre o mundo “aéreo”, no qual Ellen pensa *voar* em um incontável anseio por liberdade, e o mundo estreito do túmulo, do qual ela se ergue. O primeiro destes mundos nos é bastante conhecido a partir dos “Estudos sobre a fuga de idéias”. É o mundo dos pensamentos “aéreos” e do (símbolos gregos) (VEJA PÁG. 112, ÚLTIMA LINHA), como Sófocles⁷ já expressou; o mundo *volátil* e iluminado do otimismo-do-conhecimento⁸ e o mundo do humor “elevado”, de um modo geral. Esse mundo, no entanto, desde o início não permanece irrefutável. É do maior interesse e muito importante para o nosso estudo acompanhar exatamente em que roupagem material essa refutação ocorre e em que direção ela lentamente transforma a si mesma. No início, é o *escurecimento* do céu, o *desaparecimento* da bola de fogo no *mar*, o *sinistro* soprar do *vento*, o *estar à deriva* do *navio da vida* sobre a *água*, o crescimento da *névoa noturna cinza e úmida*, o curvar *soturno e sem esperança das pontas das árvores*, o emudecer do *canto do pássaro*. (Mais tarde é acrescentado o *gélido frio*).

A essa refutação, que no começo ainda se apresenta em roupagem puramente *paisagística e atmosférica*, juntam-se depois uma limitação e uma restrição dos projetos “aéreos” otimístico-ambiciosos, através dos quais ela (Ellen West) procura escapar do próprio obscurecimento: ela reconhece que o ser humano precisa construir para si um

mundo *em escala menor*. Para tanto, ela convoca para ajudá-la principalmente o trabalho, a “práxis”, mas novamente não por sua própria conta e sim como um meio para conseguir a fama eterna, como ópio para o sofrimento e a tristeza, como forma de esquecer, como uma salvação para um mundo que saiu dos trilhos, no qual a luz está *apagada* e a vontade de viver está *murchando*, como salvação da loucura e do manicômio (p. 76ss). Podemos acompanhar os esforços de Ellen West em contrapor uma refutação *existencial* aos ânimos extremos em que sua existência é atirada, ou seja, procura colocar-se novamente com os pés firmemente fincados no mundo - o que sempre só pode significar *trabalhar*. Mas desse esforço não resulta um sucesso permanente. À penosa construção de um mundo em escala menor sempre se contrapõe à tentação de voar sem nenhum esforço pela claridade e pela imensidão, pela beleza colorida e pelo júbilo do mundo “aéreo”. A insuficiente realização “dos antigos projetos e esperanças” não dá um novo impulso à construção e reforma do mundo da práxis, mas transforma o mundo em um deserto sem fim, em um silêncio estarrecedor e um frio gélido, nos quais o mundo próprio se encolhe a um ponto infinitamente microscópico. A alma está cansada, os sinos da morte não conseguem ser silenciados⁹ em seu coração. Para que, por que tudo isso, para depois de curto tempo *apodrecer esquecida* na fria terra? A vida, aqui, não é vivida existencialmente como algo que dura - ou seja: levando sempre em consideração a morte - mas é ‘coisificada’ como algo que está disponível durante certo tempo, como algo que algum dia não estará mais disponível, mas que apodrecerá e sucumbirá ao esquecimento¹⁰. A ambição por um nome imortal, que deverá soar na boca da humanidade ainda por muitos séculos, é apenas a consequência existencial dessa ‘coisificação’ da vida - ou seja, o anestesiar do vazio existencial e da fraqueza pelo pensar em uma prorrogação, a mais longa possível, de sua fama no tempo (do mundo).

No 18º ano de vida surge algo nesse histórico de vida que, na verdade, pertence inteiramente àquele mundo aéreo e volátil, mas que de modo algum pode ser explicado apenas a partir dele. Ellen West deseja ser *delicada* e *etérica* como o são as *amigas* escolhidas por ela. Com esse desejo, o *mundo etérico* – como o chamaremos daqui para frente, baseando-nos na expressão da própria Ellen – conspira não só contra as esferas dos mundos circundante e compartilhado, mas também contra aquela esfera do mundo próprio que precisa se contrapor à *eterização* da maneira mais drástica possível e, justamente, através do peso mundano, da solidez, do preenchimento *compacto* do ambiente - isto é, através da densidade e da resistência: a esfera corporal. (Além disso - deixemos isto constatado desde já - o corpo figura em sua unidade identitária na condição *mundana* = meu corpo, assim como em sua consciência corporal interior ou no “existir no corpo”¹¹). Por outro lado, por conta desse desejo de Ellen, a existência se desfaz novamente, no que diz respeito a seu peso mundano. Com muita razão a linguagem corrente designa como desejo “extravagante” essa espécie de desejo, em conseqüência do qual a existência se desmancha - pois, nesse caso, a existência se desfaz, em uma situação da qual realmente não parece mais haver possibilidade de volta¹².

Ao mesmo tempo em que entra em cena este desejo nefasto - nefasto porque representa o aguçar e o cristalizar de um embate entre dois mundos em *situação* conflituosa e “extravagante” – o mundo etérico como tal toma formas mais e mais definidas e o mundo sinistro, escuro, abafado e úmido fortalece-se cada vez mais. Ao mesmo tempo também se torna cada vez mais evidente o distanciamento entre estes dois mundos: de um lado, um mundo pleno de luz do sol, de primavera florida e verdejante e um imenso céu azul cobrindo vastas terras livres (p. 76), ou, em uma palavra, o mundo etérico *amplo, dinâmico, iluminado, caloroso e colorido*, que se estende ao infinito; de outro

lado, o mundo *subterrâneo, estreito, abafado, escuro, frio e sem cor*, o mundo das *tumbas*, “no qual o deslumbrante sol da vida não brilha”. Contudo, há mais: da mesma forma que Ellen, diante do mergulho da bola de fogo no mar, invocava antes o *sombrio e gélido* Rei dos Mares, implorando-lhe socorro e pedindo-lhe que, em cálida afeição, a beijasse até à morte, ela agora suplica ao Deus-Pai que reina atrás das nuvens que a leve de volta consigo. O erotismo e a religiosidade ainda não totalmente morta – mesmo que impregnada esteticamente – fazem um pacto para a *salvação* da existência daquela vida escura e úmida das tumbas. No mundo etérico como tal, a existência não consegue fincar pé com firmeza e, do abafado mundo subterrâneo, do mundo das tumbas, ela foge amedrontada. Como nos pacientes confusos pela fuga de idéias de nosso terceiro Estudo sobre a Fuga de Idéias, a existência necessita de uma âncora salvadora que lhe ofereça segurança, e essa âncora – como naquele caso – é a ligação com o pai e a ânsia erótico-mística por retornar até ele e de unir-se com ele. Entretanto, fica esclarecido desde já que essa união só é possível na morte. A ânsia de Ellen pela morte é, assim, uma ânsia por uma morte diferente do terminar e do apodrecer - e também é uma ânsia diferente daquela ânsia por um nome imortal. Da mesma forma, a objetivação da existência é atravessada pelo modo *dual* da existência, por uma intuição de um encontro amoroso e de um lar, ou seja, pela possibilidade do *ser-para-além-do-mundo*. No entanto, nesse caso o *para-além* não nasce e desemboca no *ser-no-mundo*, como corresponderia ao fenômeno existencial pleno do amor, mas – como iremos mostrar mais adiante – no retorno ao *Nada*.

Diante dessas possibilidades ansiadas de redenção pela *água* ou *no céu*, a salvação *na terra*, aquele “estar com os dois pés firmemente fincados no mundo” - isto é, a práxis - recua cada vez mais. Tanto mais luminoso e movimentado torna-se o mundo etérico, tanto mais o mundo subterrâneo se consolida. No início, o mundo etérico torna-se *ainda*

mais luminoso, colorido e pitoresco. Marés de luz semelhantes a fitas se depositam nos campos de trigo, vilarejos e vales, tormentas primaveris sopram pelo mundo (p. 77). O *corpo* - e isso é muito importante - tem uma participação cada vez maior *nesse* mundo: o sangue murmura e corre pelas veias, cada fibra estremece, o peito é *muito estreito* para conter o ímpeto borbulhante da juventude, o corpo jovem e forte se estica e o ficar sentada – que já na Sicília era uma tortura – torna-se impossível; no lugar do caminhar, entra o cavalgar e o salto de obstáculos, sendo que nenhum cavalo lhe parece perigoso. É claro que aqui também é necessário um corpo elástico e forte – e não um corpo rechonchudo.

Também nesse projeto de mundo - que ao menos reconcilia o mundo etérico com a práxis *esportiva* - o amor tem lugar. Ele agora não mais se dirige ao sinistro, gélido Rei dos Mares no fundo do oceano, tampouco se dirige ao Pai que reina atrás das nuvens, mas foca-se em um parceiro masculino da mesma estirpe, que caminha sobre o chão: *grande, forte, puro e imaculado* é o que ele teria que ser, ele deveria *viver* a vida, encontrar alegria no brilho do sol e no trabalho, nela e em seus filhos. Encontramo-nos aqui diante da tentativa de, ao menos na fantasia, colocar em consonância o mundo etérico e o mundo prático, terreno e - por sinal- no solo familiar do amor heterossexual. Como de hábito, imediatamente levantam-se as *barreiras* contra esse entusiasmo juvenil e essa ânsia de amor que explode o peito. De início, da parte do mundo compartilhado: “a casa” torna-se a *tumba*, as influências da família são percebidas como *limitantes* e, portanto, declinadas. Em seguida, da parte do mundo circundante: se as barreiras antes eram de caráter puramente atmosférico, a saber, a névoa úmida e as nuvens escuras, elas agora assumem um caráter “vital”. A oposição “cosmológica”, que no início se manifestava “na atmosfera”, manifesta-se agora no mundo da *vegetação* - como um contraste à *vida em ascensão* (crescer, brilhar, florir, prosperar) e à *vida em declínio*

(murchar). A caducidade e a labilidade de sua vida (a certeza da proximidade da morte) evidenciam-se cada vez mais. Ellen ainda se defende com sucesso do *enferrujar*, *minguar*, *secar* e da *insipidez da terra*, mas o mundo (imóvel) da tumba, da vida decadente, o mundo do secar e do apodrecer paira ameaçador sobre o mundo turbulento, carregado de esfuziante entusiasmo pela vida e movido pela inquietação.

Nessa fase de vida ocorre o noivado com o “estrangeiro romântico”, que devemos encarar como uma tentativa prática e mal-sucedida do mundo etérico com o mundo terreno e que Ellen, a pedido do pai, desmancha com facilidade. Talvez pelo fato de que durante esse período passado na Sicília, ela também ama apaixonadamente a vida, o sol, o vento e talvez pelo fato da beleza do mundo pertencer a ela somente, Ellen não lamenta a perda do noivo. Seu deus agora é o deus da vida, seu mundo é o universo inteiro, em cujo segredo ela conseguiu penetrar um pouquinho. Ela está ávida por aprender e escreve um trabalho sobre a profissão da mulher (p. 77). A essa última tentativa séria de penetrar e harmonizar o mundo etérico com o mundo do trabalho, Ellen chama de *as últimas semanas de felicidade em sua vida*. Ela as encerra com o ardente desejo de que seus lindos planos e idéias – os quais, mais uma vez, ela já está contemplando cheia de comiseração – possam algum dia transformar-se em atos, ao invés de palavras inúteis. Jogada para lá e para cá entre um mundo e outro, não se sentindo *totalmente* em casa em nenhum deles, fracassando a cada nova tentativa de harmonização dos mundos etérico e terreno, cada vez mais “atraída” pelo mundo subterrâneo ou das tumbas, sem esperanças de salvação tanto por parte do amor prático-terreno, quanto do amor supramundano, ela é assolada por “dores e contrações” mesmo nos momentos mais sublimes. A existência não se sente amada e acolhida em lugar algum, não tem o poder de se apoderar existencialmente de sua própria base. Isto é: ela é constantemente ameaçada por sua própria nulidade. A este ‘ser ameaçado’

denominamos *angústia* com *Heidegger*, ou, como consta no histórico de vida: *temor e tremor (Furcht und Zittern)*. Aquilo *diante de que* o ser *se angustia* é o ser-no-mundo como tal. O mundo, de uma maneira geral, tem agora o caráter daquilo que ameaça e daquilo que é inquietante (*unheimlich*). Onde essa ameaça e essa inquietação se concretizam em medo de algo (determinado), falamos em *temor*. O medo de Ellen de engordar, portanto, seria designado mais corretamente por *temor* de engordar - mas mantemos a própria expressão utilizada por ela, que também corresponde à designação comumente usada na linguagem corrente, uma vez que esse medo de algo é, na verdade, uma expressão do *medo existencial (Daseinsangst)*.

A oposição cosmológica sofre uma nova – e agora derradeira – mutação, representada pelo medo de engordar e o desejo de ser magra: do macrocosmo, ela se alastra ao microcosmo, à Gestalt anímico-corporal. O contraste entre luz e sombra e entre vida ascendente e descendente agora toma lugar no *mundo próprio*, sem com isso perder um mínimo que seja dos traços macro-cosmológicos. Mas, a roupagem material com a qual esse contraste agora se veste, não tem mais um caráter aéreo-atmosférico ou de vegetação, porém assume um caráter anímico-corporal. Claridade e vida em ascensão agora se apresentam com as vestes de uma alma jovem, etérea e espiritualizada, em um corpo etérico e jovem; as barreiras, a escuridão e a vida descendente, na roupagem de uma alma sem espiritualidade, deprimida e em um corpo que envelhece e que decai. De suma importância, aqui, é também o “mundo” que se desfaz em duas partes irreconciliáveis, uma sendo clara, ampla e não apresentando resistência - o mundo do éter – e um mundo escuro, massivo, pesado, apertado e resistente, o mundo da *terra* ou o mundo das *tumbas*. O “corpo”, em oposição à “alma”, desde os primórdios dos tempos foi subordinado ao mundo das *tumbas* - basta lembrar da descrição do corpo como *grilhão e prisão* da alma no “Phaidon” de *Platão*, bem como no Cristianismo. Em

nosso histórico de vida, no entanto, essa subordinação não tem um caráter sistemático ou de pensamento, muito menos religioso ou dogmático, mas um caráter existencial: a corporalidade vista como a mais alta representação do modo “material” de ser-no-mundo - ou seja, do modo cobiçoso e material entrelaçados - é *vivida* aqui como um peso ou uma prisão (resistência), conforme será mostrado com maior clareza mais adiante. A corporalidade representa – com exceção, talvez, da tentativa frustrada de ‘esportificar’ a existência, conforme já mencionamos – o contrapeso mais forte à leveza e à existência etérica. Nesse sentido, ela significa diretamente um desafio à tendência à “eterização”.

Soma-se a isso o momento do mundo *compartilhado*, o momento da identificação com as amigas etéricas e o aborrecimento com as troças delas a respeito do fato dela ter engordado. Nas amigas, o mundo etérico encontra sua realização “pessoal” da mesma forma como, inversamente, esse momento pessoal contribui com a construção do mundo etérico. Nessa identificação na verdade não percebemos nenhum traço do verdadeiro modo dual – o do amor – mas identificamos um traço de ‘apaixonamento’. Pois, do ponto de vista (!) do mundo etérico, ser gorda significa sempre ser mulher no sentido de mulher feia velha - ou a caminho de tornar-se velha; ser magra significa ser mulher jovem, atraente, cobiçada. É com *esta* mulher que Ellen West se identifica e diante da qual ela é o parceiro masculino que procura e que flerta. – Mas não nos antecipemos à análise!

O *medo de engordar*, que surge na Sicília no decorrer de seu 20º ano de vida e através do qual o verdadeiro *processo* patológico no sentido psiquiátrico se manifesta, do ponto de vista antropológico não representa um início, mas um fim: justamente o “fim” do processo de cerceamento de *toda a* existência, da *abertura* do ser diante de suas possibilidades existenciais e sua imobilização definitiva no rígido contraste existencial

entre claro e escuro, entre florescer e murchar, entre magro = espiritual¹³ e gordo = não-espiritual. Conforme nos revelam claramente as próprias declarações e descrições de Ellen West, a existência se torna cada vez mais incômoda, encerrada em um círculo de possibilidades definidas cada vez menor, para as quais o desejo de ser magra e o medo de engordar apenas representa a *roupagem* (espiritual-corporal) definitiva. O “caminho” desse histórico de vida está agora claramente traçado: ele não conduz mais à amplidão do futuro, mas movimenta-se em *círculo*. No lugar da primazia do futuro, entra a prepotência do passado. O que permanece são apenas tentativas infrutíferas de escapar desse círculo, desse *aprisionamento* ou *encarceramento* existencial vivenciado e descrito de maneira cada vez mais clara, para os quais o ‘engordar’ se torna apenas a *roupagem* definitiva. Aquilo de que o ser foge e aquilo que ele teme há muito já foi trazido por ele mesmo para dentro de sua *rede*: o fato de a direção do histórico de vida de Ellen West não ser mais o *caminho* para o futuro, mas o *círculo* fechado em um presente que, por essa mesma razão, torna-se vazio, apartado do futuro e dominado pelo passado ou, expresso de maneira drástica e francamente simbólica, num contínuo “girar à volta das acompanhantes que param em algum lugar bonito”. E Ellen West também não segue adiante sozinha para reencontrá-las mais tarde, já que não consegue se comprazer com o presente; ela tampouco *dança* em círculo ao redor das acompanhantes – o que, de acordo com *E. Straus* simbolizaria um movimento *presente* e pleno de sentido - mas *caminha*, movimentando-se com “passos” que deveriam *levar ao progresso*, mas, ao fazê-lo, ela continua andando em círculos. (E tudo isto na *roupagem* psicológica do medo de engordar!) Ela oferece o espetáculo de uma leoa presa na jaula, que circula junto das grades, procurando em vão uma saída. Coloquemos no lugar dessa cena a sua expressão existencial - e diríamos: inferno.

Já vimos nas próprias expressões de Ellen West o quanto, para ela, corpo e alma formam uma unidade indivisível. O florescer, o medrar, crescer e murchar, secar, apodrecer, a leveza e o peso, a amplitude e o aperto (tumba), a liberdade e a prisão, o voar, o caminhar e o engatinhar, todas estas expressões traduzem tanto a sua existência espiritual-mental, como a corporal.

No entanto, Ellen agora enfatiza também a ligação íntima, a unidade de seu si-mesmo com o seu corpo: “Meu ser interior está tão intimamente ligado ao meu corpo, que ambos formam uma unidade e, juntos, constituem o meu eu, meu eu ilógico, nervoso e individual” (p. 78). Como ela não tem paz interior, torna-se uma tortura *ficar sentada quieta* (pois ficar sentada quieta seria a prisão, a tumba, a morte); cada nervo, nela, *treme* e o corpo acompanha todas as moções de sua alma. A vivência desta ligação íntima, desta unidade entre *si-mesmo* e *corpo* precisa ser levada em conta, pois é somente a partir da *indiferenciação* entre ser e corpo – que Ellen West vivencia tão conscientemente – que se torna compreensível por que razão o corpo “participa” tão intensamente do mundo etérico e o ser é “levado a padecer” tão intensamente pela esfera corporal. O antropólogo, para quem essa indiferenciação é algo óbvio, não estaria, aqui, diante de um enigma ou de um problema. Esta indiferenciação só se torna um enigma e um problema para aquele que *crê* em uma separação entre corpo e alma no sentido religioso, ou para aquele que a *constrói* com um interesse teórico ou científico específico. A corporalidade (tanto no sentido do corpo, quanto do desejo corporal), que tem um peso tão grande para esse ser, não representa para o antropólogo um problema psicofísico a partir do qual ele vislumbre simplesmente uma teoria estranha à antropologia, mas, conforme se mostrará de forma cada vez mais clara, um problema existencial. E este problema existencial está intimamente ligado com a “prepotência do passado”.

O *medo* de Ellen West de uma maneira geral é o medo do ser-no-mundo como tal e se presentifica no fato de que agora ela passa a ter medo *de tudo*, do escuro *e* do sol, do silêncio *e* do ruído. Ela chegou ao degrau mais baixo da escada. O mundo “inteiro” agora tem o caráter de ameaça, o si-mesmo torna-se *covarde*. Daí o desprezo por si mesma. Ellen já se vê no túmulo; a miséria, *cinzenta e pálida como as cinzas*, está sentada ao seu lado, os pássaros se calam e fogem, as flores *murcham* diante de seu hálito *gelado*. O mundo transforma-se em um *túmulo*. A práxis não mais a desafia, no lugar do trabalho “entra o bocejo, a apatia”. A única salvação para esta existência é, novamente, a morte - que, no entanto, não mais se apresenta como o sinistro Rei dos Mares ou Deus-Pai, mas aparece mais próxima à terra, às vezes como “um grande amigo”, às vezes como uma linda mulher, “com flores brancas no cabelo escuro, grandes olhos, cinzas e profundos como os sonhos”. Independentemente se homem ou mulher, o importante é que signifique “o fim”. Também pelo fim Ellen *não consegue mais esperar!* O morrer lentamente (enferrujar, secar, deteriorar-se, tornar-se insípida e terrosa) lhe é intolerável. A cada dia ela se sente *mais gorda*; isto significa, de acordo com sua própria explicação, que ela se torna ao mesmo tempo *mais velha e mais feia*. Também aqui nos deparamos com o princípio do tudo-ou-nada em operação: “se eu não posso permanecer jovem, bonita e magra” – assim depreendemos de suas palavras – “então eu prefiro o Nada”.

Mas não é *apenas* pela corporalidade que o ser, agora, é cerceado, oprimido ou mesmo encarcerado, mas, sempre de novo pelo mundo compartilhado e pelo contato diário com o mesmo. A oposição do mundo compartilhado aparece agora como uma obrigação hostil, uma perseguição (p. 79); o amuo *contra* o mundo compartilhado, como ódio e desprezo. Não há nada de que Ellen West fuja mais do que de concessões. Mas o mundo compartilhado e o dia-a-dia exigem isso dela; por essa razão, Ellen os vivencia não mais

como uma limitação, mas como *grilhões* contra os quais ela se rebela e dos quais ela tenta se libertar por meio de revoltas ferozes. Grilhões são as convenções, a propriedade, a comodidade, a gratidão, o amor. Mas, por trás dessa revolta ao estilo hamletiano contra a sociedade “podre” também espreita o medo, a certeza de que seu “pequeno mundo” a torne *fraca*, a transforme em *boneca*, a condene a um mero vegetar. Neste ponto, a oposição não se expressa nem cosmológica-, nem corporal-animicamente, mas de forma puramente existencial¹⁴. Se as expressões enferrujar e atrofiar também têm um significado existencial, isto se aplica melhor ainda à fraqueza, ao ser transformada em boneca e ao mero vegetar, pois aqui se trata claramente de um existir de forma a não apresentar resistência, da passividade pura de um brinquedo e do viver de maneira amorfa.

Ainda assim, Ellen West deseja mais uma vez criar algo *grandioso*, aproximar-se mais ainda de seu *orgulhoso ideal*. Mais uma vez tudo cozinha e martela dentro dela, querendo romper a casca. Rebelião contra o mundo, a vida de uma nihilista entre os mais pobres dentre os pobres, são a sua meta agora. Novamente nos deparamos com uma tentativa de harmonização do mundo etérico ideal com o mundo da prática, mas uma tentativa quimérica e “extravagante” em relação às forças disponíveis, diante da qual sentimos tontura. As *barreiras* que estreitam o mundo etérico assumem agora um caráter francamente *ameaçador à vida*. De novo é o *mundo compartilhado* e a mesquinhez do dia-a-dia com seu *ar deteriorado* que agem de maneira *sufocante*¹⁵, tal como *erva-daninha* sobre a *flor* da saudade; a *empanturrada* (ou seja, “comilona”!) auto-satisfação, a *ambição* egoísta, a submissão sem prazer, a indiferença crua (como “as *plantas* que proliferam ao sol do dia-a-dia”), todas essas víboras¹⁶ do cotidiano a abraçam com seus corpos *gélidos*, a fim de *espremer* de dentro dela o ânimo de luta, de *asfixiar* o sangue que ferve (p. 79ss.), sim, ela mesma enxerga os outros como *ratos* que

a perseguem de suas tocas com os seus olhinhos miúdos. Mas o jogo cruel ainda não terminou! Ao lado da *ameaça física à vida*, que parte do *ar* e do *reino animal*, surge agora - para fechar o cerco de *todos* os lados - a *ameaça moral à consciência*, proveniente do reino dos *espíritos*: os planos e pensamentos que alçam vôo adquirem a forma (Gestalt) de *espíritos* ou *fantasmas* malvados, escarnecedores, acusadores, que a *cercam* por todos os lados, a agarram, *furiosos* e a atingem no coração, ou de *pálidas sombras* que correm em seu encaço com olhos vazados e pálidos, cavalgando sobre esqueléticos pangarés. Ao lado dessa personificação de seus próprios pensamentos e sentimentos caminha outro enfraquecimento de seu ser: ela mesma, agora, tornou-se um *nada*, um *verme da terra* medroso, atingido por uma *maldição*, envolto de *negra noite*. *Acusatórios, escarnecedores, destrutivos*, os próprios pensamentos voltam-se contra seu próprio ser (acovardado, empobrecido). Essas descrições são completamente diferentes daquelas travas de existência até agora encontradas por nós! Tudo se torna não só mais sinistro, venenoso, ameaçador, soturno e prepotente, mas também mais malvado. O si-mesmo, no entanto, continua apenas vegetando, tal qual um animal rasteiro atingido pela maldição, tal qual um *verme da terra* cego. Nesse ínterim, o ar se tornou ainda mais rarefeito, a tumba mais estreita. “Como cheira a *podre* este buraco de porão” - consta em um escrito dessa época. “O perfume das flores não consegue se sobrepor a esse cheiro de *podridão*”. Ao mesmo tempo, ouvimos falar em *almas* feias que *amarelam*, de *pulmões* e *pensamentos de anões*, que Ellen combate cada vez com mais paixão, uma vez que se sente imbuída deles. As figuras da *vida* decadente, a existência que vegeta como um verme debaixo da terra, o amarelar e a podridão esfacelante e o mundo do asco (p. 81) se encontram agora em uma relação essencial com as figuras da consciência ameaçadora, com o escárnio, a crítica destrutiva, a maldição, o mundo do *mal* ou da *culpa*.

Isso não é de estranhar, pois faz parte da essência do processo existencial de fechamento em círculo dessa existência o fato de que também as barreiras *materiais* de tornem *ainda mais* massivas; elas agora se transformaram em *muros* contra os quais Ellen *bate com ambas as mãos* até o esgotamento (assim como mais tarde ela fará contra o próprio corpo gordo). Podemos constatar aqui também que a angústia existencial isola o ser e o fecha como “*solus ipse*”, como afirma *Heidegger*: Ellen está só, mesmo que esteja bem humorada, não mais flutuando nos ares, mas em pé sobre *gélidas* alturas, seu coração *congelado* (p. 95).

Ellen, contudo, continua a fazer novas tentativas (mesmo que frustradas) de fincar pé firmemente *sobre a terra*, isto é, *trabalhar*. Chega a fase de preparar-se para o exame de admissão à universidade. Enquanto anteriormente o mundo se apresentava a ela como aberto, por ser conquistado, Ellen agora faz concessões fáceis; e com certeza ela teria rido de qualquer um que, tempos atrás, lhe tivesse profetizado isso. Ellen não só perdeu sua antiga combatividade – como ela mesma refere – mas, pela primeira vez na vida (aos 23 anos), entra em colapso. Na mesma época ocorre uma nova aventura erótica, a desagradável história de amor com o professor de equitação.

Através do desejo de *ser magra* e do medo de *engordar* a corporalidade assume cada vez mais o papel principal no dramático “Jogo do ser consigo mesmo”, ao qual assistimos no momento. É preciso, contudo, enfatizar mais uma vez que a expressão ‘corporalidade’ não deve ser confundida com o corpo em seu sentido anatômico ou anátomo-fisiológico, mas considerada sempre em seu sentido existencial, ou seja, um existir corporal ou uma existência no corpo – como já foi descrito diversas vezes¹⁷. Por mais que no caso Ellen West o si-mesmo esteja sendo ameaçado (sufocado, envenenado, amaldiçoado), fechado em círculo e enfraquecido também pelos mundos circundante, compartilhado e do próprio pensamento, ele não chega a um *delírio* “auto-

psíquico” ou hipocondríaco, nem a idéias de referência ou ao *delírio* paranóico, nem a um *delírio* de pecado. Mesmo na esfera da corporalidade, o encarceramento e o enfraquecimento do si-mesmo não levam à insanidade “somato-psíquica” – e fica em aberto se, numa vida mais longa, esta última teria ocorrido. Em contrapartida, o encarceramento e o enfraquecimento do si-mesmo assumem tamanha proporção que as barreiras que partem dos outros mundos - por mais que se firmem se aprofundem e se “independizem” - recuam diante deles.

Do 25º de vida, temos notícia de que junto com o medo de engordar parece caminhar uma compulsão aumentada por doces – como já fora o caso na primeira infância, possivelmente já naquela época abafado por uma tendência ascética à recusa. No lugar do amadurecimento existencial, no sentido de um ser-si-mesma (*Selbstigung*) *verdadeiro* e determinado pelo *futuro*, também aqui aparece a *onipotência* do *passado*, o mover-se em círculo, a *inércia* existencial. Como traço “regressivo”, podemos apontar também o fato de que o alimentar-se na presença de outras pessoas não satisfaz a Ellen, que fica satisfeita apenas quando come *sozinha*. Além disso, ela não consegue mais ficar sozinha em momento algum, precisando sempre ter a antiga babá junto de si. Por outro lado, a compulsão por doces se torna muito mais forte justamente quando ela fica cansada ou nervosa pelo fato de estar junto com outras pessoas (p. 81). Este ficar cansada ou nervosa por estar na companhia de outros pode facilmente ser explicado por aquilo que sabemos sobre sua rebelião contra a pressão exercida e a carga provocada pelo dia-a-dia e pelo seu “pequeno mundo”. Por outro lado, é importante notar que ela não consegue se recuperar dessa pressão e dessa carga por meio da conscientização de si mesma, do trabalho, do esporte – mas pelo *comer!*

Paralelamente com o pesado conflito entre a compulsão aumentada por comida e o medo de engordar, segue a oposição entre a vida no mundo etérico e a vida *no* mundo,

que também é o mundo da engorda. Ellen *não deseja* viver como o *verme da terra* vive - *velho, feio, amorfo e burro* (p. 82), ou seja: *gorda*. Ela prefere morrer como morre o *pássaro*, que explode sua garganta em júbilo, ou prefere arder em suas próprias *chamas*. A novidade, aqui, é que a ânsia pela morte também reluz a partir do mundo etérico. Também o júbilo existencial, a festiva alegria de viver, o “fogo existencial” são colocados a serviço da morte, são expressões da ânsia pela morte. A morte aqui já é desejada como o ponto mais alto da existência *festiva*. O poema no qual ela expressa isto é de uma época que Ellen mais uma vez qualifica como uma das mais *felizes* de sua vida. É certo que ela desistiu dos preparativos para o exame de maturidade (“Matura”), mas, em troca, prestou o exame para ser professora e ficou noiva do estudante loiro. É certo também que este noivado representa a última, a mais séria e a mais longa tentativa de harmonização do mundo etéreo com o mundo *na terra*, pelo caminho do erotismo heterossexual.

Durante e depois deste noivado, o primo de Ellen se aproxima e inicia-se uma fase de indefinição entre estes dois parceiros, aquele amante loiro pertencente ao mundo etérico e aquele que tem os dois pés firmemente fincados no chão, um futuro marido e esperado pai de seus filhos que exerce uma profissão de responsabilidade. Mais uma vez a vencedora é a vida *sobre* a terra. Ellen deseja a *fertilidade* semelhante à da terra fértil que produz frutos¹⁸ (p. 83) e queixa-se amargamente de sua *infertilidade*. Nesta queixa ela não mais se degrada apenas à condição de verme, mas à condição de matéria inerte, sem valor: ela é apenas *casca* atirada fora, *rachada, inútil, invólucro sem valor*. Do mesmo modo como ela odeia o pequeno mundo da rotina e o trato diário com as pessoas que a cercam, ela agora odeia seu corpo, esmurrando-o com os punhos cerrados.

Podemos notar: o que Ellen *odeia* são todas as *barreiras* que se colocam contra seu passional, indomável e amuado si-mesmo, tudo aquilo que o inibe, ameaça, oferece

resistência a sua onipotência; ao mesmo tempo, isto é tudo de que ela tem *medo*! A barreira corporal - isto é, aquela que se impõe a partir da esfera corporal do mundo próprio - parece ter adquirido um significado tão importante em toda essa transformação existencial do ser, em angústia, ódio e desespero, apenas porque estava sendo ameaçada, a partir de seu *íntimo*, por seu próprio “peso terreno” e pela *cobiça* sensório-corporal. É correto supor que o ser, então, constrói para si um castelo no ar no mundo etérico, mas podemos acompanhar de perto como esta frouxa construção é cada vez mais rebaixada pela cobiça para baixo da terra, transformada em tumba ou túmulo; os amplos salões do castelo no ar se tornam prisões apertadas, as paredes finas e móveis se tornam muralhas espessas. A muralha mais indevassável, no entanto, é o *corpo gordo*, avidamente preenchido com comida, a corporalidade, em última instância. (Vide a correspondência que ela mesma traça entre ser magra e não ter um corpo). Ao corpo, portanto, é dirigido o ódio mais passional, em relação ao corpo a angústia transforma-se em pânico. O corpo (gordo) é o primeiro e o último sustentáculo das cobiças, baluarte diante do qual não só o mundo etérico, mas também a própria existência, desesperada, fracassa. Pois, quanto mais forte a barreira existencial, tanto mais impotentes as tentativas de livrar-se dela. O desinvestimento brusco e tão precoce do mundo próprio em relação aos mundos circundante e compartilhado “vinga-se” através de toda a existência. Naturalmente não se pode pensar em culpa no sentido moral. A existência como tal – no sentido metafísico – é culpada, e, no caso dessa pessoa, em uma medida muito mais ampla que em muitas outras: a existência “ficou a dever” a si mesma muito mais que a outras pessoas.

Não é necessário lembrarmos todas as manhas e práticas de que Ellen West fez uso em sua batalha contra o engordar. É preciso apenas atentar para o fato de que essas práticas desalojam cada vez mais a “práxis” no sentido do trabalho e se tornam a

verdadeira esfera da “práxis” – uma “práxis” tanto extenuante, quanto infrutífera. Como já vimos, no que diz respeito ao *medo de engordar* propriamente dito, tudo desemboca nele, tudo aquilo que Ellen West entende por vida repleta de cobiça - ou simplesmente vegetativa - tem a ver com essa *angústia*: tanto o tornar-se velha-feia-mofenta-e-burra, como o tornar-se diferente das amigas etéricas. (Em última instância, podemos qualificar esse medo como a angústia diante da decadência diante de seu *ideal virginal* ou *ideal de Ártemis*).

Já mostramos acima por que, nesse caso, tudo desemboca em *angústia* e não em uma simples decepção ou receio. Chega-se à *angústia* apenas lá onde o ser, “em essência”, já se encontra *submisso a* - ou *capturado por* aquilo diante de que ele se angustia. Este estar capturado por ou submisso a, ao qual o ser está essencialmente aprisionado, não se mostra somente agora, mas desde o início. No início ele se revelava no escurecimento atmosférico; depois, na forma do morrer ou do apodrecer na forma vegetativa das plantas; em seguida, na forma de animais peçonhentos e maus espíritos e “paralelamente” sempre na forma de barreiras puramente naturais como redes, grilhões e muralhas. Por meio de tudo isso, o ser apenas “explicitou”, de forma cada vez mais clara e massiva, a que ele se encontrava submisso em essência: a simples cobiça, o que na verdade significa o *vazio* existencial e a *pressão* existencial, o ser oco ou o ser *buraco* existencialmente, limitado e espremido ou, em apenas uma palavra, o *ser tumba*. É a existência do *verme* na *terra pantanosa*. Contra essa ameaça do ser a partir de sua essência, ameaça que se intensifica do escurecimento atmosférico até o afundamento no pântano, do invólucro nebuloso até a muralha, do estreitamento do horizonte até à tumba ou ao buraco, do pássaro jubilante que alça vôo em direção ao etérico até ao verme que se esgueira na terra úmida, da Ártemis virginal e florescente ao fantasma pálido e de olhos vazios – contra essa ameaça o ser se defende através da fuga para

regiões etéricas cada vez mais vertiginosas. No entanto, o peso e a pressão da vida em decadência, da cobiça que *devora* tudo aquilo que tem vida são mais fortes que o movimento ascensional da vida que se eleva, do florescer, do crescer, do amadurecer. Na realidade, o medo de engordar é apenas um traço que chama muito a atenção nesse cambiar de toda a existência, mas, com certeza, a compulsão por comer não é nada isolada ou independente, e sim um traço especial do desmoronamento e do movimento em círculo do ser como um todo, já mencionados anteriormente e, certamente, nenhum fenômeno isolado ou independente. Da mesma forma que o medo daquela transformação de todo o ser e da luta contra a transformação do corpo jovem, florescente, elástico, magro em pântano apodrecido e, no final, em mero buraco – e contra a transformação do *invólucro* do corpo de uma delicada parede protetora em uma gorda camada de gordura ou em uma muralha contra a qual lutamos com os punhos cerrados.

Quanto mais salta aos olhos o estar à mercê do úmido mundo do pântano, quanto mais imperativo se torna esse mundo, tanto mais cresce a angústia diante dele. A crescente inexorabilidade e a independência desse mundo revelam-se agora no fato da ânsia por comida, pertencente a esse mundo, transformar-se em pressão opressiva, em cobiçosa *avidez* (p. 85), em avidez justamente por alimentos que engordam como os doces: o simples vegetar transforma-se em animalização, em avidez “animalesca”. O mundo etérico perde cada vez mais o papel dominante nessa existência, ele é empurrado da ofensiva para a defesa. O mundo úmido cada vez mais arranca o ser de seu encanto; à ânsia por comida acrescenta-se o constante *ter que pensar em comida*, a “*compulsão ao pensar*”. Por mais que aqui se trate de algo novo do ponto de vista psiquiátrico, do surgimento de um novo *sintoma*, do ponto de vista antropológico não temos razão para falar em novidade. O “fabuloso e doce país da vida”, o mundo etérico, o *oásis* no

deserto que a própria Ellen afirma *haver criado para si mesma*, aparece no horizonte apenas de quando em quando, como uma *Fata Morgana* (p. 86) que desaparece rapidamente; o mundo úmido encolhe cada vez mais para dentro da umidade corporal, a angústia transforma-se em pânico. O pensar em panquecas é, para ela, o *mais tenebroso* pensamento que há (p. 87). Ellen deseja ardentemente o nirwana como o apaziguar da “cobiça”, para transformar seu *ideal* em realidade; deseja a extinção de seu ódio contra o mundo circundante, que quer tornar impossível esse *ideal*; deseja o fim do deslumbramento que consiste em enxergar nesse ideal algo que valha a pena perseguir: o mundo etérico encontra-se prestes a capitular. Ao mesmo tempo se manifestam outra vez (e desaparecem rapidamente) a saudade de encostar a cabeça no peito da mãe e o medo diante do pesado e sério comportamento do pai. Tanto o retorno à mãe como base da *vida* quanto o retorno ao pai como base *espiritual* “que domina por detrás das nuvens” estão cortados. Surgem, então, severos estados de angústia e de agitação e ocorrem tentativas de suicídio. Na Clínica de internação, Ellen chega à compreensão, certamente estimulada pela psicanálise, de que o primário, em sua “neurose obsessiva”, não foi o medo de engordar, mas a constante avidez por comer, a glotonaria: a glotonaria “apoderou-se de mim como um animal”; Ellen está totalmente à mercê dela, sem poder se defender – e é levada ao desespero pela mesma. (Na Antropologia, nunca podemos nos referir ao primário e ao secundário, pois estas expressões só são possíveis no campo do concreto. O que aqui, com razão, chamamos de primário ou de *sintoma* primário é, para nós, expressão da transformação de todo o ser, do crescimento em domínio de um mundo e de um modo de existir inteiro).

O *terrível sentimento de vazio*, que já conhecemos em Ellen desde os tempos de menina, passa agora a ser mais bem descrito como um sentimento *de insatisfação*, ou seja, da não correspondência entre ideal e realidade. Não nos admiramos mais quando

escutamos que este sentimento se instala justamente após as refeições, pois há muito que, para Ellen, a comida deixou de representar algo inofensivo, passando a ser a “compulsão”, o buraco, o encher a barriga e o engordar – a desistência por imposição, portanto, do ideal etérico e a mais covarde concessão à onipotência do úmido, opressivo e estreito mundo do pântano. Este sentimento “de miséria indescritível” (da insatisfação e da angústia), Ellen também o percebe muito intensamente em seu físico: o coração parece cair, há uma dor no coração, o coração bate tão forte, que ela sente tontura; ela sente calor e frio por causa da angústia, seu corpo inteiro está coberto de suor, todos os membros lhe doem, como se tivesse sido surrada; ela se sente como que em pedaços e totalmente esgotada (p. 103). Por outro lado, é apenas aparentemente paradoxal que justamente o estômago *cheio* intensifique o sentimento de *vazio*: o ser cheio e o ser redondo no físico é uma manifestação parcial, uma representação do mundo úmido, do pântano e da tumba, do secar, do vegetar satisfeito e da preguiça, do mal e da culpa e, visto pelo lado do mundo etérico, é a mais alta representação (vivenciada) do vazio (espiritual). De um lado, a esfaimada cobiça por comida, a *fome animalesca* enquanto ela não consegue enxergar mais nada e, de outro lado, a angústia diante do engordar transformam-se em *armadilha*, da qual o ser não mais consegue se desvencilhar. A refeição torna-se um suplício (p. 94). Ellen afasta-se do pão no armário e perambula sem nenhum planejamento. E, estando o ser cativo do mundo úmido, ela só consegue anestésiar a torturante inquietação por meio da comida – para, depois de ingeri-la, sentir-se duplamente infeliz; *o círculo, então, se fecha*.

Para esta sensação de estar aprisionada em um círculo, Ellen encontra metáforas extremamente “expressivas”, como a metáfora do *campo de prisioneiros* na Sibéria (p. 95), a metáfora *do palco* (p. 95), a “obstrução de todas as saídas do palco por homens armados, diante dos quais ela precisa retornar ao palco” e a mais profunda de todas - a

metáfora do *assassino* (p. 93), que vê continuamente a figura do assassinado diante de seu olho espiritual, que é *prepotentemente* atraído ao local do crime, diante do qual ele *se apavora*. A figura do assassinado é a figura de seu próprio ser assassinado, o local do crime, diante do qual Ellen se apavora, é a refeição. O fato de ser atraída pela comida – que é mais forte que o juízo e a vontade e que domina a sua vida e a transforma em um terrível sítio de devastação - é a ânsia por devorar. Em nenhum lugar Ellen descreveu melhor e mais profundamente a sua maneira de ser do que nessa metáfora. Mas, tal como o assassino, Ellen também se sente excluída de toda a vida verdadeira, longe das pessoas, totalmente isolada.

No lugar das antigas expressões para ‘estar no buraco’, surgem agora também a *bola* e a *parede de vidro*, através das quais ela enxerga as pessoas de quem ela sente uma “indescritível falta”, a parede de vidro contra a qual suas mãos esbarram quando ela se estende em direção às pessoas, cujas vozes chegam a ela apenas abafadas através da mesma. Mas Ellen, mais uma vez, descreve o aprisionamento de seu ser usando expressões puramente antropológicas: “Uma vez que eu só agia, ainda, sob o ponto de vista de que algo me engordaria, ou não – todas as coisas logo perderam o seu próprio sentido (Eigen-Sinn) (= sentido próprio), inclusive o trabalho.” Ellen também fala na angústia de haver se tornado escrava de um *poder* sinistro e que, no início, se apresentava apenas como uma leve noção, angústia que ameaçava destruir sua vida, na angústia que *bloqueava todo o seu desenvolvimento interior, sufocava todo o devir e todo crescimento* porque uma única idéia *preenchia* toda a sua alma. A “compulsão” por sempre precisar pensar em comida persegue-a como um *mau espírito* do qual ela não consegue *fugir*, persegue-a – novamente uma metáfora do assassino – como as *Eríneas* perseguem o *assassino*. Ela transforma seu mundo em uma *caricatura*, faz de sua vida uma batalha inútil e torturante contra moinhos de vento, um *inferno*. Desde o

momento em que ela *se enterrou dentro de si mesma e não consegue mais amar*, tudo se tornou *cinza* (sem sentido): toda luta e toda ação é um *escuro, denso pesadelo*, diante do qual ela sente medo. Ela está aprisionada em uma rede, na qual ela *se enrosca* cada vez mais e cujas *malhas se estreitam* cada vez mais em torno dela. Seu coração está *congelado*, tudo ao seu redor é frio e solidão: “Se você me ama, permita-me morrer!”

Mas pouco antes, Ellen acreditou mais uma vez, por curto tempo, que poderia ser salva do *desmoronamento*. Ela sentiu em seu peito algo doce, que deseja crescer e tornar-se algo (p. 92). Ao mesmo tempo, fica provado que Ellen não apenas tem uma noção, mas sabe o que é o amor. Ela o caracteriza como mais sério e mais quieto, mais sagrado e mais sólido que no passado. Pela primeira vez ela quer abraçar a vida, novamente ela estende os braços em direção à vida e não à morte. As possibilidades do modo de ser verdadeiramente singular ou propriamente existencial e verdadeiramente dual ou propriamente capaz de amar também se encontram em aberto neste ser – ainda que por fugazes instantes.

No entanto, mais uma surpresa descortina-se diante de nós. Mesmo que *o quadro do mundo* (expressão da própria Ellen) está totalmente *completamente torto* em sua cabeça, mesmo que o mau espírito de tudo aquilo que é simples e natural seja uma *careta*, constitua-se em uma *caricatura* (p. 83), Ellen agora reconhece que também o *engordar* pertence ao *natural*; ela o equipara ao recuperar a saúde, ao conquistar bochechas redondas e coradas, ao emergir de uma mulher simples e robusta, como corresponderia a sua verdadeira natureza. Como vemos, a capacidade de reconhecer sua própria essência aumenta - e não diminui - no final. Com o avanço do aprisionamento, Ellen consegue ao mesmo tempo elevar-se cada vez mais acima de si mesma e em direção ao verdadeiro reconhecimento, tanto de suas condições existenciais inclinadas ao amor e ao viver, como às “naturais”. Porém, também contra esse reconhecimento “algo se revolta

nela” – é claro que se trata de seu ideal etérico ou ideal de Artemis, que não quer saber de bochechas redondas e coradas ou de robustez feminina – e, muito menos, de engordar. Tanto maior se torna a tortura, a semelhança com o inferno em sua vida; pois tanto mais forte é o efeito do contraste com o seu aprisionamento, o seu movimento para lá e para cá, entre o ideal (“artificial”) e a cobiça (“supranatural”).

O segundo analista expressou que, para Ellen, *magro* “significava” o tipo mais *elevado*, *mais intelectualizado* e *gordo* “significava” o *judaísmo burguês*. No entanto, entendemos que este “significar” não pode de maneira alguma se referir a um “significado simbólico”, uma substituição por um símbolo, mas, como vimos, refere-se ao medo de engordar, bem como ao medo em relação ao meio em que vivem seus pais, e em relação ao pequeno mundo do dia-a-dia de um modo geral, *ao mesmo tempo* em que se constitui em uma maneira de expressar o medo diante do estreitamento e do afundamento de sua existência no pântano. Isto certamente não quer dizer que uma angústia *equivalha* à outra, mas que ambas “estejam no mesmo plano”, isto é, “ambas” estão “lado a lado”, na mesma transformação existencial. Voltaremos ao assunto no próximo capítulo. Em oposição ao tipo gordo, judaico-burguês, está a esposa daquele irmão loiro, esteta, com a qual a identificação ocorre facilmente, uma vez que, como mencionamos, é loira, magra e interessada em arte.

Na Clínica, Ellen já tem a impressão de ser um *cadáver* entre as pessoas. Seu aprisionamento também se manifesta no fato de que ela, que antigamente se julgava tão independente da opinião dos outros, agora está totalmente na dependência daquilo que os outros acham sobre sua aparência e sua gordura. Teimosia e amuo revelam-se não exatamente como independentes dos outros, mas, conforme já descrito acima (p. 108ss.), apenas como uma forma especial de dependência dos mesmos, da admissão deles no mundo próprio de Ellen. De resto, totalmente passiva, Ellen agora se sente

como o *palco* sobre o qual *potências* inimigas se digladiam. Ela só consegue assistir indefesa a esse espetáculo. Sua existência realmente se transformou em um palco. Entretanto, enquanto na “pessoa saudável” a existência se manifesta mais ou menos uniformemente como palco, atores (“papéis”), diretor e platéia, a existência dela se divide em palco e aquilo que ocorre sobre o palco de um lado e, de outro, em observação “passiva”. Conseqüentemente as expressões de linguagem que qualificam sua maneira de ser são fortemente objetivadas e, ao mesmo tempo, “personificadas”. “*A depressão*” paira sobre a vida dela como um *pássaro negro* que a observa, para atirar-se sobre ela e acabar com ela. “*A loucura*” sacode seus cachos negros, agarra-a e atira-a no abismo bocejante. A morte assume tanto poder diante dela que, ao ouvir a notícia da morte de uma amiga seus olhos *brilham*, enquanto o mundo *escurece* diante de seus olhos confusos.

Se observarmos Ellen disfarçadamente durante uma refeição, constatamos que ela realmente se atira “como um animal” sobre a comida, e devora-a também “como um animal”. No que tange os poucos sonhos que se encontram à nossa disposição (p. 100ss), todos eles versam sobre comida ou sobre morte, ou sobre morte e comida. O primeiro sonho com morte repete – mesmo que de forma menos heróica – o tema da morte sobre o campo de batalha, que conhecemos de um de seus mais antigos poemas (p. 74); concomitantemente ele parece antecipar um fato verdadeiro, a saber, o conseguir ingerir com toda a calma um prato que engorda diante da morte, que se aproxima – e ainda alegrar-se com isso. Entretanto, nesta “antecipação” não devemos pensar nem em uma “tendência à prospecção” no sentido de *Mäders*, nem em uma capacidade de “clarividência” do sonho de Ellen, pois o sonho e a sua posterior realização na vida real são apenas a expressão de um mesmo fato antropológico: a correspondência interna, muitas vezes deglutida, entre o tema da compulsão alimentar e

o tema da morte. Na vida de Ellen, a ânsia por comer já significa a decadência da vida, a morte. O medo de engordar cada vez mais permitia ser entendido como o medo de sucumbir ao buraco. Mas, caso o ser já tenha *se decidido* pela morte, ele já terá superado a *angústia* e o *fardo* daquilo que é terreno; a compulsão por doces perdeu aquilo que tinha de aterrador e pode transformar-se novamente em prazer.

O segundo sonho (o do pintor) – assim como o primeiro, mas com mais inspiração - cria uma situação social que motiva o duplo suicídio do casal. (Na realidade, naturalmente, ocorre o contrário: o desejo de morte é que determina a situação do sonho). A idéia de uma partida em conjunto desta vida já rondava Ellen no estado de vigília. Ao mesmo tempo o sonho repete apenas a acusação de covardia feita ao marido também em estado de vigília.

O quarto sonho reflete a realidade de seu suplício e de seu desejo de morrer sem qualquer falsificação. Ela quer atear fogo a si mesma, desejo no qual a psicanálise sabidamente vislumbra um símbolo libidinal – como Ellen certa vez deseja consumir-se no fogo fervoroso do amor (p. 82).

Enquanto estes sonhos – como é o caso, tão freqüentemente, nos esquizofrênicos – permitem reconhecer os fios condutores da existência em vigília com pouquíssimos disfarces também na vida onírica, o *terceiro* sonho (pulo ao mar através da escotilha de um navio, tentativas de reanimação, comer bombons e arrumar as malas) demanda uma discussão à parte. No entanto, a fim de não interromper por longo tempo a nossa pesquisa, guardamos a discussão do mesmo para o capítulo “Daseins-análise e psicanálise”.

A morte

Em vista do fato do ser *Gestáltico* ao qual demos o nome de Ellen West “colocar um fim à própria vida”, a “Daseins-análise” tem o direito de suspender qualquer tipo de

ponto de vista ou julgamento – seja de ordem ética ou religiosa, da ordem de uma explicação médico-psiquiátrica ou psicanalítica, da ordem de uma compreensão psicológica. Mesmo o olhar “aristocrático” da “compreensão saudável da vida humana” - que é lançado com comiseração ou com horror sobre cada pessoa “à qual ocorre morrer”, e, principalmente, sobre aquela que provoca sua própria morte - não tem aqui nenhuma relevância. Não cabe a nós aprovar ou reprovar o suicídio de Ellen West, não devemos bagatelizá-lo com explicações médicas ou psicanalíticas, nem dramatizá-lo com julgamentos éticos ou religiosos. Mas justamente a um ser *Gestáltico* como Ellen West se aplica este pensamento de *Jeremias Gotthelf*: “Pense em como a vida se torna escura quando um miserável ser humano deseja ser seu próprio sol” ou, mesmo, a constatação de Kierkegaard: “Tanto faz o quanto um homem afundou, ele pode afundar ainda mais, e este ‘pode’ é o objeto da angústia”. No entanto, na “Daseins-análise” este tornar-se escuro e esse afundar não podem ser tomados pelo viés religioso ou ético, mas devem ser vistos e descritos antropologicamente, isto é, a partir do *ser-no-mundo-para-além-do-mundo*, tal como foi visto e descrito até agora. Isto, porém, não é possível a partir de qualquer perspectiva, por mais que esteja próxima de nosso coração e por mais que com ela estejamos familiarizados, por mais razoável que seja; pois, como disse Paul Valéry: “Toutes les fois qui nous accusons et que nous jugeons, - le fond n’est pas atteint” (Todas as vezes em que nós acusamos e julgamos – o âmago não é atingido). O âmago – que permanece um segredo para cada olho humano – não é atingido, mas inventado ou *imaginado*, lá onde “o ser humano” sai da perspectiva do julgamento e da condenação (mas também da absolvição), ou seja, sai do *modus* existencial plural e se une a ele (âmago), aquém de qualquer *divisão* sujeito-objeto. Mas isto só é possível na ausência de pressupostos do modo *dual* na unificação do eu e do tu em nós (dual), que quer dizer: na unificação da existência humana com o seu âmago como *nosso* e da

cultura antropológica que dela resulta.

Nesta unificação nós também nos encontramos aquém daquele antagonismo que domina o lidar consigo mesmo, o lidar da sociedade com o indivíduo e do indivíduo com a sociedade e, não por último, também “o julgamento da História”, do antagonismo entre liberdade e necessidade, entre culpa e fatalidade (destino) ou, em uma redução psicológica, entre atividade e passividade, entre fazer ou padecer, pois a existência encerra a ambos em seu âmago. Como aos olhos do amor “tudo é possível”, assim também aos olhos do amor “tudo é necessário”. Em outras palavras, o amor não sabe dar uma resposta à pergunta se o suicídio de Ellen West *precisou* ocorrer “com uma necessidade própria do destino” ou se ela tinha a possibilidade de esquivar-se dele. Ao invés de *perguntar* por destino ou culpa diante de um suicídio e de *decidir* essa resposta, o amor procura “entrar no âmago do ser” e procura compreendê-lo antropológicamente a partir de seu âmago.

Se para Ellen West cada alimento era julgado sob o ponto de vista se a engordava, ou não, então ela mesma, com isso, julgava o *alimento* sob o ponto de vista da *culpa*. “L’homme qui mange”, afirma Sócrates em *Valéry*¹⁹, “il nourrit ses biens et ses maux. Chaque bouchée qu’il sent se fondre et se disperser en lui-même, va porter des forces nouvelles à ses vertus, comme elle fait indistinctement à ses vices. Elle sustente ses tourments comme elle engraisse ses esperances; et se divise quelque part entre les passions et les raisons. L’amour en a besoin comme la haine; et ma joie et mon amertume, ma mémoire avec mes projets, se partagent en frères la même substance d’une becquée”. (O homem que come nutre seus bons e seus maus aspectos. Cada bocado que ele sente assentar-se e dispersar-se dentro dele, levará novas forças às suas virtudes, assim como o faz, indistintamente, aos seus vícios. Cada bocado sustenta os seus tormentos, assim como engorda as suas esperanças; e se divide em algum lugar

entre as paixões e as razões. O amor necessita dele tanto quanto o ódio; e minha alegria e minha mágoa, minha memória com os meus projetos, partilham entre si, como irmãos, a mesma substância com um único bocado). Ellen West, no fundo, nutre com o alimento apenas “ses maux et ses vices, ses tourments et sa haine, ses passions et ses amertumes”. Uma única vez a vemos comendo algo que, ao contrário de toda alimentação, *só* lhe produz prazer, *só* lhe dá novas forças, *só* “nutre” suas esperanças, *só* merece o seu amor e *só* ilumina a sua compreensão; esse algo, no entanto, não é mais uma dádiva da vida, mas o veneno da morte. Lembro-me de como ela vai chegando a uma compreensão cada vez mais ampla de sua existência, quanto mais próxima da morte ela percebia estar; lembro-me do despertar tão doloroso em relação a sua própria existência, de seu saber acerca do amor e da naturalidade verdadeiros, bem como dos pensamentos cada vez mais profundos, quanto maior a lucidez a que ela chega, *considerando* a morte.

Mas viver *considerando* a morte significa morrer da morte, como diz *Kierkegaard*, sua (própria) morte, como *Rilke* e *Scheler* se expressam. Que *cada* perecer, *cada* morrer - não só aquele que nós escolhemos - representa mais um “ato independente” da vida, Goethe já formulou²⁰. Assim como afirma de Raffael ou de Kepler, “quando ambos subitamente colocaram um fim em sua própria vida”, mas, com isso, está se referindo àquela morte involuntária, que deles se aproxima vinda “de fora” ou “como destino exterior”, assim nós podemos, ao contrário, classificar a morte que Ellen West causou a si mesma como um perecer ou um morrer. Quem poderá dizer onde começa a culpa e onde acaba “o destino”?

Heráclito já sabia que vida e morte não são antagônicas, mas que também a morte precisa ser vivida e que a vida é abrangida pela morte, de modo que tanto no sentido biológico como no sentido histórico existe a possibilidade de se afirmar que a cada momento de sua existência o homem morre; essa visão, em certo sentido, já lhe era

familiar. Pois, para *Heráclito*, Hades, o deus do mundo subterrâneo e Dionísio, o deus dos mais selvagens delírios da vida, “intempestivos e frenéticos” – são um único e o mesmo²¹. Também Ellen West deseja morrer “como morre o pássaro, que explode sua garganta em júbilo pleno”.

Todas essas considerações são indispensáveis, mas ainda não suficientes para compreender de forma “daseins-analítica” o fato de que, por um lado, a “certeza intuitiva da morte” (*Scheler*²²), “a idéia da morte”, como a velha babá de Ellen já percebia, “lançava uma sombra sobre toda a sua vida”, mas, por outro lado, *iluminava* sua vida com a certeza de sua inexorável aproximação. Ellen West poderia ter afirmado, no júbilo à vida de seu anseio pela morte, com Cláudio de *Shakespeare*:

“Buscando a vida procuro morrer,
procurando a morte, encontro vida.”

A “Daseins-análise” não quer se conformar com o juízo psicológico de que o suicídio de Ellen West seja compreensível a partir de um motivo - o do sofrimento da tortura e do desejo dele resultante de colocar um fim a essa tortura - mas quer compreender o clima festivo diante da morte a partir do motivo da certeza do fim dessa tortura e a partir da felicidade que dela emana, com respeito a esse fim. Essas espécies de juízo recorrem ao motivo como explicação última, enquanto para a “Daseins-análise” os próprios motivos continuam a ser um problema. E *continua a ser* um problema, como é compreensível, o fato de que esses motivos se tornem ativos ou - em outras palavras - até o ponto em que os motivos *puderam se tornar* motivos.

Do ponto de vista da “Daseins-análise”, o suicídio de Ellen West tanto foi um “ato de arbitrariedade”, quanto um “evento necessário”. Ambas as afirmações baseiam-se no fato de que no, caso Ellen West, o ser *havia se tornado maduro para enfrentar a sua morte* ou, em outras palavras, que a morte - *esta morte* - *era a necessária realização do*

sentido de vida dessa existência. Isso pode ser demonstrado “daseins-analiticamente”, mas só será totalmente possível através do vislumbrar compreensivo da espécie de temporalidade que transformou este ser em temporal. Por enquanto, apenas isso: quando dissemos que no caso Ellen West a existência era dominada principalmente pelo passado, quando falávamos em uma “onipotência do passado”, estávamos nos referindo ao aprisionamento em círculo desse ser em um presente desnudo e vazio, e, ao mesmo tempo, à sua ‘não vinculação’ ao futuro. Uma existência dessas, no entanto, é sempre despojada de seu *verdadeiro* sentido de vida e de sua temporalização existencial, definida sempre e somente a partir do futuro. Enquanto o passado “pressiona” o ser, ele o desengana de toda perspectiva de futuro. Este é o sentido existencial das constantes queixas de Ellen West, de que ela esteja *presa* em uma armadilha, de que todas as saídas estejam bloqueadas para ela, de que ela esteja afundando em um pântano, apodrecendo, presa em um calabouço, enterrada em uma tumba e emparedada. Mas, onde o passado e a vida já vivida se tornaram preponderantes, onde a vida a ser vivida é dominada pelo passado, estamos falando em *velhice*. Ellen West já havia se tornado velha quando ainda era uma jovem mulher. O sentido da vida desse ser já havia se cumprido “nos anos de juventude”, conforme o demonstram o ritmo de vida turbulento e o movimento vital em forma de círculo dessa presença, na qual o existir se esvaziou precocemente. O envelhecimento existencial se antecipou ao envelhecimento biológico, assim como a morte existencial - “como um cadáver entre as pessoas” - se antecipou à morte biológica. O suicídio é a consequência necessária e arbitrária desses fatos existenciais. E, como só podemos estar falando em uma felicidade da velhice como “a mais secreta e doce antecipação da morte” se o ser se temporalizou em direção à própria morte; diante da morte buscada por conta própria, então, só podem estar presentes uma felicidade e um clima festivo, já que a morte caiu no colo desse ser como uma fruta madura. E,

como a velhice que se temporaliza em direção à morte e se desliga mais e mais das necessidades *vitais* e se torna cada vez mais clarividente em relação à verdadeira *essência* da vida e da existência, assim também o ser no caso Ellen West se desligou – face à morte – do anátema da cobiça, da compulsão da fome que sempre e sempre “se atirava sobre ela como um animal selvagem”. Face à morte, ela pela primeira vez consegue voltar a comer *com candura* - e *toda* a problemática e *toda* a culpa a abandonam. Ela lê poemas líricos e se deleita com o humor de Mark Twain. E o fato de que esta festa existencial seja uma festa de despedida, de maneira alguma consegue perturbar o clima festivo. Ela se despede do marido passeando e lendo junto dele, ela se despede de seus médicos mandando últimas lembranças, ela se despede da última amiga etérica com uma última carta.

O fato “daseins-analítico” de que a certeza intuitiva da morte, a morte imanente à vida (*von Gebattel*) se revelem como uma *sombra* da vida e a proximidade da morte (transeunte da vida) se revele como uma *felicidade* existencial festiva, *clara* - deve agora ser compreendida, tal como o fato do suicídio em si, levando em consideração aquilo que a morte como um todo representa para este ser. Para Ellen West, a aluna de Niels Lyhnes e a nihilista completa, a morte significava o *Nada* absoluto, isto é, não só a negação, mas a absoluta anulação da existência. Constatamos também que várias vezes a morte adquiria um sentido secundário de cunho erótico para esse ser, como, por exemplo, no querer ser beijada até à morte pelo sinistro e gélido rei dos mares, no querer ser levada e protegida por aquele deus-pai que reinava acima das nuvens e nos retratos da morte do “grande amigo” e da linda mulher de olhos profundos como os sonhos. Mas, em lugar algum encontramos uma indicação – e, muito menos, uma comprovação – de que a erótica da morte fosse um motivo desencadeador do suicídio ou mesmo se constituísse em um sentimento de felicidade diante da morte. Ao

contrário: com a carta à última amiga etérica, Ellen West despede-se do erotismo, assim como se despede de tudo. Não podemos esquecer que o ato de cometer o suicídio representa o último ato *prático* dessa Gestalt existencial e que esse ato se origina justamente do mundo da práxis, da reflexão e do planejamento - e *não* do mundo etérico, das fantasias e dos desejos. E, mesmo sabendo que “por detrás” de motivos racionais muito frequentemente se “escondem” desejos emocionais, justamente o fato de se despedir nos revela que, para Ellen, como correspondia à sua maneira de enxergar o mundo - não só cética, mas também nihilista - significava uma “despedida para sempre”. Não temos nenhum tipo de indício *a favor*, mas somente *contra* a crença em qualquer espécie de continuidade da vida após a morte, ou mesmo de um “desejo etérico” por tal continuidade. Temos que reconhecer que, com a morte de Ellen, *tudo* cessa, tanto o mundo prático como o mundo etérico e o mundo das tumbas. E, apenas *porque* ela se encontra face ao Nada absoluto, toda a (sempre relativa) problemática, todas as contradições entre os seus mundos podem desaparecer; e a existência pode, mais uma vez, transformar-se em pura festa. Mas, diferentemente da alegria existencial festiva genuína, que brota da *plenitude* existencial e que se acende na *beleza* da existência como modelo de toda a *arte*, em Ellen West ela brota diante do *Nada* e se acende em *Nada*. Aí reconhecemos a descomunal *positividade* que o Nada pode assumir na existência. Onde isso se aplica no caso Ellen West, o histórico de vida se transforma em grande medida em histórico de morte e - com razão - falamos de uma existência *consagrada* à morte.

A positividade do Nada tem um sentido existencial bastante definido: onde o ser *se* apóia sobre o Nada ou é colocado sobre o Nada – e aqui situamo-nos novamente aquém da culpa e da fatalidade – ele se encontra não só diante da angústia existencial, mas também imbuído dela em *isolamento* absoluto. A positividade do Nada e a existência no

sentido do *total* isolamento, do ponto de vista “daseins-analítico”, representam exatamente o mesmo²³. Ellen West morreu a sua morte como não só como não sendo um indivíduo “sozinho diante de Deus” - como um indivíduo religioso a morreria - em um “nós” (Wirheit) religioso; tampouco morreu durante um “nós” do encontro amoroso terreno; e nem ao menos na interação com os “outros”. Ellen West morreu a sua morte depois da despedida dos “outros”, sozinha, diante do Nada. Deste ponto, mais uma sombra metafísica se abate sobre a *serenidade* diante do Nada.

A veracidade da afirmação de que “o modo como uma pessoa morre a sua morte mostra como ela viveu” - revela-se com especial nitidez no caso Ellen West. Em sua morte, percebemos o sentido existencial especialmente dramático, ou melhor, o absurdo de sua vida. O sentido de sua vida não foi o de ser ela mesma, mas o de *não* ser ela mesma. Se falássemos em um fracasso dessa existência, este foi, então, o seu fracasso. O que a psicanálise interpretará como “fantasia de reencarnação” e o que aportará à compreensão do suicídio é, para nós, bem diferente. Quando Ellen constata que o destino a queria gorda e forte, enquanto ela mesma gostaria de ser magra e delicada (p. 102) e quando ela pede ao Criador: faça-me novamente, mas faça-me melhor (p. 83), ela, com isso, revela haver sofrido a vida inteira daquela doença do espírito sobre a qual *Kierkegaard* lançou luz com perspicácia genial e a qual descreveu, denominando-a *doença para a morte*. Não conheço nenhum texto que pudesse esclarecer melhor a interpretação “daseins-analítica” da esquizofrenia do que esse. Poder-se-ia dizer que *Kierkegaard*, nesse texto, reconheceu em genial intuição a aproximação da esquizofrenia; pois na raiz de tantos “casos” de esquizofrenia encontra-se o “desesperado” desejo, o imperturbável ditado ao mundo próprio, ao mundo compartilhado e ao “destino” de não querer ser si-mesmo, bem como o seu correlato, o desesperadamente querer ser si-mesmo²⁴.

Mesmo aquele *médico* da alma, que não ratifica a compreensão puramente religiosa e a interpretação dessa “doença” que não enxerga o “si-mesmo” como eterno, no sentido religioso, que não acredita, no sentido religioso, no Poder que o criou, que não enxerga no ser humano uma síntese do passageiro e do eterno, no sentido religioso, entendendo o desespero da *doença para a morte* em um sentido mais existencial - também ele é profundamente grato a esse texto de *Kierkegaard*. Que o “si- mesmo” só possa se fundar “transparente sobre o poder que ele institui” é uma verdade que a “Daseins-análise” ontológica também reconhece, assim como a “Daseins-análise” antropológica - totalmente independente de como elas definem esse poder, esse *fundamento* da existência. Se, por outro lado, desde a mais tenra juventude Ellen West “deseja ser amuada e teimosa” e, justamente, “ser-si-mesma”, esta não é uma prova contra o desesperado não-querer-ser-ela-mesma, mas uma prova *a favor*. Pois uma espécie de desespero é inseparável da outra, ambos os desesperos – conforme o demonstrou *Kierkegaard* – conduzem um ao outro.

Desesperadamente não querer ser “si-mesmo”, porém, “diferente” (o que só pode querer dizer: ser “um outro”) e desesperadamente querer ser “si-mesmo” - tem uma relação especial com a morte, que se evidencia facilmente. Quando a tortura do desespero reside justamente no fato de que *não se consegue* morrer, que mesmo a última esperança, a morte, *não* chega e que não conseguimos nos livrar de nós mesmos, então o suicídio – como é o nosso caso - e, junto com ele, o Nada - adquire um significado “desesperado” positivo. Através do suicídio, o desespero de Ellen de que a morte não ocorre “espontaneamente” em sua existência é transformado em festa por sua ocorrência “provocada”. No entanto, essa ocorrência é festiva não só porque a morte chega como amiga e porque a liberdade, a libertação dos grilhões da vida, a seguem em cortejo, mas também pela razão muito mais profunda de que o ser, em sua opção autônoma e

necessária pela morte, não se tornou “desesperadamente-si-mesmo”, mas *propriamente* e *completamente* “si-mesmo”! *Propriamente* eu-mesmo eu sou, ou eu *existo propriamente* lá, onde eu decido, onde eu resolvo a *situação* por meio de uma *ação*, ou seja: lá onde o futuro e aquilo que passou se amalgamam *propriamente* em presente. Diferentemente das *tentativas* de suicídio anteriores, ocorridas no “auge da emoção” como reações de curto-circuito, o suicídio foi “premeditado”, decidido após madura reflexão. Nessa decisão, Ellen West não “cresceu por cima de si mesma” simplesmente; ao contrário, na decisão pela morte ela acabou por optar por si mesma e por encontrar a si mesma. A festa da morte foi a festa do nascimento de sua existência. Mas, onde o ser só consegue existir abrindo mão da vida, a existência é uma existência *trágica*²⁵.

II. Tempo

A teimosia desesperada de Ellen West em querer ser si-mesma, mas diferente daquele ser dentro do qual ela foi efetivamente jogada pela essência de sua existência, revela-se não só na revolta e na luta contra o seu destino (contra o ser mulher, contra a casa paterna, contra sua classe social, sua compulsão por doces, sua propensão genética a engordar e, finalmente, contra sua doença), mas também em sua revolta e luta contra o tempo: na medida em que ela não deseja ficar velha, mofenta e feia, em uma palavra, não deseja tornar-se gorda, ela quer parar o tempo, ou, como se costuma dizer, “não quer pagar o seu tributo ao tempo”. Em sua teimosa perseverança em busca de seu si-mesmo que, mais perto do fim, foi se tornando transparente – e que, no fundo, não era o seu próprio, mas um si-mesmo quimérico e etérico, ela, no entanto, não foge da essência de sua existência – isso ninguém consegue -, mas vai de encontro a ela, na forma de um *abismo*. Da mesma maneira que como não se pode escapar de “seu destino”, não se pode escapar de “sua essência”. No entanto, onde constatamos uma movimentação do

ser em círculo tão nítida quanto ocorre na vida de Ellen West, partindo de sua essência e retornando para dentro dela como se fora um abismo, lá o ser existe na forma de *angústia*. No lugar da *verdadeira* temporalização ou amadurecimento, no sentido de *tornar-se* si-mesma, no lugar do *apoderar-se* de sua própria essência e, principalmente, no lugar do “nós” dual - entram, “forçosamente”, a destruição do si-mesmo e do “nós”, o *deixar-de-ser* (*von Gebattel*) ou o *afundar* (Kierkegaard). Mas esta constatação não nos leva a lugar algum. Para uma melhor compreensão da paciente que nos foi confiada, deverá ser cada vez mais nossa tarefa ficarmos atentos à *roupagem material* ou *elementar* em que um processo de destruição ou de afundamento como esse ocorre, bem como às *formas* de evolução que ele revela.

Existem diversos desses processos “elementares” do ser e do transformar da existência humana. Todos eles se movimentam nas formas ou nas figuras arcaicas do ar (da luz e do céu, da água, do fogo e da terra²⁶), não importando o quão diferentes entre si sejam o seu significado existencial isolado e as suas relações existenciais. Mas é da maior envergadura *daseins-analítica* reconhecer e admitir que essas figuras arcaicas e seus modos de transformação sejam formas de *temporalização*²⁷. O modo de transformação “momentaneamente-ascendente” da terra para o céu, por exemplo, conhecemos sob a roupagem da chama. “Mais qu’est-ce qu’une flamme, ô mês amis, se ce n’est *le moment même?* – Ce qu’il y a de fol, et de joyeux, et de formidable dans l’instant même! ... Flamme est l’acte de ce moment qui est entre la terre et le ciel. O mês amis, tout ce qui passe de l’état lourd à l’état subtil, passe par le moment de feu et de lumière ... Et flamme, n’est-ce point aussi la forme insaisissable et fière de la plus noble destruction? – Ce qui n’arrivera jamais plus, arrive magnifiquement devant nos yeux!”²⁸ (Mas, o que é uma chama, meus amigos, senão o momento em si? Aquilo que há de louco, de alegre e de formidável no próprio instante! Chama é o ato daquele momento que existe entre a

terra e o céu. Meus amigos, tudo aquilo que passa do estado bruto ao estado sutil, passa pelo momento do fogo e da luz. E a chama, não é também a forma não surpreendente e orgulhosa da mais nobre destruição? Aquilo que não chegará jamais, chega magnificamente diante de nossos olhos!). A partir do *contraste* com esse exemplo, a estrutura elementar e temporal do ser, no caso Ellen West, torna-se especialmente nítida. O elemento “destrutivo”, aqui, não é a chama *ascendente* da terra para o céu (de l'état lourd a l'état subtil), que se ilumina “momentaneamente” e desaparece outra vez com rapidez, mas o *apodrecimento que afunda* do céu *em direção à terra* ou *que se transforma em terra*, que *aos poucos* escurece e que *vagarosamente* se assenta ou consolida, passando do ‘état subtil’ para o ‘état lourd’. Como já vimos a existência de Ellen West se movimenta “entre o céu e a terra”, mas com visível tendência descendente, não entre a terra e o fogo, a terra e a água. O fogo, no relato, aparece apenas duas vezes, como a chama da paixão que consome selvagem e como “fantasia de morte” (4º sonho), as duas vezes, portanto, na roupagem temporal do “momentâneo”. As incontáveis figuras da água revelaram-se na forma de oceano (eterno), seja como o lar do sinistro e gélido rei dos mares, que deveria beijá-la até à morte, seja – como no terceiro sonho – na forma de instrumento inexorável para a autodestruição. No apodrecimento ou na transformação em terra, entretanto, não temos diante de nós o ‘modus’ do “de repente” ou o da eternidade, mas do lento e torturante afundar ou afundar-se, do engatinhar sinistro, do *estarrhecimento*. Em oposição a esse ‘modus’ está o dos desejos que voam alto, que voam *acima* do peso da terra, que rapidamente *voam* embora, o ‘modus’ do tempo que voa e que sempre torna a ser engolido pela forma temporal do cego verme da terra, que por ela se esgueira. Também esse ser engolido “tem” o seu tempo: é a forma do tempo do inferno²⁹.

Que a temporalidade seja o horizonte fundamental de todo o explicitar existencial também fica provado em nosso caso. Se, apesar disso, só agora passamos a analisá-la mais de perto, porque, como já mencionado anteriormente, nos parecia didaticamente mais apropriado e mais fácil fazê-lo somente depois da apresentação das demais formas de mundanização ou frivolidade, ou seja, da espacialidade, da roupagem material, da iluminação e da coloração, do apontar do “horizonte” a partir do qual a totalidade do “mundo” desse ser possa passar a ser compreendida. Pois, para antecipá-lo desde já, o fato de que o *pressuposto* existencial para que o mundo de Ellen West conseguisse suportar uma metamorfose tão *inequívoca* - da vivacidade, da amplitude, da clareza e do colorido do *éter*, passando pelo escurecimento, pela obnubilação, pelo ressecamento, pelo mofar e pelo apodrecimento ao aperto, à escuridão, ao cinzento do enclausuramento e ao transformar-se em terra, em *terra morta* – talvez seja o de que na base dessa metamorfose se encontre um único fenômeno, inequívoco e uniforme. *Esse fenômeno, enfim, é o fenômeno da temporalização (amadurecimento).*

Antes de nos dedicarmos à interpretação desse fenômeno, no entanto, queremos pontuar novamente que mundanidade e temporalidade não devem ser separadas ontológica e antropologicamente, mas formam dois problemas distintos no interior de *um* problema – o do ser-no-mundo. Isso já fica claro a partir do fato de que mundo (cosmos), como já observado anteriormente, nunca designa apenas um *o que*, mas, concomitantemente, também um *como*, um modo básico (Grundweise), na qual o ser (Dasein) do humano *existe* de fato³⁰. Os respectivos mundos, dos quais falamos, significam ao mesmo tempo, portanto, um título para determinados modos básicos, segundo os quais a existência, no caso Ellen West, está no mundo, se posiciona diante de e se atém àquilo que está sendo (Seiendem). Esse existir, ser, posicionar-se ou ater-se deve ser “explicitado” a partir do horizonte da temporalidade.

Quando falamos em temporalidade, *não* estamos nos referindo ao vivenciar do tempo, à consciência do tempo ou ao levar o tempo em consideração. *Von Gebsattel*³¹ já enfatizou que a expressão de *Straus* “vivenciar do tempo” (*Zeiterleben*) poderia levar – e realmente levou – a grandes mal-entendidos. Ele sugere falar em tempo *vivido*, em *temps vécu*³² ao invés do vivenciar do tempo – e explica que tempo vivido e tempo vivenciado comportam-se, um em relação ao outro, como ‘ocorrer’ e ‘considerar’ (*Geschehen und Beachten*), como ‘pática’ e ‘gnose’ (*Pathik e Gnostik*), a saber, como o verdadeiro acontecimento temporal interno e o tempo pensado, objetivado. Entre os primeiros conceitos de tempo, enquadram-se os verdadeiros transtornos de tempo – que *Minkowski* e *Straus* comprovaram ser fundamentais para a compreensão antropológica da depressão endógena e que relacionaram com a inibição vital; entre os últimos, enquadra-se aquilo que *von Gebsattel* com muita propriedade chamou de “vivência de desrealização referida ao tempo”, bem como todas as indicações dos doentes depressivos ou esquizofrênicos sobre a má-relação por eles observada entre o tempo ‘imane-de-vivências’ e o tempo ‘transeunte-de-vivências’ – ou seja, tudo aquilo que *Minkowski* chamou de *transtorno do sincronismo*. O que nós entendemos por temporalização (*Zeitigung*) encontra-se totalmente do lado do *primeiro* conceito, mas ultrapassaremos aquilo que se quer dizer com acontecimento temporal, com *temps vécu*, com pática ou com tempo ‘imane-de-vivências’ no sentido de que nós não entendemos por temporalidade (*Zeitlichkeit*) algo que está sendo (*Seiend*), nem algo que ocorreu (*ein Geschehen*), nem algo que será (*ein Werden*), que sai de dentro *de si* em primeiro lugar - mas entendemos por temporalidade o temporalizar *a si próprio* do ser em si, o *amadurecimento*. A temporalização refere-se ao “*fora-de-si-mesmo*” (.....) (*símbolos gregos*) (VER PAG. 140, FINAL) espontâneo, na unidade do porvir fenomenológico, no que foi, no presente e que, por isso, *Heidegger* com razão

chamou de *estases (Ekstasen)* ou paralisias da temporalidade³³. *Estases* são porvir, passado, presente, na medida em que evidenciam os fenômenos do para ..., sobre ..., junto de, ou seja, do sobre-si-mesmo, do de-volta-a e do permitir-o-encontro-de, ou, expresso de outra forma, do adiante-de-si, do já-ser-em e do ser-junto-de. Para nós, portanto, temporalidade tem um sentido *ontológico*. Isso sempre precisa ser considerado, mesmo que na análise de determinada figura existencial (*Daseinsgestalt*) tenhamos que nos limitar a mostrar as variações antropológicas que esse sentido (*Sinn*) ontológico experimenta.

Como podemos depreender desses comentários preliminares, não importa se e como os próprios doentes se referem a sua vivência temporal. Em Ellen West, esse raramente é o caso – e isso chama a atenção. Uma das poucas constatações “temporais” feitas por ela mesma é a de que seu desenvolvimento interior parou, isto é, encontra-se estancado.

Se nossa tarefa é a de compreender as variações da temporalização dessa existência a partir de sua mundanidade, então não será suficiente, de acordo com a compreensão vulgar de tempo, apenas registrar os diferentes tempos, aos quais nos referimos em expressões como voar, caminhar a passos largos, rastejar, e taxá-los com os adjetivos rápido, cauteloso, lento (*allegro, andante, largo*). Ao contrário, o sentido de nosso empreendimento é o de examinar essas diferentes moções do ser “no tempo”, no que diz respeito ao seu ‘modus’ de temporalização.

Que o fenômeno primário da temporalidade *original e propriamente dita* seja o futuro, que o futuro ou porvir seja o sentido primário da *existencialidade*, do planejar a si mesmo com base no “*circumquerer-de-si-mesmo*” - nessa interpretação fundamental-ontológica da temporalidade vemos confirmado o ponto de vista do significado “primário” do porvir que *Scheler* já havia formulado e que também encontramos em *Minkowski, Straus e von Gebattel*.

O sentido existencial da temporalidade em geral exclui a compreensão do futuro apenas como possibilidade vazia daquilo que é previamente combinado, desejado ou esperado, como também exclui enxergar no passado apenas aquilo que foi presente e já passou. Devemos, ao contrário, entender aquilo que foi como ‘passado’ no sentido existencial, o que significa que nós não apenas fomos, mas efetivamente *somos como “aqueles que foram”*. Nesse ‘ter sido’ baseiam-se as “capacidades” - em virtude das quais o ser é. Pois presença (Dasein) não significa estar disponível, mas conseguir ser e saber acerca desse conseguir ser significa *compreender*. Nesse sentido também o porvir de maneira alguma está “suspenso no ar”; as possibilidades do futuro não são possibilidades “vazias”, mas, através do ter-sido da existência, que faz a sua “realidade”, são possibilidades definidas. E nesse sentido o ser não é determinado *apenas* pelo futuro, pelo conseguir ser compreensivo, mas também e *sempre* pelo ter-sido; existir sempre já é um ser “*atirado*” em seu ser e *encontra-se*, conforme já ouvimos, desde sempre em seu ser ou, em *uma* palavra, sempre já é *certo*. Todo o porvir do ser é, portanto, “sido” e tudo aquilo que “foi”, é porvir. “Futuro e passado se fecham e se juntam em um círculo de vida do ser e, em sua unidade, engolem o presente”³⁴. No entanto, o sentido existencial do presente é o *presentificar* na forma do *abrir* decidido da *situação* dada, *através da ação*.

a) A temporalidade do mundo etérico

Mesmo que todos nós vivamos em um mundo etérico, mesmo que todos “tenhamos” nosso mundo etérico (das fantasias, dos desejos, das saudades e das esperanças), o mundo etérico de Ellen West se destaca não só pelo fato de assumir um papel preponderante naquela existência, mas também pelo fato dela não fazer nenhum tipo de concessão ao mundo da práxis, ao trato e às trocas com o mundo circundante, o mundo compartilhado e o mundo próprio, ou seja, com o *tomar* e o *ser tomada* por eles. A

mundo etéreo de Ellen não cede à práxis, não se mistura à práxis, nem a práxis a ele. Também a arte representa uma permeabilidade mútua como essa. Mas Ellen West, por mais que um deus tenha lhe dado a capacidade *de* falar sobre aquilo que a aflige, não nasceu para ser poeta. O mundo etérico, então, não deve ser entendido apenas como o mundo no qual permitimos que o futuro “chegue até nós”, mas deve ser compreendido em seu pleno sentido existencial, ou seja, como o criar-se-a-si-mesmo e o circumquerer-se. Este criar-a-si-mesmo, no entanto, só é possível na medida em que o si-mesmo se torne *transparente* para o (divino) *poder* que o colocou no mundo (*Kierkegaard*), ou que o si-mesmo *saiba se apoderar* de sua essência (metafísica) em um *genuíno* processo de tornar-se si-mesmo (*Heidegger*), ou, então, que o si-mesmo seja *abençoado*, a partir da essência como “nós”, com o *presente* do ser-dual-do-amor, como nós mesmos apresentamos. Mas, se o ser como poder-ser e compreender se *fecha* de maneira teimosa diante da essência de seu ser e dele *se desvia* amuado, então também o porvir recebe um outro sentido, a saber, o sentido do criar-se-a-si-mesmo e do circumquerer-se-a-si-mesmo *fantástico* e não-propriadamente-si-mesmo³⁵. Um porvir desses não é mais um futuro-sido, isto é, não um futuro por aquilo que foi e que faz a diferença das possibilidades e capacidades de cada ser, determinado, mas na realidade um futuro “de possibilidades vazias”. Num futuro desses, “tudo é possível”; é um porvir no sentido de um desejar e um querer ilimitado, sem estorvos, sem freios, ambicioso-otimista. O sentido espacial desse porvir é a imensidão sem limites, clara, brilhante, colorida, seu aspecto cósmico é a paisagem, o céu, o mar, sua roupagem é o ar, o éter³⁶. E agora deveria ter ficado claro que também o escurecimento, o peso, o limite, o estreitamento e o cerceamento desse mundo etérico, o voar feito um pássaro, em Ellen West, o voar *por cima* do mundo prático, têm um sentido *temporal!* No lugar do criar-se-a-si-mesmo sobre o circumquerer-se-a-si-mesmo entra o despojado, i.e., o passado

não mais futuro, o estar atirado e o encontrar-se em, ou seja, aquilo que a compreensão vulgar do tempo denomina “estar desvinculado do futuro”. Um estado desses a língua alemã com razão qualifica como ânimo *pesado*, a língua francesa com razão qualifica como estar apertado *para baixo* (*dépression*). Mas fiquemos, ainda, com o mundo etérico. Como o mundo de um porvir “não-verdadeiro”, como mundo de um fantástico si-mesmo-à-frente e de um fantástico si-mesmo, no qual não existem a sombra e o limite, isto significa que esse mundo como tal está constantemente ameaçado³⁷ pela sombra e pelo limite, ou seja, por aquilo que foi; pois a estrutura histórico-temporal do ser permite ser modificada em amuo, teimosia, cobiça, mas não permite ser atravessada ou não permite volta. O ser, cada ser, *permanece* entregue a sua essência. No porvir não-verdadeiro, no criar-a-si-mesmo circumquerente de um despojado si-mesmo-desejante, a importância do mundo é falsificada, é nivelada “artificialmente” (como mostramos nos estudos “Sobre a fuga de idéias”). Em um mundo como esse qualquer pode “entusiasmar-se” temporariamente, mas ciente de seu caráter fantasioso, i.e., ciente de que não é possível permanecer nesse mundo. Mas, se esse mundo sem contornos se coloca no lugar do mundo atual da práxis, no qual os objetos se batem, com força, nos ambientes, a essência volta a se manifestar, porém não mais como um chamado de volta àquilo que foi, como o saber da “necessidade de voltar à terra”, mas na forma de uma ignorante, cega e sinistra ameaça da *sombra*, como *angústia!* E quanto mais o ser se perde no mundo etérico, tanto mais ameaçadora compacta e intransponível se torna a roupagem dessa sombra.

b) A temporalidade do mundo das tumbas

Já deve ter ficado claro, a esta altura, que - da mesma forma como o mundo etérico é dominado pelo porvir (não genuíno), - o mundo das tumbas é dominado pela onipotência do *passado* não genuíno, não-futuro, sempre presente. É como

*Kierkegaard*³⁸ afirma, acerca do desespero: “Todo verdadeiro momento de desespero pode ser creditado a sua possibilidade; cada momento em que o desesperado está em desespero, é ele quem o chama para si. Aí o tempo presente é contínuo; não se cria nada que seja passado, que tenha sido deixado para trás, frente à realidade; em todo verdadeiro momento de desespero, o desesperado carrega, como se fora presente, tudo aquilo que está diante dele como possibilidade. A condensação, a consolidação, o estreitamento da sombra sobre o apodrecimento vegetativo e o inevitável fechamento em círculo até a parede da tumba são expressões da crescente prepotência do passado sobre essa existência (Dasein), da prepotência do já-ser no lugar em que se encontra o inferno, e do inevitável de-volta-a-ele. Esse medo do inferno é o medo de existir, o medo (do ser) de ser tragado por sua própria essência, medo pelo qual o ser, quanto mais procura esquivar-se dele, quanto mais tenta voar para longe dele, mais *profundamente* ele é tragado. No lugar do dominar a essência ele-mesmo e de tornar-se transparente em relação a ela, entra o angustiante ser-dominado-por-ela, na forma do afundar-se novamente no Nada.”

Onde o ser não consegue criar-a-si-mesmo sobre o circumquerer-de-si-próprio, onde ele está desvinculado do porvir, o *mundo* no qual ele vive afunda até a *não-significância* e, nesta última, ele (o ser) perde o seu caráter de condição e se transforma em não-condição. Em outras palavras: o ser nada mais encontra a partir do que ele pudesse compreender-se, mas isto significa que ele se amedronta, ele existe no ‘modus’ da *angústia* ou, como costumamos dizer, é *o horror nu*. No entanto, é importante que se saiba que “o Nada do mundo, diante do qual a angústia se angustia, não garante que haja eventualmente na angústia uma *ausência* do vivenciar daquilo que está disponível no mundo interior. É preciso, justamente, que ocorra, para que assim ele (o Nada) não possa ter *nenhum tipo* de conluio com aquilo (que está disponível no mundo interior) e

para que ele (o Nada) possa se revelar em sua *vazia* falta de comiseração”³⁹. Mas a isto ainda se acrescenta o fato de que a não-significância do mundo revelada na angústia desmascara a nulidade *daquilo que pode inquietar*, a saber, a impossibilidade do criar-a-si-mesmo sobre um poder-ser da existência fundado no *inquietante*, ou, como dizemos, fundado na práxis. “A angústia se angustia pela existência nua como aquela (existência) atirada ao Sinistro”.

Em relação ao acima descrito, é importante apontar que, mesmo no aperto do mundo das tumbas, o mundo não perdeu *totalmente* o seu caráter de condição, não afundou até a *total* não-significância; e que o ser (Dasein), lá, continua a encontrar algo a partir de que ele ainda possa compreender a si mesmo: a tumba, o cárcere, o buraco na terra. O fato de que mesmo assim o ser ainda se angustie revela que o estreitamento e o nivelamento da significância do mundo, que se pavoneia junto com a onipotência daquilo que foi (Gewesenheit), já significa *prejuízo* em seu caráter de condição, bem como angústia. Acompanhamos passo a passo essa perda em Gestalt do mundo na forma de “afundamento” da mundanidade em relação a um mundo altamente móvel, altamente fugaz em um mundo altamente rígido, amorfo e sem Gestalt, onde o ser não consegue mais se compreender a partir de nada “novo”, mas apenas a partir do passar e do ter sido daquilo que é habitual e fartamente conhecido. O ser, portanto, já se angustia com aquilo que o torna *não-livre*⁴⁰ em relação ao livre-criar-de-si-mesmo e ao circumquerer-a-si-mesmo, em seu mais íntimo poder-ser. Aquilo que está disponível no mundo interior não necessita, portanto, se revelar em sua *vazia* falta de comiseração, será suficiente que ele se revele no aspecto do *esvaziamento*, em nosso caso no aspecto da terra, da tumba ou do buraco na terra. Todas essas expressões revelam apenas uma coisa, que o esvaziamento do significado do mundo, a perda em Gestalt de seu caráter de condição e “vazio existencial” significam apenas uma e a mesma coisa – e, por sinal,

com base em uma variação do *único* sentido existencial da temporalização. Quando o mundo se torna insignificante, quando perde mais e mais o seu caráter de condição, quando o ser (Dasein) encontra cada vez menos com o que possa criar-a-si-mesmo e a compreender-se – quando o mundo, portanto, se revela no aspecto do esvaziamento (da terra, do buraco, da tumba na terra), a existência não mais está adiante de si mesma, mas atirada de volta ao simples passado (Gewesenheit), no qual ela não consegue mais se compreender a partir de “nada de novo”, mas apenas a partir do círculo daquilo que é habitual e conhecido e que foi compreendido à exaustão – isso significa que “*tudo fica na mesma*”, “*que nada mais anda*”, conforme o linguajar comum tão bem expressa. Esse nada-mais-andar e esse ficar-tudo-na-mesma, que afeta tanto o mundo, quanto a existência nada mais é que o ficar *parado*, ou, então, no mínimo o *engatinhar*. Quando Ellen West se enxerga como verme da terra, ela com isso expressa o mesmo que já expressou por meio da constatação de que “seu desenvolvimento estancou”, que ela está desvinculada do futuro, que ela não enxerga nada amplo, nem claro diante de si, mas apenas se movimenta, ainda, em um círculo escuro e apertado. E isso, por sua vez, não significa nada outro senão aquilo que a própria Ellen West e que nós mesmos, na psicopatologia, classificamos como um afundar do nível “espiritual” a um nível mais baixo, a um nível do apenas-ainda ou do praticamente- apenas-vegetar da pura cobiça. *Cobiça* pode ser caracterizada existencialmente pela proximidade, pela estreiteza e pelo esvaziamento do mundo, por seu aspecto de buraco, no qual o ser conforma com aquilo que estava logo ali, à mão – e, como precisaremos dizer, em nosso caso, “à boca”, onde, portanto, o ser não escolhe, nem raciocina, mas apenas agarra ou morde rapidamente, se atira rapidamente “como um animal” sobre aquilo que está disponível naquele momento. A forma de temporalização do ser-no-mundo não é mais a do esperar (pelo futuro ou pelo porvir), mas um *simples* presentificar, um presentificar do simples, que

não nasce do futuro, nem de um *agora* que deixa atrás de si um passado. A “gravidade animalesca” desse presente revela-se no fato de que tudo apenas e ainda “gira em torno” do comer ou do comer voraz do animal, como a única condição a partir da qual o ser ainda pode compreender a si mesmo. Depois de tudo aquilo que dissemos deve ficar claro que, como já frisamos anteriormente, tal voracidade - como expressão do esvaziamento e da transformação do mundo da existência em terra - é *angústia*. Quando Ellen West *se atira* “como um animal” sobre a comida, isso significa que ela é impulsionada pela angústia, por aquela angústia que ela procura anestésiar na cobiça do comer como um animal, pois já no deglutir voraz do alimento “algo anda” – para, no entanto, no momento seguinte lhe escapar. Este é aquele “*laço*” do qual é impossível escapar, no qual o ser se encontra enleado. O medo de engordar então dá provas de si mesmo como uma outra expressão para o medo da *perpetuação* da cobiça na forma (Gestalt) de uma engorda ou cevadura, da transformação em verme, do apodrecimento, do enclausurar, do enfear, do envelhecer e da des-espiritualização da existência. O “ser gorda” é a eterna queixa que o ser faz a si mesmo, sua “culpa” definitiva. A oposição entre o mundo etérico e o mundo dos túmulos, entre a superexposição à luz e à sombra existenciais revelou-se como a oposição entre um desmanchar-se diante do peso da temporalização da existência e um ser puxado para baixo diante dele. Isso se expressa com enorme nitidez no histórico de vida de nossa paciente. No entanto, o fato de haver uma oposição entre ambos os mundos não significa que um deles seja uma alegria existencial festiva perene e o outro seja um luto e uma depressão existencial perene, mas ambos os mundos – se assim podemos dizer – são mundos de angústia; o etérico no sentido da angústia produzida pelo querer ser diferente do *verdadeiro* futuro – e, com isso, também do *medo* da morte; o mundo das tumbas, no sentido da angústia diante do passado desnudo. Em um deles o ser se consome no mero desejar da fantasia, no outro,

na mera cobiça por viver. A oposição entre os dois mundos não é aquela entre a não-angústia, o ser-carregado pela existência ou a “serenidade” (*E. Straus*) de um lado e a angústia, de outro, mas entre duas formas diferentes de angústia, da angústia diante do envelhecimento e da morte, e da angústia diante da vida. Em ambas as formas *aquela* angústia diante da nulidade da vida pode encontrar sua expressão e, portanto, ambas são passíveis de serem confundidas: *Hades* pode significar Dionísio e Dionísio, *Hades*. A oposição entre as duas formas de angústia é dialética no sentido da antinomia existencial (*Daseinsantinomik*), ou seja, do apertado engolir da vida pela morte e do engolir da morte. O suicídio, no entanto, é a ruptura arbitrária dessa antinomia por meio de um ato da práxis “decidido”, na qual a liberdade forçosamente triunfa sobre a falta de liberdade, no final. A essência da liberdade radica-se como necessidade de modo tão profundo na existência, que ela ainda tem autoridade para decidir sobre a própria existência.

c) A temporalidade do mundo da práxis

Nós vimos o suficiente que a atuação prática de Ellen West não está propriamente a serviço da temporalização (ou do amadurecimento) existencial, mas parte muito mais da ganância por um nome imortal, da tendência de melhorar o mundo e, principalmente, do vício de *esquecer* a si mesma e da *dispersão*. Essa atividade é, em grande parte, um vício de anestesiarse – sendo comparado ao ópio pela própria Ellen West. O ser, aqui, não é viciado apenas no que diz respeito aos doces e aos alimentos que engordam, mas também ao esquecer a si própria, ao correr de si mesma. Daí a inquietação, a incapacidade de concentrarse em suas atividades práticas, a falta de dedicação e a mania por novidades⁴¹. Originando-se em seu mais íntimo ser-si-mesma, ou seja, não permitindo que chegue até ela nem o *verdadeiro* futuro, como também o *verdadeiro* sabendo-ter-sido, também não chega a ocorrer um encontro-autorizado-com-algo

objetivo e “sem dissimulação”, como corresponde ao *verdadeiro* presente, como a temporalização do *cauteloso* agir ou providenciar. Nesse sentido, trata-se, no fundo, apenas da “coisa em si”, que só pode de fato “ocorrer” ao verdadeiro si-mesmo (ou ao “nós” dual). A linguagem corrente o expressa com muita propriedade, dizendo que não se trata de motivos “objetivos”, mas de “motivos pessoais”. Uma vez que Ellen West também mostra tendências existenciais, ela busca a todo custo colocar ordem nessa dispersão. Contudo, no lugar da verdadeira temporalização do amadurecimento, nós vemos apenas um “providenciar do tempo”, uma divisão pedante de “seu tempo” e um convulsivo e irrequieto *preenchimento* do mesmo⁴². No entanto, tudo isso pertence à temporalidade do *estar decadente* no mundo, mas não faz parte da temporalidade do providenciar com cautela e, muito menos, à descoberta teórica ou à criação artística. O ser também não consegue se temporalizar (amadurecer) *verdadeiramente* nesse caso, não consegue se manter no *verdadeiro* presente do instante (existencial), em outras palavras, não consegue estar “aí” para a *situação* que se revelou, *decidido* “no instante”. Só a verdadeira *decisão* revela do “aí” da existência como *situação*. “Por isso o que foi revelado nunca encontra aquele que está decidido de forma tal que ele, indeciso, poderia perder seu tempo nisso”⁴³. Também o dar passos *sobre* a terra, o agir ou a prática, no caso Ellen West, não são ponderados, cautelosos, mas um ‘dar passos’ incoerente, tenso e forçado, ameaçado tanto pela tendência a voar ou a fugir voando, como principalmente pela tendência ao engatinhar, à “apatia”. No caso Ellen West, encontramos a temporalidade em todos os lugares esfacelando-se mais ou menos em suas respectivas ‘estases’ (estagnações), isto é, faltando uma temporalização verdadeira, em processo de amadurecimento ou existencial. Esse é o *traço básico* dessa existência, da qual – como nós vimos – ela consegue escapar apenas ao optar pelo suicídio.

Dela partiu mais uma vez também uma luz especialmente clara sobre a compulsão por comer e o medo de engordar. O *precisar encher* o tempo, este “arranjar tempo” é mais um traço bastante nítido da premente necessidade de preencher, da necessidade de *preencher o vazio existencial*. Esse vazio, no entanto, nada mais é que um fenômeno da temporalidade da existência; por isso ele pode ser “preenchido” “com tempo”, mesmo que apenas emergencialmente, artificialmente ou temporariamente. Esse preenchimento é, portanto, uma ajuda emergencial. Ela se transforma em cobiça – exatamente como a necessidade de comer – em vício, quanto mais a existência se esvazia (e ao contrário, também. Compare a *espera tranqüila* pela morte depois de tomada a decisão *existencial!*). O precisar encher a barriga com comida e sua perpetuação no fato de engordar é apenas outra (mesmo que bastante inconveniente) maneira do precisar encher o vazio existencial. No entanto, seu caráter cobiçoso ou sujeito ao vício tem a mesma origem que o vício de preencher o tempo, a necessidade, portanto, de escapar do fenômeno do vazio. O medo da comida e do engordar não se origina do medo de preencher como tal – senão Ellen West também teria medo do preencher do tempo – mas se origina do pavor do preencher no sentido da cobiça *pura do gozar*. Só depois que Ellen West tomou a decisão pela morte exógena, pelo suicídio – no qual, portanto, ela não estará mais existencialmente vazia, mas “totalmente preenchida” por essa meta, onde, portanto, mas alguma vez “algo caminha”, ela *volta a ter tempo*, ela não necessita mais preencher cobiçosamente o tempo, ela volta a ter o gozo *sereno* dos doces. Lembremo-nos, entretanto, que o gozar é um ‘*modus*’ da temporalização, um temporalizador não-verdadeiro que presentifica ou que torna instantâneo, que não se temporaliza nem a partir do futuro, nem a partir do passado. Já por isso ele - como todo vício pelo gozo e todo vício - é um meio que não se presta para preencher o vazio existencial, para buscar o ser do estar-submetido, trazendo-o de volta para o verdadeiro

si-mesmo. O gozo se transforma em *vício* pelo gozo - e em cobiça - justamente porque, na condição de satisfação e apaziguamento *puramente momentâneo*, ele sempre torna a colocar o ser no vazio existencial e, por isso, a cada vez o deixa novamente à mercê do mundo (do alimento ou do tóxico). No lugar da possibilidade de uma verdadeira temporalização ou de um verdadeiro amadurecimento, entra o estar-submetido ao tempo-do-mundo objetivo, transeunte de experiências. Nestes casos, o ser só fica ainda precisado de e dependente dos *momentos* do surgimento da fome e das oportunidades de poder apaziguá-la (refeições, alcoolismo, injeções, satisfação sexual). O círculo vicioso e o laço assim se fecham, o encarceramento é completo.

Por fim gostaríamos de comentar também que Ellen West acaba por “*preencher*” mais uma vez o lapso de tempo que lhe fica entre a decisão de cometer o suicídio e a ingestão do veneno, não mais com cobiça desenfreada ou engolindo apressadamente, mas com leitura “espiritualizada”, passeando e comendo inocentemente. Mesmo que ela vivencie, decidida, o limite de sua vida como uma verdadeira situação-limite e, nesse sentido, se torne um verdadeiro si-mesmo, nem mesmo agora ela consegue *crescer* para *além* de si mesma.

d) Olhar retrospectivo e perspectivas

No caso Ellen West, podemos falar em existência verdadeira, em temporalização no sentido do *verdadeiro ‘modus’ singular* somente face à sua morte. É certo que já detectamos mais cedo algumas “tendências existenciais”⁴⁴, mas elas foram sufocadas pelo ‘modus’ singular não-verdadeiro, pela teimosa *maneira* (plural) *de lidar* consigo mesma. Se este ‘modus’ domina o ser, ele não conseguirá se estender continuamente no sentido da verdadeira existência ou da temporalização (do amadurecimento), nem poderá deter-se em apenas *um* dos mundos! O estar à mercê do mundo de uma maneira geral que aflora nesse ‘modus’, traz consigo não só o fato de que ele se evidencia em

formas totalmente diferentes e disparatadas do ser-si-mesmo, mas também o fato de que o mundo se desfaz em vários mundos disparatados. Se quisermos qualificar essa maneira de ser com apenas *uma* palavra, então não existe uma palavra mais adequada – também do ponto de vista daseins-analítico do que a palavra *desespero*. Esse desespero, por sua vez, apresenta “sub-formas” muitíssimo variadas, que podem ser descritas dependendo de seu caráter de temporalização e do caráter de sua roupagem material, iluminação etc. No nosso caso, a temporalização manifesta o caráter do encurtamento ou do encolhimento da existência, ou seja, do afundamento de sua estrutura ontológica tão rica e tão articulada em seus movimentos para um nível *pouquíssimo articulado*: a unidade dessa estrutura de despedaça em suas diferentes ‘estases’ (estagnações); a relação ontológica das ‘estases’ entre si se dissolve, a ‘estase’ do porvir regride cada vez mais, a ‘estase’ daquilo que foi torna-se preponderante; resumindo, com isso o presente se transforma em um mero agora ou, na melhor das hipóteses, em um mero espaço de tempo. No que diz respeito à *espacialidade*, essa transformação do ‘modus’ de temporalização se expressa como um *estreitamento* e um *esvaziamento* do mundo, no que diz respeito à *consistência material* como seu afundamento no pântano ou na terra, no que diz respeito à *iluminação* e à *coloração* como um ofuscamento *cinzento* e um escurecimento *negro*, no que diz respeito a sua *mobilidade* como *enrijecimento*. E tudo isso – de acordo com a unidade indissolúvel do mundo e do si-mesmo – como expressão natural do ser-si-mesmo alterado, do estreitamento e do esvaziamento *existenciais*, do afundamento *existencial* no pântano, do escurecimento e do enrijecimento.

Mas o fato de que o ser ainda consiga, mais uma vez, romper com essa rigidez, explodir com o cárcere do passado (*Gewesenheit*) e fazer trocas com o *mundo* do presente genuíno, ou seja, que ele ainda consiga, mais uma vez, tornar-se *si-mesmo* – isso tudo nos fala do poder da liberdade (*die Macht der Freiheit*) de um modo geral e, até certo

grau também, ainda, na forma “rastejante” da esquizofrenia. Mas, recordemos mais uma vez as circunstâncias sob as quais esse poder consegue se desenvolver de novo! Não é uma situação do cotidiano, também não é apenas uma situação difícil, ou uma situação de importância vital, sob cuja emoção o ser mais uma vez se volta a si próprio – mas uma situação totalmente singular, na qual o ser como tal se entrega ao Nada. Foi necessária uma decisão – não uma decisão qualquer, mas uma decisão *extrema*, para que o mundo mais uma vez brilhasse, o si-mesmo, mais uma vez, realmente existisse. O que o suicídio significa aqui, em um caso menos avançado, condição, portanto, da possibilidade da ruptura da rigidez – em casos mais avançados ou em personalidades mais primitivas talvez um assassinato, um ato violento de modo geral, o provocar de um incêndio ou o deixar queimar a mão, vagorosamente, sobre o fogão, com o intuito de fazer um sacrifício e, com esse sacrifício, produzir em uma pessoa amada uma impressão decisiva – como eu mesmo presenciei certa vez. No entanto, muitas vezes também – disso sabemos – a rigidez é rompida por acontecimentos ou situações externas, como uma doença física, a morte repentina de um familiar, um assalto, um susto ou algo do gênero. Aquilo que nós, psiquiatras, estando “de fora”, julgamos e registramos como um “ato” estranho, bizarro, doentio de um “esquizofrênico”, do ponto de vista “daseins-analítico” pode ser compreendido como uma tentativa do ser (muitas vezes, a derradeira), de chegar a si mesmo! Mas este é um problema da temporalização, conforme já vimos. Quando uma tentativa dessas não é mais possível, quando “nada mais anda”, os próprios pacientes se referem a um término “do tempo”, no sentido de um tempo eterno, que sempre permanecerá igual⁴⁵, no qual nenhuma decisão é possível e toda a tentativa de comunicação cessa. Pacientes “geniais” também sabem da tragédia que é o lutar desesperadamente para voltar *para si mesmo*, da busca “estúpida e desenfreada por uma consciência”. Citamos como exemplo *Hölderlin*, doente, em suas

anotações dirigidas ao Rei Édipo. Mas o próprio *Hölderlin* sabia que, para chegar até si mesmo, condições existenciais especiais são necessárias, ou mesmo uma sorte grande; mas, se não puder ser isso, então pelo menos o assustar-se com algo:

“Ó filha do Éter! Apareça de dentro
dos jardins de teu pai, mas, caso não possas
presentear-me com a sorte dos mortais, assusta-me,
Ó assusta-me o coração com outra coisa qualquer”⁴⁶

III. Eternidade

Quando falamos em eternidade, não estamos mais falando nas formas de ser-no-mundo, mas nas de ser-no-mundo-para-além-do-mundo, do ‘modus’ *dual* de ser humano, ou do nós, no eu e tu no Amor. Não estamos mais falando, aqui, de existência (ser-si-mesmo), de tempo e de espaço, mas do ser-nós (*Wir-sein*), da eternidade (*Ewigkeit*) e da pátria (*Heimat*). O presente, aqui, não é mais o *permitir* sem falsidade o *encontro* daquilo de que a decisão atuante se apodera, não significa mais, portanto, a abertura decidida da *situação* (veja p. 108 e 142), mas o *encontro* do eu e do tu no instante eterno do Amor. Não se trata mais de um *conseguir-ser*, mas de um *poder-ser*, não mais de um *auto-apoderar-se* da essência (do âmago), mas de uma *bênção-ao-nós* a partir da essência. Apesar de ser – ou até, justamente, por ser o ‘modus’ *genuíno* do ser humano, o ‘modus’ *dual* é o mais oculto, o mais reprimido. Uma vez que, na História da Humanidade, passou-se muito tempo até que esse ‘modus’ irrompesse e conseguisse vir à tona, na *religião* do Amor, o Cristianismo – e, como essa irrupção, mais tarde, se transformou no semblante espiritual da humanidade, mesmo no caso do indivíduo, os maiores obstáculos se interpõem a essa irrupção, para que depois, uma vez ocorrida, transforme o indivíduo desde a sua essência. A existência, agora, não é mais um ser-

atirado-no-mundo de recife em recife, mas, não obstante esse ser-em, uma existência protegida na plenitude sem fim da pátria e da eternidade.

Se nos perguntarmos, então, se e até onde o ‘modus’ dual conseguiu irromper na Gestalt existencial que continua a viver sob o nome de Ellen West, ou se e por que ele só brilha através dela, estaremos diante da pergunta mais sutil de toda a nossa pesquisa; pois justamente lá, onde se trata de Amor, a essência ou o fundo (der Grund) não foi atingido. Justamente aqui precisamos nos contentar em girar à volta do mistério que, “no fundo”, cada Gestalt existencial representa.

Quando uma presença – como foi no caso Ellen West – é dominada em tão ampla medida pelas formas existenciais da morte, da angústia e da culpa, isso significa que ela é solicitada em um grau especialmente alto *como indivíduo*. Se um ser é solicitado como indivíduo de uma forma tão exclusiva e, principalmente, se ele existe como indivíduo desesperado em tal medida que só consegue se desvencilhar desse desespero abrindo mão da vida, então o Amor - que solicita o ser como dual, isto é, nas possibilidades existenciais da eternidade, da proteção da pátria, da inocência e da verdadeira formação - aparentemente *não* conseguiu chegar à irrupção. Isso já se revela, entre outros, no fato de Ellen West não saber esperar, nem mesmo pela morte, uma vez que ela constantemente teme “perder tempo”, mesmo no que diz respeito à decisão de morrer, enquanto o Amor é, ele mesmo, a “*patience infinie*” e de modo algum o “idiota do tempo” (“time’s fool”), como Shakespeare expressou de modo tão lapidar. Que Ellen West também não tenha alcançado uma *verdadeira* formação, fica claro através do fato de que não lhe foi possível entregar-se totalmente, em amorosa imaginação, a qualquer das grandes “objetividades espirituais” (como à religião, à arte ou à ciência, à política ou à cultura).

E, no entanto, o ‘modus’ dual também brilha através dessa Gestalt existencial, como possivelmente jamais haverá uma pessoa na qual não se consiga descobrir um germe de amor. Já no que diz respeito ao seu sofrimento diante da “injustiça social” (p. 76 e s.), percebemos que esse germe é afetado pela sombra da cobiça, é reprimido; mas percebemos também que esse ser não teria sofrido o seu vazio e a sua pobreza de maneira tão torturante - não como um peso propriamente, mas como um inferno – se não tivesse tido um conhecimento secreto dessa possibilidade de ser-para-além-do-mundo. Já falamos em uma intuição de tal possibilidade diante das diversas formas que a morte assumiu para ela. Pois, para Ellen West, a morte não é *só* o Nada. Ela é o Nada para o seu intelecto e para o seu atuar prático – o suicídio. Visto a partir do mundo das tumbas, ela é o término de um processo de apodrecimento; do ponto de vista do mundo etérico, ela é uma Gestalt erótico-legendária (o rei dos mares), erótico-religiosa (Deus-Pai), erótico-estética (uma linda mulher com flores brancas no cabelo escuro), erótico-poética (o grande amigo). E todas essas formas são atravessadas pelo brilho do Amor e, se não de modo genuíno, ao menos de “modo decadente”⁴⁷ etérico-místico ou etérico-passional. O Relatório também nos revelou Gestalten do tu, mais - ou menos - disfarçadas: a babá, o pai, a mãe, o irmão mais novo, o estudante e o marido, as amigas etéricas. Outra evidência para a prontidão de Ellen West ao tu nos é dada também pelo apego e pela gratidão vitalícia de muitos daqueles que foram incumbidos de cuidar dela e nos é dada, principalmente, pelo amor profundo que o marido tinha por ela e, podemos acrescentar, nutriu por ela a vida inteira. Para aquele que leu o Relatório, Ellen West não deve parecer apenas um objeto de interesse, mas deve, também, ser reconhecida como um tu. E, por fim, ainda irrompe em Ellen West um genuíno saber sobre o verdadeiro Amor, quanto mais perto da morte ela presente estar.

Também a vida de Ellen West *diante* da morte pode ser compreendida do ponto de vista da eternidade. Mesmo que somente na presença da morte ela tenha conseguido rechaçar totalmente a teimosia e o amuo, a cobiça e a fantasia, e até o “medo daquilo que é terreno”; mesmo que, já próxima da morte e, principalmente, quando se encontra face a face com ela, Ellen não só *se conscientize em relação a si mesma*, mas também se afaste *de si mesma* e do mundo de modo semelhante, distinguimos novamente um sentido positivo do Nada: pois, somente diante do não-ser, Ellen West está de fato no ser, triunfa em tranqüila serenidade sobre a finitude do ser - inclusive de seu próprio. Mas isto só é possível quando o ser se sabe, ou se intui como Gestalt desse ser, como traço passageiro da eterna mutação gestáltica. Esse saber ou intuir, portanto, é o saber ou o intuir do Amor.

O fato desse saber só irromper diante da morte e não conseguir se impor “na vida” mostra o quão monstruosa foi a pressão à qual este ser esteve exposto desde o início. E mostra que, apesar de tudo, esse saber ainda conseguiu irromper, dando uma idéia do imenso poder que o ‘modus’ dual pode exercer sobre o ser humano.

C. Daseins-análise e psicanálise

Também a psicanálise tem como base de experiência o *histórico de vida*, ela é, na verdade, uma *forma* peculiar de “história”, reduzida à história natural. Essa peculiaridade estende-se a todos os três níveis de pesquisa histórica, à heurística, à crítica e à interpretação⁴⁸. Mas já na heurística, na coleta do material do vivenciado, ela segue seus próprios caminhos. Ela não só está preocupada com uma coleta muito detalhada e extremamente precisa do material, mas também nos presenteou com um novo método heurístico. Contudo, é sabido que ela privilegia em ampla medida o *mundo etérico*, como podemos afirmar na seqüência ao nosso caso, ou seja, o mundo da

fantasia e o mundo do sonho. Já por isso ela se coloca em oposição à Daseins-análise, que procura destacar na existência humana todos os esboços de mundo possíveis, fiel ao fato já constatado por *Hegel* de que a individualidade é aquilo que o seu mundo (seu *mundo completo*) *como seu*, é. Esse ato de privilegiar baseia-se no fato de que o desejar (o “princípio de prazer”) é a verdadeira direção de sentido, à qual *Freud* atrela o homem. Isso, por sua vez, está intimamente conectado à antropologia de *Freud*, isto é, com a sua *idéia* de homem. Enquanto a Daseins-análise se aproxima da existência humana com nenhum outro pressuposto além da constatação irrefutável de que o homem está no mundo, tem o mundo e, ao mesmo tempo, anseia por estar além-do-mundo, *Freud* se aproxima do homem com a *idéia* (sensual-hedonística) do homem natural, o “*homo natura*”, assim como foi apresentada em minha conferência festiva em Viena⁴⁹. De acordo com essa *idéia* – que só é possível com base em uma destruição do ser humano de modo geral e de uma reconstrução biológica e *natural*-científica do mesmo – toda a *crítica* e *interpretação* do material do vivenciado histórico ocorre da seguinte forma: a história torna-se história natural, as possibilidades do existir humano segundo a índole tornam-se processos genéticos de desenvolvimento. O homem reconstruído dessa maneira é, “essencialmente” um ser impulsionado, ou um ser de pulsões, sua natureza é pulsional. Se por isso se trata, em primeira linha, de pulsões libidinais, é porque *Freud* considera a sexualidade como o único poder genuinamente *criador de história* na história de vida individual, em oposição, justamente, à Daseins-análise. Uma vez que a representação psíquica do pulsional é colocada no *desejo*, o mundo do desejo ou o mundo etérico chega ao seu significado singular nesse retrato de homem, o qual – sabidamente – é finalmente tão reduzido, que acaba por ser absorvido no esquema teórico de um “aparelho” composto de mecanismos psíquicos. No destrinchar dos modos de funcionamento desse aparelho, de sua história natural

filogenética e ontogenética posta sob o primado da sexualidade e de seu reagir aos fatores da história de vida, do mundo circundante e, principalmente do mundo compartilhado – eu vejo, junto com o próprio *Freud*, a genuína façanha da psicanálise, a sua verdadeira genialidade, que, no entanto, como a maioria dos feitos geniais, só é cientificamente produtiva enquanto é reconhecida e valorizada em sua unilateralidade.

Uma vez que a Daseins-análise procura destacar o ser humano em todas as suas formas de existência com os mundos a elas pertinentes, em seu conseguir-ser (existência), poder-ser (amor) e precisar-ser (estar lançado), e a Psicanálise em apenas uma única, a saber, a mencionada por último, fica claro que a Daseins-análise pode ampliar e aprofundar os conceitos básicos e as descobertas da Psicanálise, mas a psicanálise só pode estreitar e achatar, i.e. reduzir ao patamar de seus pontos de vista (unilateralmente naturalístico-evolucionistas) as formas daseins-analíticas. Acrescente-se a isso, principalmente, que a Daseins-análise está postada em solo fenomenológico e trabalha com o método fenomenológico e o ser humano, portanto, não é considerado concreta ou objetivamente, i.e., como sendo igual a outros objetos existentes (à disposição) no mundo e, principalmente, não é encarado como um objeto da natureza, mas é examinado como o fenômeno do ser-no-mundo, a partir do qual se pode começar a compreender o que é que o esboço de vida, no sentido de mundo natural, realmente significa.

Depois dessa introdução prévia, com respeito à qual eu devo sugerir a leitura em detalhe de meu trabalho “Sobre a Fenomenologia”⁵⁰, a conferência referenciada e a obra “Grundformen”, passaremos a nos dedicar à questão sobre como se dá a relação entre a Daseins-análise e a psicanálise, em nosso caso específico. Os temas que interessam, no caso, são as “equações” montadas pelo segundo analista:

A. Magra = intelectual; gorda = judia, burguesa.

B. Comer = ser fecundada = engravidar.

A segunda equação nos ocupará principalmente da tentativa de interpretação psicanalítica do terceiro sonho.

No que diz respeito, em primeiro lugar, às duas equações psicanalíticas A: magra = *tipo mais intelectualizado* (mais suave, mais loiro, ariano), e B: gorda = *tipo judaico-burguês*, essas equações não devem ser compreendidas a partir de uma relação direta de ambas as partes, uma com a outra, mas apenas a partir dos pontos em comum dos mundos, aos quais ambas as partes das equações pertencem, a saber – a partir de seu pertencimento ao mundo etérico na primeira, ao mundo das tumbas, na segunda equação. Não podemos afirmar, portanto, que magro “significa” o mais elevado, e gordo, o tipo judaico. A Daseins-análise mostra que não se trata aqui de um significado unilateral ou de uma relação simbólica de um elemento da equação para com o outro, mas de um *significado em comum* que vai ao encontro dos dois elementos – com base em seu pertencimento à mesma ordem de significado, o significado do etérico leve na primeira, e o significado do pesado opressor na segunda equação. Pois já mostramos – para voltar apenas à última ordem de significação – que o mundo compartilhado familiar, o pequeno mundo do cotidiano adotou igualmente o significado da tumba, da opressiva sensação de estar emparedado que o invólucro do corpo; Ellen West revoltase contra *ambos* os muros, contra ambos ela bate, física ou espiritualmente, “com as mãos”. Apenas se de saída partimos de *pressuposto*, no ser humano, do primado das sensações ou das “sensibilidades”, chegaremos a uma relação “simbólica” *entre* os elementos isolados da equação como tais. A Daseins-análise, no entanto, nada sabe sobre um primado destes, adotado hipoteticamente em favor de uma teoria puramente filosófica e psicológica – como, de resto, as sensibilidades lhes são indiferentes. Para ela (Daseins-análise) a recusa do mundo circundante e a recusa da gordura encontram-

se, lado a lado, no mesmo patamar. Contudo, enquanto Ellen West consegue fugir da pressão do mundo circundante – e realmente se afasta dele cada vez mais – ela consegue cada vez menos fugir da pressão do engordar, na medida em que a voracidade trabalha contra essa fuga.

O que vale para as duas equações mencionadas vale também para a equação não mencionada pelo analista: magra = amiga etérica = jovem, linda (podendo-se acrescentar: gorda = matrona acomodada = velha, feia). Também nestas duas equações estamos lidando com dois *mundos*, o mundo etérico da vida ascendente na primeira, o mundo “massivo” da vida descendente na segunda equação. Também aqui não podemos afirmar que o desejo de ser magra “significa” o desejo (identificatório) por juventude e beleza, o medo de ser gorda “significa” o medo do envelhecer e do tornar-se feia; ao contrário, os dois desejos e medos devem estar juntos por uma razão – a de que ambos pertencem ao mesmo mundo do desejo, ou do medo. Também aqui o mundo correspondente é decisivo, não o determinado desejo correspondente, nem o determinado medo correspondente! Esta é uma das mais importantes constatações da Daseins-análise e uma das principais diferenças entre ela e a Psicanálise.

Tudo isso ficará mais claro quando nos detivermos na equação B, que é muito mais difícil de destrinchar: *Comer = ser fecundada, engravidar*, à qual nosso terceiro sonho fornece uma interessante contribuição. É fato que ouvimos do segundo analista que Ellen West tenha “reconhecido” essa equação. Quando, no entanto, o analista relaciona essa equação e principalmente a ingestão de chocolate com o erotismo anal, a própria Ellen West declarou que não tinha a mínima idéia sobre o erotismo anal. Assim sendo, seu “reconhecimento” aparentemente foi apenas superficial.

No que diz respeito ao *erotismo anal*, com certeza encontramos no caso Ellen West alguns traços bastante pronunciados de “caráter anal”, tais como o amuo e a enorme

teimosia, bem como um pronunciado pedantismo no que diz respeito ao preenchimento de seu tempo. Mas não encontramos outros vestígios explícitos de pedantismo – e, principalmente, nenhum sinal de avareza. Infelizmente o material psicanalítico que se encontra à nossa disposição é muito escasso, especialmente a fase da infância é pouquíssimo transparente para que possamos tirar quaisquer conclusões importantes do ponto de vista psicanalítico. Uma vez que a equação chocolate = fezes não conseguiu ser comprovada e documentada pelo histórico de vida, muito menos o foram as equações fezes-dinheiro e fezes-criança que se seguiriam à primeira, de acordo com a experiência psicanalítica. E se, apesar disso, nós aceitaremos a interpretação psicanalítica de nosso caso especial, então será porque queremos demonstrar através dela a oposição de princípios entre Daseins-análise e psicanálise. E o tema do erotismo anal se presta especialmente bem para essa finalidade.

O traço básico do erotismo anal é o tenaz manter-junto-de-si ou não-querer-se-desfazer-de. Esse é um pressuposto muito importante da Psicanálise, com o qual a Daseins-análise concorda plenamente – o de que um traço básico como esse não está ligado à diferenciação físico-psíquica, mas vai além dela. Mas a concordância vai apenas até aí. A Daseins-análise, em primeiro lugar, se perguntaria sobre que esboço de mundo se encontra na base da analidade. Justamente no que diz respeito ao caso Ellen West, a resposta, para nós, é simples: nesse esboço de mundo, a multiplicidade de escolhas e a diversidade do mundo estão reduzidas à Gestalt de *buraco*. A forma de ser *em* um mundo destes é a do sentir-se restringido ou oprimido; o si-mesmo que esboça um mundo assim é um si-mesmo “vazio”, preocupado apenas com o preenchimento do vazio. Assim sendo, uma analidade explícita marcha lado a lado com uma oralidade explícita, uma tendência à “incorporação”. Uma vez que essa expressão – como a Psicanálise corretamente observou – não fica restrita à esfera corporal, seria mais

correto falar em incorporação, mas no sentido de mero preenchimento⁵¹. A “categoria” que domina de modo homogêneo esse esboço de mundo, o ser presente nesse mundo e o si-mesmo que o esboça – é, unicamente, o vazio e a plenitude, o estar vazio e o estar cheio, do si-mesmo esfomeado e do si-mesmo repleto. O traço essencial de uma forma-de-Dasein como essa é a voracidade, o atirar-se sobre. Esse movimento-de-Dasein, conforme vimos acima, tem o caráter temporal do repentino e o caráter espacial da proximidade. O mundo no qual um ser como esse “se movimenta” é orientado em termos temporais pela simples ‘agora’ da possibilidade de preenchimento e pelo simples ‘aqui’ do enchimento, um mundo desses é sem luz, sem cor (tenebroso), monótono e uniforme; em uma palavra, sem alegria, triste. A esse mundo esvaziado correspondem - ou melhor, são seus pressupostos - o si-mesmo existencialmente vazio, o *vazio existencial* e a correspondente *pressão existencial*. Ambas as caracterizações podem ser encontradas no início de nosso Relatório sobre Ellen West – e no final do mesmo podemos reencontrá-las na seguinte formulação: “E permanece o grande buraco não preenchido” (p. 91). Se o mundo é apenas um buraco, o si-mesmo (física e espiritualmente) é também um buraco; mundo e si-mesmo são determinações recíprocas (segundo a frase que não nos cansamos de repetir, de que o indivíduo é aquilo que o seu mundo, como mundo seu, é).

O esboço de mundo que está na base da analidade (e da oralidade) é, portanto, aquele do mundo como buraco, como tumba ou túmulo. O ‘modus’ pseudo-existencial do ser-em-no mundo como buraco é a *cobiça* (ou a *voracidade*), na condição de reverso do estar não-preenchido e do estar insatisfeito, do vazio existencial de um modo geral. Como cobiça, no entanto, ela não conduz à incorporação *genuína* ou à *plenitude*, mas apenas ao *estar repleto*. Mas isto significa que aquilo que “há pouco, ainda” tinha o caráter daquilo que atrai, espicaça, seduz, “agora” tem o caráter do “desinteressante”, daquilo

que repele, repugna, enoja: a vida ascendente repentinamente se transforma em descendente, o crescer, florescer, vingar se transforma em murchar, mofar, apodrecer. Quanto mais impetuosa e desinibida a vida sobe “em direção ao éter”, tanto mais rápida e profundamente ela despenca outra vez e se transforma em tumba, que se prende ao ser como um peso de chumbo e o puxa para baixo, em direção à morte; pois a cobiça pela plenitude não consegue preencher o vazio existencial, mas apenas o anestesia temporariamente; nesse caminho ela pode significar apenas um *adiamento*, uma *fuga* momentânea diante da *morte*. O poder de atração da morte, cuja menção faz os olhos de Ellen West brilhar, por outro lado também se deve ao fato de que ela, somente ela (a morte), não só significa o *temido fim*, mas também a *tão desejada* possibilidade única de libertação da cobiça em si. O alegre último dia de vida, antes da noite da morte constitui a prova efetiva desse exemplo Daseins-analítico.

O histórico de vida de Ellen West nada mais é senão a história da transformação da vida em mofo e túmulo; parafraseando *Paul Claudel*, ela é um exemplo dos mais impressionantes da “funeste alchimie de la tombe” (funesta alquimia da tumba). Aquilo que a psicanálise chama de analidade, é apenas um recorte especial da história dessa alquimia. Em outras palavras: a analidade pertence ao plano da vida no pântano - úmida mofenta e pútrida – e ao seu produto final, o frio túmulo. Esse esboço de mundo se faz presente desde o início no histórico de vida de nossa paciente, mesmo que sempre contestado e rompido pela práxis e, principalmente, pelo mundo etérico. Essa contradição revela-se na tendência ascética, no voluntário abrir mão dos doces – até o correr para longe do pão no armário, do involuntário abrir mão de companheirismo até o voluntário-involuntário abrir mão da vida.

Se a Daseins-análise não tem nenhum problema em reconhecer e aceitar o conceito de analidade (e de oralidade), se ela enxerga na somatomorfologia e na somatografia da

vivência⁵², que nos foi apresentada por *Freud*, um dos mais valiosos trabalhos preliminares para o seu empreendimento, ela deve voltar-se totalmente contra a tentativa de *esclarecimento* pela qual a Psicanálise busca dar conta não só da analidade, mas também da completa estrutura do vivenciar. Como fenomenologia, ela tem o dever não só de não aceitar o pressuposto genérico de *Freud*: “Os fenômenos observados devem ... recuar diante das aspirações apenas pressupostas” (Gesammelte Werke XI, p. 62), mas também o dever de se voltar contra essa tentativa de *esclarecimento* especial por si. Para ficarmos na forma da analidade segundo a Daseins-análise: de acordo com a observação acima, ela não deve recorrer a um componente pulsional anal-erótico como causa ou condição genética para a construção e a amplificação do mundo do pântano e do buraco, não só porque ela não é de modo algum uma ciência explicativa – uma vez que ela deixa a explicação para as ciências objetivantes - mas também porque ela deve recusar esse caminho da explicação como tal. A Daseins-análise não pode admitir que *sensações de prazer* ao evacuar as fezes – ou seja, a fixação da zona anal como zona erógena, têm o poder de construir a visão de mundo do buraco, do túmulo ou do pântano – como, de resto, nenhum mundo pode ser construído a partir de sensações e de pulsões. Essa opinião, essa maneira de ver as coisas pertence inteiramente a um tempo passado, à era do Positivismo. A Daseins-análise é de opinião que, ao contrário, somente onde existe um esboço de mundo como mundo do buraco, em uma determinada fase da infância ou em determinadas formas de “decomposição mental” o ser buraco, o ser preenchido e esvaziado ou o reter-consigo são vivenciados como “prazerosos”. Essa guinada copernicana está no princípio de toda a Daseins-análise. A analidade no sentido psicanalítico, portanto, é apenas um recorte do mundo do buraco como um todo, a saber, aquele mundo limitado pelo mundo-próprio àquela parte específica do corpo. Conseqüentemente, as expressões mundo-do-buraco ou mundo-do-

pântano devem ser privilegiadas.

O fato de que “o vivenciar” seja “somatomórfico” em tão ampla medida mostra apenas o quão importante é, para as nossas vivências, o papel desempenhado pela corporalidade em geral na construção de nosso mundo e, da mesma forma, nas expressões de linguagem. Mas seria totalmente errado esquecer das outras regiões do mundo em função disso. O olhar sobre a linguagem é muito rico, pois é nela que se “fixa” nossa visão de mundo. Justamente no nosso caso, pudemos constatar o quanto as expressões de linguagem para as vivências são cosmomórficas e, de uma maneira geral, retiradas do cosmos (universo), bem como de todas as suas diferentes “regiões”. Se dissermos que o esquizofrênico idiotizado encontra com muita dificuldade as palavras para as suas vivências, e nos baseamos na afirmação de que suas vivências são de cunho totalmente “novo”, então essa justificativa fica apenas na superfície. O que ocorre é que ele encontra as palavras para as suas vivências com tanta dificuldade porque seu *mundo* é de cunho tão novo, tão modificado, ou, então, tão esfacelado, que ele não mais encontra “pontos de apoio” nos quais consiga “ancorar” sua linguagem.

Estamos agora preparados para encarar *daseins*-analiticamente a equação psicanalítica B: *comer = ser fecundada = engravidar*. Principalmente nessa equação, precisamos evitar compreendê-la no sentido de uma equação simbólica, de uma relação de significado simbólica. Se o (segundo) analista era de opinião de que a voracidade pela comida era apenas uma expressão simbólica para a voracidade amorosa, o medo de engordar “significava” um medo de ser fecundada e engravidar – ele era guiado, nessa opinião, pelo preconceito diagnóstico de que, no caso Ellen West, tratava-se de uma “neurose obsessiva”, na qual se sabe que uma ação “compensa” ou “substitui” uma outra intenção de ação (“recalcada”). Mas, se já no caso da neurose obsessiva as coisas de modo algum são tão fáceis quanto é o caso no ensinamento sobre o “mecanismo de

substituição”, o que dirá então no caso Ellen West. Pois a compulsão para o preenchimento do vazio existencial, o ser buraco e seus componentes corporais, a voracidade por comida aqui não são de modo algum recalçados; pois, quando falamos da oposição entre o mundo etérico e o mundo do buraco, isso não quer dizer que Ellen West recalque a voracidade, mas, ao contrário, que ela a condene e a combata⁵³. Isso é algo muito diferente do recalque, conforme o próprio *Freud* já explicou. Não é isso, portanto, o que acontece no caso Ellen West, de que um mundo domine “o Consciente” e o outro seja “recalcado no Inconsciente” – mas o que ocorre é que o mundo é *cindido* em dois mundos “conscientes” iguais!

Mas, de modo algum queremos negar que no caso Ellen West o desejo de ser fecundada e de engravidar possa estar a serviço da tendência de preenchimento (mas não o contrário, que a tendência ao preenchimento esteja a serviço do desejo pela fecundação!). Se soubéssemos algo a respeito de suas teorias sexuais infantis, poderíamos chegar a uma certeza maior, nesse aspecto. Também não discordamos de que um medo de estar grávida possa se transformar e se amalgamar com o medo de engordar, mas discordamos, por outro lado, de que o medo de engordar expresse ou signifique simbolicamente o medo da gravidez. Só se entendêssemos o ser humano sob o primado da teoria sexual é que chegaríamos a uma interpretação dessas. A Daseins-análise, no entanto, não se aproxima do ser humano com uma teoria; ela apenas o encara “teoricamente” sem preconceitos. O fato de que se possa chegar a uma fusão da voracidade por comida (da fome) com a voracidade por amor e do medo de engordar com um medo da gravidez, origina-se, por outro lado, do fato de que ambos os tipos de voracidade são tipos especiais de cobiça de uma e mesma cobiça e ambos os medos são medos especiais de um e mesmo medo – o medo desse mundo; pois o mundo da tumba é aquele “cobiçado” de todas as maneiras por esse ser – e diante do qual ele se

amedronta de todas as maneiras possíveis. É o medo da transformação do mundo da vida ascendente (da juventude e da magreza) em vida descendente (do envelhecimento, da falta de forma, da decadência), em resumo, o medo da “alchimie funeste de la tombe”. É o que vemos, também, no personagem do Don Juan de Mozart. Não por acaso esse personagem não se encontra sob o signo da vida, mas do da morte: também a *cobiça* por amor é *inimiga da vida*. Em nenhum lugar isso é mostrado de forma mais dramática do que em “Peau de Chagrin” de *Balzac*: La peau de chagrin, símbolo da duração da vida, encolhe na mesma medida em que a *cobiça* pelo amor e pela vida “gozam da vida”.

A relação entre a Daseins-análise e a psicanálise deverá ser iluminada em maior profundidade através do estudo do *terceiro sonho* (veja p. 100ss). Uma vez que, por razões psicoterapêuticas, não se pôde cogitar em uma análise dos sonhos de nossa paciente – e, portanto, não se encontram à nossa disposição quaisquer “insights” acerca dos mesmos, ficamos na dependência do conteúdo manifesto do sonho, da experiência psicanalítica sobre sonhos em geral e o saber que nos trouxe nossa Daseins-análise até agora.

O terceiro sonho é o seguinte:

1. *Durante uma viagem ao outro lado do oceano, ela se atirou ao mar através de uma escotilha do navio.*
2. *O primeiro amado (o estudante) e o atual marido fizeram tentativas de reanimação.*
3. *Ela comeu muitos bombons e fez as malas.*

A primeira coisa que nos chama a atenção, nesse sonho, é que o “elemento” *água* nele desempenha um papel (assim como o elemento fogo, no segundo sonho). No relatório sobre o caso Ellen West, raras vezes nos deparamos com água e fogo, assim, por exemplo, no poema “Beija-me até à morte”, no qual o sol desaparece no *mar* como uma

bola de fogo e o *sinistro e frio* Reis dos Mares é invocado, devendo apertá-la em seus braços em *cálida* cobiça amorosa até à morte. Esse encontro de fogo e água, expressão da cobiça amorosa, é um evento totalmente isolado em nosso relatório. O mundo de Ellen, conforme vimos, é um mundo no qual não o fogo e a água, mas o ar (luz) e a terra (escuridão) brigam um com o outro. Se fogo e água (entre outros) são os elementos da *purificação* e, assim, também do passado e do presente, ar e terra são, então, os elementos do futuro esvoaçante e do afundamento no pântano, da petrificação⁵⁴, da elevação e da depressão, de estar-adiante-de-si-mesmo e do já-estar-em, da amplitude e do aperto. No caso Ellen West, o ser se movimenta preponderantemente nessas direções. Mas agora é justamente a *água* – para nos limitarmos a esse elemento - e, por sinal, justamente, na figura (Gestalt) de oceano ou do mar - o elemento da *profundidade*⁵⁵. É de grande interesse – mas não pode ser aqui analisado em maior profundidade – que e por que esse elemento se manifesta tão nitidamente justamente no sonho. (Chama a atenção, também, que as tentativas de suicídio de Ellen também não sejam tentativas de afogamento, mas tentativas de jogar-se da janela (sobre a terra), de deixar-se atropelar (sobre a terra) ou de envenenar-se). A Daseins-análise, naquele então, ainda estava em seu começo. Prestemos atenção, portanto, apenas ao fato de que a *profundidade* - e, justamente, a profundidade da água, tem íntimas relações com o passado. *Bachelard* pergunta em seu livro “A água e os sonhos”⁵⁶, tão importante para a Daseis-análise: “Pourrait-on vraiment décrire un passé sans des images de la profondeur?” (Poderia-se, verdadeiramente, descrever um passado sem as imagens das profundezas?). Ele explica claramente: “Le passé de notre âme est une eau profonde”⁵⁷ (O passado de nossa alma é uma água profunda). Se pudermos interpretar a queda de Ellen West no mar como um mergulho em seu próprio passado, então é lançada uma luz sobre o significado “maternal” da água⁵⁸ e, justamente, do significado de fertilidade do

mar, sobre o qual *Michelet*⁵⁹ afirma: “Telle est la mer. Elle est, ce semble, la grande femelle du globe, dont l’infatigable désir, la conception permanente, l’enfantement, ne finit jamais” (Assim é o mar. Ele é, parece, a grande fêmea do globo, cujo desejo infatigável, a concepção permanente, a procriação, não terá fim jamais). Nessa interpretação juntam-se passado e futuro, ser e deixar de ser, ser parido e parir. Se interpretarmos o atirar-se ao mar como um afundamento no passado, podemos, então, interpretar as tentativas de ressuscitamento como expressão do ser buscado de volta para o presente, “sobre a terra”. Estando a sonhadora novamente em terra, ela permite ser colocada “sobre as pernas” outra vez. Sua relação com os objetos é - como sempre - tão clara e simples que consegue voltar a comer bombons e está em condições de fazer as próprias malas – uma imagem na qual o futuro também tem a palavra.

Assim, poderíamos nos aproximar desse sonho de forma puramente *daseins-analítica*, oposta à sua análise e interpretação do ponto de vista individual e do ponto de vista do histórico de vida. A *Daseins-análise* não pode tomar para si a tarefa de interpretar um sonho do ponto de vista do histórico de vida e psicanalítico; muito pelo contrário, ela sempre tem consciência de que, no sonho, não está lidando com a pessoa inteira, mas apenas com um determinado modo de existir, o modo da existência esquecida por ela mesma.

Mas fica evidente que a interpretação *daseins-analítica* consegue delimitar o círculo para aquilo que a psicanálise possa interpretar, quando observamos como a psicanálise entenderia esse sonho. As interpretações da psicanálise, então, se revelam como significados simbólicos *especiais (de Freud)*, no solo da compreensão *daseins-analítica*. Passemos, então, à interpretação do ponto de vista do histórico de vida. Tanto os dois sonhos que precederam esse - como o sonho que se seguiu a ele - dão expressão direta, de maneira não dissimulada, ao desejo de morte. Assim como o próprio sonho. Se o

lemos do início para o final ou de trás-para-adiante, sempre ele termina no desejo de morte; pois também o ato de fazer as malas (partir em viagem), segundo a experiência psicanalítica, contém um desejo de morte. Mas certamente nenhum psicanalista se daria por satisfeito com isso. Ele imediatamente explicaria que a primeira frase:

1. *Durante uma viagem ao outro lado do oceano, ela se atirou ao mar através de uma escotilha do navio* - representa um dos mais conhecidos símbolos do nascimento ou do renascimento (navio = corpo da mãe), pois, “no Inconsciente”, a fantasia do nascimento do próprio filho sempre vem lado a lado com aquela do (re-)nascimento a partir da própria mãe⁶⁰.

2. *O primeiro amado (o estudante) e o atual marido fizeram tentativas de reanimação.* Trata-se dos dois homens que tiveram a maior importância na vida de Ellen West, o primeiro (loiro, suave) como representante do tipo “mais intelectualizado e ariano”, o outro como representante do mundo prático e objetivo da “naturalidade”. Em relação ao primeiro, Ellen era a amante, em relação ao segundo, a esposa. Tentativas de reanimação, ressuscitar da morte, por outro lado, são símbolos conhecidos, a saber, símbolos de fecundação. A sonhadora deseja ter um filho de ambos.

3. *Ela comeu bombons e fez as malas.* O ato de fazer as malas não é apenas um símbolo de morte, mas também um símbolo para a gravidez (mala = corpo). Pertence ao âmbito da oralidade e ao da analidade, do preencher de um recipiente vazio. E aí topamos justamente com o comer bombons. À fantasia oral-anal da gravidez e do nascimento realmente pertence a representação de que, pelo comer, pode-se ter filhos (ser fecundada). É bastante *plausível* que Ellen West tenha elaborado uma teoria sexual como essa na primeira infância. Com base nessa teoria infantil – mas só com base nela – poderíamos realmente afirmar que comer significa ser fecundada. Teríamos então diante de nós, na terceira frase do conteúdo manifesto do sonho, um rebento da camada mais

primitiva da primeira infância do histórico de vida, enquanto a segunda frase já pressupõe o conhecimento da participação do homem na fecundação, ou seja, é oriunda de uma “camada mais recente”. Acrescente-se ainda que, de acordo com *Freud*⁶¹ doces ou bombons “no sonho sempre representam carícias, necessidades sexuais”. Conseqüentemente – como é o caso tantas vezes – temos que ler o sonho de trás para diante. Sua tradução, portanto, será:

Ela come bombons para aplacar sua necessidade sexual e para ter um filho. Ela rejeita esse método, uma vez que agora já sabe que, para tal, é necessário um homem. Ela oscila entre o estudante e o seu próprio marido. A criança nasce; ao mesmo tempo, ela renasce.

Nessa interpretação, acreditamos não nos haver afastado muito do método de *Freud* de interpretação dos sonhos. Uma das mais importantes descobertas de Freud é a de que temos que “re-traduzir” para um encadeamento explicativo lógico as frases do conteúdo manifesto do sonho, alinhadas umas às outras. Pois procedemos da mesma forma com o estilo lógico-nivelador do pensar típico da fuga de idéias, que em muitos aspectos se assemelha à linguagem dos sonhos. No que diz respeito a ambos os estilos de linguagem, é natural que permaneça em aberto a questão de com que direito utilizamos esse método de re-tradução, ou - em outras palavras - até que ponto nós equiparamos “embriões de pensamento”, que afloram em frases ou palavras soltas alinhadas lado a lado, a pensamentos e desejos realmente pensados. Falaremos mais a esse respeito adiante.

Até esse momento, analisamos o sonho da escotilha do navio meramente sob a ótica dos temas fecundação, gravidez e nascimento. Precisamos, ainda, analisá-lo considerando o *tema da morte*, que aflora tanto no conteúdo manifesto do sonho, quanto no símbolo do arrumar as malas (partida).

Também nesse caso a segunda frase do sonho é o eixo – sendo indiferente se considerarmos o sonho de começo ao fim, ou de trás para adiante. Em primeiro lugar, não há dúvida de que também levamos a sério o conteúdo manifesto da primeira frase e, como nos demais sonhos, temos que falar de um desejo de morte e de sua realização. Lembremo-nos então do recurso de interpretação descoberto por *Freud*, que ele descreve sob a rubrica “Ao inverso, pelo contrário”: quando constatamos que tanto a primeira como a última frase do sonho, apresentam o motivo da morte, então seria estranho que justamente a frase do meio falasse *apenas* da vida e não “ao inverso, pelo contrário” *também* da morte. Se quisermos fazer uso desse recurso de interpretação, então teremos que reconhecer nas tentativas de reanimação o desejo por ajuda para morrer, que Ellen frequentemente expressou diante do marido, mesmo estando acordada. Assim o sonho – se lido do começo ao fim – poderia também ser interpretado dessa maneira:

Eu tenho o desejo de morrer, o estudante ou o meu marido devem ajudar-me nisso; se eles assim o fizerem, eu poderei comer bombons outra vez, inocentemente, e então preparar as minhas malas (“para o além”).

Se, ao contrário, acompanhássemos o conteúdo manifesto de *ambas* as frases iniciais, nós as compreenderíamos da maneira que corresponde ao seu conteúdo de fato, e teríamos que nos contentar com a seguinte interpretação “superficial”: agora estou viva novamente e posso comer bombons tranquilamente e viajar.

O que a Daseins-análise tem a dizer a respeito de tudo isso?

Uma vez que já no início desse capítulo explicamos as diferenças fundamentais entre a Daseins-análise e a psicanálise, poderemos nos restringir, aqui, a temas isolados. Mesmo que não seja de sua competência, nem esteja no rol de suas tarefas a interpretação de um sonho, a Daseins-análise registrará com interesse o fato de que a

interpretação psicanalítica tenha conseguido revelar em um único sonho o entrelaçamento tão estreito entre os temas do nascimento e da gravidez com o tema da morte. Ela com certeza poderá integrar esse entrelaçamento de temas em sua própria análise, de tal forma que passará a encará-lo como uma manifestação parcial da oposição entre vida ascendente e vida descendente, oposição essa que se arrastou por todo o histórico de vida. No que diz respeito à presença de uma fantasia de reencarnação e da tentativa de confusão da mesma com as tendências suicidas, ela com certeza fará valer, pelo contrário, que na realidade os desejos de reencarnação já lhe eram conhecidos a partir das palavras de Ellen West em estado de vigília (“Faça-me outra vez, ó Destino, mas faça-me diferente”), mas que a interpretação “a partir do Inconsciente” lhe parece muito unilateral e não se aplica à existência *toda*, e que o manter os olhos abertos seja a sua verdadeira tarefa. Que a psicanálise fundamente sua interpretação “unilateralmente” no pulsional, esquecendo totalmente do fator existencial que aí pode ser detectado, que Ellen West quisesse desesperadamente ser si mesma e ao mesmo tempo diferente de si mesma e que esse desespero a conduz à morte. Uma presença (Dasein) não tão desesperada como a dela teria se “conformado” de alguma maneira também com a própria voracidade. No lugar do desespero, teríamos, então, nos confrontado ou com uma submissão heróico-filosófica ao “destino”, ou com uma submissão religiosa “à vontade de Deus” ou, então, com uma renúncia a todo tipo de existência “espiritual” e o conformar-se com um modo de existência parvo, animalesco. Ellen West não foi criada nem para uma, nem para a outra das alternativas.

O que, por fim, diz respeito à equação psicanalítica comer = ser fecundada, engravidar, a Daseins-análise também toma conhecimento com interesse de que aqui haja um entrelaçamento dos temas do comer e da fecundação. No entanto, depois que ela provou que a voracidade por comida forçosamente se deixa ordenar na redução do mundo ao

buraco e à necessidade de preenchimento desse buraco, de que ela é apenas um *traço* nesse ‘modus’ “vazio” do ser-no-mundo, ela não pode admitir que, para a compreensão daquilo que seja a voracidade por comida, ainda deva existir, “escondida por trás”, uma voracidade por amor. É claro que a Daseins-análise se lembra de que a vida amorosa de Ellen West também revele traços de falta de medida e uma “necessidade de carinhos”, mas não encontra nenhuma evidência de que ocorram, aqui, “recalques” especialmente fortes. Mas, mesmo que se deva falar em uma voracidade amorosa, a Daseins-análise precisará esclarecer novamente que ambas as cobiças – e isto com base nas relações, de ambos os lados, com o mundo subterrâneo ou o mundo das tumbas – possam passar por uma ligação ou um amalgamar, mas que com isso não se esteja afirmando que uma das cobiças seja apenas um substituto simbólico para a outra; em outras palavras, que voracidade por comida *signifique* voracidade por amor! Nesse sentido, a Daseins-análise também não pode admitir que o *medo* de engordar *signifique* medo de engravidar. A Daseins-análise também não daria uma importância tão dominante, estendendo-a para *toda* a existência, no caso Ellen West, à teoria sexual infantil segundo a qual a fecundação ocorre pela ingestão de comida – caso ela realmente pudesse ser comprovada. Ambas as afirmações – tanto a do significado simbólico como a do significado dominante da teoria sexual infantil - só são possíveis onde a libido seja hipoteticamente aceita como traço básico e motor da existência. A Daseins-análise, no entanto, não se deixa influenciar por hipóteses. Mas nós não negamos o fato de que existam figuras (Gestalten) existenciais, nas quais a existência está tão espremida ou “fixada”⁶² (“neuroses”) que sua maneira de existir só pode ainda ser compreendida a partir da “fixação” de desejos e aspirações infantis. Aquilo que vale a partir da compreensão dessas figuras existenciais, não se aplica em relação à compreensão de ser humano de uma maneira geral e não vale, principalmente, no que diz respeito ao caso

Ellen West.

Com todas essas considerações, aproximamo-nos agora da questão de que postura a Daseins-análise toma diante do conceito de Inconsciente de *Freud*. Mais acima (p. 164) já levantamos a questão sobre com que *direito* podemos empregar o método da re- tradução do conteúdo manifesto do sonho em *pensamentos* latentes do sonho. Se seguirmos esse método, construímos “por detrás” da personalidade consciente uma segunda *pessoa* “inconsciente” o que, com certeza, não é permitido daseins-analiticamente; pois se o indivíduo é aquilo que seu mundo, como mundo seu, é - e se o mundo só é fixado na *linguagem*, ou, em outras palavras, só aí se torna *mundo* - não poderemos, então, falar em individualidade lá onde a linguagem não é, ainda, linguagem, mas manifestação e expressão plena de sentido. Por essa razão, *Freud* no início também não falava de um Eu, ao referir-se ao Inconsciente, mas de um “Es” (artigo neutro), porém mais tarde favoreceu a concepção popular de Inconsciente como um segundo Eu ou uma segunda pessoa, por meio da afirmação de que também “partes do Eu e do Super-Eu” devem ser reconhecidas como inconscientes.

Depois de tudo isso, a Daseins-análise irá explicar que o Inconsciente, no estrito sentido psicanalítico (isto é, *não* no sentido daquilo que não foi considerado ou que foi esquecido) pode orientar-se para um ser, mas de modo algum a um ser-aí ou *Dasein*. Pois isso significa um ser que está *aí* e que *tem* o seu aí, ou seja, que sabe de si e se comporta diante dele. Esse ‘da’ é sua revelação, seu mundo. O Inconsciente, como já dito, não tem um mundo, o mundo não é revelado a ele, nem ao menos – como no sonho manifesto – “simulado” diante dele, e ele não se compreende a partir de seu mundo. Um Es (inconsciente) não está no mundo no sentido de existir (*Dasein*), uma vez que estar-no-mundo significa sempre como si-mesmo, ele-mesmo, nós-mesmos (plural) ou o anônimo estar-se-no-mundo; e com certeza o Es nada sabe de pátria, como vale para o

nós-dual, o eu e o tu. O Es é uma construção científica que objetiva (ou que transforma em objeto) a existência (Dasein), é um “reservatório do pulsional”.

Com isso, naturalmente, não queremos dizer que a Daseins-análise não se interesse *também* pelo desejar, o fantasiar e o sonhar. O presente estudo já é um testemunho desse interesse. Mas o que a *ela* importa, em última linha, é o esboço de mundo respectivo, o ser nele e o ser-si-mesmo que a ele corresponde. O que tange o sonho, nós já tocamos repetidas vezes nessa questão e a respondemos no sentido de que o onírico ser-no-mundo deve ser entendido como o enclausuramento no mundo próprio⁶³, ao existir corporal⁶⁴, ao existir no sentido do esquecer de si mesmo⁶⁵ e, sobretudo, no sentido do otimismo da fuga de idéias⁶⁶.

Se, por um lado, mostramos como a Daseins-análise e a psicanálise podem trabalhar juntas na compreensão de uma Daseins-Gestalt, por outro precisamos sempre lembrar do abismo que existe entre essas duas tentativas científicas tão heterogêneas – a tentativa fenomenológica, que se aclimata no conteúdo fenomenal de toda expressão de linguagem, toda maneira de agir e toda atitude, e que busca compreendê-los do lado de cá do divórcio entre corpo, alma e espírito, entre consciente e inconsciente, a partir de modos básicos da existência humana – e a tentativa objetivante, natural-científica, que deixa os fenômenos recuar por detrás das “ambições hipoteticamente supostas”, como o próprio *Freud* afirma, que não examina o conteúdo da linguagem em relação à concepção de mundo que nela aflora, mas considerando aquelas ambições ou *pulsões* “naturais”, projetando, assim, o ser humano naquele patamar intelectual do ser da “natureza”. E então esse “Es”⁶⁷ - impessoal, sem nome, estranho ao ‘eu’ e ao ‘nós’, esse estar abandonado, sem salvação, a uma “*vis maior*” (vontade maior), contra a qual o indivíduo não tem nenhuma possibilidade verdadeira de reagir - assume um significado tão predominante. No entanto, a Daseins-análise naturalmente também parte do

princípio – como sempre frisado – de que o ser (Dasein) não construiu sua própria base, ao contrário, ela *sabe* de uma *liberdade de base*, uma liberdade no sentido de *responsabilizar-se a si mesmo* (de Platão até Nietzsche), no sentido do comportamento do próprio homem diante de seu “caráter” (*Le Senne*) e ela sabe da *bênção* do encontro livre do eu e do tu no Amor. Independente de como se queira entender essa liberdade metafísica ou religiosa, a Daseins-Análise se prende ao *fato* de que o ser humano não é apenas um dever-ser, mas também *é* um conseguir-ser e um poder-ser, um ser acolhido (protegido) no Ser como um Todo. Nesse sentido, ela se prende não só ao mundo etérico dos desejos e fantasias e ao seu “alicerce” (“substrução”), o mundo da tumba das cobiças, mas *também* ao verdadeiro eu-mesmo e ao ‘nós’ eterno, à Existência e ao Amor, ao Saber e ao Poder e, com isso, ao Ser em Verdade, Beleza e Bondade.

Uma vez que *Freud* buscou seu modelo humano na neurose, deixando, com isso, seu próprio modelo de ‘ser’ totalmente descuidado, seu olhar – sem dúvida o olhar de um pesquisador da natureza – teve que se dirigir, forçosamente, ao dever-ser, ao qual não se pode escapar. No entanto, uma vez que o neurótico não *é somente* neurótico e o homem de modo algum *é somente* um ser pressionado, trata-se, aqui, de uma distorção da figura do homem dentro de uma teoria científica do Homem. Por essa razão a psicanálise só pode se tornar um “estudo do homem” sob a égide do estudo completo da existência ou *antropologia*.

D. Análise clínico-psicopatológica

Antes de nos voltarmos para os problemas puramente clínicos, suscitados pelo nosso caso, queremos mais uma vez apresentar de forma sucinta os *resultados da interpretação daseins-analítica*. No presente trabalho não nos interessa apenas fornecer uma contribuição casuística ao estudo da esquizofrenia, mas, com base nesse caso,

mostrar quão diversos e díspares são os pontos de vista e os métodos a partir dos quais e com os quais o doente mental deve e pode ser considerado e examinado cientificamente. A compreensão daseins-analítica de nosso caso culminou na constatação de que estamos lidando com uma Daseins-Gestalt, cujo mundo assume cada vez mais a forma de vazio ou de buraco, e cuja forma de existência, inteira, só pode ser descrita como um sendo-vazio ou um sendo-buraco. E faz parte da essência do existir (Dasein) sendo-buraco que ele possa ser vivenciado como um vazio, como um apertado sendo-limitado, sendo-pressionado ou sendo-presos, bem como uma ânsia por liberdade, para finalmente se apresentar como uma forma melhor do si-mesmo. Isso vale da mesma maneira para todas as regiões de mundo que o ser (Dasein) busca para si próprio, tanto para o mundo circundante, como para o mundo compartilhado, como para o mundo próprio. Vazio, trava, pressão e ânsia por libertação de tudo isso encontramos na mesma medida em todas essas regiões de mundo – e somente aquele que consegue vê-los e apreciá-los em todos eles, pode vê-los e apreciá-los verdadeiramente também no âmbito da vida corpórea. Tentemos, então, resumir novamente os diversos traços e formas de apresentação deste ‘modus’ de ser-no-mundo no âmbito das diferentes regiões de mundo, sem, contudo, pretender apresentá-los de alguma forma que os esgote; partamos, pois, mais uma vez do *mundo da paisagem*: o estar limitada ou pressionada revelava-se, aqui, por meio do obscurecimento, do escuro, da noite, do frio, da maré minguante, das fronteiras ou travas como úmidas paredes de névoa ou nuvens, o vazio como o sinistro, a ânsia pela liberdade (fora do buraco), como o alçar-se aos ares, como o si-mesmo na condição de pássaro emudecido. No interior do mundo da *vegetação*, o estar limitada ou pressionada se revelava como um deteriorar-se, as travas como ar sufocante, o vazio como erva-daninha, a ânsia por liberdade como ânsia por crescer, o si-mesmo como planta ressequida. No mundo dos *objetos*, encontramos o estar limitada

como buraco, porão, as travas como paredes, muros, grilhões, rede, a ânsia por liberdade como recipiente de fecundação, o si-mesmo como casca atirada fora; no *mundo animal*, o estar limitada como o estar em um buraco, as travas como terra ou noite escura, o si-mesmo como um verme não mais capaz de ansiar por liberdade, o vazio como simples vegetar; no *mundo compartilhado*, o estar limitada como ser oprimido, pressionado, estorvado, perseguido, o vazio como falta de paz, indiferença, submissão sem prazer, recolhimento, solidão, as travas como grilhões ou animais peçonhentos do dia-a-dia ou o ar sufocante, o buraco como o mundo pequeno (do cotidiano), a ânsia pela liberdade e urgência em ser independente, amuo, insurreição, revolta, o si-mesmo como revolucionária, nihilista, mais tarde como covarde fazedora de concessões. No interior do *mundo próprio* como *mundo do pensamento*, encontramos o estar limitada como covardia, indulgente, derrotista que abandona planos de voar, as travas como fantasmas que, vindos de todos os lados, aprisionam, invadem, acusam, escarnecem, o vazio como ser dominada por uma única idéia, como o Nada, o si-mesmo como um verme aterrorizado, coração congelado, ânsia por liberdade como desespero. No interior do *mundo próprio* como *mundo corpóreo*, encontramos finalmente o estar limitada ou oprimida como o *ser gorda*, as travas ou paredes como a camada de gordura, contra a qual o ser (Dasein) bate com os próprios punhos como se batesse em muros, o vazio como estar úmida, ser burra velha e feia, o estar morta, a ânsia por liberdade como o *querer ser magra*, o si-mesmo como um simples tubo que serve para o preenchimento e o esvaziamento materiais.

Depois de tudo isso, fica evidente que a linguagem comum, com o termo *estar entrevada ou demente* pinça um aspecto “cosmológico” do fenômeno completo que aqui nos interessa. Com o mesmo direito, no entanto, poderíamos usar: obscurecimento, inquietação, obnubilação, esfriamento, o afundar no pântano, o tornar-se desértico ou

estreitamento, cerceamento, enredamento, enlaçamento, o cercar, o estuprar, o ser agarrada, assaltada, seqüestrada, emparedada, oprimida, asfixiada, enterrada, o colocar em um buraco, o esvaziamento, o encarceramento, o isolamento, a prisão, a vassalagem. Todas essas expressões e muitas outras ainda, pinçam da mesma forma determinados traços cosmológicos – tanto do mundo circundante, compartilhado ou próprio – do fenômeno completo daquela transformação existencial que denominamos popularmente como “Umnachtung” (* N.T. - A tradução do termo *Umnachtung* deveria ser “*envolta pelo anoitecer mental*”, ou seja: a perda da clareza mental, a mente envolta pela escuridão da noite) e que, na psiquiatria, batizamos com o termo *psicose*. É interessante notar que falta, em nosso caso, a expressão pinçada do “ambiente” “*verrückt*” (* N.T. - “*Verrückt*” = “*ver + rücken*” = “tirado do lugar que lhe era próprio”, “deslocado de seu lugar normal”, ou seja: “fora da mente” = demente = louco). A expressão “estancar em seu desenvolvimento” pertence à esfera temporal-espacial. Faltam, também, indicações de tempo. Do âmbito dos objetos surgem termos como “estilhaçar”, do âmbito da vegetação, termos como atrofiar, secar, estragar, umedecer, do reino animal, humano e espiritual todos os termos para enredamento, enlaçamento, isolamento e também os termos escárnio, maldição, acusação, observação, envenenamento etc. Da esfera corporal foram tiradas as expressões *tornar-se gorda e feia*, congelar, da esfera emocional, mofar, tornar-se burra, tornar-se covarde, ceder, submeter-se, ter pavor, não se desenvolver mais, ser um mero espetáculo, lutar em vão, sofrer torturas infernais, andar por aí como um cadáver, etc. A “visão de mundo” como tal se estilhaça e vira uma caricatura.

Deixemos agora de lado esse resultado da Daseins-análise e perceberemos automaticamente o quanto esse processo *reducionista* é radical e do qual o método clínico das ciências naturais precisa servir-se para poder falar em um *processo*

patológico no lugar do fenômeno completo, representado por uma transformação existencial e para poder projetar o mesmo no “organismo”, bem como na construção e nos modos de funcionamento do cérebro. Uma vez que já esboçamos esse processo reducionista clínico-psicopatológico nos “Estudos sobre a fuga de idéias” (compare o resumo, AW 1, p. 213 ss) e, desde então, enfocamos mais de perto, procuraremos ser breves.

Assim como a Daseins-análise e a psicanálise, a análise clínico-psicopatológica também depende do *histórico* de vida. Já por esse aspecto “narrativo”, como *Bieganski*⁶⁸ reconheceu com clareza, não só a psiquiatria, mas a medicina de um modo geral se distingue de todas as outras ciências naturais. Mas, enquanto a Daseins-análise se aclimata no sentido e no conteúdo dos fenômenos de expressão e outros, e, a partir deles, interpreta o mundo e o ser-no-mundo como algo histórico – ou seja, entende o ser humano como ele se *revela* em cada fenômeno a partir de si mesmo, a psicanálise já transforma essa temporalização em cronologia (em uma seqüência de datas vitais “no tempo”), a existência em um objeto disponível, a transformação existencial em um processo de desenvolvimento genético, os fenômenos do histórico de vida em sintomas de determinados “destinos pulsionais” etc. Com isso, para a análise clínica o histórico *de vida* transforma-se em histórico *da doença*, fenômenos da linguagem e outros fenômenos da expressão tornam-se marcas distintivas ou *sintomas* de algo, que justamente não se revelam *neles*, mas escondem-se por detrás deles, para a doença, justamente e, no lugar da interpretação fenomenológica entra o *diagnóstico*, o exame natural-científico acurado e a coleção dos sintomas da doença e seu enfileiramento em tipos e subtipos de sintomas já conhecidos. Mas, quando falamos em diagnóstico (que não podemos explicitar melhor, nesse momento), falamos do organismo, na psiquiatria não sendo diferente do que no restante da medicina. Conceitos diagnósticos são

preconceitos *biológicos*. O que para a Daseins-análise significa o esvaziamento da existência até o simples tornar-se buraco, para a análise clínica é sintoma de um processo de adoecimento no organismo, uma “ameaça” e uma “perturbação” de suas *funções*. Não muito diferente do sistema da patologia das “doenças internas”, o sistema da patologia psiquiátrica se constrói com base nesse pensamento. Aquele que faz um diagnóstico psiquiátrico, portanto, sabe não só desse pensamento de base, mas está familiarizado com todo esse sistema de vivências que se construiu sobre ele e em torno dele. Da mesma forma que o botânico e o zoólogo precisam conhecer o sistema das plantas ou dos animais, se quiserem classificar uma planta ou um animal, assim nós precisamos conhecer os tipos, subtipos e classes do sistema psiquiátrico, a fim de poder comparar o caso individual a partir dos sintomas nele detectados com outros casos e, com base nessa comparação, poder ordenar, isto é, “classificar” corretamente.

Antes de nos voltarmos para esse assunto, apenas mais uma palavra acerca da *psicopatologia* e de sua relação com a *Daseins-análise*. Assim como a psicologia escolar, também a psicopatologia situa-se diametralmente *oposta* à Daseins-análise, no sentido de que ambas objetivam a existência transformando-a em “algo” disponível e impessoal denominado Psique. Com isso, ambas desde o início perdem totalmente o Logos da Psique, no sentido mais arcaico dessa palavra. No lugar da vivência da seqüência - para pinçar apenas *um* momento - eles colocam uma seqüência de vivências (eventos, antecedentes, funções, mecanismos) *na* alma ou na consciência. Com isso, “a alma” ou “o consciente” se transforma em um segundo organismo ou aparelho psíquico que existe junto do ou com o organismo corpóreo. Como pudemos ver justamente a partir da apresentação do caso Ellen West, trata-se aqui de uma monstruosa simplificação, re-interpretação ou redução da existência humana às categorias da ciência natural. Mas, tudo isso a psicopatologia aceita, para encontrar a “conexão” com a

Biologia que, como dissemos, garante sozinha o *conceito de doença* no sentido médico e a possibilidade de um *diagnóstico* médico e de uma terapia *causal*. Dessa forma chegamos a uma duplicação do organismo na Psiquiatria – que tem como conseqüência o surgimento da discussão penosa e sem horizonte sobre se um organismo age sobre o outro, se ambos andam lado a lado, paralelamente, ou se, “no fundo”, são idênticos. Tudo isso são problemas artificiais, decorrentes de uma *teoria* meramente científica. Se conseguirmos enxergar através dela filosoficamente esses problemas deixam de existir. Em seu lugar emerge então o problema da intencionalidade ou mundanização (*Husserl*), sobre o qual e por detrás do qual o problema do existir (*Dasein*) ou do ser-no-mundo: o problema fenomenológico da *subjetividade* aprofunda-se em um problema ontológico da existência. Depois dessas curtas menções – não poderia tratar-se de mais – acerca da situação a partir da qual o ser e o não-ser devem ser compreendidos na ótica da Psicopatologia, voltemo-nos para a tarefa clínico-psicopatológica, que já espera há tempo por sua solução. Em lugar de nos preocuparmos com a Gestalt histórica e existencial de Ellen West, passaremos a nos ocupar do *caso* Ellen West.

I. O caso Nadia de P. Janet e o caso Ellen West

Ao mesmo tempo em que encontramos com freqüência entre as moças e as mulheres novas uma aversão explícita contra o engordar, bem como diversas práticas que têm como objetivo mantê-las magras – seja por vaidade, seja depois de decepções amorosas – um *medo* tão pronunciado de engordar, como o que encontramos em nosso caso, não é freqüente. Da literatura médica, conheço apenas *um* caso parecido, o caso Nadia, de Janet⁶⁹. Janet descreve-o sob a rúbrica simplesmente descritiva “*Obsession de la honte du corps*” (Obsessão com a vergonha do corpo).

A jovem solteira Nadia, de 27 anos, que lhe foi encaminhada 5 anos antes com o diagnóstico de uma anorexia histérica, tinha criado para si mesma uma maneira bizarra de se alimentar (2 x caldo de carne leve, uma gema de ovo, 1 colher de chá de vinagre e 1 xícara de chá bem forte com limão), fazendo cenas terríveis diante da família à menor mudança nessa dieta. A razão para essa dieta era “la crainte d’engrasser” (o medo de engordar). Janet reconheceu rapidamente que não se tratava de modo algum de uma anorexia (“perte du sentiment de la faim” – perda da sensação de fome), mas que, ao contrário, Nadia habitualmente sentia fome, uma fome tão grande que ela “dévore gloutonnement tout ce qu’elle rencontre” (devora vorazmente tudo aquilo que encontra). Às vezes ela também come biscoitos furtivamente. Depois disso, ela apresenta terríveis dores de consciência, para, na primeira oportunidade, repetir tudo outra vez. Ela própria admite que o abster-se de comer lhe exija grande esforço, e que ela, portanto, se sentia uma heroína. Às vezes, passava horas inteiras só pensando em comida, tamanha era a sua fome; ela afirma engolir saliva, morder seu lenço, rolar sobre a terra. Ela procura em livros descrições de banquetes, para participar dos mesmos na imaginação e com isso disfarçar sua fome. “Lês refus d’aliment”, opina Janet, “n’est ici que la conséquence d’une idée d’un delire” (a recusa do alimento nesse caso nada mais é do que uma idéia delirante). Essa idéia, analisada superficialmente, seria o medo de engordar. E Nadia teme tornar-se *gorda como sua mãe*. Ela quer ser *magra e pálida*, o que corresponderia ao seu *caráter*. O tempo todo ela teme adquirir um rosto inchado, músculos fortes, uma aparência melhor. Não se pode dizer a ela, que ela esteja de bom aspecto; uma afirmação dessas certa vez ocasionou uma severa recaída. Ela pede constantemente que se reafirme sua magreza. Deste fato desenvolve-se para aqueles que a cercam uma desagradável *obrigação por perguntar*, relacionada à aparência dela. Até aqui a sintomatologia desse caso combina amplamente com aquela do nosso caso,

excetuando-se principalmente o fato de que, no primeiro caso, desenvolve-se uma “compulsão por perguntar” e, no segundo, uma “compulsão por pensar”. Acrescente-se, ainda, que em Nadia encontra-se em *primeiro plano* a aversão por ser gorda, em função da mãe e, em Ellen, encontra-se em *primeiro plano* o desejo de ser magra, em função das amigas etéricas. Do ponto de vista da psicanálise, em ambos os casos se trata apenas de dois aspectos diferentes do recalçamento do amor pela mãe e do “retorno” desse amor recalçado – em Nadia pela via narcísica, em Ellen pela via homoerótica.

No caso do “pensée obsédante” (pensamento obcecado) de Nadia e, de acordo com Janet, não se trata de uma idéia fixa isolada, inexplicável; ao contrário, ela pertenceria a um complexo sistema de pensamento. O fato do “l’embonpoint” (de ser gorda) não pode ser encarado sob o ponto de vista do coquetismo, pois ela não quer ser bonita; ao contrário, aos olhos da paciente, o fato de ser gorda teria algo de *imoral*, “*cela me fait horreur*” (isso me apavora). Se ela alguma vez engordasse, ela se envergonharia de se apresentar diante de alguém, tanto em casa, quanto na rua. Por outro lado, o fato de “l’obésité” (da obesidade) não lhe parece ser “honteuse” (vergonhosa) em si, ela até adorava (ao contrário de nossa paciente) pessoas que eram muito gordas e achava que lhes ficava bem (aqui se revela a ambivalência do complexo materno!), só em relação a si própria é que seria “honteux et immoral” (vergonhosa e imoral). Por outro lado, esse julgamento não se limita apenas ao fato de ser gorda, mas a tudo que se relacione com a alimentação.

Como ocorreu com nossa paciente, “o problema começou” com o fato de que ela precisava estar sozinha e protegida para comer. Ela se comporta – de acordo com seu próprio julgamento – como alguém que deve urinar em público; se ela comeu demais, ela o coloca como se fosse algo indecente. Ela teria se envergonhado terrivelmente se alguém a tivesse surpreendido “*in flagranti*” comendo bombons. Certa vez em que

durante um ataque “de gourmandise ou de curiosité” (de gulodice ou de curiosidade) ela havia comido chocolate, ela se desculpou com Janet em inúmeras cartas. Durante uma refeição, ela não pode não só ser vista, mas também não pode ouvir. O seu *mastigar* – e apenas o dela – produzia um ruído especialmente feio e vergonhoso. Ela gostaria de engolir a comida, mas ninguém deveria se iludir e pensar que a obrigaria a mastigar.

Assim como esse último sintoma vai além da sintomatologia constatada em Ellen West, o mesmo ocorre com os seguintes: embora muito bonita e magrinha Nadia é convicta de que seu rosto está inchado, avermelhado e cheio de espinhas. Quem não enxergava essas espinhas, não entendia nada; também existiam *espinhas entre a pele e a carne!* Desde os 4 anos de idade, Nadia tem vergonha de sua silhueta porque alguém lhe disse que ela era grande para a sua idade. Desde os 8 anos de idade, ela se envergonha de suas mãos, que ela pensa serem compridas e ridículas. Perto dos 11 anos de idade, ela se revolta contra saias curtas, porque acreditava que todo mundo olhava suas pernas – que ela não então passou a não suportar mais. Quando lhe permitiram usar saias longas, ela se envergonhava de seus pés, de suas ancas largas, de seus braços gordos etc.

A chegada da menarca, o crescimento dos pelos púbicos e o despontar dos seios a deixaram quase louca. Até os 20 anos, ela se esforçava em arrancar os pelos púbicos. A partir da *puberdade*, seu estado geral *piorou bastante*; a recusa da alimentação normal e do comer com os outros, data dessa época.

Por todos os meios possíveis, na indumentária e no penteado, Nadia procura esconder o seu sexo (como também foi o caso até o 18º ano de vida para Ellen), tentando passar uma impressão *masculina*. Ela faz de tudo para parecer um jovem estudante. *Janet*, no entanto, acredita que não devemos falar em uma inversão, pois Nadia também se envergonharia de ser um menino; ela na verdade não queria ter sexo algum, aparentemente não ter nenhum corpo, pois todas as partes do corpo provocavam o

mesmo “sentiment” (a mesma sensação); *a recusa da alimentação seria apenas uma manifestação bastante especial dessa sensação.*

Respondendo a questão sobre que idéia estaria determinando todas essas “appréciations”, *Janet* acredita precisar arranjar uma função significativa para essa vergonha. Desde criança, Nadia não conseguia despir-se diante de seus pais e até o 27º ano de vida ela não havia permitido que nenhum médico a auscultasse. Acrescentava-se a isso um vago *sentimento de culpa*, uma crítica a si mesmo por sua voracidade e por todos os “vices” (vícios) possíveis. (Se aqui se tratava de onanismo infantil precoce, ficamos sabendo tão pouco a respeito, quanto no caso Ellen West. Em ambos os casos, do ponto de vista da experiência psicanalítica, a resposta afirmativa se impõe).

A tudo isso se acrescenta mais um motivo, que encontramos de modo semelhante em Ellen West: “Je ne voulais, dit-elle, ni grossir, ni grandir, ni ressembler à une femme, parce que j’aurais toujours rester petite fille” (Eu não queria, disse ela, nem engordar, nem crescer, nem parecer uma mulher, porque eu gostaria de permanecer menina para sempre). E qual a razão? “Parce que j’avais peur d’être moins aimée!” (porque eu tenho medo de ser menos amada). Também esse motivo pode haver contribuído no caso Ellen West, de cuja vida anímica infantil infelizmente nós sabemos muito pouco. De qualquer forma, Ellen West não deseja permanecer criança, mas apenas jovem, uma *Hebe*, como suas amigas etéricas. De acordo com *Janet*, o verdadeiro motivo pelo qual Nadia teme ser *feia e ridícula*, é o medo de que *debochem dela*, de que não se *queira mais bem* a ela e se pense *que ela seja diferente dos outros*. “Le désir d’être aimée” (o desejo de ser amada) e o medo de não merecer o amor tão calorosamente esperado certamente se acrescenta “aux idées de fautes possibles et aux craintes de la pudeur” (aos sentimentos de culpa e de vergonha) para provocar “la obsession de la honte du corps” (a obsessão da vergonha do corpo). (Nós diríamos: os sentimentos de culpa e de vergonha são o

motivo do medo de perder o amor e, possivelmente, também o motivo da “honte du corps”).

Isso é tudo sobre o relatório de *Janet*. Como mero “histórico de doença” ele é um relatório sobre os *sintomas* da doença e de sua seqüência “no tempo”. Não se trata, portanto, de uma interpretação antropológica do fenômeno completo do ser humano colocado em questão e de sua idiossincrasia, mas de um simples *tomar* da pessoa em questão *por algo* e, por sinal, por seus *pontos fracos*⁷⁰. Como pontos fracos aparecem aqui aquelas marcas distintivas nas quais se pode *reconhecer* um desvio do comportamento normal. O último, no entanto, pressupõe-se que seja *conhecido* por todos (mesmo que, de modo algum, *reconhecido*). E, finalmente, tenta-se explicar a diversidade das marcas de doença a partir de um único sentimento de base doentio, que é o da “honte du corps”, a ser *explicado* psicologicamente. No entanto, onde a psicologia ou a psicopatologia falam de sentimento, essa expressão mais vaga e mais cheia de significados dentre todas as expressões, aí é que começa o trabalho científico para a Daseins-análise. A palavra sentimento significa para ela apenas o horizonte de um enunciado de um problema.

Janet fica preso na constatação de que no caso *Nadia todas as partes do corpo* provocam esse sentimento de vergonha, de desonra, e de que se trata, portanto, de uma “honte du corps” que perpassa o corpo inteiro. Mas *nós* temos que começar perguntando o que significa, do ponto de vista existencial, uma “honte du corps” - como podemos entendê-la, existencialmente? *Nadia exacerba* ainda mais do que *Ellen*, porque além de querer ser magra, ela ainda deseja não ter um corpo – ou seja, ela quer levar uma existência *semelhante à dos anjos*⁷¹. Também ela não tem os dois pés firmemente fincados no chão, também ela deseja escapar do lado ‘criatura’ da determinação do ser humano, não deseja ter um sexo, não deseja se alimentar, nem ser vista ou ouvida. Esse

último desejo nada mais é que o desejo de se retirar do *mundo compartilhado* e levar uma existência puramente em solipsismo. Sua “honte du corps” não é um envergonhar-se “por causa do corpo”, mas por “existir como corpo” – ou, melhor dito, como *carne*. Quando falamos em uma “honte du corps”, o corpo não é visto em sua unidade identitária de um corpo percebido de fora (= objeto) ou de uma consciência corporal, mas - como é o caso da própria Nadia - somente como um objeto a ser escondido dos olhos do mundo compartilhado, merecedor de ser odiado, digno de ser detestado. Meu corpo, como dizia *Wernicke*, nunca é apenas objeto, pertencente ao mundo externo, mas meu corpo *sou* sempre e também *eu*. Se eu quero escapar de meu corpo, livrar-me de meu corpo ou escondê-lo, então sempre estou *querendo escapar de mim*, livrar-me de “algo de mim” ou *esconder* “algo de mim”. Como anjo, eu desejo livrar-me de algo diabólico em mim, ou quero livrar-me de mim como diabo e esconder-me dos outros. Tanto faz como essa consciência de pecado *possa ter surgido*, seja pela masturbação ou por um sucedâneo da masturbação na primeira infância, seja por tendências agressivas contra a mãe – isso, aqui, pouco importa. Nossa tarefa é, justamente, a de contrapor à supervalorização unilateral da origem *genética* e à explicação única, a essência ou o “*eidos*”, trazendo à luz a Gestalt do ser-no-mundo correspondente, sem a qual a explicação genética fica pairando no ar. Pois, se todos nós “padeecemos dos mesmos complexos”, então é preciso mostrar como é que a visão de mundo e o ser-no-mundo se transformam, quando se chega a algo como a neurose ou a psicose.

Para voltar ao caso Nadia, nele não só o sentimento de *vergonha* como também o sentimento de *culpa* surge com muito mais clareza do que no caso Ellen West. Isso não significa, no entanto, que esse último esteja ausente no segundo caso. Já o traço ascético, possivelmente bastante precoce, é um bom indício disso. Mas, à parte isso, as auto-recriminações por gostar de comer doce mostram também em Ellen West o caráter

das dores de consciência, por mais que as mesmas, em ambas as pacientes, se encaminharam por um “falso trilho”. O que ambas recriminam em si mesmas, o que ambas querem esconder do mundo compartilhado, é a sua *voracidade* ou *cobiça*, como expressão, por outro lado, do aspecto corpóreo-“animalesco”, de criatura, “do mal” em sua existência. Para tanto também podem ter colaborado representações cristãs na primeira infância (no caso da babá de Ellen). De um modo geral, apesar de toda a sua agressividade, Nadia é a mais *sensitiva*, mais dependente do mundo compartilhado e Ellen, a de natureza mais arbitrária. Isso também aparece no fato de que, em Nadia, ocorre uma “compulsão a perguntar”, mais orientada ao mundo compartilhado – enquanto a “compulsão a pensar” de Ellen West é uma “compulsão” orientada unicamente ao mundo próprio. Independente disso, o medo de Nadia de que gostem menos dela caso ela engorde é pronunciado com todas as letras, enquanto Ellen, no fundo, não pode mais amar *a si mesma* se estiver gorda.

Ocorre, ainda, que Nadia – além do medo de chamar a atenção e da suspeita de que os outros estejam debochando dela – apresenta também traços do “delírio de referência sensitivo” de *Kretschmer*, na forma *hipocondríaca* – basta lembrar das representações hipocondríacas acima mencionadas, completamente delirantes e incorrigíveis, relacionadas ao mastigar, às espinhas e ao sentir-se inchada, nas quais a referência ao mundo compartilhado parece ter um papel muito mais importante que o do mundo próprio, corpóreo.

Chegamos, assim, ao diagnóstico do caso Nadia. Sabe-se que *E. Bleuler* e *Jung* pensavam que a maioria dos casos de *Janet* deveria ser classificada como *esquizofrenia*. Da mesma forma há pouco tempo *M. Bleuler* com razão declarou⁷²: que as diferentes sub-formas do delírio de referência sensitivo, na condição de doença psicológica reativa, não são claramente delimitáveis das doenças esquizofrênicas. Mesmo que no

Caso Nadia não seja possível falar em uma esquizofrenia tardia, ainda assim eu creio ser necessário fechar o diagnóstico de esquizofrenia. Com base na anamnese, estamos bastante inclinados a acreditar que já na infância tenha se manifestado um surto, ao qual possivelmente se seguiu um segundo surto na adolescência. É sabido que *Kraepelin* chamou a atenção para o fato de que surtos esquizofrênicos infantis ocorram com uma frequência muito maior do que estamos inclinados a crer. Essa suposição eu só posso confirmar, com base no meu próprio material justamente com referência a esses casos cuja evolução “se assemelha à neurose”. Também no caso Ellen West ela não é totalmente fora de propósito. Infelizmente *Janet* nada fala sobre a hereditariedade.

Mesmo que nesse último parágrafo estejamos mais próximos do reducionismo diagnóstico, devemos no final tentar interpretar o caso Nadia justamente à luz do caso Ellen West, de seus-analiticamente, em maior profundidade do que o fizemos até agora - ao menos na medida em que isso seja possível a partir dos sintomas patológicos.

A principal diferença entre os modos de existir em ambos os casos já foi comentada: no caso Ellen West – referimo-nos aqui apenas às “circunstâncias finais”- o ser se realiza principalmente no ser-para-si-mesma, no trato consigo mesma ou no âmbito existencial do mundo próprio; no caso Nadia, pelo contrário, principalmente no âmbito do mundo compartilhado, no trato de um com os outros⁷³. (No entanto, o quanto os dois modos de ser, no fundo, são dependentes um do outro, ou estão entrelaçados, um com o outro, nós ainda poderemos ver mais claramente). Ellen West também se sentia como se estivesse em uma “bola de vidro”, separada do mundo compartilhado “por paredes de vidro”, mas ela sofre com essa separação. Apesar disso, esse não é, para ela, o sofrimento principal, seu sofrimento principal é o sofrer por ou sob si mesma, pela “violação de si mesma”. Daí o não conseguir escapar de si mesma, o sentir-se encarcerada, o estar-emaranhada-na-corda de seu próprio ser, de cujo laço ela só conseguirá escapar através do suicídio.

Por isso, no caso dela, percebe-se muito pouco da *vergonha dos outros*. É fato que, na hora das refeições, ela também precisa separar-se (esconder-se) dos outros, mas ela, em primeira linha, envergonha-se de si mesma, da mesma forma luta sozinha com o seu destino e toma-o nas próprias mãos, sem se preocupar com os outros. Os outros também precisam lhe confirmar que ela não está gorda, mas mesmo nisso os outros não são a instância mais elevada, mas ela própria. Sua “cobiça” ela vivencia em primeira linha como condenável diante de si mesma, e menos em relação aos outros. O esvaziamento progressivo, o tornar-se terra e tumba de sua existência, o ser buraco – tudo isso diz respeito, principalmente, ao mundo próprio; o esvaziamento do mundo compartilhado, portanto, aparece como uma consequência disso, no sentido existencial.

Com Nadia, as coisas são totalmente diferentes: ela foge dos outros, quer esconder-se deles, e sofre porque não consegue fazer como gostaria. Ela teme chamar a atenção dos outros, teme ser diferente deles, teme ser menos amada por eles e protege-se contra isso através de inúmeras “práticas”, enquanto as práticas empregadas por Ellen West se destinam à proteção de si mesma. O que em Nadia nos parece um “sentimento de vergonha e de desonra” patologicamente exacerbado no sentido extensivo e intensivo, é justamente esse querer se esconder *dos outros*. Mas não podemos enxergar os *sintomas* tão diferentes do envergonhar-se como sendo o mais importante ou o principal, uma vez que eles são apenas os respectivos indícios através dos quais nós percebemos que o ser, aqui, precisa se esconder dos outros. Esses indícios, da mesma forma, são apenas os pontos de ruptura de uma existência atingida pela maldição da vergonha. Por outro lado, nós somente conseguimos compreender essa forma de existência quando constatamos que a própria Nadia se percebe como merecedora da maldição, abjeta, repugnante, nojenta. Enquanto Ellen desvia de si mesma no mundo corpóreo e, para proteger-se, faz uso de laxantes, Nadia desvia de si mesma no mundo compartilhado e, para proteger-se,

faz uso de táticas para se esconder do mesmo. Essas manobras para se esconder são uma forma de se proteger diante da percepção de sua *existência* como vergonha. A vergonha *existencial* – ou, como afirma *Erwin Straus* – a vergonha *protetora* transforma-se em vergonha puramente *dissimuladora*⁷⁴. No caso da última, não se trata – segundo *Straus* – daquela vergonha original, própria do ser humano (e não aquela adquirida no decorrer do histórico de vida), mas daquela vergonha proveniente da reflexão sobre os outros, orientada para o *mundo compartilhado* – ou a vergonha *pública*. Essa vergonha não protege “o segredo da existência”, diante do qual nos envergonhamos diante de nós mesmos, mas ela está a serviço da “valorização social” (*Erwin Straus*).

a) O fenômeno da vergonha

Precisamos nos deter aqui por um momento. Por mais importante e justificada que seja a distinção feita por *Straus*, ela não deve fazer com que nos percamos de vista o fenômeno da vergonha como um todo. No fundo (desse fenômeno) a vergonha existencial (que protege) e a vergonha relacionada com o mundo compartilhado (que esconde) complementam-se, uma à outra, da mesma forma como a existência (o ser si-mesmo) e o mundo compartilhado ou o ser-com se complementam. No fenômeno da vergonha isso chama a atenção de maneira mais nítida que em qualquer outro; pois também a vergonha existencial se revela por meio do *corar do rosto*, ou seja, por meio de um fenômeno (parcial) relacionado ao mundo compartilhado! É claro que posso *afirmar* que estou corando diante de mim mesmo, na verdade, porém, fico corado diante de um ou do outro. E aqui encontramos um fato muito importante, justamente para a compreensão de nossos dois casos: o fato de que a vergonha *revela* ao outro justamente aquilo que ela deseja *esconder* dele, o *mistério* da Existência.

Lembrei-me de um epigrama de *Hebbel*, que diz o seguinte:

“A vergonha designa no homem a fronteira interna do pecado;

Justamente lá onde ele cora, começa o seu eu mais nobre.”

Se eu cora porque eu mesmo toquei a fronteira interna do pecado, ou se um outro a tocou, sempre mostro a ele algo que eu, no fundo, não desejo mostrar, o “ponto”, justamente, onde a fronteira interna do pecado, “em mim”, é tocada. Digamos que “pecado” seja um fenômeno espiritual e “corar”, um fenômeno corporal; ficará claro, então, que justamente o fenômeno da vergonha como um todo contradiz essa diferenciação, por mais que, por outro lado, ele se apóie nela. Ninguém compreendeu isso mais profundamente do que *Scheler*: “Só porque um corpo faz parte do ser do homem”- assim ele se expressa – “ele pode chegar a um ponto de *precisar* se envergonhar, e só porque ele vivencia o seu ser pessoa espiritual como independente do ser deste mesmo “corpo” e de tudo aquilo que possa vir desse corpo, é possível que ele chegue ao ponto de *poder* se envergonhar. Por essa razão, na vergonha se encontram de forma notável e obscura “espírito” e “carne”, eternidade e temporalidade, ser e existência.” (Existência, aqui, naturalmente não é mencionada no sentido de *Heidegger*, mas, como mostram as antíteses, no sentido de ser como um todo e em oposição a essência = ser). “Todos os tipos e formas diferentes do sentimento de vergonha ...têm esse mesmo *pano de fundo genérico, único, imenso*: o de que o homem se sente nas profundezas e se sabe como uma ‘ponte’, como uma ‘passagem’ entre duas ordenações de ser e de essência, nas quais ele está enraizado com força igual, e das quais ele não pode abrir mão nem por um segundo, para continuar sendo ‘homem’.”⁷⁵

Não é preciso ser muito perspicaz para compreender que Ellen – e, em medida muito mais ampla, Nadia – não reconhecem essa dupla determinação de essência e de ser do homem, mas querem derrubá-la e lutar desesperadamente contra ela. Mas esta é uma *doença* da “alma”.

Uma vez que a vergonha tende muito mais para o lado da vergonha que esconde, da vergonha relacionada ao *mundo* compartilhado, ou seja, que ela revela ao outro exatamente aquilo que pretende esconder, tanto mais ela salta aos olhos. Chegamos, assim, no ponto central daquilo que podemos chamar de *delírio* de observação.

É o que vemos claramente no caso Nadia. Sua desesperada revolta contra a corporalidade - como sendo a razão do ter que se envergonhar - tem como conseqüência o fato de que a corporalidade, por isso mesmo, salte para o primeiro plano e seja *apenas ainda uma superfície a ser* observada. Isto, contudo, significa que os contatos ou as trocas (em termos de trabalho, folguedo, batalha, compaixão etc.) com os outros fica limitado a um mero ser-tomada pelos outros, no sentido do *ser notada*, ou seja, sobre uma forma especial de *objetivação* da Existência e da *distância* peculiar a essa objetivação. Pois Nadia é o tipo contrário do “*homme voyeur*”, ou, se pudéssemos assim dizer, do tipo do “*homme-à-voir*”. A vergonha aqui não é a fina capa da alma “*qui enveloppe le corps*” (*Madame Guyon*), ou seja, uma expressão de uma “valorização própria positiva”⁷⁶ - mas a carapuça mágica que disfarça, dissimula, camufla, atrás da qual Nadia busca esconder totalmente dos olhos e ouvidos dos outros o seu corpo e aquilo que é visível e audível em sua própria existência – expressão de uma valorização própria absolutamente negativa. O processo de tornar-se anônima, aqui, vai muito mais além do que nas interpretações das máscaras no *Teste de Rorschach*⁷⁷, o si-mesmo aqui se esconde não só por trás da máscara anônima, mas deseja não poder ser mais visto de modo algum, nem como o portador de uma máscara; pois aquilo que *Janet* chama de “*honte du corps*”, nesse caso, não é nada mais que “*la honte d’être vu, d’être observé*” ou, mais corretamente, de “*pouvoir être vu*”. *Daí* o medo de tudo aquilo *que salta aos olhos* em relação à Gestalt do corpo, às funções do corpo, da vestimenta, da pele. Acrescente-se a isso, como já vimos, também a “*honte d’être entendu*” (ao mastigar).

Também Nadia *deseja ardentemente ser ela mesma*, mas *um outro* si-mesmo, humanamente impossível, um si-mesmo invisível e inaudível, ou seja, um si-mesmo sem corpo. Uma vez que esse desejo é ainda mais extravagante, “distante da realidade” que o desejo de ser magra, nós ficamos com uma impressão muito mais “doentia” de Nadia, do que de Ellen e precisamos denominar seu “caso” como clinicamente “mais severo” que o caso Ellen West. Conseqüentemente, o *medo de engordar* nos dois casos deve ser avaliado psicopatologicamente de forma diferente. No caso Ellen West ele representa a angústia diante da decadência em relação ao *Ideal* de Hebe escolhido por ela mesma e ao qual ela se agarra desesperadamente, bem como o angústia diante da decadência da vida de um modo geral; no caso Nadia ele é a expressão da angústia frente à existência corporal, como criatura, na medida em que essa existência é a condição para que possamos ser vistos e ouvidos. Essa angústia, por isso, é a expressão de uma existência muito mais “extravagante”, uma vez que ela nega totalmente a essência de criatura do ser humano. Resumindo: o que Nadia almeja desesperadamente é o *conduzir em público uma existência privada*. Uma pessoa que deseja levar uma vida tão humanamente impossível como essa, com todo o direito e com toda a razão nós podemos chamar de *demente* (“*verrückt*”).

O querer existir de um modo imperceptível (invisível e inaudível, totalmente impalpável) ao mundo compartilhado parece-me conter um dos *problemas básicos* dos modos de existir ‘esquizofrênicos’. Numa análise superficial das coisas, poderíamos até dizer que Nadia se retraía do mundo compartilhado (do público) até a total “impalpabilidade” porque ela se envergonhava diante dele – por causa de sua aparência, seus vestidos, suas espinhas etc. Uma análise mais aprofundada, no entanto, deveria levar a um resultado oposto. Como costuma ocorrer em tantos casos de evolução ‘sorradeira’ de esquizofrenia – e, no final, mesmo com Ellen – também com Nadia, no

início do Relatório, deparamo-nos com uma observação sobre a mesma relacionada a uma revolta teimosa e idiossincrática sobre a maneira como ela própria foi *atirada na existência*, ou seja, contra um tipo especial de destino humano. (Muitas vezes, no caso de meus próprios pacientes, essa revolta se dirige contra o sexo, especialmente nas pacientes de sexo feminino, contra o ser-tratada-como-uma-mulher). Nessa revolta (por vezes exercida até o desespero), em que a existência se arroga o direito de querer ser um outro si-mesmo, diferente daquilo que ele é e pode ser, ela aparentemente vai contra a estrutura da existência em si, procura rompê-la, quebrá-la, mesmo que isso implique em um desesperado agarrar-se ao si-mesmo como tal. Essa estrutura, no entanto, não se deixa romper ou quebrar, mas ela sempre se afirma outra vez, só que de outra maneira (“doentia”), como já mostramos nos estudos [“Sobre a fuga de idéias”](#). Em Nadia o constatamos – conforme já mencionado – no fato de que, quanto mais teimoso se torna o seu desejo de não chamar atenção, tanto mais superfícies de agressão, que chamam a atenção do mundo compartilhado, ela cria (“cria para si mesma”), por fim até as espinhas “por baixo da pele”. Com isso, no entanto, a estrutura da existência se impõe novamente. Quanto maior a teimosia (decretada ou ditada) com que uma pessoa se coloca contra o ‘estar atirada’ em sua existência e, com isso, na própria Existência, tanto mais esse ‘estar atirado’ volta a se destacar. Com relação ao caso Nadia: quanto mais invisível, imperceptível ela possa parecer, tanto mais chamativo se torna o seu existir, ou, em outras palavras, tanto mais ela acredita chamar a atenção do mundo compartilhado, dos outros, “saltar aos olhos” deles por alguma razão. Da convicção de Nadia de chamar a atenção dos outros para a convicção de que os outros estão debochando dela, é apenas um pequeno passo; pois essa convicção já traz em si, desde a origem, o caráter de chamar a atenção por algo desagradável ou de chamar a atenção por algo ridículo. Nadia precisa se envergonhar diante dos outros – como já dito – porque

sua maneira de *existir* é ridícula. Se conseguíssemos com que ela reconhecesse isso no sentido *existencial* pleno – o que em esquizofrênicos dessa espécie não é mais possível – ela precisaria, então, “entrar em si mesma”, mas não precisaria mais *envergonhar-se diante dos outros*; mas, se ela pudesse ter uma compreensão puramente intelectual disso – o que às vezes é possível, nesses casos – ela tiraria a própria vida ou, como a experiência nos mostra, o processo esquizofrênico iria adiante, com uma couraça ainda mais manifesta.

b) O problema da vergonha e o processo esquizofrênico

Chegando ao final, examinaremos esse processo em maiores detalhes – e isso justamente depois de termos analisado o fenômeno da vergonha. A questão - como se pode verificar a partir das explanações que realizamos até agora - gira em torno da “relação” fenomenológica entre vergonha existencial e vergonha encobridora no interior de *um único* fenômeno da vergonha. Quando se fala em vergonha existencial, onde “a fronteira interna do pecado” é vivenciada existencialmente e o “si-mesmo mais nobre” é percebido e guardado como um segredo, aí o homem é seu *senhor e juiz*, o si-mesmo é *senhor de si*. No entanto, quanto menos o si-mesmo for senhor de si, tanto mais ele vai se colocando na dependência do mundo compartilhado e o mundo compartilhado vai se tornando *mestre e juiz* sobre o si-mesmo. Por essa mesma razão a criança, na condição de existência ainda não independente, fica sujeita, em grande medida, ao “veredito” do mundo compartilhado. Contudo, – e isso *Freud* não quis enxergar – mesmo a criança não poderia ficar sujeita ao julgamento do mundo compartilhado se não estivesse capacitada a perceber, ao menos intuitivamente, a fronteira interior do pecado como vergonha. Nesse sentido, a vergonha “exageradamente doentia” é apenas uma recaída à infância; mas, é preciso dizer que já passa a ser algo totalmente diferente se, em

primeiro lugar, o homem necessita conquistar uma posição existencial - ou se, de uma posição já assumida, ele resvala para uma mais precoce!

No que diz respeito à compreensão do processo esquizofrênico com base na questão da vergonha, o que é realmente fundamental é que aqui estamos lidando com uma variação do ser-humano (Menschsein) em um sentido: o de que no processo esquizofrênico “a fronteira interior do pecado” não é mais passível de ser mudada livremente ou não é mais *fluida* no sentido do *livre* critério do si-mesmo - que sempre “decide” de novo, livremente, sobre *motivo, grau e intensidade* do ‘precisar se envergonhar’. No processo esquizofrênico essa fronteira está fixada para sempre, “fígé” (“coagulada”), como *Masselon* já afirmava em sua Tese Parisiense de 1902⁷⁸. *Masselon*, no entanto, ainda dirige essa expressão unilateralmente para o pensamento (“la pensée”) do esquizofrênico. Hoje sabemos que não se pode partir unilateralmente do pensamento, mas que é preciso considerar a *totalidade* da forma da existência (Daseinsform). Como vimos acima, o estudo sobre a vergonha presta-se a isso de maneira fantástica. O fato de que no processo esquizofrênico, por sua vez, a fronteira interior do pecado não seja mais *fluida*, isto é, varie dependendo da *situação* interna ou externa, provém daí que no lugar do si-mesmo entrou o mundo compartilhado (o que sempre corresponde a um vazio ou esvaziamento existencial). E o mundo compartilhado não é um parâmetro próprio, mas estranho, e, na condição de estranho, não depende mais de mim, mas *está diante de mim*, imóvel e estranho. Aquilo que tão prontamente chamamos de “projeção” do sentimento de vergonha (e de outros sentimentos) “para fora”, nada mais é do que o deslocamento do centro de gravidade de nossa existência para fora de nosso próprio si-mesmo e em direção ao *julgamento* dos outros, que é vivenciado como sendo *o correto*. Com isso o si-mesmo – conforme descrevemos acima – se torna um *fato julgado* (pelos outros e por mim, de acordo com eles), ou seja: ele é considerado como objeto,

transformado em objeto “fixo” ou coisa, com contornos, peso e medida fixos. Por conseguinte, justamente aquela esfera da essência do ser-humano passa a se apresentar naquele primeiro plano que melhor corresponde a essas condições: *o corpo!* “O corpo” significa aquela esfera de nossa existência manifesta *aqui e agora*, expandida espacialmente, *aqui* presente, isto é, na esfera de nossa existência, que se manifesta diante de nossos olhos e ouvidos, em oposição à constância do si-mesmo independente do (mundo)-tempo e do (mundo)-espaço. Em função do si-mesmo coisificado agora não poder mais se vivenciar como sendo essencialmente independente de seu corpo – justamente em oposição à sua luta desesperada - ele também não pode mais se envergonhar *existencialmente*, mas precisa *se esconder* diante dos outros. “La honte du corps” é uma vergonha puramente dissimuladora, ou seja, não é uma vergonha legítima – que melhor qualificaríamos como desonra e não como sentimento de vergonha. Assim sendo, o processo esquizofrênico é, em primeira linha, um processo de esvaziamento ou de empobrecimento existencial e, por sinal, no sentido de uma *solidificação crescente* (“*coagulação*”) *do si-mesmo livre em direção a um objeto estranho a si próprio cada vez mais servil* (“*dependente*”). Só por essa via é que se pode compreendê-lo. O pensar, o falar, o agir esquizofrênico são apenas manifestações parciais desse processo de base (Grundvorgang). Esvaziamento ou empobrecimento existencial é – como já sabemos – nada outro senão a transformação da liberdade em coação, da eternidade em temporalidade (*Scheler*), de infinito em finito. Daí *Kierkegaard*, com razão, poder afirmar que na loucura “a pequena finitude foi *fixada*, o que jamais poderá ocorrer com (o interior) da eternidade”⁷⁹.

O que quisemos mostrar com todas essas considerações é que não nos bastam mais as exigências científicas que o problema da esquizofrenia nos coloca se estivermos falando de uma “*perte de l’activité culturelle*” (perda da atividade cultural) (*Masselon*), um

afrouxamento da estrutura associativa (*Bleuler*), uma insuficiência primária da atividade psíquica (*Berze*), uma modificação na consciência da atividade (*Kronfeld*). Tudo isso são *interpretações* (psicopatológicas) *teóricas* do processo esquizofrênico, tentativas de explicação do mesmo, expressas como fórmulas que, por meio de um julgamento explicativo teórico, saltam por cima daquilo que realmente ocorre – e de onde se deve partir, em primeira linha. Aqui também seria necessário sair da *teoria* e voltar à *minuciosa descrição dos fenômenos* – o que se torna possível com os meios científicos que temos hoje à disposição.

Para evitar mal-entendidos, gostaríamos de frisar ainda que aquilo que aqui entendemos por *processo*, de modo algum é apenas o *processo psíquico* no sentido de *Jaspers*, mas o processo esquizofrênico, ou, em outras palavras, a modificação da existência (*Dasein*) e do ser-no-mundo que ocorre paralelamente à ainda desconhecida “*Nox*” esquizofrênica (* N.T. - Do latim *nox, noctis* – *noite, obscuridade, trevas* – Ou: *noxa, noxae* – *mal, enfermidade, desgraça*).

II. Comentários adicionais sobre a voracidade alimentar

Sob o título “[As fobias das funções corporais](#)” *Janet* menciona ainda uma jovem (a.a.O. p. 192) de 18 anos, sem anorexia histérica, cujas sensações na presença de alimento apresentam alguma semelhança com aquelas de Ellen. “Quand je voi les aliments, quand j’essaye de les porter à ma bouche, cela se serre dans ma poitrine, cela me fait étouffer, cela me brûle dans le coeur. Il me semble que je meurs et surtout que je perde la tête.” (Quando eu vejo os alimentos e quando tento colocá-los em minha boca, meu peito se fecha e aquilo me faz sufocar, aquilo queixa em meu coração. Parece-me que estou morrendo e, principalmente, que perco minha cabeça).

Ele ainda menciona uma paciente que, aos 21 anos de idade e depois de amamentar uma criança, começou a apresentar nojo e medo de comer e a recusar o alimento. Essa síndrome desapareceu, voltou novamente, para desaparecer outra vez e, finalmente, se manifestar de novo no climatério, da seguinte forma: a doente comia normalmente, mas agora tinha medo de que a doença voltasse e a impedisse de comer, de modo que ela morreria de fome; ela, portanto, comia com medo, por medo de novamente ficar com medo de comer.

Janet com razão separa essas “fobias” da “phobie de la digestion”, mas ordena-as junto das “phobies des fonctions corporelles”.

Löwenfeld, em seu livro “[Sobre as manifestações compulsivas psíquicas](#)” (1904), menciona a fome compulsiva entre os sintomas que podem representar *equivalentes dos ataques de angústia* (p. 358). Ele acrescenta ainda que, segundo *Magnan*, a necessidade de comer pode assumir o caráter de uma pulsão compulsiva (sitiomania), acompanhada de angústia, que assola o paciente apesar de sua resistência. Uma mulher acometida dessa pulsão, desesperada com a necessidade de estar sempre comendo, internou-se por vontade própria, a fim de se tratar.

Stähelin menciona um vício exacerbado por comer, em determinados psicopatas, em conexão com uma pulsão sexual subitamente elevada. “Eu pude comprovar em determinados psicopatas que a irrupção de uma pulsão vital, como, por exemplo, um forte aumento da pulsão sexual que se instala subitamente, muitas vezes era seguido depois de curto intervalo por crises de insônia total, forte necessidade de se movimentar, vício de fumar, comer e beber – constatando, portanto, que uma pulsão elementar trazia consigo uma outra, até que finalmente a “pessoa da profundidade” assumisse plenamente, enquanto as partes mais nobres da personalidade ou ficavam paralisadas,

ou ficavam totalmente a serviço das pulsões”.⁸⁰ Eu mesmo só posso confirmar essas observações.

Na *esquizofrenia*, a voracidade alimentar é um acontecimento tão conhecido, que não precisamos falar nele em separado. Ela frequentemente também está ligada a processos sexuais, desejos, medos. *Nelkens* tinha um paciente para o qual o jorrar do líquido seminal era “o pior de tudo o que existe”, e que, depois de cada polução, sentia sede e uma “voracidade por comida.”⁸¹ Instrutivo é o fato constatado por *Weber* de que, justamente no delírio nihilístico, encontramos com bastante freqüência ataques de voracidade alimentar – ou a recusa do alimento⁸². No caso Ellen West, ficamos sabendo muito pouco acerca de relações manifestas entre a voracidade alimentar e a sexualidade. Também não ficamos sabendo se os ataques de voracidade antes, durante ou depois da menstruação eram mais intensos. Sabemos apenas que depois (ou com?) o cessar das menstruações, eles aumentaram.

*Stähelin*⁸³ comunicou a *A. Gigon*, em um escrito enviado ao mesmo, uma interessante observação no que diz respeito ao nosso caso: uma jovem relativamente atlética, fechada, difícil, sensível, vivaz, inteligente, aos 18 anos mostra cansaço, dores de cabeça e pensamentos depressivos por três meses consecutivos. Ela sente-se fisicamente e emocionalmente significativamente melhor depois das refeições e também nos intervalos, assim que come pão, frutas e chocolate. Aos 20 anos, apresenta amenorréia, sintomas depressivos e ideação suicida e “come enormes quantidades, rapidamente”. De resto, ela se apresenta sem iniciativa e sempre volta a devorar – mesmo sem apetite ou fome - pães inteiros e muitos doces, tentando provocar o vômito logo em seguida. Ela explica esse sintoma da seguinte forma: “É mesmo um vício. Os outros têm impulsos desordenados e perdem o juízo por causa deles, e eu tenho o vício por comida, assim como um alcoólatra pela bebida, e agora estou destruída.” Ela quer se anestésiar com

comida, deixar-se cair propositalmente no vazio e na falta de responsabilidade. “por estar comendo feito uma idiota, estou morrendo espiritualmente.” Bloqueios, caretas, postura depressiva e contida.

Podemos constatar que a voracidade alimentar e seu significado existencial são as mesmas que encontramos no caso Ellen West. Também Ellen West percebe que a voracidade significa a morte do espírito. Ao contrário dessa doente, no entanto, ela se revolta contra isso, para finalmente tomar a decisão de se matar, como se fosse a única possibilidade de libertação do conflito entre cobiça e espírito - e a única forma de fugir do perigo de enlouquecer. Diante desse mesmo dilema, a paciente de *Stähelin* aceita a morte espiritual e *substitui* o suicídio *pela voracidade alimentar*: “Antes eu queria me atirar da janela; agora não comerei mais o suicídio.” A essa frase segue-se, sem mais nem menos, a frase que já mencionamos: “Comendo como uma idiota, morro espiritualmente.”

Enquanto precisamos iluminar *daseins*-analiticamente as conexões internas entre a voracidade alimentar e o morrer lentamente em Ellen, nesse outro caso elas estão escancaradas. Mas, o fato de elas estarem tão escancaradas e o fato da paciente afirmar que prefere a morte espiritual ao suicídio - afirmações essas desacompanhadas de qualquer manifestação de afeto - mostram que *o processo aqui evolui muito mais rápido que em Ellen West*.

O exame médico, nesse caso, detectou uma forte bradicardia, e revelou determinados achados patológicos em relação ao sangue e às trocas metabólicas, de modo que se pensou em um transtorno endócrino complexo e em um transtorno nas trocas metabólicas do fígado. Depois de uma dieta rica em carboidratos e de proteção ao fígado, sal de Karlsbad, ephetonina, tyreoidina e hormônios sexuais femininos, a paciente fica menos tensa e mais capacitada ao trabalho; depois de 3 semanas, a

menstruação volta a ocorrer; depois de 5 semanas, está em estado declaradamente hipomaniaco (com alimentação normal). Depois de 4 meses de comportamento normal e sem que ocorresse nada que chamasse a atenção, instala-se uma inquietação crescente, culminando em uma *severa catatonía*. Melhora significativa com insulina e cardiazol. Evolução variável. *Stähelin* pensa em um transtorno manifesto diencefálico de compulsão alimentar, que só foi secundariamente motivada pelo psíquico. – Uma irmã perfeitamente saudável da paciente também sofre do vício de comer, especialmente quando ela se sente desanimada; ela, então, passa a se sentir mais cheia e mais forte, mas, da mesma forma, apresenta dores na consciência.

Voltaremos a esse caso e ao problema da *somatose pré-esquizofrênica* quando discutirmos o *diagnóstico* de nosso caso e agora nos voltaremos à análise clínico-psicopatológica de nosso próprio caso.

III. Equivalentes da angústia ou histeria?

Não há razão para falarmos, com *Löwenfeld*, em um *equivalente* a um *ataque de angústia* no que diz respeito à voracidade alimentar ou “ataque de fome” (*Heisshunger*) no caso Ellen West. A angústia existencial contínua não é de modo algum “substituída” pela voracidade alimentar; ao contrário, ela continua presente antes, durante e depois da refeição, não só como tal, mas ainda aumenta nessa ocasião. Poderíamos falar, no máximo, em um anestesiar momentâneo da angústia *durante* a voraz deglutição do alimento. Também não se pode dizer que a angústia – como deveria ser, no caso de um equivalente – seria provocada pelo *recalcamento da voracidade alimentar*. De resto, precisamos fazer uma distinção entre o “ataque de fome” neurótico-vegetativo (bulimia) e a voracidade alimentar. A bulimia não precisa manifestar-se na forma da voracidade

alimentar animalesca, na deglutição do alimento semelhante à dos animais. Quando esse é o caso, saímos do terreno das assim chamadas neuroses.

Se na voracidade alimentar de Ellen West se tratasse de verdadeiros equivalentes da angústia, teríamos que pensar, em primeira linha, em uma *histeria de angústia*. A não ser que não se trate de modo algum de *ataques de angústia* isolados, mas de uma angústia constante, faltaria, para esse diagnóstico, o momento deflagrador em seu histórico de vida. A angústia, no caso, não se atrela a um evento “traumático” determinado, nem se desenvolve a partir ou sobre algo do gênero – razão pela qual a psicanálise não conseguiu esclarecer nada, nem teve um efeito terapêutico. Da mesma forma, não percebemos nada que se assemelhe a uma *histeria de conversão*. Quando o segundo analista classifica a depressão como “aprofundada de maneira fortemente tendenciosa” (p. 97), trata-se, aparentemente, de um engano oriundo de um otimismo terapêutico. Também quando ele fala em “traços visivelmente dirigidos ao marido” e qualifica os mesmos como sendo de ordem histérica, o final do caso deve mostrar que a paciente realmente “não simulou” nada diante do marido. Mesmo que os seus sintomas na presença do marido de fato tivessem se apresentado com maior intensidade e com mais força – o que eu mesmo nunca pude perceber – isso seria facilmente compreensível a partir da constelação completa do caso. Finalizando, também não podemos falar em um *caráter histérico*, aliás, de modo algum pensamos em creditá-lo à histeria. Em nenhum momento, em Ellen West, trata-se de um ímpeto por aparecer, de uma mentira “histérica”, embuste ou gravame. Sua ambição palpitante de modo algum se assemelhava a uma vontade de aparecer *histérica*, uma vez que ela buscava intensamente coloca-la em prática e sofria com o fato de não conseguir chegar onde queria, sem, contudo, disfarçar essa discrepância ou supera-la por meio de sucessos aparentes.

IV. Vício ou adição?

Uma outra questão psicopatológica que se coloca é a de até que ponto seria lícito classificar a voracidade alimentar como um *vício*, sendo que as palavras da própria paciente de *Stähelin* dariam ensejo para tal. Mas já aqui se revela algo que sempre continuará a se mostrar em todas as nossas descobertas psicopatológicas: que a sintomatologia, no caso Ellen West, dificilmente consegue ser definida através de conceitos psicopatológicos determinados e inequívocos.

Von Stockert descreveu um determinado *vício* por doces, que ele chamou de *sacharomania*⁸⁴: um estudante universitário de 21 anos, a cada vez que retornava do *front*, entrava em uma fase em que sentia uma enorme vontade de comer doces – coisa que nele era incomum – correndo de uma confeitaria para outra com o intuito de devorar doces. Mas, mesmo após a guerra, depois de passar semanas sem pisar em uma confeitaria, em um determinado dia ele visitou 4 ou 5, uma depois da outra, para, em seguida, passar várias semanas sem sentir vontade de repetir essa façanha. O que detonava esse tipo de excesso era geralmente uma ligeira alteração de humor, em função da qual ele não conseguia se decidir a voltar à universidade. Sentindo raiva por estar perdendo aula, ele corria ao mestre confeito e, depois de vencida a inibição, andava de uma confeitaria a outra, sem sentir o gosto daquilo que ingeria, até gastar todo o dinheiro que levava consigo ou, então, até conseguir se submeter novamente às exigências do dia. *Stockert* com razão faz um paralelo entre esse caso e a reação do alcoólatra diante de sentimentos de desprazer. Mesmo que o desfrutar dos doces fosse prazeroso para o paciente, ainda assim o “não conseguir parar” não estaria esclarecido. Se esse caso revela que existe um verdadeiro *vício* por doces, o qual em sua gênese, sintomatologia e evolução, se assemelha à *dipsomania*, no caso Ellen West a

necessidade de comer doce diferencia-se do primeiro caso em aspectos pontos muito importantes: a vontade de comer doce não surge como algo “incomum”, mas está sempre presente; ela não necessita de nenhum motivo especial e também não consegue parar; ela não chega a um simples “não conseguir parar”, apesar da satisfação da necessidade - ao contrário, a necessidade em si nunca é satisfeita, mas está sempre presente.

Poderíamos, antes, comparar a “fome” de Ellen West e a necessidade de permanentemente estar pensando nela com a “fome de morfina” do viciado *crônico* e com a necessidade do álcool do alcoólatra *crônico*. Quantos viciados em morfina *pensam* na injeção e quantos alcoólatras na garrafa ou no copo, ou *necessitam* imaginar com uma nitidez quase “alucinatória”, da mesma forma Ellen West precisa estar constantemente pensando na comida ou imaginá-la de forma quase alucinatória. Mas, tanto aqui, como lá, não podemos falar em uma genuína compulsão por pensar; precisaríamos, talvez, falar em uma necessidade compulsiva – do que, no entanto, *Bleuler, Binder* e eu discordamos. Naqueles casos crônicos de intoxicação, não se trata de uma “representação compulsiva”, mas de uma necessidade - em parte somática - determinada pelo metabolismo, que pode ser mitigada temporariamente, com maior ou menor rapidez, por um tempo mais longo ou mais curto. Onde *não ocorre* uma “parada” – como para Ellen West ou para aqueles alcoólatras que, apesar de estarem totalmente embriagados, continuam a beber de forma mecânica – não ocorre, tampouco, uma compulsão, mas, na minha experiência, uma alteração muito mais profunda e de ordem esquizofrênica. (No viciado em morfina, via de regra, o tóxico acaba por *forçar* a “parada”). No caso Ellen West não ocorre, portanto, uma satisfação mais prolongada da sensação de fome - porque a fome, como em muitos toxicômanos, não é apenas uma necessidade determinada pelo somático, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de

preenchimento do *vazio existencial*; nós, porém, chamamos de *vício* a essa necessidade de preenchimento e de enchimento. Se Ellen West, então, *não* padece de um *vício* no sentido *clínico*, mesmo assim o seu “modo de vida” se encaixa na categoria da *adição*. Nesse sentido, ela está muito próxima do modo de vida dos toxicômanos e de muitos dos perversos sexuais. Mas, por falta de material comprobatório suficiente, precisamos deixar totalmente em aberto até que ponto o componente homoerótico de Ellen participa em sua existência “insatisfeita” e “impossível de ser satisfeita”. (Também no caso Nadia – apesar da negativa de *Janet* – essa questão fica em aberto).

Nossa compreensão da *adição* nos coloca em posição de concordar plenamente com a compreensão de *von Gebattel*, que em um trabalho anterior⁸⁵ já chegara a um entendimento fundamental sobre a *adição* baseado em compreensões de *Erwin Straus*, para ampliá-lo ainda mais em seu último trabalho⁸⁶. Na toxicomania, ele enxerga apenas um caso extremo de *adição universal* - que, na clínica, chama especial atenção - ao qual sucumbe aquela pessoa “inibida em suas decisões” (p. 59); inibida em suas decisões, no entanto, para ele não significa nem uma “inibição vital”, nem uma inibição pulsional no sentido de *Freud*, mas uma variação da estrutura temporal do ser-no-mundo no sentido de um determinado “transtorno do devir” ou, como se diz, do amadurecimento existencial. Determinante, para a estrutura temporal da *adição*, é o momento da *repetição*: “O adicto, em consequência do prejuízo na continuidade da expansão de seu histórico de vida interior, *existe apenas de forma pontual*, naquele instante de realização e de plenitude ilusórias, ou seja, *existe apenas de forma descontínua*. O adicto vive de momento em momento, mas, no fim, insatisfeito em cada um deles. Se ele acabou de disfarçar o *vazio* do presente por meio do prazer, da sensação, da anestesia, do êxtase, do ganho, do sucesso etc., ele imediatamente é invadido pela ‘irrealidade’ de sua vivência na forma de insatisfação e desalento, o que, também imediatamente, obriga a

uma repetição de seu ato. O adicto faz sempre o mesmo, vivencia sempre o mesmo e - em termos de construção do tempo imanente de suas vivências - nunca sai do lugar.” (p. 60). Aqueles que através de nossas próprias considerações não conseguiram enxergar que a maneira de ser (*Daseinsform*) de Ellen West apresenta todas as marcas distintivas do ser-no-mundo “de modo adictivo”, com certeza ficará convicto disso depois de ler as considerações *von Gebattel* acima reproduzidas.

Nesse contexto, gostaríamos ainda de chamar a atenção para o fato de que *Hans Kunz* amplamente apoiou e corroborou a visão de *von Gebattel*, estendendo-a também à compreensão das *perversões*⁸⁷

V. Compulsão, fobia?

Quando dissemos, acima (p. 174), que no caso de Nadia desenvolveu-se uma compulsão por perguntar e, em Ellen, uma compulsão por pensar, nós empregamos a palavra compulsão em seu sentido vulgar. Do ponto de vista puramente clínico, *não* podemos falar, aqui, em compulsão. Enquanto a compulsão genuína do anancástico *por perguntar* e a compulsão genuína *por pensar* dizem respeito ao *perguntar* e ao *pensar* em si, de modo que seja possível afirmar que, em um doente, a compulsão consista em *ter que* perguntar e, em outro doente, consista em *ter que* pensar – embora aquilo *pele que* se pergunta e aquilo *em que* se pensa varie constantemente e não faça sentido algum⁸⁸ - nos casos Nadia e Ellen *algo definido* precisa ser perguntado ou pensado, e, na verdade, é sempre a mesma coisa. A “compulsão” aqui não se refere a uma determinada *forma* de ser com os outros ou de ser consigo mesmo, mas é literalmente a expressão do interesse “exagerado” do doente por algo definido que, do ponto de vista do doente, não é nada irrelevante, mas pleno de significado existencial, ameaçando toda a sua existência⁸⁹, cujo conteúdo é questionador (Nadia: “Eu realmente tenho a aparência

ruim? Eu estou mesmo magra?”⁹⁰ Ellen: “Se eu não precisasse mais *comer*, se eu não *engordasse* mais por conta da *comida*; eu quero *comer* só um pouco, para permanecer *magra*; se eu pudesse voltar a *comer* inocentemente, se eu pudesse receber de novo alguma coisa para *comer*, se eu pudesse voltar a *comer* bombons, pelo amor de Deus, não me ofereça uma panqueca para *comer* etc. etc.). Aqui não ocorre, portanto, uma substituição no sentido de *Freud*, nem uma digressão do perguntar e do pensar de um *conteúdo* de questionamento ou de pensamento *genuíno* e que faça sentido, para um conteúdo não genuíno, que substitua o primeiro, “sem sentido” e, portanto, “impossível de ser concluído” mas “que se estende ao infinito”; pelo contrário, tudo “gira em torno” de *um único* conteúdo “supervalorizado” que “preenche totalmente” os doentes e do qual depende a tranquilidade de sua alma. Por essa razão seria também incorreto falarmos aqui de um “psiquismo perturbador” no sentido de *Binder*⁹¹. Nadia de modo algum vivencia aquilo “em torno de que tudo gira, para ela” como um transtorno, Ellen, por sua vez, não o vivencia como um “mecanismo que transtorna”, mas como uma ameaça, uma violação, uma destruição do *núcleo* de seu *ser*. Em ambos os casos também não podemos falar em um “psiquismo de rejeição” compulsivo. Enquanto a doença de Nádia está tão avançada, que ela se identifica totalmente com o seu interesse supervalorizado, Ellen sempre *se defende*, com todas as suas forças, contra a sua voracidade por comida, assim como contra o seu medo de engordar. Mas, manifestações de defesa de natureza verdadeiramente compulsiva não ocorrem em nenhum dos dois casos. Nem Nadia, nem Ellen são anancásticas no sentido clínico.

Em ambos os casos, no entanto, pode-se falar em *obsessão*, uma vez que ambas as doentes são obcecadas por suas idéias, por seu “ideal”. Mas essa obsessão de maneira alguma é “ego-distônica”, conforme já visto, por mais que Ellen “intelectualmente” a considere tola e *sem* sentido⁹²; ao contrário, “o eu” tem grande participação,

identificando-se sempre com ela: aquilo que Ellen ora afasta de si com asco, em outra ocasião ela se atira em cima, com uma voracidade selvagem. Claro que ela fala em forças malignas, demônios, fantasmas que a teriam violado, mas ela bem sabe – e também o verbaliza – que *foi ela mesma quem se violou!* Como vemos, de modo algum conseguimos contar, aqui, com categorias psicopatológicas firmemente delimitadas.

Mas, podemos classificar o medo de engordar como *fobia*?

O medo de engordar, em nossa Daseins-análise, revelou-se como a concretização de uma angústia existencial severa, a angústia diante da “vida decadente”, do murchar, do secar, do umedecer, do apodrecer, de ser enterrada viva, na qual o mundo assim como o si-mesmo se transforma em tumba, em um mero buraco. *Aqui* entra o medo de acumular gordura e de tornar-se *material*. O “peso terreno” é o que a “puxa para baixo” – e a esse “ser puxada para baixo” dirige-se a sua angústia. Parafraseando *von Gebattel*⁹³, a angústia diante da perda (existencial) de sua Gestalt, diante da não-Gestalt, diante do “*anti-eidos*”, o inimigo da Gestalt, em resumo, a angústia diante do “deixar de ser” ou, conforme eu diria, do *passar da existência*. Também a luta plena de angústia é uma luta contra “os poderes da existência que dissolvem a Gestalt”, contra o ficar gorda e o ficar feia, o ficar velha e o mofar, em resumo, o *passar da existência*. Contrastando com as fobias anancásticas, esta luta defensiva, por outro lado, não se desenrola de uma forma derivativa ou fóbica (como, por exemplo, a luta contra a impureza na forma de um nojo fóbico de cães [Veja o caso de *von Gebattel* de uma fobia contra cães e sujeira], ou na forma de procedimentos intermináveis de limpeza [Veja também o caso de uma ilusão fóbica de um odor, p. 41ss.), mas de uma forma direta, não-derivativa e imediata, ou seja, na forma de uma recusa e uma fuga plenas de sentido. Quando Ellen tranca o armário, no qual o pão está guardado, essa não é uma medida de precaução fóbica, mas

puramente racional e razoável; o mesmo vale para as providências dietéticas “exageradas”. A recusa, portanto, não ocorre de maneira fóbica, mas racional.

No entanto, precisamos questionar mais uma vez: o medo de engordar pode ser classificado como fobia? Sim e não! Sim, se enxergarmos nela a concretização ou o aguçar da angústia primordial diante da vida decadente, diante dos poderes inimigos da vida e da Gestalt, de modo que pudéssemos dizer que essa *angústia se concretizaria* no medo de sua própria *não-Gestalt* (corporal e psíquica) (de sua “ausência de forma”, feiúra, voracidade) – e diríamos *não* se considerarmos o fato de que todo esse conteúdo, o encadeamento entre o conteúdo da angústia concreta com o medo primordial é *claramente consciente* (o que não é o caso na verdadeira fobia), motivo pelo qual essa análise nada tem a dizer. Contudo, de uma fobia legítima só poderíamos falar se o medo de engordar “significasse” um medo mascarado da fecundação e da gravidez, o que, no entanto, nós descartamos.

Uma vez que os psicanalistas, desde o início, abordaram o caso Ellen West com o diagnóstico de neurose compulsiva, eles desde o início tiveram que supor um “mecanismo de substituição” desses e orientar sua terapia de acordo. Se Ellen West aparentemente também aceitou essa equação “ser gorda = estar grávida”, então não devemos levar muito à sério essa aceitação, face ao ceticismo generalizado da mesma em relação à psicanálise, face ao fato de Ellen trabalhá-la de puramente intelectual e face ao resultado totalmente negativo. Assim sendo, o nosso “não” tem um peso muito maior que o nosso “sim”! O medo da própria não-Gestalt não é propriamente uma fobia, mas uma angústia intensa, *diretamente* compreensível - nascida da idiosincrasia do mundo da paciente, ou seja, da supremacia absoluta do mundo etérico e de sua oposição ao mundo das tumbas – diante da ameaça, do colapso de seu Ideal Existencial.

É claro que, mesmo nas fobias genuínas, não podemos deixar de lado o exame Daseins-analítico do *mundo* dos pacientes se quisermos compreendê-los a partir de suas bases. Isso vale tanto para uma fobia *histórica*, correspondente a uma histeria de angústia no sentido de *Freud*, cuja gênese eu mesmo analisei em minha Tese⁹⁴, como para uma fobia *anancástica*⁹⁵ ou uma fobia *psicastênica*⁹⁶ que *von Gebattel* já compreendeu de modo amplo daseins-analiticamente. E é claro também que o medo de engordar se enquadre, entre outros, na *patologia das relações simpatéticas*⁹⁷, mas *não* ao campo do processamento secundário, histórico ou de cunho compulsivo desses transtornos das relações; ao contrário, ele pertence ao âmbito daquelas formas do adoecer psíquico nos quais a alteração das relações simpatéticas ou se mostram como tais, de forma aberta, ou, então, assume formas de cunho delirante ou alucinatório. Esse terreno, no entanto, é o terreno do grupo esquizofrênico. A partir da base patológica comum é possível compreender por que as formas históricas ou neurótico-compulsivas de adoecer tão frequentemente devem ser consideradas junto com as formas esquizofrênicas de adoecer - e, não raro, evoluam para estas últimas.

VI. Idéia sobrevalorizada? Idéia delirante?

Lembremo-nos de que a junta médica estrangeira havia classificado o medo de engordar como idéia sobrevalorizada. (p. 104). Até que ponto o desejo de Ellen West de ser magra e o rechaço de ser gorda realmente pode ser classificado como “idéia sobrevalorizada”, no sentido estrito que lhe foi dado por *Wernicke*? Na medida em que essa “idéia” realmente dominava “todo o seu ser e o seu fazer” e na medida em que não era vista de modo algum pela paciente como sendo uma invasora estranha em sua consciência, sim⁹⁸; e não, na medida em que a paciente não encara essa idéia como a “expressão de seu próprio modo de ser” e Ellen não trabalha *a favor dela*, mas *contra*

ela, engajando-se em uma luta em favor de sua própria personalidade; a “idéia” não é encarada (pela doente) como “normal e justa”, como totalmente explicável pela maneira como surgiu (p. 141), mas, ao contrário, é vista por ela como doentia e anormal e de modo algum “explicável pela maneira como surgiu”. Tudo isso fala a favor de nada outro senão de que a “idéia” em questão *não deve* ser tratada *como delirante* e de que Ellen West (ainda) não padece de uma *idéia delirante*. Sabemos que *Wernicke* diferencia entre *interesse* “preponderante” ou “aumentado”, p.ex. o interesse profissional, e a *idéia* sobrevalorizada e fala disso p.ex. também por ocasião de uma “compulsão ao suicídio impulsiva, declarada” (p. 342). O que, no entanto, diferencia claramente a “idéia sobrevalorizada” do “interesse preponderante” e o que, em nosso caso, *decididamente* pesa (e negativamente) é o fato de que *Wernicke* só fala em uma idéia ou representação sobrevalorizada, só a define como tal (e isso também diz respeito ao caso de compulsão ao suicídio mencionado há pouco) se as respectivas “idéias” surgem como “lembranças de um determinado evento especialmente carregado de afetos, ou de uma série desses eventos relacionados entre si” (p. 142). Uma vez que essas vivências “difíceis de serem assimiladas, por seu conteúdo” tampouco “poupam a vida mental mais saudável dentre todas”, mais uma condição é necessária “para que um caráter doentio seja atribuído à sobrevalorização”. Essa condição é encontrada na inacessibilidade das contra-representações, ou seja, na incorrigibilidade da idéia em questão e no marco clínico “concomitante” do delírio de referência (p. 145). No caso Ellen West, a idéia em questão não se origina de modo algum a partir de vivências especialmente carregadas de afeto, como é o caso, por exemplo, de Michael Kohlhaas, na recusa de uma aposentadoria por acidente - um evento assustador, pesado, terrível, pelo qual o próprio Kohlhaas foi responsabilizado, mas de base “*não-ideativa*” (*de Clérambault, v. Gebattel*) ou “*patológico-simpatética*” (*Erwin Straus*)⁹⁹. Ellen West

também não é impermeável a representações contrárias, ela própria constantemente se dedica a fazê-las, de maneira que não podemos falar de uma *inacessibilidade*, mas de uma *ineficácia* das mesmas. Por essa razão – e ao contrário de Nadia – em Ellen não ocorre propriamente um *delírio* de ser observado. Só através dos afetos ela expressa a idéia de que o seu entorno tem um prazer sádico em torturá-la (p. 101) e ela fala em poderes malévolos, espíritos, fantasmas que a torturam e violam apenas de forma alegórica. Aqui queremos mais uma vez frisar que a psicose de Ellen West é, na verdade, muito pouco orientada ao mundo compartilhado – como é o caso na idéia sobrevalorizada de *Wernicke*, mas é orientada ao mundo circundante e ao mundo próprio e, especialmente, ao mundo próprio corporal. Isto, no entanto, não significa que se trate de uma *somatopsicose* no sentido de *Wernicke*, enquanto Nadia mostra uma nítida *inacessibilidade* a representações contrárias, bem como nítidos traços somato-psicóticos.

VII. As oscilações de humor. Esquizofrenia ou insanidade maníaco-depressiva?

Vimos que *Kraepelin* classificou como melancolia o quadro apresentado por Ellen West à época de sua consulta com o mesmo, ou seja, considerou o caso como pertencente à insanidade maníaco-depressiva e de prognóstico *quoad fase* (* N.T. até certo ponto) bastante favorável. No entanto, no caso Ellen West, tanto os transtornos depressivos quanto os maníacos revelam algumas particularidades. Apesar da constante mudança de humor e da progressiva severidade do caso, tudo fica na esfera do *amuo*; de um lado, nada percebemos com relação a um *bloqueio* e, de outro, não vemos nenhum indício de fuga de idéias. No que diz respeito à *compulsão* por movimentar-se e por ocupar-se, trata-se menos de uma compulsão “vital” e mais de uma “urgência” (como, por

exemplo, o correr à volta das amigas na Sicília) ou de uma “verdadeira mania de ocupar-se” ou, então, de um “ataque de ocupar-se”, com a finalidade de preencher o seu vazio. A produção em massa de poemas, na noite de 18 para 19 de novembro (p. 92) é o traço maníaco mais nítido de todos, mas mesmo aqui não ocorre a fuga de idéias. Talvez aqui se trate mais de um “colocar para fora *um sentimento de felicidade estático* causado por vivências daquele tempo” do que de um afeto eufórico puramente vital¹⁰⁰.

Por outro lado, no estado de humor depressivo falta um sintoma: o do sentimento de culpa depressivo, do não-haver-saída-para-nada, e, principalmente, do “determinismo definitivo (em relação ao conteúdo) através do passado”. (O que constitui um fenômeno diferente daquele que denominamos “prepotência daquilo que foi”!) O humor depressivo de Ellen revela muitas coisas que nos fazem lembrar mais da *alteração de humor psicopatológica* do que da depressão endógena: ela não está *isolada* do futuro, mas ela se sente *ameaçada* pelo futuro! Seu humor depressivo, portanto, refere-se à relação eu – destino. O tempo aqui não fica parado; é a Gestalt, na qual se apresenta aquilo que está por vir, que é “recusada, evitada ou combatida”. A alteração do humor aqui não *surge apenas* de uma “variação psicopatológica das funções psicofísicas”, mas é, *também*, uma “reação a uma variação” – não no mundo circundante, mas no mundo próprio (*E. Straus*, p. 655s). Já bem antes de *E. Straus* e, sabidamente, como pioneiro, *E. Minkowski* empreendeu e levou bastante adiante a análise fenomenológica dos estados de humor depressivos¹⁰¹. Mas uma comparação com o caso de seu primeiro trabalho (1923), como também com aquele de seu trabalho de 1930¹⁰² mostra o quanto nosso caso de diferencia do dele. Isso é digno de nota, pois justamente o segundo caso apresenta uma semelhança marcante com o nosso caso, em termos de conteúdo, na medida em que o paciente de *Minkowski* fala de um “sentiment de materialité accrue” (sentimento de materialidade **umentado**?), de um lado, e, de outro, de uma sensação

“d’être immatériel et aérien” (de ser imaterial e aéreo). Mas, na medida em que ele se queixa de “*n’être*”, malgré lui, que mangeaille et défécation, de n’être qu’une vie de tripés, une masse, une espèce de fonctions végétatives, et qui encore se fait mal” (não ser nada além de comida e defecação, não ser nada além de uma vida de tripas, uma massa, uma espécie de funções vegetativas **e que ainda se prejudica??**) (1930, p. 247 e 231), fica claro que aqui estamos lidando com uma somatopsicose, mais ou menos no sentido da melancolia hipocondríaca de *Wernicke*, mesmo que o nosso caso esteja *bem próximo da fronteira*, ele ainda não está no campo da somatopsicose.

A tudo isso se soma a constatação mais importante para um diagnóstico completo: a de que no caso Ellen West nós não estamos lidando somente com fases e alterações de humor maníaco-depressivas, depois de cujo arrefecimento o “*status quo ante*” torna a imperar. De modo algum estamos lidando apenas com estados depressivos *cada vez mais profundos*, mas com o fato de que o *obscurcimento* do mundo - que inicialmente se apresenta como uma alteração de humor depressiva temporária - continua a *progredir* para além das fases depressivas normais, assumindo inicialmente a forma do *murchar* e do *morrer* e, mais tarde, a forma do *ser emparedado* e a do *virar um buraco*, para, finalmente, terminar em inferno. Trata-se, nesse caso, de um progressivo encolhimento da estrutura integral do ser-no-mundo, que se manifesta com uma nitidez maior a cada novo episódio depressivo, partindo de uma Gestalt completa até chegar a uma não-Gestalt. A voracidade por comida e o ser gorda se apresentam já no fim desse encolhimento, à medida que o mundo-próprio - tanto o espiritual, como o corporal - não é vivido apenas como uma não-Gestalt, mas acaba por *deixar de viver*, *nessa* não-Gestalt, mesmo que o mundo etérico dos ideais - condenado à impotência no final - a contradiga constantemente. A existência, então, movimenta-se em um “*circulus vitiosus*”: é a cobra que morde seu próprio rabo. Mas, na medida em que, apesar de

tudo, o ser ainda consegue “conscientizar-se de si mesmo” através da morte escolhida livremente, este consegue romper com o círculo vicioso, consegue esmagar a cobra pela cabeça. É a vitória do ser sobre o poder do “inferno”.

VIII. O diagnóstico. Desenvolvimento de uma personalidade ou processo esquizofrênico?

Depois de termos explicado detalhadamente - tanto no Capítulo (C), quanto nesse último Capítulo (D) – por que razão no caso Ellen West não pode se tratar nem de uma neurose, nem de uma adição e nem tampouco de uma idéia sobrevalorizada (idéia delirante), e depois de havermos mostrado que, apesar das alterações de humor francamente endógenas, não podemos nos contentar com o diagnóstico da insanidade maníaco-depressiva, somente duas possibilidades diagnósticas ainda entram em questão: *desenvolvimento de uma constituição psicopatológica* ou *processo esquizofrênico*? A junta médica estrangeira se debateu com a primeira hipótese, e a segunda delas nos pareceu – a *Bleuler* e a mim – a mais confiável.

O “desenvolvimento de uma constituição psicopatológica” só pode querer dizer aquilo que *Jaspers* (“*Allgemeine Psychopathologie*” 3, p. 317) entendia por “desenvolvimento de uma personalidade”, conceito que, para ele, abrangia a totalidade do crescimento do *constitucional*, seus *efeitos variáveis* com o *meio circundante (Milieu)* e a *reação* correspondente (do constitucional) às *vivências*. Ele se refere aos desenvolvimentos paranóides dos querelantes e dos ciumentos, mas também aos casos como aqueles de *Reiss* (*Z. Neur.* 70), em que é apresentada como existência (Existenz) uma personalidade hipomaníaca, orientada pela forma e pelas aparências, um bem-sucedido homem de negócios com o qual ocorrem mudanças no sentido de uma “mera” alteração de fachada, com a preservação do caráter - mudanças essas a serem compreendidas a

partir de acontecimentos em seu ambiente e a partir de uma perda precoce da potência masculina. Fica bastante evidente que o caso Ellen West *não* pode ser submetido a essa categoria de desenvolvimento da personalidade; tampouco se trata do crescimento do constitucional, ou de um *efeito* compreensível *de uma mudança* no constitucional e no meio circundante (só a revolta de Ellen contra sua família poderia ser compreendida sob este aspecto), ou uma *reação* idêntica e correspondente a uma predisposição de caráter diante de determinadas vivências. Isso já foi discutido por ocasião da controvérsia sobre a existência ou não de uma idéia sobrevalorizada. Com muita razão o próprio *Jaspers* explica que não é raro termos a impressão, em um indivíduo, que “durante todo o seu histórico de vida o mesmo nos apresenta um cenário de desenvolvimento de personalidade, mas alguns traços isolados apontam para um outro processo, que dá a esse desenvolvimento uma nota anormal” - o que não contribuiria para que nossa discussão chegasse a um resultado.

Se no nosso caso acreditamos haver chegado a um resultado é porque o mesmo não só *revela* traços de um processo em curso, mas é passível de ser *comprovado*. *Jaspers* não se refere a todo processo psíquico como sendo esquizofrênico; em nosso caso, no entanto, não vemos outra possibilidade além desta: algo desconhecido - que *não* pode simplesmente ser explicado através do constitucional, do ambiente e das vivências - inicia esse processo e o mantém caminhando. Não surpreende, tampouco, o fato de que esse processo tenha sido como que suspenso no dia que antecedeu a morte de Ellen, pois tais “suspensões” ocorrem até mesmo em esquizofrenias avançadas - e essa “suspensão” também não fala contra o diagnóstico de esquizofrenia *leve* e insidiosa¹⁰³. Não sabemos se Ellen, quando criança, eventualmente passou por algum surto leve; é o que podemos depreender dos traços - cedo detectados - como o amuo, a teimosia, a ambição exagerada, o vazio e a pressão a que se sentia submetida, bem como do atraso

no desenvolvimento da puberdade. Também não temos como saber de que forma o processo teria se desenrolado se Ellen tivesse sido impedida, por uma longa internação, de levar à cabo sua intenção de se matar. Nenhum dos três médicos participantes da junta acreditou em uma possibilidade de melhora, quanto mais de uma cura. Por outro lado, existe uma unanimidade em torno da opinião de que não se tratava de uma esquizofrenia que pudesse levar a uma imbecilização. A mim, contudo, parece fora de cogitação que Ellen - como Nadia - pudessem ter desenvolvido uma “somatopsicose” com idéias hipocondríacas delirantes e uma “alopsicose” com idéias limitantes.

Quando afirmamos acima que no caso Ellen West se trata de um processo esquizofrênico passível de ser comprovado, já providenciamos essa comprovação pelo caminho *daseins-analítico*. Ele culmina com a constatação, senão de uma ruptura, pelo menos de uma “*quebra na linha da vida*” de Ellen. Essa comprovação também pode ser obtida pelo caminho sintomatológico-clínico. Na verdade, são a *nebulosidade* e a *multiplicidade de formas* de apresentação dos sintomas – às quais ainda se presta muito pouca atenção – que comprovam a esquizofrenia nestes casos “similares à neurose”. Assim, constatamos em Ellen West uma tendência à *adição* de ordem genérica, mas não uma *adição genuína*, no sentido clínico; constatamos uma auto-imposição de conteúdos espirituais *de cunho obsessivo*, que não são traços anancástico-psicopatológicos e - muito menos - mecanismos *neurótico-obsessivos*¹⁰⁴; constatamos a presença de elementos *fóbicos*, mas não de “idéias sobrevalorizadas”; manifestações somato-psíquicas próximas do *delírio*, mas não *delírios*; *alterações de humor* claramente endógenas, mas nenhuma evolução claramente maníaco-depressiva; constatamos, ainda, traços de um “desenvolvimento doentio da personalidade”, mas, paralelamente a este último, um *processo patológico* progressivo que não tinha como ser detido. É a *totalidade* dessas constatações sintomatológicas que deve conduzir ao

diagnóstico da esquizofrenia e, de fato - como ainda mostraremos com maiores detalhes adiante - na forma *polimorfa da esquizofrenia simples*.

Não necessitamos reproduzir mais uma vez a comprovação (já realizada daseins-analiticamente) da “quebra na linha da vida”, desde o seu início, seu desenvolvimento, até a sua queda ao nível da voracidade animal – uma vez que, no início deste Parágrafo (D), já resumimos o resultado da Daseins-análise. Devemos acrescentar, ainda, que conduzimos esse resultado ao seu denominador daseins-analítico - não só no caso Ellen West, mas, também, no caso Nadia. No caso Nadia, falamos em uma progressiva solidificação ou coagulação do si-mesmo livre, em direção a um estado cada vez menos livre (“dependente”), de cunho objetal (p. 184). Em *ambos* os casos a autonomia vai sendo retirada do ser, o ser é amplamente mundanizado e transformado em coisa e, em ambos os casos, a liberdade se transforma cada vez mais em coação e obrigação e a existência, em um acontecimento forçoso. O que isso significa, *mostramos* em todos os detalhes.

Mas ainda não chegamos ao final. Uma transformação como essa, em termos do ser, é encontrada também em algumas “*neuroses*”, especialmente na neurose obsessiva, nos desenvolvimentos *psicopáticos* e no desenvolvimento de *sofrimentos* isolados. Nesse último sentido, *Gotthelf* descreveu tão clara e nitidamente essa transformação - como *Kierkegaard* (p. 184) o fez a partir da oposição entre finito e infinito - que precisamos reproduzir as próprias palavras dele: “No que diz respeito àquilo que busca o homem, é muito interessante que, na maioria das vezes, não sabemos como se desenvolverá e que rumo tomará, e se, no final, a meta não se transformará em um ímã - e o homem, em um ser sem vontade própria. Muitas buscas, no início, são dignas e louváveis e, ao progredirem, transformam-se em uma mó de pedra que arrasta o homem para o abismo.” “...se acima dessas metas não houver uma meta muito maior, *que vai além de*

tudo aquilo que é passageiro, e cujo objetivo está no céu, todo o fazer terreno degenera e se torna vicioso, transformando-se em uma paixão à qual oferecemos sacrifícios cada vez maiores até que, no final, nada mais apresentamos de bom; é a erva tinhosa no campo de trevos, que prolifera sobre toda a plantação, até destruir todo o trevo.”¹⁰⁵

Também nesse caso o homem está preso entre o finito e o infinito (“céu”) e mostra-se a ele que o “pequeno finito” *torna-se fixo* assim que sai do infinito, ou, em nossas próprias palavras: assim que sai da dualidade do amor.

Depois de tudo isso, resta-nos ainda mostrar critérios que distinguem fixações da finitude qualificáveis como esquizofrênicas daquelas fixações não-esquizofrênicas. Esse critério é “o tempo”.

Na “Crítica da razão pura”, deparamo-nos com a seguinte frase: “Já lucrámos bastante quando conseguimos colocar uma série de análises sob a fórmula de uma única tarefa”.

E a fórmula *de nossa* tarefa é a seguinte: examinar o que acontece com a temporalização quando uma “fixação da finitude” deve ser entendida como uma fixação esquizofrênica.

Também com relação a isso, precisamos apenas repetir o que já foi trabalhado.

Entendemos que no - caso Ellen West - os seguintes fatores foram determinantes para a fixação da existência e a temporalização do mundo das tumbas: “A condensação, a consolidação, o estreitamento da sombra sobre o apodrecimento vegetativo e o

inevitável fechamento em círculo até a parede da tumba” - assim dissemos (p. 144) -

“são expressões da crescente prepotência do passado sobre essa existência (Dasein), da prepotência do já-ser no lugar em que se encontra o inferno e do inevitável de-volta-a-

ele. Esse medo do inferno é o medo de existir, o medo de ser tragado por sua própria essência, medo pelo qual o ser (Dasein), quanto mais procura esquivar-se dele, quanto

mais tenta voar para longe dele, mais *profundamente* ele se sente tragado. No lugar do

dominar a essência ele-mesmo e de tornar-se transparente em relação a ela, entra o angustiante ser-dominado-por-ela, na forma do afundar-se outra vez no Nada.”

Entretanto, também na depressão endógena conhecemos uma “prepotência do passado”, mesmo que ela não seja acompanhada de uma transformação tão progressiva e tão sistemática da roupagem material do mundo, como ocorre no caso Ellen West. O que acontece adicionalmente, nesse caso, é o *esfacelamento da temporalidade em suas estases* e a ampla *independização* das mesmas, com o resultado de que “o tempo”, no fundo, *deixa completamente de “fluir”*. Na linguagem psicológica, falamos de uma “dissociação da personalidade” quando isso ocorre. Por isso, não podemos pensar em um esfacelamento das estases isoladas do tempo, pois na depressão o tempo continua a fluir (“se estende”) embora mais - ou menos - acelerado, razão pela qual os pacientes devem ter uma percepção torturante da tensão, do contraste entre o “tempo” no qual eles “vivem” e o *verdadeiro* “tempo estendido”. Se o depressivo pudesse ficar *totalmente* absorvido pelo passado, sem nada mais “saber” do futuro e do presente, ele não seria mais depressivo! A “vivência depressiva do ser que é determinado pelo passado” e a “limitação da liberdade futura” causada por essa vivência (*Erwin Straus*), já em si um *fato psicopatológico*, é algo totalmente diferente daquilo que nós interpretamos *daseins-analiticamente*, no nosso caso, como o “predomínio da estase daquilo-que-foi”! O predomínio do passado ou, mais corretamente, daquilo-que-foi, em combinação com o esfacelamento das estases do tempo, de modo que - como o paciente Hahnenfuss se expressa (veja nota de rodapé 45): “a condição mental total (mas não temporal-final) pode muito bem ser encarada como eterna” - me parece fundamental para o entendimento daquilo que nós chamamos de vida anímica esquizofrênica. A comprovação para essa forma de compreensão, no entanto, só poderá ser apresentada com base no exame *daseins-analítico* de casos avançados. A conclusão mais importante

que devemos tirar do que foi visto acima é a de que, quando uma pessoa temporaliza o mundo de uma forma tão diferente da nossa, “a comunicação” – como afirmou o paciente Hahnenfuss – “em todas as direções, fica totalmente impossível”, ou, no mínimo, dificultada. Contudo, não se trata daquilo que *E. Minkowski* chamou de ‘transtorno do sincronismo’, ou seja: um transtorno no trato e nas trocas temporais *mundanas* (o que a psicopatologia classifica com ‘adaptação deficitária à realidade’), mas de uma outra forma de temporalização e historicização da existência em si, que, por sua vez, condiciona o transtorno do sincronismo. Mas, como estaríamos falando em autismo onde esse transtorno ocorre, os outros modos de temporalização também devem estar na base do autismo. O esfacelamento das estases e a suspensão da possibilidade de temporalização constante e extensiva têm como consequência o fato de que o entendimento (principalmente no sentido da comunicação) fica “impossível” ou, no mínimo, dificultado. O autismo revela-se, em primeiro lugar, – como todos os “sintomas” psicóticos – em um determinado modo de transtorno na comunicação (veja abaixo). Uma vez, porém, que o autismo não representa de modo algum apenas uma simples alteração do humor – como a depressão ou a mania – mas consiste em uma transformação muito mais profunda da temporalização da existência (*Dasein*), a comunicação também é dificultada em um grau muito mais elevado. E, mesmo nesses casos, conforme já visto, a existência permite ser examinada e compreendida *daseins-analiticamente* - no que a distinção de *Jaspers* entre a vida anímica penetrável e impenetrável, na condição de puramente subjetiva e *psicológica*, não conseguiu nos desconcertar. A *Daseinsanálise*, portanto, não tem nenhum motivo para deixar de examinar a vida anímica esquizofrênica, mesmo que - como ocorreu aqui - ela primeiro tenha que fazer experiências com processos insidiosos.

O *autismo*, como todos os modos de ser (*Daseinsformen*), tem também as suas formas de expressão e a sua gramática expressiva própria (*Scheler*). Já em Ellen West constatamos uma mímica um tanto rígida e oca, um olhar ora vazio, ora “impregnado de emoções” - isto é, não “emocional” no sentido normal - e uma postura um tanto rígida. Tudo isso são formas de expressão do vazio existencial, no sentido de um processo esquizofrênico. Soma-se a isso, ainda, a “sensação” de que *toda a vida interior* cessou e de que tudo seja *irreal*, tudo seja *sem sentido* (p. 98). Mas, também naquilo que diz respeito ao “contato” com a paciente, à *comunicação simpatética* (*Erwin Straus*) e *existencial*, precisamos pensar em autismo: Ellen West não estava mais em condições de se realizar junto de outros, no amor e na amizade¹⁰⁶, ou de se abrir para os cuidados existenciais. Logo, as trocas entre o mundo circundante e a paciente também estavam dificultadas. Sua irritação, sua sensibilidade, seu ‘ensimesmamento’, sua desconfiança de que não queríamos ajudá-la e apenas a deixávamos sofrer (aliás, de que queríamos torturá-la) colocavam fronteiras cada vez mais intransponíveis diante da comunicação. Uma vez que Ellen West, em sua mais profunda essência, só existia como “tendo sido”, todas as tentativas de trazê-la para o presente (isto é, de colocá-la na respectiva *situação*) e de abrir-lhe o futuro, não surtiram efeito.

No que diz respeito à *hereditariedade* (p. 73), Ellen West obviamente apresenta tendências marcantes para o lado maníaco-depressivo. Não podemos avaliar, no entanto, o quanto as naturezas sérias e pesadas dentre os seus antepassados ou as naturezas aventureiras e nervosas apontam para tipos esquizóides. Podemos supor, no entanto, que a figura formal-rígida, extremamente controlada do *pai*, com os seus modos sérios e solenes, a figura do pai do pai, descrita como um severo autocrata e o irmão do pai (ao qual voltaremos a seguir), estritamente ascético, possam ser classificados como tipos *esquizóides*. Também os irmãos da mãe, pequenos, corporalmente frágeis, nervosos, e o

irmão mais novo da paciente, um esteta frágil e afeminado - poderiam se encaixar em uma classificação de tipos *esquizóides*. Tratar-se-ia, portanto, de uma mistura de patrimônios genéticos maníaco-depressivos e esquizóides. Baseados nas descobertas mais recentes no campo da biologia genética, nós sabemos com que frequência as esquizofrenias se desenvolvem justamente nesse tipo de solo.

Mas, importante mesmo é falarmos no irmão ascético do pai, uma vez que seu comportamento tem coincidências, *em termos de conteúdo*, com o de sua sobrinha Ellen West: também ele mostra tendências ascéticas em relação à ingestão de alimento e pula refeições porque o comer regularmente *engorda*. A partir desse pequeno traço, vemos o quanto *M. Bleuler* tem razão¹⁰⁷ quando afirma que é absolutamente necessário examinar também os modos de comportamento psicológico dos parentes de nossos doentes (p. 407). Seu aluno *Hans Jörg Sulzer*¹⁰⁸ encontrava, para cada uma das diferentes representações de mundo doentias de três membros da família examinados por ele, uma, que correspondia em termos de conteúdo - mesmo que não transformada em um mundo delirante de representações - a um dos membros *saudáveis* da família. “Os conteúdos doentios do membro da família esquizofrênico, portanto, não dependem de sua esquizofrenia, mas, aparentemente, de sua personalidade pré-psicótica” (p. 492). Essa constatação é muito útil para nós, porque representa um alerta contra uma conclusão precipitada acerca do sintoma da voracidade alimentar e do horror à mesma em nossa paciente - no sentido de responsabilizarmos diretamente um único e mesmo evento patológico cerebral.

Nossa paciente com certeza apresenta uma *construção corporal pícnica* e, mesmo que não totalmente, bastante evidente. No que diz respeito à área endócrina, são dignos de nota os seguintes desvios presumíveis (veja p. 99): o crânio levemente acromegalóide, o espessamento da glândula salivar auricular, que o clínico geral atribuiu a um transtorno

endócrino, os genitais infantis, constatados por um ginecologista e a suspensão da menstruação durante alguns anos. No que se refere à *sensação aumentada de fome*, precisamos naturalmente nos cuidar para não atribuímos a ela, sem mais nem menos, uma gênese endócrina¹⁰⁹. Nossos achados durante os exames não são suficientes para decidir a questão se Ellen West só passa fome porque se priva de alimentos por razões psíquicas e, ao mesmo tempo, é louca por doces e dispõe de um bom apetite – ou se se trata de uma sensação de fome fisiológica anormal. Também não podemos decidir se em Ellen West se trata de um aumento do depósito de gordura determinado por questões endócrinas, pelas quais o medo de engordar, mesmo que não causado diretamente por essas questões, adquiriria uma aura de credibilidade. Se no que diz respeito à *patoplástica* de nosso caso se tratasse de condições coadjuvantes de ordem endócrina – o que não podemos excluir de todo – então nós teríamos que pensar, em primeira linha, em influências da hipófise ou ovarianas, mas teríamos que levar em consideração o fato de que nas psicoses justamente esses transtornos são “de ordem psicogênica”. Mas, de modo algum nos parece plausível termos que pensar em uma *magreza* hipofisária, já que o emagrecimento em Ellen West é atribuível à desnutrição proposital e – como Janet já apontou com razão no caso Nadia, do qual ele estava incumbido – não estava presente uma *anorexia*, mas, ao contrário, um apetite *aumentado*. Uma vez que, baseados nos estudos de M. Bleuler e de seus discípulos (p. 410), somos de opinião de que “a configuração da doença da esquizofrenia (no que diz respeito à evolução e à sintomatologia) depende em ampla medida de relações endócrinas”, essa questão – ao menos por razões de integridade – deveria ser colocada em discussão. Infelizmente faltam também de todo as informações sobre os achados endocrinológicos nos parentes de Ellen West.

Por fim resta ainda a questão se devemos classificar o caso Ellen West – de acordo com o estudo de *Stähelin* – como “somatose pré-esquizofrênica” ou como “esquizofrenia”. Eu, decididamente, opto pelo segundo diagnóstico. Também no caso *Stähelin* eu teria pensado em uma esquizofrenia desde o início (isto é, desde os primeiros sintomas da doença aos 18 anos). *Stähelin* (p. 1215) com razão chama a atenção para as “alterações das pulsões vitais” presentes paralelamente à “compulsão por comer” (p.ex. os repentinos e imotivados excessos na ingestão de álcool, o bloqueio e liberação das pulsões sexuais, as compulsões por movimentar-se e por dormir que também pude observar frequentemente nos meus próprios pacientes), mas considera-os como um sintoma “que não raro encontramos nos anos que antecedem a eclosão da esquizofrenia”. Naturalmente tudo depende do que entendemos por “eclosão da esquizofrenia”. Se entendermos – como é habitual – a manifestação de pesados sintomas secundários, principalmente no sentido de um “surto agudo”, então *Stähelin* está certo em sua denominação. Se, no entanto, entendemos por “eclosão da esquizofrenia” os primeiros sinais da presença de um processo esquizofrênico – mesmo que muito leves, ainda – não haveria mais sentido em se falar em “pré-esquizofrenia”, da mesma forma como não haveria sentido em se falar em uma “pré-tuberculose” na primeira manifestação de sinais clínicos para a presença de um catarro tuberculoso ou na constatação em um exame radiológico da presença de um foco do tamanho de uma cabeça de alfinete na ponta de um dos pulmões, ou mesmo um gânglio aumentado. Se falarmos em eclosão de uma esquizofrenia somente quando vemos surgir sintomas psicóticos secundários massivos, o pneumologista só poderia falar em tuberculose se fossem comprovados severos processos destrutivos no pulmão. Uma vez que precisamos continuar diferenciando – por razões puramente clínicas e, principalmente, forenses – entre pré-esquizofrenia (que não deve ser confundida com esquizofrenia

latente) e esquizofrenia “manifesta”, temos que ter à disposição, se quisermos proceder de forma puramente ‘médica’, um único nome para o processo esquizofrênico completo, desde os seus mais insidiosos primeiros sinais até o final. Embora naqueles transtornos das pulsões vitais, e, principalmente, no aumento da compulsão por comer (é sabido que a voracidade por comida é considerada também um sintoma hipotalâmico), se trate – como *Stähelin* também explica – de transtornos diencefálicos, hoje ainda não temos o direito de qualificar a esquizofrenia como *diencefalose*. Eu sugeriria, portanto, reunir a pré-esquizofrenia, a esquizofrenia latente e a manifesta sob o nome de *Morbus Bleuler*, da mesma forma como poderíamos chamar todas as manifestações de tuberculose de *Morbus Koch*. Deveria estar claro, no entanto, que não se trata aqui de preferências de linguagem, mas de uma necessidade puramente médica, da mais alta importância, dada a situação atual da pesquisa sobre a esquizofrenia. É claro que a esquizoidia, como traço de caráter, não entraria no conceito *Morbus Bleuler*. Esquizoidia não é doença, assim como a distímia. No entanto, em um indivíduo severamente esquizóide, ao surgirem manifestações “neuróticas” ou “neurótico-similares”, deveríamos pensar em um início de *Morbus Bleuler*, assim como deveríamos pensar, em um indivíduo claramente distímico, em um início de depressão. Sei por experiência que com demasiada frequência são diagnosticadas neuroses, quando na verdade deveríamos estar falando em uma psicose e, ademais, ainda hoje concordo com *E. Bleuler*¹¹⁰ quando ele explica que “considera os conceitos de neurose como artefatos, isso caso eles não devam ser considerados apenas complexos de sintomas”.

O que, no final, diz respeito à *terapia*, hoje certamente teríamos entrado com uma terapia hormonal, cuja direção já é pré-estabelecida pelos transtornos endócrinos mencionados. Porém, mesmo hoje, com o status de nossos conhecimentos e habilidades, ainda estaríamos muito longe de uma *cura*. O mesmo ocorre com a *terapia de choque*,

da qual não se sabia nem os princípios mais básicos, naquela época. Naquela situação de tanta responsabilidade, à qual o médico foi transportado pela seriedade do caso, a terapia de choque certamente teria sido uma saída provisória muito bem-vinda. Diante da sintomatologia específica do caso (medo de engordar, forte sensação de fome) talvez não tivéssemos feito uso de um tratamento insulínico, mas de eletro-choque ou choque de cardiazol. É *possível* que tivéssemos conseguido uma melhora temporária, mas, ao exame crítico segundo os modernos “resultados de cura”, teríamos que supor – ao menos considerando um processo tão insidioso e uma personalidade tão orientada para o oito-ou-oitenta, que só poderia tratar-se de uma *postergação* da catástrofe.

Palavras finais

Deve parecer estranho ou talvez até errôneo aos colegas especialistas que, à frente de nossa tentativa de esclarecer o problema da esquizofrenia também pelo lado antropológico, coloquemos um caso que não mostra “nenhum déficit intelectual”, nenhum sintoma esquizofrênico secundário, tais como idéias delirantes e alucinações, bloqueios ou estereotípias e, além disso, apresenta uma série de traços aparentemente não-esquizofrênicos e, ainda por cima, revela uma hereditariedade predominantemente maníaco-depressiva. A estas considerações eu quero responder com a constatação de que conseguimos acompanhar passo a passo e comprovar o progressivo estreitamento, a perda de potência e a mundanização ou, em termos psicopatológicos, o *esvaziamento* da personalidade no sentido do processo esquizofrênico, justamente através da confusão e da nebulosidade sintomatológicas. Essa tarefa nos foi facilitada pela excelente auto-observação e pelo dom de descrever a si mesma de uma paciente inteligente, o lento avanço do processo e pela disponibilidade de um vasto material de observação que se estendeu por 17 anos. Nos casos que levam à rápida imbecilização e nos pacientes

pouco inteligentes, as passagens do saudável ao patológico – que para nós são tão importantes quanto para os fisiopatologistas, senão mais importantes – não podem ser observados com tanta clareza, ou nem mesmo podem ser observados. Onde se trata da manifestação de um sintoma esquizofrênico “massivo”, como, por exemplo, um delírio *primário*¹¹¹, aí já não estamos presenciando o “surgimento” da esquizofrenia, mas temos diante de nós o “resultado” pronto, e o que mais ainda se acrescentar depois. Nessa forma de compreensão concordo plenamente com *Wyrsh*, cujo mérito é o de justamente haver apontado, outra vez, para a importância científica da esquizofrenia simples¹¹².

Nosso caso com certeza é comparável ao caso dele, *Anna K.* (Caso 13), que tem tão presente, em si mesma, “a vivência do desamparo interno e do estancamento em seu desenvolvimento” e que “faz esforços tão infrutíferos e tão desgastantes” para “conseguir construir a sua existência e a si mesma” (p. 103). O que, no entanto, para *Wyrsh* é um “caso excepcional”, em meu material é encontrado com relativa frequência.

De resto, *Diem* já chamou a atenção em seu fundamental trabalho intitulado “*Über die einfach demente Form der Dementia praecox*”(Sobre a forma de demência simples da demência precoce)¹¹³ que, embora no que diga respeito ao *prognóstico* esteja evidente, “somente uma observação muito acurada do estágio inicial pode levar a um esclarecimento, como talvez fosse possível entre os doentes pertencentes às classes mais cultas, principalmente entre os acadêmicos” (p. 183). Ele, no entanto, tem dúvidas quanto a encontrarem-se tais casos com frequência nos meios mais cultos – e apresenta como prova disso justamente o trabalho de *Kahlbaum* intitulado “*Über Heboidofrenie*”¹¹⁴. Com base em meu próprio material, sou obrigado a contradizer a dúvida de *Diem*: desde o início de minha atividade como psiquiatra nesta Clínica - não

consegui me acostumar com o diagnóstico das três formas principais de esquizofrenia; mesmo a introdução da quarta forma, a demência precoce simples, pareceu-me insuficiente para a ordenação e a classificação de meus casos. Considerei imprescindível colocar sob uma rubrica especial uma quantidade de casos, não raro colocados em observação, em função da idiosincrasia de sua sintomatologia e de sua evolução: a rubrica da *forma polimorfa* da esquizofrenia. Mas logo tive que admitir que, do ponto de vista meramente clínico, estes casos poderiam ser acrescentados à esquizofrenia simples, mesmo que eles se distingam bastante por sua riqueza sintomatológica aparentemente não-esquizofrênica daqueles casos “improdutivos”, simplesmente assoreados.

Sob a rubrica “Forma Polimorfa” eu classifiquei todas aquelas esquizofrenias sem sintomas destacados de hebefrenia, catatonia ou paranóia, as quais – excetuando sua longa duração, sua evolução insidiosa ou sua remissão por muitos anos, sua perda em *capacidade* intelectual (com manutenção da inteligência formal e da linguagem) e a troca freqüente até o desaparecimento final de suas tarefas sociais (estudo, profissão, fundação de uma família), ou da queda de seu nível social, sua “refratariedade” à psicanálise (e, mais recentemente, à relativa falta de eficácia da terapia de choque) – apresentaram visíveis oscilações maníaco-depressivas, sintomas *aparentemente* anancástico-psicopatológicos, neurótico-obsessivos, “histéricos” ou “neurastênicos”, tendências à toxicomania (álcool, morfina, cocaína), falhas morais e desvios sexuais (especialmente o homossexualismo). (Atos criminosos praticamente não ocorreram. Um caso destes, eu encaminhei ao colega *Binder*¹¹⁵). É claro que nem todos os casos apresentaram todas essas “complicações”, mas, via de regra, muitos deles puderam ser observados. Em um considerável número de casos, puderam ainda ser constatadas catamnesticamente - mas só depois de muitos anos - manifestações paranóides ou

catatônicas; no entanto, apesar disso, raramente se chegou a uma *demência* esquizofrênica. Seguindo a conceituação rígida dessa forma polimorfa, segregando-se, portanto, todos aqueles casos em que desde o início e mesmo depois de vários anos comprovadamente não surgiram sintomas hebefrênicos, catatônicos ou paranóides, esses casos perfazem uns 5% entre os meus pacientes esquizofrênicos; em uma conceituação mais ampla, ou seja, com a inclusão daqueles casos que, mais cedo ou mais tarde apresentaram um ou outro daqueles sintomas, aproximadamente uns 10%. Ao contrário da freqüência dessa forma polimorfa de esquizofrenia simples, os casos improdutivos, meramente assoreados, constituem uma rara exceção em meu cadastro de pacientes.

- ¹ Neste estudo, bem como nos demais, a maneira de entender e de trabalhar constante em meu trabalho *Studien über Ideenflucht*, abrange também o exame das psicoses não maniaco-depressivas.
- ² Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 45.
- ³ Straus, Erwin, “Ein Beitrag zur Pathologie der Zwangsercheinungen”, *Monats-schr. f. Psych. u. Neur.*, 98, p. 76, 1938.
- ⁴ Straus, Erwin, “*Geschehnis und Erlebnis*”, 1930 e também a minha dissertação com o mesmo título, de 1931 e tb.de 1955 a.
- ⁵ Heráclito, *Auffassung des Menschen*, 1935 a, em 1947.
- ⁶ *Grundformen*, p. 341-350; AW 2, p. 307-316.
- ⁷ Veja o famoso primeiro canto do coro, na *Antígona* de Sófocles, que apresenta um quadro grandioso do homem grego.
- ⁸ Binswanger, *Studien über Ideenflucht*, AW 1 67ss, 74ss.
- ⁹ Já percebemos aqui que no “obscurecimento”, as “sombas” da *morte* estão se impondo ao mundo da *vida*..
- ¹⁰ A oposição mais extrema ao morrer - no sentido de terminar, desaparecer, ser esquecido - é o morrer cercado de amor e de amizade; veja *Grundformen*, p. 167ss, 249ss; AW 2, p. 150ss, 224ss.
- ¹¹ *Grundformen*, p. 448ss e 468ss; AW 2, p. 404ss e 422ss. – Em Ellen West aparentemente o primeiro dos significados surge em primeiro plano: seu *corpo* como ela o percebe de fora, avaliado, apalado, maltratado; na verdade, porém, é justamente o *existir* dentro do corpo que ela tanto odeia.
- ¹² A expressão “*versteigt sich*” não deve ser entendida no sentido moral, mas no sentido existencial.
- ¹³ O “ideal da magreza” é, no fundo, conforme Ellen West pronunciou certa vez (p. 87), o ideal do “ser-sem-corpo”.
- ¹⁴ *Über Psychotherapie*, 1935b, p.188 e 1947, p. 157. Veja a quantidade de vezes em que essas formas de vivência e de expressão também se alternam e transparecem em outras oportunidades.
- ¹⁵ Observem-se novamente as expressões oriundas da esfera da vegetação e da corporalidade.
- ¹⁶ Pela primeira vez aparece aqui o reino animal.
- ¹⁷ *Über Psychotherapie*, 1947, p. 144ss e *Grundformen*, p. 366ss, 448ss, 468ss; AW 2, p. 329ss, 404ss, 422ss.
- ¹⁸ Como vemos, a palavra *terra* tem, para Ellen West, dois significados opostos; aqui aparece o mais raro deles, o da “mãe terra”, sendo que, habitualmente, aparece mais a “terra morta, vazia.”
- ¹⁹ *L’Ame et la danse*, p.13.
- ²⁰ Veja o diálogo com Falk, de 25 de janeiro de 1813.
- ²¹ *Diels*, fragm. 15 – Sabidamente esta oposição já se encontra no próprio Dionísio e nas festas dionisiacas. Dionísio, de um lado, é aquele que nutre e que embriaga, o patrocinador do vinho, aquele que liberta todo o luto e toda a tristeza, aquele que liberta e cura, a alegria dos mortais, aquele que é cheio de alegria, o dançarino e o amante em êxtase; e, de outro lado, ele pertence à esfera da destruição, da crueldade, da noite eterna. Veja também Otto, Walter F., “*Dionysos*”, p. 105s.
- ²² “*Tod und Fortleben*”. *Schriften aus dem Nachlass I*. (Escritos do espólio).
- ²³ A fim de evitar mal-entendidos, observamos que o “Nada”, aqui, não significa apenas o movimento de um ser em direção à morte, mas, como justamente nosso caso demonstra, também pode significar o “sombreamento” *da vida*, bem como a nulidade da própria existência.
- ²⁴ Todo psiquiatra, com certeza, já viu centenas de casos em que os doentes “são insatisfeitos com o seu destino”, seja porque ele não os criou como homem ou como mulher, seja por ter dado a eles estes pais e não aqueles ou por terem sido brindados com este rosto, esta testa, esta altura, este caráter, este temperamento etc. e não com aquela, seja por tê-los feito crescer nesse país, nessa classe, nesse meio e não em outro. Com mais frequência ainda encontramos o seu correlato, o *desesperado* querer ser si mesmo, justamente si mesmo e nenhum outro.
- ²⁵ Com isso, a questão da alegria existencial diante da morte não foi ainda esgotada; veja p.146s.
- ²⁶ Binswanger, L., *Traum und Existenz e Über Ideenflucht*; Jung, C. G. *Wandlungen und Symbole der Libido*; Michelet, *La mer e*, na atualidade, especialmente Bachelard, *La psychoanalyse du feu e L’eau e les rêves*.
- ²⁷ Staiger, Emil, *Die Zeit als Einbildungskraft des Dichters*. 1939. (“O tempo fluido na roupagem do rio, o tempo tranqüilo na roupagem da luz plena”).
- ²⁸ *L’ame et da danse*, p. 60.
- ²⁹ Berdiajew, *Von der Bestimmung des Menschen*: O inferno, não como “esfera existencial” objetiva, mas no sentido de uma “estrutura sem fim”, de uma “agonia perene”, de um “afundar da alma em sua própria escuridão”, 1935 e *Die Hölle*, p. 357-378.
- ³⁰ Heidegger, *Vom Wesen des Grundes*, 5ª ed., Frankfurt, 1965, p. 37ss.
- ³¹ *Die Störungen des Werdens und des Zeiterlebens im Rahmen psychiatrischer Erkrankungen*, p. 62 e *Gegenwartsprobleme der psychiatrisch-neurologischen Forschung*, Stuttgart, 1939.
- ³² Minkowski, E., veja a obra de mesmo nome, de 1932.
- ³³ Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 328s.
- ³⁴ Becker, Oskar, *Von der Hinfälligkeit des Schönen und der Abenteuerlichkeit des Künstler*, Husserlfestschrift, p. 43s.
- ³⁵ O fato de que no caso Ellen West esse si-mesmo, em sua opção pela morte, se transformou *propriamente* na direção de um si-mesmo (veja p. 150s.) mostra, ao mesmo tempo, que diante da morte também o mundo etérico entrou em colapso.
- ³⁶ *Über Ideenflucht unter Optimismus*, AW1, p. 67-73.
- ³⁷ Griesinger já observou que, em cada transtorno “maniaco”, transparece o “depressivo”.

³⁸ Kierkegaard, *Die Krankheit zum Tode*, Escritos reunidos, vol. 8, p. 13.

³⁹ Heidegger, a.a.O, 343.

⁴⁰ Com muita propriedade von Gebsattel fala em uma sistemática da “*Pathologie der Freiheit*”. “*Süchtiges Verhalten im Gebiet sexueller. Verirrungen*”. *Mon.schr. f. Psych. u. Neur.*, 82, 124. É também deprimente que o psiquiatra tenha que ouvir do médico internista que nós, médicos, não necessitamos de uma psicologia “que não considere como fato e como problema a liberdade da alma”. *L. von Krehl*, “*Sobre pontos de vista na medicina interna*”. Impresso avulso, extraído da *Münchner Med. Wochenschrift*, p. 17.

⁴¹ Nada está mais longe dessa impaciência do que um pensamento expresso no verso de *Valéry*: “*Tout ici bas nâitre d’une patience infinie*” (Tudo aqui em baixo nasce de uma paciência infinita).

⁴² O circular em torno de suas acompanhantes na Sicília, “para não engordar”, é apenas um exemplo especialmente expressivo para o “preenchimento” do tempo.

⁴³ Heidegger, p. 410. Para a compreensão dos fatos ontológicos e antropológicos tão importantes da *situação*, veja também *Sein und Zeit*, p. 229, 326, 338, 384, 391.

⁴⁴ *Grundformen*, p. 453ss, AW2, p. 408ss.

⁴⁵ Veja, por exemplo, no “*Caso Hahnenfuss*” de K. Beringer e W. Mayer-Gross, “*Z. Neur.* 96, 1925, p. 233: “*O traço fundamental e o ponto central da tragédia do doente mental* reside, conforme já vimos, no fato de que não se encontra à disposição nenhum parâmetro de tempo – e a condição mental total pode muito bem ser encarada como eterna; e que, no fundo, uma compreensão – seja em que direção for – está totalmente excluída e cada decisão livre é, em princípio, paralisada.”

⁴⁶ “*An die Hoffnung*”. Essa (última) estrofe do poema torna-se inteligível para nós, em conexão com o nosso caso, por meio da segunda estrofe do mesmo poema:

“Onde estás? Vivi pouco, mas já respira gélido
o meu anoitecer - e quieto, tal como as sombras,
já me quedo aqui; e já sem melodias
dormita-me no peito o coração horrorizado”.

O quanto o frio, o silêncio, as sombras e o horror fazem lembrar o mundo de nossa paciente, nem é preciso comentar.

⁴⁷ *Grundformen*, p. 160ss; AW2, p. 143ss.

⁴⁸ Binswanger, *Erfahren, Verstehen, Deuten in der Psychoanalyse*, 1926a; em 1955a e AW 3.

⁴⁹ Veja a concepção de *Freud* acerca do homem, à luz da Antropologia. 1936c; em 1947.

⁵⁰ 1923, em 1947 e AW 3.

⁵¹ No caso Ellen West, a tendência ao preenchimento também não ficou restrita à voracidade e à fome, mas manifestou-se como voracidade por viver e pelo poder, fome pela vida e pela ambição de uma maneira geral. Ellen West morde com voracidade em tudo que é vida; ela tem “uma dentadura vital forte” – para usar a expressão daquele estudioso mencionado em seu histórico de vida.

⁵² *Über Psychotherapie*, 1935b, em 1947 e em AW 3.

⁵³ Os laxantes não têm outro sentido que o de *tornar inócua* a voracidade. Isto é algo muito diferente, muito mais “agressivo” e, mesmo assim, mais “inútil” que o recalque; pois tal finalidade, com o tempo, torna-se inalcançável.

⁵⁴ Quando falamos em terra, estamos nos referindo apenas à terra “morta”!

⁵⁵ Jung, em “*Wandlungen und Symbole der Libido I*”, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, Vol. III, p. 190 já cita a observação de *Sêneca* de que alguns mares são mantidos sagrados por sua *profundidade*.

⁵⁶ Livraria José Corti, Paris, 1942.

⁵⁷ Para uma melhor compreensão, ver o parágrafo III do quarto capítulo: “*Les eaux profondes*”. As relações entre “profondeur” e “sentiment” (estado de espírito) já foram encontradas por *E. Minkowski* (“*Vers une cosmologie. La triade psychologique*”, p. 57s).

⁵⁸ Veja novamente Jung, “*Wandlungen und Symbole der Libido II*”, a.a.O. IV.

⁵⁹ Calman-Lévy *Histoire Naturelle. La mer*, p. 110.

⁶⁰ Veja, com relação a isso, também a minha “*Absatzanalyse*” (“*Analyse einer hysterischen Phobie*”), 1911.

⁶¹ Freud, “*Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*” (1914), Vol. XII, p. 141.

⁶² Com relação a esta expressão, veja Kierkegaard (*Phil. Brocken* I, 2).

⁶³ *Traum und Existenz*, 1930, em 1947 e em AW 3.

⁶⁴ *Über Psychotherapie*, 1935b, em 1947 e em AW 3.

⁶⁵ *Grundformen*, p. 472s; AW 2, p.426s.

⁶⁶ *Über Ideenflucht*, AW 1, p. 75ss.

⁶⁷ Amman, Hermann, *Zum deutschen Impersonale*. Husserlfestschrift 1929, p. 15.

⁶⁸ Deutsch, Fabian v. *Medizinische Logik*, Würzburg, 1909, p. 46.

⁶⁹ *Obsession et Psychasténie*, p. 33s.

⁷⁰ *Grundformen*, p. 308ss.; AW 2, p. 278ss.

⁷¹ É muito enriquecedor, para o parentesco interno entre ambos os casos, o fato de que Ellen – mesmo que apenas uma única vez - tenha identificado o ser magra com o não ter um corpo. Veja na p. 87: “esse ideal de ser magra, de ser sem um corpo”.

⁷² *Fortschritte der Neurologie und. Psychiatrie.*, 1943. H. 0, p. 272.

⁷³ *Grundformen, II e III. Kap. Des Ersten Teils.*

- ⁷⁴ Para essa diferenciação, veja “Züricher Vortrag” de E. Straus, “Die Scham als historiologisches Problem”, *Archiv f. N. u. Ps.* Vol. 31, 1933, p. 339ss. Parece-me importante comentar que Freud, em sua teoria do homem inteira, só enxergou e procurou “explicar” a segunda forma de vergonha.
- ⁷⁵ “Über Scham und Schamgefühl”. *Schriften aus dem Nachlass I*, 2a ed., 1957, p. 69.
- ⁷⁶ Scheler, a.a.O.p.100
- ⁷⁷ Kuhn, Roland, *Über Maskendeutungen im Rorschachschen Versuch*. Basileia, 1944.
- ⁷⁸ Jung, *Über die Psychologie der Dementia praecox*, 1907, p. 10.
- ⁷⁹ *Philosophische Brocken I*, Obras completas vol. 6, p. 251s.
- ⁸⁰ “Psychopathologie der Zwischen- und Mittelhirnerkrankungen”. *Schw. Arch. F. N. u. Ps.* vol. 53 H. 2, p. 389.
- ⁸¹ “Analytische Beobachtungen über Phantasien eines Schizophrenen”. *Jahrbuch f. os. Anal. U. psychol. Forschen IV*, p. 508.
- ⁸² *Über nihilistischen Wahn und Depersonalisation*, Basileia 1938.
- ⁸³ “Über präschizophrene Somatose”, *Schw. Med. Wochenschrift*, 1943, nº 39, p. 1213s.
- ⁸⁴ “Zur Frage der disposition zum Alkoholismus chronicus”. *Z. Neur.* 106, 1926, p. 386s.
- ⁸⁵ “Süchtiges Verhalten im Gebiet sexueller Verirrungen”. *Mon.schr. f. Psych. u. Neur.* 82, 1932.
- ⁸⁶ *Die Störungen des Werdens und des Zeiterlebens. Gegenwartsprobleme der psychiatrisch-neurologischen Forschung*, editado por von Roggenbau, Stuttgart, 1939.
- ⁸⁷ “Zur Theorie der Perversion”. *Monschr. F. Psych. u. Neur.*, 105, veja esp. p. 82ss.
- ⁸⁸ Veja, por exemplo, a mania da ruminação-questionamento-dúvida-escrúpulo, a mania do contar-calcular-registrar-ter precisão, etc.
- ⁸⁹ Também os anancásticos vivenciam muitas vezes a compulsão como algo que ameaça a sua vida, não por seu “conteúdo” material, isto é, um conteúdo definido, expresso através dele – mas por causa de sua *forma de vivenciar*, da obrigatoriedade como tal, com relação ao conteúdo, de resto, “absurdo”.
- ⁹⁰ Nas esquizofrenias avançadas, frequentemente se encontram perguntas como essa, em forma *estereotipada*. Uma de minhas pacientes, durante suas crises e por várias décadas, perguntava, com uma expressão facial de sofrimento e com um tom de voz torturado: “Eu sou bonita – eu sou feia?”, sem, na verdade, esperar uma resposta.
- ⁹¹ *Zur Psychologie der Zwangsvorgänge*, Berlim 1936.
- ⁹² *Widersinnig* = sem sentido não significa *unsinnig* = tola.
- ⁹³ Veja seu excelente artigo sobre “Die Welt der Zwangskranken”. *Mon.schr. f. Psychiatr. U. Neur.* 99, 1938, p. 37, 61, 66s, 72.
- ⁹⁴ “Analyse einer hysterischen Phobie”. *Jahrb. F. psychoanal u. psychologische Forschungen III* – Nesse caso, não se trata do fenômeno do mundo e do si-mesmo do vazio ou do buraco, mas do fenômeno da ruptura da continuidade ou do rasgo. A angústia se estende para todo o rasgar e separar, o ser separado ou rasgado, concretizado no histórico de vida pela angústia diante do arrancar do salto do sapato e o separar-se-(nascer-) da mãe. Essa motivação e substituição do histórico de vida, no entanto, só se torna inteligível – pois toda criança nasce da mãe e muitas perdem o salto do sapato sem se tornarem históricas - quando reconhecemos que ela só é possível na base de um transtorno primário das “relações simpatéticas” ou, expresso de forma positiva, de uma espécie de singularidade da visão de mundo. – Na visão de mundo como *simples continuidade* ou *simples aglutinação* e da angústia dela proveniente diante de toda *interrupção* de continuidade, pertence também o sintoma da angústia elevada ao extremo diante de um *botão solto* (pendurado apenas por um fio) e do cuspir a saliva. Quer se trate do salto do sapato, do botão solto ou do cuspe, no que diz respeito aos motivos do *histórico de vida*, trata-se basicamente sempre de mesmo ser-no-mundo estreitado, esvaziado e à “visão de mundo” que lhe corresponde.
- ⁹⁵ Gebattel, v., *Die Welt der Zwangskranken*.
- ⁹⁶ “Zur Pathologie der Phobien”, I. Teil. “Die psychasthenische Phobie”. “*Der Nervenarzt*”. 8. Jahrg., 1935, H. 7 e 8.
- ⁹⁷ Straus, Erwin, “Ein Beitrag zur Pathologie der Zwangerscheinungen”. *Mon.schr. f. Ps. u. N.* 98, 1938. Aqui encontramos a diferenciação muito bem realizada, do ponto de vista didático, entre características manifestas e ocultas. – Para evitar mal-entendidos, devemos comentar ainda que a expressão ‘simpatética’ não é utilizada aqui no sentido mais estrito (da “comunicação simpatética”), utilizado por E. Straus em seu livro *Sobre o sentido do sentido*.
- ⁹⁸ Wernicke, “*Grundriss der Psychiatrie*”, 2ª ed. 135.
- ⁹⁹ Já Hans Kunz mostrou em seu belíssimo artigo intitulado “Die Grenze der psychopathologischen Wahninterpretationen” *Z. Neur.* 135, 1931, com referência ao delírio primário esquizofrênico, que - e por que razão - a explicação psicopatológica aqui chega a uma fronteira, e afirmou que só poderemos ultrapassar essa fronteira se constataremos e estudarmos a razão pela qual, na esquizofrenia, estamos lidando com um modo de ser fundamentalmente diferente, singular (p. 715). Nesse sentido, chamamos a atenção, também, para o artigo desse mesmo autor, intitulado “Die anthropologische Betrachtungsweise in der Psychopathologie” *Z. Neur.* 172, 1941).
- ¹⁰⁰ Straus, Erwin, “Das Zeiterlebnis in der endogenen Depression und in der psychopathischen Verstimmung”, *Mon.schr. f. Psychiatr. E. Neur.* 68, 1938, p. 640.
- ¹⁰¹ “Étude psychologique et analyse phénoménologique d’un cas de mélancolie schizophrénique”. *Journal de Psychologie XX*, 1923.
- ¹⁰² “Étude sur la structure des états de dépression (Lés dépressions ambivalentes). *Schw. Archiv f. N. u. Ps.* 26, 1930.
- ¹⁰³ Kläsi com razão parece aceitar que a ocorrência de tais suspensões – como eu as designo – não nos dêem o direito de falar em uma *remissão*, quando ele explica, limitando-se à ocorrência de ambivalência e de reconhecimento da doença: “Ambivalência e reconhecimento da doença podem fazer parte de uma remissão, mas da mesma forma eles anunciam o

processo e podem acompanhá-lo durante toda a sua evolução.” Praxis 1943, nº 42, p. 720.

¹⁰⁴ Binder, em seu trabalho “*Zur Psychologie der Zwangsvorgänge*” demarcou claramente a diferença entre estas duas “manifestações compulsivas psicogenicas”.

¹⁰⁵ “*Vivências de um construtor de dívidas*”. S. W. XIV, 264 s. Grifo meu. – O fato de que *Gotthelf* descreva essa transformação por meio de expressões fortemente tingidas de moralismo nada muda na veracidade do sentido de sua descrição.

¹⁰⁶ Já na denominação e na conceituação de autismo esquizofrênico revela-se uma forma de falta de amor e de capacidade para amar. *Binder*, por exemplo, em “*Zum Problem des schizofrenen Autismus*”. *Z. Neur.* 125, p. 659 nos fala de uma “redução na capacidade de vivenciar o tu em suas milhares de formas”. A falta da vivência do tu e suas conseqüências foi demonstrada em um belo trabalho da “Beringscher Klinik” *Hans Kuhn*, “*Über Störungen des Sympathiefühlens bei Schizophrenen. Ein Beitrag zur Psychologie des schizofrenen Autismus und der Defektsymptome*”. *Z. Neur.* 174, H. 3, p. 418ss). A falta dessa capacidade, no entanto, o autismo tem em comum com o “defeito moral” e o egoísmo (*compare Binder e Kuhn*). É nossa tarefa, portanto, demonstrar através de novos estudos daseins-analíticos em que consistem esses pontos em comum e em que se diferenciam essas diferentes formas da impossibilidade de vir-deum-coração e ir-para-outro-coração (*Grundformen*, p. 105-110; AW 2, p.92-97). No entanto, essa tarefa não deve ser resolvida através da análise isolada da falta da vivência do tu, mas através de uma análise da situação completa da forma de Dasein (Daseinsform) em questão.

¹⁰⁷ “*Schizophrenie und endokrines Krankheitsgeschehen*”. *Archiv der Julius-Klaus-Stiftung (Fundação Julius Klaus)*, Vol. 18, 1943.

¹⁰⁸ “*Zur Frage der Beziehungen zwischen dyskrinem und schizofrenem Krankheitsgeschehen*”. *Archiv der Julius-Klaus-Stiftung*, Vol. 18, 1943.

¹⁰⁹ Sobre as conhecidas relações entre o “sentimento vital” e o cérebro intermediário e mediano, veja novamente *Stähelin*, “*Psychopatologie der Zwischen- und Mittelhirnerkrankungen*”. *Schw. Archiv f. N. u. P.*, Vol. 53, H. 2.

¹¹⁰ *Forel*, “*Stellungnahme zur Psychise*”. *Jahrbuch f. psychoanal. U. psycholog. Forschungen* IV, p. 690.

¹¹¹ *Schulz-Hencke*, “*Die Struktur der Psychose*”. *Z. neur.* 175, p. 447

¹¹² *Wyrsh, Jakob*, “*Über die Psychopatologie einfacher Schizophrenien*”. *Mon.schr. f.Psych.u.Neur.* Vol. 102, Nr. 2 (1940). Menos convincente, no entanto, é para mim sua dissertação do ano seguinte (1941) intitulada “*Krankheitsprozess oder psychopath. Zustand?*” Ebd. Vol. 103, Nr. 4/5.

¹¹³ *Archiv f. Psychiatrie* 37, 1903.

¹¹⁴ *Allg. Zschr. f. Psych.* 46.

¹¹⁵ *Binder, Hans*, “*Zwang und Kriminalität*”. *Schweiz Archiv f. N. u.Ps.* 54, p. 327ss (*Fall Joseph B.*)
